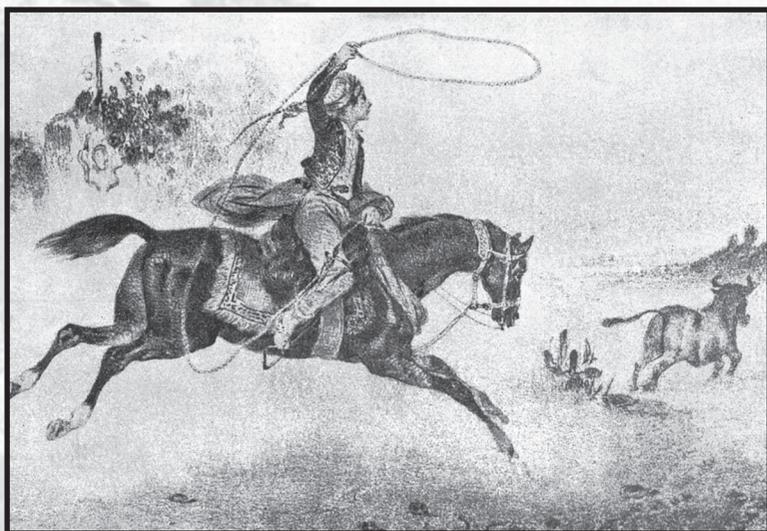




SENADO
FEDERAL



VIAGEM AO RIO
DA PRATA E AO
RIO GRANDE DO SUL

Arsène Isabelle

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 61



“Antes da ocupação dos portugueses, a Banda Oriental possuía mais rebanhos do que qualquer outra província da América; atualmente, os brasileiros que ali habitam são obrigados a trazer o gado de seu próprio território para formar estâncias.”

.....

VIAGEM AO RIO DA PRATA
E AO RIO GRANDE DO SUL



Mesa Diretora

Biênio 2005/2006

Senador Renan Calheiros

Presidente

Senador Tião Viana

1º Vice-Presidente

Senador Antero Paes de Barros

2º Vice-Presidente

Senador Efraim Morais

1º Secretário

Senador João Alberto Souza

2º Secretário

Senador Paulo Octávio

3º Secretário

Senador Eduardo Siqueira Campos

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senadora Serys Slhessarenko

Senador Álvaro Dias

Senador Papaléo Paes

Senador Aelton Freitas

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 61

VIAGEM AO RIO DA PRATA E AO RIO GRANDE DO SUL

Arsène Isabelle

Tradução e nota sobre o Autor
Teodemiro Tostes
Introdução de
Augusto Meyer



Brasília – 2006

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 61

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2006

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Isabelle, Arsène.

Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul / Arsène
Isabelle ; tradução e nota sobre o autor Teodemiro Tostes ;
introdução de Augusto Meyer. -- Brasília : Senados Federal,
Conselho Editorial, 2006.

XXXII+314 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 61)

1. Uruguai, descrição. 2. Argentina, descrição. 3. Rio
Grande do Sul, descrição. 4. Comércio exterior, França,
América do Sul. I. Título. II. Série.

CDD 918

.....

.....

Sumário

Introdução

por Augusto Meyer

pág. XI

Nota sobre o Autor

por Teodemiro Tostes

pág. XXIII

Introdução

pág. 3

CAPÍTULO I

Partida do Havre – Travessia – Chegada ao Rio da Prata

pág. 23

CAPÍTULO II

O Rio da Prata

pág. 34

CAPÍTULO III

Montevideu

pág. 40

CAPÍTULO IV

A Banda Oriental ou República do Uruguai

pág. 46

CAPÍTULO V

Revista Cronológica dos Fatos Ocorridos na Banda Oriental,
desde o Descobrimento até 1834

pág. 54

CAPÍTULO VI
Partida de Montevideú – Um Pampeiro – Chegada ao Porto
de Buenos Aires – Aspecto Exterior da Cidade
pág. 61

CAPÍTULO VII
Buenos Aires
pág. 69

CAPÍTULO VIII
Buenos Aires
pág. 87

CAPÍTULO IX
Buenos Aires
pág. 98

CAPÍTULO X
Buenos Aires
pág. 111

CAPÍTULO XI
Buenos Aires
pág. 131

CAPÍTULO XII
Revista Cronológica dos Fatos Ocorridos em Buenos Aires,
desde sua Fundação até 1835
pág. 138

CAPÍTULO XIII
Uruguai
pág. 147

CAPÍTULO XIV
Uruguai
pág. 155

CAPÍTULO XV

Partida de Salto – Continuação das Explorações – El Puerto –
Belém – Santa Rosa ou Bella Unión – Fronteira Brasileira –
Itaqui – Porto de São Borja

pág. 177

CAPÍTULO XVI

Interior de São Pedro

pág. 195

CAPÍTULO XVII

Interior de São Pedro

pág. 219

CAPÍTULO XVIII

Porto Alegre

pág. 233

CAPÍTULO XIX

Arredores de Porto Alegre – A Província em geral

pág. 249

CAPÍTULO XX

Considerações sobre o Estado do Comércio Francês no
Exterior e, principalmente, no Brasil e no Rio da Prata

pág. 265

NOTAS

pág. 285

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 311

.....

Introdução

AUGUSTO MEYER

*H*Á MUITO se acham incorporados à biblioteca do leitor comum, no Rio Grande do Sul, dois clássicos da nossa bibliografia estrangeira de viagens científicas ou descritivas: Saint-Hilaire e Nicolau Dreys. A Viagem ao Rio Grande do Sul, em tradução de Azeredo Pena, e na reedição da Biblioteca Rio-Grandense a Notícia Descritiva, se ainda não trazem no pé da página o comentário que estão sugerindo a cada passo aos estudiosos, ao menos chegaram ao alcance de qualquer leitor, apeados da estante inacessível a que se acorrentam, medievalmente, as obras raras, com pesados grilhões de ouro. Um exemplar da edição original de Voyage, que há dez anos, mais ou menos, ainda se mantinha numa cotação para bibliófilo remediado, custa hoje os olhos da cara; quanto à Notícia Descritiva, sua extrema raridade justifica de algum modo a oferta gananciosa e arbitrária dos livreiros. Direi, entre parêntesis, que tive a sorte,

quando diretor da Biblioteca Pública do Estado, de descobrir um dos raríssimos exemplares originais ao ciscar num restolho de livros velhos.

Só agora, cento e catorze anos depois do aparecimento da sua obra, vem juntar-se aos dois compatriícios o irrequieto Arsène Isabelle, tão malcompreendido até hoje, e mantido numa espécie de quarentena crítica pelos que viajam no passado, à sombra da estante. É que ninguém recebe com muito agrado as observações menos lisonjeiras de um visitante: o elogio é a sobremesa da vaidade.

De Saint-Hilaire e Dreys, podemos dizer que, em parte, se identificaram, por adaptação compreensiva, com as peculiaridades continentais, devido a uma permanência mais longa no Brasil. O naturalista, de tanto percorrer o interior brasileiro, passara por um treino preliminar e se achava em especiais condições para compreender e sentir as nossas coisas. Fabricante de açúcar, viajante comercial, sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria, Nicolau Dreys, nascido na França, departamento de Meurthe, veio para o Brasil em 1817 e aqui viveu vinte e cinco anos; com a publicação do seu livro em português e a simpatia pela gente rio-grandense que ressuma de suas páginas, conquistou as nossas boas graças, tornando-se gaúcho honorário.¹

O caso de Isabelle é diferente; Arsène Isabelle cruzou o Rio Grande em rápida excursão; entregou-se às vezes, no relato de viagem, às tentações da caricatura e ao demônio da malícia; impressionado com as portenhas e montevidéanas, achou rudes e desajeitadas as pobres continentinas; e, ainda por cima, passou despercebida justamente a obra em que tratava com mais seriedade e verdadeira

¹ Sobre Nicolau Dreys, v. José Honório Rodrigues, “Notícia sobre Nicolau Dreys”, in *Brasil Açucareiro*, Ano X, vol. 19, 1942, n.º 4, pág. 351.

compreensão a província do Sul: Émigration et colonisation dans la Province Brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, la République Orientale de l'Uruguay et tout le bassin de la Plata, Montevideu, 1850, 152 páginas de texto, mais 32 de apêndice e uma errata, sendo setenta e duas páginas, além de algumas notas, dedicadas ao Rio Grande. Nessa brochura, impressa em papel ordinário e revestida de uma capa amarela, com a indicação Prix: un patacon, reunia uma série de artigos publicados de 1845 a 1849 no jornal Le Patriote Français, os quais tiveram lisonjeira acolhida e provocaram debate e comentário na imprensa montevideana; ele próprio, em nota de pé de página, indica ao leitor o Comercio del Plata, de 14 de novembro de 1849 e o Nacional, de maio ou junho de 1845.

De modo que Arsène Isabelle foi relegado a um plano inferior, ficando à sombra de outros autores viajantes, ou viajantes autores, mesmo de um Luccock, já traduzido, na parte referente a aspectos rio-grandenses, por Nelson C. de Melo e Sousa.²

Formou-se um ambiente de desconfiança em torno de Isabelle, talvez por desconhecimento da obra mencionada. Já Dreys, na introdução à sua notícia, referia-se com desdém a Isabelle, chegando ao ponto de o nivelar com o incrível Douville. E, ainda há pouco, um profundo conhecedor desse gênero de trabalhos e, sem dúvida, a maior autoridade em matéria de bibliografia rio-grandense, Abeillard Barreto, dizia de passagem, numa de suas notas às Primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul, que Arsène Isabelle sempre demonstrou aversão ao Rio Grande. Parece-me injusta a observação; mas só poderá ser desarraigado o prejuízo quando aparecer uma tradução fiel de Émigration et colonisation, com prefácio elucidativo do caso.

2 V. John Luccock, *Aspectos sul-rio-grandenses no 1º quartel do séc. XIX*, Rio, Record, 1935.

Creio que houve, nesse desdém um tanto leviano com que foi tratado o amigo dos americanos, que perdeu o filho mais velho no combate do Cerrito, muita passividade histórica, sem maior exame. No prefácio à tradução argentina, observa Ernesto Morales:

“Es nombrado cónsul francés, funda una familia, intenta negocios en gran escala, ocupa un puesto de funcionário en la Aduana y en la educación pública de Montevideo; viaja, conoce el Paraguay, Brasil y la Patagonia; escribe como redactor en jefe de Le Patriote Français contra la tiranía de Rosas; palpita con la existencia peligrosa de los amenazados por el ejército de Oribe, tanto que su hijo mayor, oficial de la Legión francesa, pierde la vida en el combate del Cerrito. El emigrado francés ya está definitivamente ligado a la vida del Plata; su pensamiento, su acción y su sangre te han fecundado.”³

De qualquer modo, vem agora a lume, traduzido e prefaciado por Teodemiro Tostes, em edição de Zélio Valverde, o primeiro livro de Isabelle, Voyage à Buénos-Ayres et a Porto-Alègre, par la Banda-Oriental, les Missions d’Uruguay et la Province de Rio-Grande-do-Sul (de 1830 a 1834), Havre, Imprimerie de J. Morlent, 1835, 618 págs. Um trecho da tradução, antecedido de uma nota, saiu no terceiro número da Província de São Pedro, a excelente revista de cultura que a Livraria do Globo vem mantendo com louvável persistência, como um barquinho de papel lançado contra a correnteza.

Diz o tradutor: “Depois de acompanhar o autor em sua viagem, não é possível compreender a má vontade do seu compatriota Nicolau Dreys, tachando o livro de superficial e comparando

3 V. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*, trad. de Pablo Palant, Buenos Aires, 1943, Introd., pág. 9.

Isabelle ao incrível J. B. Douville... Esse aventureiro, que se dá os títulos pomposos de 'secretário da Sociedade de Geografia e membro de várias instituições culturais francesas e estrangeiras', limita-se a contar no seu opúsculo os dissabores por que passou em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, cidades que mal pôde observar, através das grades das prisões em que o hospedaram por suas falcatruas. É injusto que o autor da Notícia Descritiva, tão reservado e frio nos seus julgamentos, nivelasse o nome e a obra insignificante desse infeliz mistificador ao nome e à obra do francês honesto que amou e compreendeu a América, a ponto de fazer dela a sua segunda pátria."

*Mais adiante, chama a atenção do leitor para a importância que atribuía à colonização da América por elementos europeus selecionados: "Integrado na vida desta parte da América, Isabelle não se descuidava dos seus problemas nacionais e os discute com assiduidade nas colunas do seu jornal e também em monografias. Um tema que o apaixonava e absorve é o da colonização destas vastas regiões da América por elementos europeus selecionados, à base das observações que recolhera em sua viagem à Província do Rio Grande. Não pode compreender que países tão propícios ao desenvolvimento de uma colonização daquele gênero preferiram conservar inaproveitados milhões de hectares de terras, a abrir suas portas à imigração por meio de tratados inteligentes. Sofre ao pensar na multidão de proletários franceses que vegetam no desconforto e na miséria, enquanto, neste lado do Atlântico, há um solo virgem que só espera braços."*⁴

É este o aspecto mais significativo e de algum modo mais atual da segunda obra de Arsène Isabelle: a velha questão do latifúndio nos campos de criação do Sul. Digo intencionalmente

4 V. Teodemiro Tostes, "Nota sobre Arsène Isabelle", in *Província de São Pedro*, nº 3, dezembro de 1945.

*“velha questão” para reportar-me a um passado mais remoto, ao fim do século dezoito, e a um trecho do Compêndio Noticioso, de Francisco João Roscio, que transcrevo do códice da Biblioteca Nacional: “As terras fechadas, ou terminadas entre as raias declaradas nesta relação, todas estão povoadas, mas todas desertas. Cada morador não se contenta com poucas léguas de terra, entendendo que todas lhe serão precisas, ainda que se servem de uma insignificante parte junto a sua cabana; e por isso, ainda que toda a campanha esteja deserta, todos os campos estão dados, e têm senhorios.”*⁵

Borges Fortes, a quem devemos uma interpretação mais sistemática dos primórdios da nossa fase de conquista e povoamento, reproduz em seu último livro, a propósito da ida de castelhanos à Laguna, trechos notáveis da correspondência de Brito Peixoto, em que se desvenda ao historiador o complexo político-econômico a indicar o futuro rumo daqueles caminhos antigos.

*Em 1723, iniciado o comércio de cavalhada entre o Prata e o Brasil, já se acha traçada a poder de casco a abertura da estrada para o planalto serrano, com o viagem de tropas em todo o Sul e, extrema consequência, o povoamento definitivo do Rio Grande. “Começam assim”, observa o historiador gaúcho, “as grandes marchas de tropas cavaleares rumo da Laguna, a cobrança dos dízimos reais, a criação da estrada construída por Francisco de Sousa Faria, partindo dos conventos na foz do Araranguá, remontando o vale deste rio em procura do planalto catarinense e daí demandando a vila dos Pinhais de Curitiba, rumo de São Paulo.”*⁶

5 V. B. N. Cód. I, 5, 2, 3.

6 V. João Borges Fortes, *Rio Grande de São Pedro, povoamento e conquista*. Rio, Gráficos Bloch, 1940, pág. 18.

A frota de João de Magalhães, composta na maioria de pardos escravos, teve um caráter de expedição militar. De 23 a 33, predomina o comércio de trânsito na região compreendida entre Laguna e o sul do Continente, e a ocupação das terras mantém-se no regime das invernadas. Nas campanhas ermas, ao longo de trilhas de vaqueanos, que apenas começam a margear pousos e currais, passa e repassa o tropeiro, comendo os tirões de léguas a tranco de cavalo...

Cinquenta e tantos anos depois da proposta de Bartolomeu Pais de Abreu para, com forças de um avultado corpo de armas, fazer entrada ao Rio Grande, talar aquele vasto sertão e abrir caminho pelo centro dele, demandando o rumo da comarca de São Paulo, quase todos os campos tinham dono – e estavam desertos. Também Azara dizia, quanto ao seu campo de observação: “Una estancia o dehesa que no tiene mas que cuatro o cinco leguas cuadradas de superficie o extensión está considerada en Buenos Aires como poco considerable, y en el Paraguay pasa por ser de extensión ordinaria.”⁷

Foi “don Amado”, o admirável Aimé Bonpland, quem deu a conhecer a Isabelle o relatório do presidente da Província, Soares de Andréia, onde, no artigo “Agricultura”, desenvolvia um projeto de colonização racional, a fim de obviar os inconvenientes que decorriam do latifúndio. Imbuído de idéias fourieristas, Arsène Isabelle tomou-se de entusiasmo pelos planos do presidente, “ce nouveau bienfaiteur de l’humanité”, mais conhecido na tradição rio-grandense pelos despachos mordazes e contundentes, divulgados mais tarde por Graciano A. de Azambuja.

“L’inlerprétation saine et loquique qu’a donnée le philosophe Paul-Louis Courier, en 1821, au verse 28me. de la ‘Génèse’ à

7 V. Félix de Azara, *Viajes por la América Meridional*, Madri, Espasa-Calpe, 1941, tomo II, pág. 187.

l'occasion des attaques qui étaient alors journellement dirigées contre la société d'actionnaires connue sous le nom de 'Bande-Noire', spécialement formée pour la division de la grande propriété foncière et la destruction, en France, des derniers vestiges de la féodalité, au profit des travailleurs et de l'industrie agricole, vient d'être enfin sanctionnée, dans l'Amérique Méridionale, par l'esprit éclairé de M. Francisco José de Sousa Soares de Andréia, président actuel de la province brésilienne de Rio Grande do Sul.

"Nous lisons avec le plus vif plaisir, dans le rapport que ce nouveau bienfaiteur de l'humanité a présenté à l'Assemblée Législative de cette province, de ler juin 1849, les paroles suivantes – à l'article 'Agriculture'.

"Un des plus grands obstacles qui se sont opposés, dans cette province, aux progrès de l'agriculture, et même de la population, a été l'existence des grandes estancias (grandes fazendas) ou des grands déserts, dont les possesseurs, s'attachant uniquement – et mal – à l'éducation des bestiaux, ont le droit de repousser de leurs champs les familles malheureuses qui ne savent où aller reposer leur tête.

"L'estanciero qui possède une sismaria (mesure de terre) a pour sou compte trois lieues carrées. S'il possède deux, trois ou plus de sismarias il est seigneur et maître de six, neuf ou plus, de lieues carrées de terrain – désert qu'aucun autre homme que lui n'habitera. Plusieurs estancieros, voisins les uns des autres rendent ainsi déserte une portion de pays plus grande que celle qu'occupent quelques uns des Etats d'Allemagne; et les familles pauvres sont errantes, et vont d'un côté et d'autre mendier un abri que personne ne leur accorde. De cette manière jamais la population de cette province ne pourra se développer.

"Mais l'honorable M. Soares de Andréia fait plus que d'indiquer le mal, il propose eu même temps le remède; c'est à dire le

morcellement graduel *des grandes propriétés, ou plutôt, comme il le dit lui-même, des grands déserts, pour les distribuer par petits lots aux familles pauvres, mais honnêtes et laborieuses, qui se présenteront pour profiter de ces avantages.*”

Mas, entre as observações do brigadeiro Roscio e o relatório apresentado à Assembléia Legislativa em 1849, há uma série de acontecimentos notáveis a consignar e um fato relevante para a história do Rio Grande moderno, já então refletido em diversas portarias e na Lei n.º 108, de 11 de outubro de 1837 – a colonização germânica.

A colonização açoriana, como a imigração suíça, encaminhada para Santa Leopoldina, Bahia e Nova Friburgo, Rio de Janeiro, não passavam de simples ensaios imigratórios; quanto à primeira, convém assinalar, o risco de irritar a memória de Aurélio Porto, que o seu alcance, como fator de peso em nossa formação, foi muito exagerado; será talvez oportuno repetir as palavras de João Pinto da Silva: “Não só estes [os açorianos] não foram numerosos, como também a sua área de atividade ou disseminação foi relativamente pequena... Das rudimentares lições de agricultura que nos deram, pouco frutificou. Isso, por um lado, o material; pelo outro, o intelectual, não consta hajam deixado traço algum durável.”⁸

Já não resta dúvida quanto à modéstia do contingente açoriano, que mal deu para engrossar o caudal dominante dos paulistas, os verdadeiros colonizadores do extremo sul na fase de povoamento primitivo e comércio de trânsito; foram eles, com sua mobilidade característica, soldados, aventureiros e tropeiros, que imprimiram à gente daqueles pagos certos traços peculiares, mais tarde considerados

8 V. João Pinto da Silva. *A Província de São Pedro*, Porto Alegre, Globo, 1930, págs. 55-56.

exclusivos. O próprio general João Borges Fortes, apesar da parcialidade manifestada a princípio pela tese “açoriana”, como pesquisador probo e consciencioso, acabou reconhecendo que era preciso reduzir para 325 os “casais de número” entrados no Rio Grande até 1754.

A verdade é que fracassou com os açorianos a primeira experiência administrativa de estimular a pequena propriedade agrícola, mediante a distribuição de lotes, ou datas de terra, tentativa que só mais tarde, após a imigração alemã, começaria a dar fruto. Não se adaptaram os casais à rude faina agrícola e acabaram, como em Santa Catarina, arranhando a costa. O que levou a exagerar o seu papel em nossa formação histórica foi a circunstância de sua maior concentração na Capela Grande e no estuário do Guaíba, ligando assim o seu nome à primitiva história de Porto Alegre; mas, com ou sem açorianos, Porto Alegre sempre seria escala obrigatória de um comércio florescente, em que os produtos da colônia pesavam cada vez mais na balança.

Não será necessário apontar aqui a importância da colonização alemã para o desenvolvimento da pequena propriedade no Sul, em contraste cultural com a região da campanha escravocrata e latifundiária: os estudos de Leonardo Truda, Ernesto Pellanda e Aurélio Porto, como contribuição, mas principalmente a obra magistral de Emílio Willems, como síntese, esclareceram a questão nos seus aspectos diversos.

Dentro dos limites deste prefácio, importa, apenas, acrescentar que foi Arsène Isabelle o primeiro a prever essa importância e a revelar aos meios interessados a existência de um núcleo colonial ativo e industrioso na Província.

Com efeito, em 1879 escrevia Koseritz no seu Volkskalender: “Até então, ignorava-se na Alemanha a existência destes ‘irmãos’; foi um francês que os descobriu (Arsène Isabelle), e pela sua

descrição, traduzida e publicada na Europa de G. Kuhn, a colônia de São Leopoldo foi mencionada pela primeira vez na imprensa alemã, fato esse que ocasionou uma viagem do embaixador prussiano von Lewenhagen a esta Província.”

Só em 1854 aparece a Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Südbrasilien mit besonderer Rücksicht auf dessen Colonisation (Descrição da província do Rio Grande do Sul, no Brasil meridional, com particular retrospecto de sua colonização) de Joseph Hörmeyer, publicada em Coblenz, e a contar de 1856, com algum intervalo, os trabalhos de Koseritz, no Globus de Leipzig.

Começa, então, o verdadeiro dilúvio de publicações a que se refere Alfredo de Carvalho; é incontável a multidão de brochuras, folhetos, relatórios e livros então aparecidos sobre assuntos conexos aos empreendimentos colonizadores.

.....

Nota Sobre o Autor

TEODEMIRO TOSTES

D

E TODOS os viajantes que visitaram o Brasil na primeira metade do século passado, este Arsène Isabelle é, talvez, o menos conhecido do público e o menos citado pelos escritores.

Homem dotado de conhecimentos gerais, leitor de filósofos e de poetas, amante da vida e da natureza, sentiu como tantos europeus a atração aventureira do là-bas, numa época intranquã em que os homens de pensamento sonhavam com um retorno à vida simples e à pureza original de um mundo novo.

Na sua cidade do Havre, ponto de encontro dos cinco continentes, Isabelle deve ter recebido bem cedo o convite à viagem que lhe traziam os brigues, gabarras e bergantins, batidos pelos ventos de todos os mares. As histórias de mundos distantes, contadas pela voz dos marinheiros ou lidas com interesse ardente em inúmeros livros de viagem, teriam estimulado, por sua vez, o seu desejo de aventura, excitado aquela “bossa da curiosidade” que lhe marcava o destino de viajante.

A situação política da França, no ano em que empreendeu sua primeira viagem à América, terá também contribuído fortemente para a resolução de Isabelle. Com suas firmes convicções republicanas, devia sentir-se, como tantos outros, sufocado pelo regime extremamente reacionário, de caráter clerical e ultramontano, que assinalou o reinado de Carlos X. Seu horror aos jesuítas, senhores da França naquela época de absolutismo, vai manifestar-se mais tarde, veementemente, na condenação da política americana dos padres e na crítica ao sistema colonizador das Missões. Seus sentimentos liberais e republicanos revoltam-se, na Argentina, contra a tirania de Rosas e fazem que, chegado a Porto Alegre na véspera da luta farrroupilha, simpatize com a causa revolucionária e trace, compreendendo-o, um rápido esboço do movimento que iria deflagrar depois.

Aliás, este é o ponto em que Isabelle mais se diferencia de outros cronistas que também viajaram por estas terras. Não guarda, em relação à paisagem humana, aquela altivez européia e fidalga com que, por exemplo, um Saint-Hilaire se interessava pela fauna, pela flora e por outros detalhes da natureza, distanciando-se, porém, desdenhosamente, dos seus bisonhos mas inquietos habitantes. O espírito curioso e jovial deste pequeno burguês do Havre dá-lhe o gosto humano da convivência e o desejo de compreender as criaturas, de falar-lhes em sua língua e adotar seus hábitos e costumes. Antes de descobrir o cenário, ele se interessa pelos personagens. Daí o encanto de suas narrativas, especialmente as que se referem a Buenos Aires.

Recém-chegado à capital argentina, com seus instrumentos científicos e sua pacotilha de mercadorias, este naturalista amador e caixeiro-viajante cheio de projetos começa a mais interessante das aventuras, que é a viagem da descoberta das multidões. Passeia nas ruas portenhas, na graça colonial de suas alamedas, acotovelando grupos elegantes ou misturando-se, esportivamente, com o popula-

cho. Freqüenta as casas da gente bien, mas não despreza os fregueses das pulperias. E vive a inquietação da hora política com o interesse e a paixão dos filhos da terra.

Seu Voyage à Buenos Aires et à Porto-Alegre, editado no Havre em 1835, é um livro que, sob vários aspectos, foge ao estilo frio e classificador dos turistas ilustres do seu tempo. Cheio de conteúdo humano, de emoção e de malícia bem francesas e de observações originais, é menos uma simples relação de viagem do que um conjunto de notas interessantes sobre a geografia, a economia, a formação geológica e sociológica das regiões que atravessa pela primeira vez.

Depois de acompanhar o autor em sua viagem, não é possível compreender a má-vontade do seu compatriota Nicolau Dreys tachando o livro de superficial e comparando Isabelle ao incrível J. B. Douville que também, mais ou menos na mesma época, andou percorrendo terras da América. Esse aventureiro, que se dá os títulos pomposos de “secretário da Sociedade de Geografia e membro de várias instituições culturais francesas e estrangeiras”, limita-se a contar no seu opúsculo os dissabores por que passou em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, cidades que mal pôde observar, através das grades das prisões em que o hospedaram por suas falcatruas. É injusto que o autor da Notícia Descritiva, tão reservado e frio nos seus julgamentos, nivelasse o nome e a obra insignificante desse infeliz mistificador ao nome e à obra do francês honesto que amou e compreendeu a América, a ponto de fazer dela a sua segunda pátria.

Pouco se conhece da biografia de Isabelle, nome difícil de encontrar nas obras de referência. Os dados mais positivos são os que ele mesmo fornece na introdução ao seu pequeno e interessantíssimo trabalho Emigration et Colonisation dans la Province Brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, la République Orientale de l'Uruguay et tout le Bassin de la Plata, editado em Montevideú, no ano de

1850. No frontispício da obra, seu nome aparece acompanhado dos seguintes títulos: “antigo Chanceler do Consulado de França, autor de viagem a Buenos Aires e a Porto Alegre, de notas comerciais e de muitos outros escritos sobre Montevidéu”. Aliás, a referida introdução vale como uma exposição de suas idéias políticas e o mostra perfeitamente identificado com a vida do Uruguai, sua terra adotiva, e com a inquietação e o sofrimento do seu povo.

Dezesseis anos depois de sua partida do Havre, escreve estas palavras de louvor ao pequeno país que o recebeu: “Vim fixar-me aqui com minha família, sem que nada me obrigasse a deixar minha pátria; era pobre, porém, e precisava trabalhar com proveito, e por isso voltei meus olhos para o Estado Oriental do Uruguai. O belo céu azul desta República, a fertilidade rara do seu solo, a variedade dos seus recursos naturais, a facilidade das comunicações com o interior pelos rios que a banham; seu sistema monetário, o valor invariável das moedas de ouro e de prata em circulação; a forma de seu governo; a sabedoria de suas instituições políticas; a afabilidade de seus magistrados; a simplicidade de seus habitantes, foram as causas determinantes da minha escolha.”

Este seu amor pela nova terra transparece também no sofrimento com que assiste à sucessão cruel das suas lutas internas e externas. O drama do Uruguai, como o da Argentina, como o do decênio rio-grandense, encontram nele a mesma ressonância que os sofrimentos distantes de sua pátria. Mas, assim como confia no futuro da França e na vitória dos ideais revolucionários, também olha com olhos de esperança os países jovens da América, e acompanha os seus anseios de independência e as suas primeiras pelejas pela liberdade.

Depois de sua ida à terra natal, onde editou a presente viagem, Isabelle radicou-se em Montevidéu e ali passou grande parte de sua vida. Colaborou, como ele mesmo conta, no jornal *Patriote*

Français, mantido por um grupo de exilados franceses. Foi agente consular da França e estimulou seu comércio com o Novo Mundo.

Quanto à repercussão que sua obra teve na época, é interessante transcrever suas próprias palavras: “Meu nome não era completamente desconhecido na França; encontrou mesmo alguns protetores, ousou dizer alguns amigos desinteressados, no mundo literário e mesmo no mundo científico, na época em que publiquei a relação da viagem a Buenos Aires e a Porto Alegre (1835). Os principais jornais de Paris, do Havre, de Nantes, de Bordéus, de Marselha, de Caen, de Orleans e de Tours deram dela notícias exatas e detalhadas. Essa relação mereceu a honra de ser citada várias vezes no excelente tratado de geografia do Sr. Adrien Balbi (edição de 1840) – na grande e bela obra de Alcides d’Orbigny sobre essa região –, nos anais de viagens publicados em Paris pela sociedade de Geografia, sob a direção do sábio Sr. Eyrès; no Dicionário do Comércio, no Universo Pitoresco e em muitas outras obras de menor importância.”

Integrado na vida desta parte da América, Isabelle não se descuidava dos seus problemas nacionais e os discute com assiduidade nas colunas do seu jornal e também em monografias. Um tema que o apaixonava e absorvia era o da colonização destas vastas regiões por elementos europeus selecionados, à base das observações que recolhera em sua viagem à Província do Rio Grande. Não pode compreender que países tão propícios ao desenvolvimento de uma colonização daquele gênero preferissem conservar inaproveitados milhões de hectares de terras a abrir suas portas à imigração, por meio de tratados inteligentes. Sofre ao pensar na multidão de proletários franceses que vegetam no desconforto ou miséria, enquanto, neste lado do Atlântico, há um solo virgem que só espera braços.

Com que alegria ele toma conhecimento do relatório que “ce nouveau bienfaiteur de l’humanité”, o tenente-general Francisco José

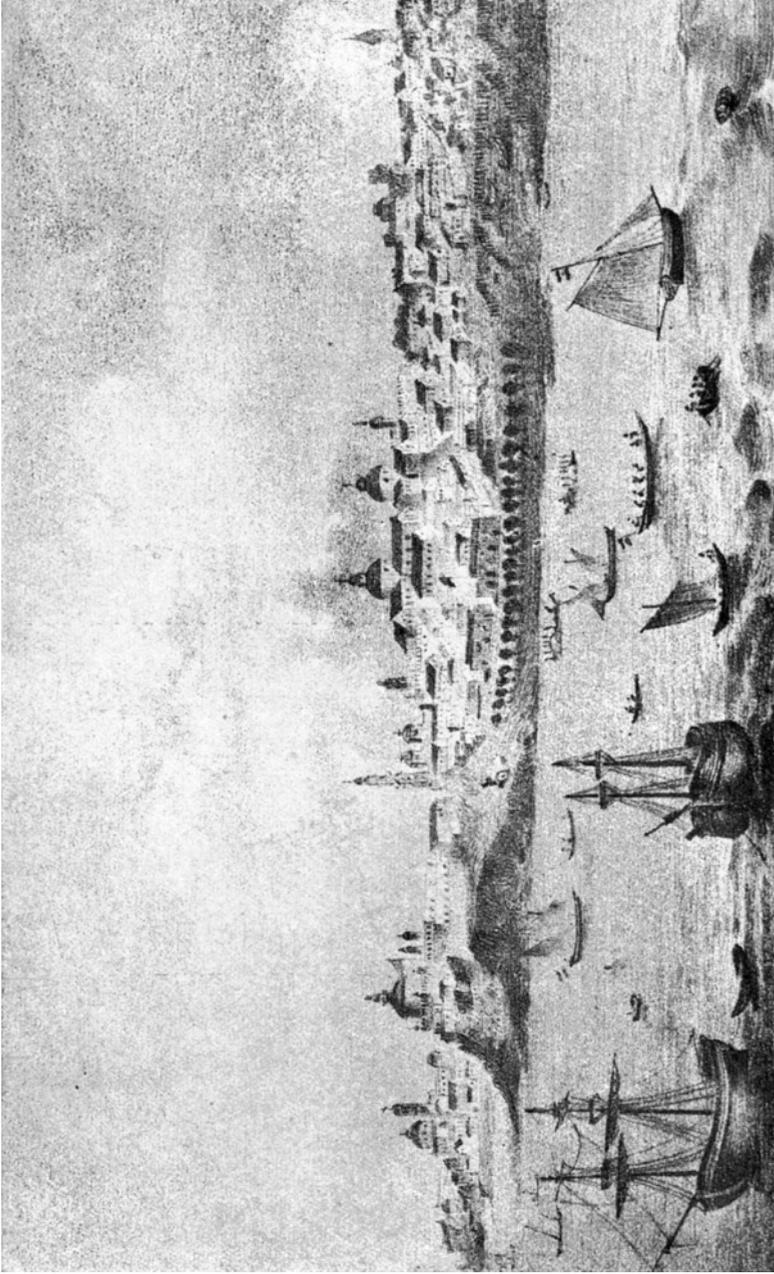
de Sousa Soares de Andréia, presidente da província do Rio Grande, apresentara à Assembléia Legislativa, a 1º de junho de 1849.

Nesse documento, que até hoje tem seu interesse e oportunidade, Soares de Andréia combatia “a existência de grandes estâncias ou grandes desertos, cujos donos, dedicando-se, unicamente e mal, à criação do gado, têm o direito de fechar a entrada de seus campos a desgraçadas famílias que não têm onde repousar”. Mostrava a situação injusta de certos estancieiros, donos de terrenos de muitas léguas. “Desertos às vezes mais extensos que alguns estados da Alemanha.” E traçava um plano de distribuição progressiva das terras, dentro de uma política social que até hoje parecia revolucionária.

É fácil de imaginar como essas idéias, tão do feitio humanitário de Isabelle, seriam acolhidas naquela época pelos reis de chiripá dos latifúndios. Seu fracasso, porém, como outros fracassos, não impediram que o amável francês continuasse sonhando com um mundo melhor e reafirmando suas esperanças nesta bela profissão de fé:

“Repetimos, porque em nós é o resultado de uma convicção profunda, produzida por um exame atento dos livros e jornais de todos os partidos — conservadores, realistas, bonapartistas, socialistas e comunistas —, que lemos sem prevenção e sem espírito partidário que o futuro nos trará desgraças e catástrofes terríveis, se não nos apressarmos a melhorar a condição material do trabalhador e do proletário. É esta a necessidade principal da época, necessidade imperiosa que não admite termo médio. É o to be or not to be, de Hamlet.”

A tradução do livro, hoje raro, de Arsène Isabelle, e a sua inclusão entre os outros do mesmo gênero, que já foram editados no Brasil, parece-nos um ato de justiça e uma contribuição de valor para os estudiosos.



*Vista parcial de Buenos Aires,
tirada da pequena enseada*

VOYAGE A BUÉNOS-AYRES

ET

A PORTO-ALÈGRE,

PAR

**LA BANDA-ORIENTAL, LES MISSIONS D'URUGUAY
ET LA PROVINCE DE RIO-GRANDE-DO-SUL.**

(DE 1830 A 1834.)

Suivi de

CONSIDÉRATIONS

**Sur l'état du Commerce Français à l'extérieur, et principalement
au Brésil et au Rio-de-la-Plata.**

Dédié au Commerce du Havre.

PAR ARSÈNE ISABELLE.



HAVRE.

IMPRIMERIE DE J. MORLENT, PLACE DE LA COMÉDIE.

1835.

Página de rosto da edição original.

Aos senhores
negociantes

que constituem o comércio do Havre,

como uma manifestação ostensiva, e não equívoca,
dos votos do autor por sua prosperidade, à qual
estão intimamente ligadas a do Havre, a da nossa
indústria e a das nossas manufaturas.

Seu muito humilde e muito obediente servo

Arsène Isabelle

.....

Introdução

S*EMPRE tive uma inclinação irresistível pelos livros de viagem, dos quais devorei um grande número, desde Gulliver's Travels até a Voyage pittoresque autour du Monde. Essas leituras não podiam deixar de despertar em mim o desejo de viajar. É preciso, além disso, que se leve em conta a minha excessiva curiosidade...*

Fazia esta ingênua confissão a um dos nossos cientistas, homem inteligente que fez um estudo aprofundado da frenologia e da fisiognomonia, ciências famosas dos Gall, dos Lavater e dos Porta. Respondeu-me, sorrindo: "Não era preciso esta confidência para que eu conhecesse suas inclinações e as preferências de seu espírito. Mesmo que o senhor tentasse dissimulá-las, seria traído pelas três bossas que tem na frente." Dei, involuntariamente, uma risada, mas o sábio frenologista, sem se desconcertar, continuou cada vez mais sério: "Não é brincadeira, meu caro. O senhor tem, antes de tudo, a bossa da memória dos fatos, da curiosidade e da aptidão para instruir-se;

depois, a da memória dos lugares, do amor às viagens e à variedade. São proeminências que mostram, indiscutivelmente, a sede e a predominância das diferentes faculdades e aptidões do seu espírito. Direi mais que elas tiranizam e exercem uma influência irresistível sobre a sua vontade e que estava escrito, não no céu, mas no seu próprio cérebro, que o senhor viajaria.”

– *Acredita, então, no sistema do doutor Gall?*

– *Naturalmente que sim! E como poderia deixar de acreditar, se a confissão que o senhor me acaba de fazer vem confirmar a opinião que eu tinha a seu respeito. Meu caro, o senhor é uma coluna viva acrescentada ao monumento à glória do doutor Gall.¹*

Nasci, portanto, curioso, e esta curiosidade me impeliu a viajar. Como parecesse condenável essa predominância do meu espírito, quis tranquilizar minha consciência e pus-me a procurar a opinião dos filósofos e moralistas sobre o assunto. Confesso que não me senti lisonjeado com este pensamento de Pascal: “A curiosidade não passa de vaidade. Em geral, a gente só quer saber para poder falar do que sabe.” Na minha opinião esta sentença é injusta; é uma definição demasiadamente categórica. Está em desacordo com a razão e com a tendência do espírito humano. E, por acaso, não será necessário distinguir as inclinações naturais daquelas que nascem do julgamento? Ou Pascal fingiu ignorar isto, o que seria uma perfídia, ou realmente o ignorava, o que seria perdoável. Rousseau restabeleceu a calma em meu espírito, dando uma finalidade mais nobre à paixão que me dominava. No livro III de Emile encontrei este bálsamo consolador:

“Existe uma ânsia de saber que se baseia apenas no desejo de ser tido como sábio; mas existe outra que nasce de uma

1 V. nota A, pág. 285.

curiosidade natural por tudo aquilo que interessar de perto ou a distância. O desejo inato do bem-estar e impossibilidade de contentar plenamente este desejo fazem com que se busquem, sem cessar, novos meios de satisfazê-lo. É este o primeiro princípio da curiosidade, princípio natural ao coração humano, mas cujo desenvolvimento é realizado em proporção às nossas paixões e às nossas luzes.”

Talvez o filósofo de Genebra tenha inspirado o seu digno amigo Bernardin de Saint-Pierre, quando este escreveu nos seus Diálogos Filosóficos:

“A verdade, que agrada e fortalece a alma, excita em nós essa curiosidade natural que nos anima a tudo conhecer, a tudo compreender, a tudo ousar. Ela é uma necessidade para o coração humano.” Mas é certo também que ele não exerceu influência sobre o espírito do doutor Johnson, excelente moralista. Eis o que se lê no seu Rambler:

“A curiosidade é uma das características certas e permanentes de uma inteligência vigorosa. Cada avanço que se faz no campo do conhecimento abre novas perspectivas e produz novos incitamentos a futuros progressos.”

– Very well! – exclamei – isto alivia sensivelmente minha consciência. Bastam-me essas autoridades perfeitamente respeitáveis para mim e irrecusáveis para outros. Toca pois a viajar, ver por mim mesmo, ver muito.

Quem muito no mundo andou
Muito viu, muito ganhou.

Se minha curiosidade não ficar satisfeita, minha alma, pelo menos, se fortalecerá na adversidade.

Convencido, cada vez mais, da utilidade das viagens, persuadido, como Rousseau e o conde de Laborde, de que elas são um meio poderosíssimo de aperfeiçoar nossa educação e de desenvolver a

inteligência, disse para mim mesmo, como o Usbeck das Cartas Persas: “Nascemos num país florescente mas não acreditamos que os seus limites fossem os dos nossos conhecimentos e que fosse a luz oriental a única que nos devia iluminar.”

Escolhi então, para satisfazer minha ardente curiosidade, o antigo vice-reino de Buenos Aires, onde se formaram, depois da emancipação, a confederação do Rio da Prata com mais repúblicas do que as províncias que constituíam o vice-reinado; a Banda Oriental ou república do Uruguai, também chamada Cisplatina pelos brasileiros que dela fizeram uma província do seu Império; a república da Bolívia, formada pelas províncias do Alto Peru, e, enfim, o Paraguai, formando um estado todo especial, submetido ao poder ditatorial de um chefe bizarro.

O brilho que ao longe despediam as armas triunfantes desses intrépidos republicanos durante as guerras de sua independência, e, sobretudo, a sabedoria tão gabada de seus legisladores, unidos ao prazer que eu sentia de tirar partido de uns fracos conhecimentos de história natural, me animaram a conhecer essas vastas regiões, já percorridas, é verdade, porém em épocas remotas. Tratava-se de explorar as 743.000 milhas quadradas de superfície, compreendidas entre os Andes do Chile, Bolívia, a grande região do Chaco, o Paraguai, o Brasil e o Oceano Atlântico até o estreito de Magalhães.

Quando me dispunha a partir, pelos fins de 1829, o governo de Buenos Aires acabava de fazer a paz com o do Brasil. Os exércitos vitoriosos da República Argentina regressavam à pátria e os seus diversos contingentes eram distribuídos pelas províncias. Esperava-se que, livres de inimigos externos, esses povos fossem enfim trabalhar ativamente e viver de acordo com sua constituição política, que, até então, não fora observada, por diferentes motivos. É verdade que uma nova revolução havia irrompido em Buenos Aires nos fins de

1828; mas tudo parecia reentrar na ordem, uma vez que o chefe militar que a havia dirigido fora vencido pelas milícias do interior. Fiz, portanto, meus preparativos, sem maiores receios.

Meu itinerário era o seguinte: devia desembarcar em Buenos Aires e seguir por terra para Mendoza, junto à cordilheira dos Andes, onde vivia um grande amigo meu, Anatole de Ch... Sendo a minha intenção visitar todas as províncias do Rio da Prata, queria começar pela região oriental dos Andes, que compreende as províncias de Mendoza ou Cuyo, de San Juan, la Rioja, Salta, Jujui e Catamarca; deter-me em Tucumán, que merece um exame mais longo pela variedade de sua produção natural, depois descer por Santiago del Estero, Córdoba e Santa Fé, de lá subir o majestoso Paraná, principal afluente do Prata, até as fronteiras da ditadura do Paraguai, visitando Entre-Rios e Corrientes, atravessar esta última província, assim como as antigas Missões, para chegar à Banda Oriental, que devia percorrer até Montevideú. Dessa capital, pensava viajar por mar à costa da Patagônia e, desse interessante ponto, voltar a Buenos Aires pelo interior de sua província.

Este itinerário compreendia, como se vê, um vasto plano de exploração, erizado de dificuldades, sem contar os perigos, as privações, os cansaços extremos, que, segundo os românticos, constituem o encanto de uma viagem. Pensava ter calculado e previsto tudo (eu tinha então aquela idade em que não se duvida de nada) e, além disso, esperava convencer meu amigo Ch... de seguir na minha companhia.

Desejando fazer uma coleção completa dos produtos naturais das regiões percorridas levava comigo armas excelentes, munições, instrumentos necessários não só à caça como à preparação dos animais, drogas para sua conservação e estopa para enchê-los, papel e uma prensa para secar as plantas, etc., etc.; além de uma coleção

de olhos de esmalte, a fim de reproduzir com a maior exatidão a cor dos olhos dos bichos capturados. Contratara como auxiliar um jovem e hábil preparador, Eugène Gamblin, que se comprometera a acompanhar-me por toda parte e que receberia, como pagamento, uma coleção igual à minha. Como eu pretendesse também fazer observações meteorológicas e determinar a altura de alguns pontos importantes, sob o duplo aspecto geográfico e geológico, munira-me também de um barômetro, um termômetro, um higrômetro, uma bússola de meridiano e um relógio de segundos. Levava ainda as melhores obras de história natural e outros livros igualmente úteis para consulta.

Até aí tudo corria bem, e eu podia acalentar a lisonjeira esperança de enriquecer o domínio das ciências naturais, se não de observações muito importantes (devido a meus fracos conhecimentos), ao menos de coleções preparadas e conservadas com um cuidado particular.

Como a viagem correria por minha conta, devia levar comigo os fundos de que necessitaria durante uma ausência de quatro a cinco anos; mas, em vez de converter esses fundos em onças de ouro ou em dólares, cometi a falta grave de fazer uma pacotilha de mercadorias, muito convenientes, é verdade, para o interior das Províncias Unidas, mas sem valor nenhum para Buenos Aires.

Ora, acontece que, quando desembarquei nesta última cidade, em março de 1830, a guerra civil recomeçara e, existindo o perigo de a anarquia estender-se a todas as Províncias Unidas, qualquer meio de comunicação se tornara impossível.

Fui forçado a procurar vender minha malfadada pacotilha, que não interessava absolutamente a Buenos Aires. Disseram-me que nada ganharia esperar e tive a ingenuidade de acreditar. Vendi, portanto, as mercadorias. Quando fiz as contas com meu

comprador, depois de ter pago frete, direitos aduaneiros, comissões, armazenagem, etc., etc., vi que havia tido um déficit de cinqüenta por cento. Que fazer? Impossibilitado como estava de avistar-me com meu amigo, ainda que ele me aconselhasse a tomar a diligência; impossibilitado de percorrer até mesmo a província de Buenos Aires, de tal modo o interior estava convulsionado, deveria, por acaso, voltar à França, sem conhecer ao menos a cidade em que me achava, sem ter aprendido a língua de seus habitantes, e depois de ter perdido a metade do meu patrimônio? Confesso que essa solução me pareceu perfeitamente estúpida. Não me foi possível aceitá-la. Preferi criar um estabelecimento industrial que me desse a possibilidade de recuperar em alguns anos o dinheiro perdido, o que me permitiria ainda, depois de tranqüilizada a república, realizar o meu primeiro projeto.

Tivera a preocupação, boa ou má, de munir-me, antes da minha partida da França, de um novo método químico de derreter o sebo destinado à confecção de uma vela superior ao tipo comumente usado, por ser mais branca, mais consistente, não ter cheiro nem produzir fumaça. Mas era, sobretudo, do processo de derreter e depurar o sebo que eu esperava obter o melhor resultado, fazendo com que o comércio voltasse a sua atenção para esse ramo tão importante da exportação.

Um grande obstáculo se me apresentava agora: os ácidos sulfúrico e nítrico, que constituíam a base do trabalho, não podiam ser obtidos no comércio local. Era necessário importá-los da Europa e isso demandava tempo e capitais superiores às minhas posses. Propus a um jovem alemão, M. J. P., de Lubeck, que fora meu companheiro de viagem e com o qual já mantinha agora íntimas relações, formar uma sociedade para a exploração de um estabelecimento que estivesse de acordo com o meu projeto. Discutimos o assunto, ele aprovou

meus planos e encarregou-se de fazer vir da Inglaterra uma certa quantidade de ácidos. De minha parte, escrevi também para França no mesmo sentido.

Com receio de possíveis concorrências num gênero de indústrias que necessitava grandes adiantamentos de dinheiro, animei-me a solicitar do governo de Buenos Aires um privilégio de cinco anos por ter introduzido na República Argentina um método de derretedura capaz de fornecer novas fontes de renda ao país e de oferecer, além disso, aos negociantes e aos exportadores, qualidades de sebo infinitamente superiores ao que era manipulado até então. Tais vantagens não foram compreendidas pelo ministro do Interior, que não respondeu a minha petição, apesar de ser ela reforçada por excelentes argumentos e pelo apoio de um dos cidadãos mais considerados no país. É verdade que o meu pedido não estava de acordo com os princípios do governo republicano; mas penso que os princípios podem ser modificados, quando se trata de um interesse geral e de uma inovação útil ao país.

Sem esperar resposta, começamos a procurar um local adequado (primeiro erro). Quis o acaso que um fabricante francês, prestes a retirar-se do país, nos oferecesse à venda o seu, situado no centro da cidade. Ainda que não fosse adaptável a uma grande usina, a posição do local prevaleceu na nossa escolha e decidimos tomar a fábrica do meu compatriota, não obstante o mal-estado em que ela se encontrava (segundo erro).

Estes detalhes parecerão inúteis à maioria dos meus leitores, compreendo bem; entretanto devo mencioná-los, pois têm sua importância. Fiquem, porém, tranqüilos, que não entrarei nas minúcias das inúmeras dificuldades que tive de vencer no exercício de uma indústria completamente nova para mim, em um país cujo idioma e cujos costumes eu ainda ignorava. Basta saber-se que

trabalhava tanto como os meus empregados negros e que me impunha duras privações em uma obra destinada a fracassar. Muitas causas contribuíram, sem dúvida, para esse fracasso, sendo uma das mais poderosas o estado deplorável em que se encontrava, na época, Buenos Aires. A enumeração de todas elas bastaria para formar um volume, que não seria totalmente desinteressante para as pessoas dispostas a tentar um empreendimento qualquer nas antigas colônias espanholas.

Em resumo, conservei durante três anos o estabelecimento que montara sobre uma base excessivamente grande (terceiro e maior erro, muito comum aos estrangeiros recém-chegados) e que não cessou de funcionar com atividade; fabricava, ao mesmo tempo, em grande quantidade, sabão, vela moldada, uma outra qualidade chamada vela del país, e, além disso, derretia sebo destinado à exportação. Por duas vezes, durante esse período industrial, mudei de sócios, os quais foram involuntariamente meus companheiros de infortúnio. Enfim, como a lâmpada que se extingue por falta de óleo, minha fábrica parou quando faltaram o capital e as matérias-primas. Liquidamos o negócio e pensei em voltar à minha pátria, onde se haviam operado, durante aqueles quatro anos, tantas revoluções na minha família quantas as que haviam agitado o governo do país.

Custava-me bastante abandonar meus projetos de viagem, mas achava impossível realizá-los. Meus meios pecuniários não o permitiam. Meu bom amigo Ch... tinha sido vítima das guerras civis no interior e tudo, afinal, se opunha à minha idéia. Podia, entretanto, tirar algum partido da minha desagradável situação, já que havia entrado em contato direto com todas as classes da sociedade, especialmente a chamada classe baixa, que é a mais numerosa de todas e a que fornece ao caráter nacional os seus traços mais marcantes. Tinha também aprendido a bela língua castelhana e já

sentia familiaridade com o feitio astucioso, sombrio e desconfiado dos habitantes. O preparador, que trouxera à minha custa, ainda estava no país, e o meu gosto pela história natural, estudo tão agradável, que consola tanto as penas do coração e da alma, havia aumentado à vista de tantos objetos novos e de tão curiosos exemplares. Vem-me a idéia de empregar meus fracos recursos em percorrer um ponto dessas regiões menos amplo que o do meu projeto original, mas não menos interessante, e que me proporcionou a oportunidade de estabelecer uma espécie de paralelo entre o caráter brasileiro, o dos orientais (uruguayos) e o dos argentinos, como a de conhecer algumas das produções naturais dessas paragens.

Ocupado, desde o meu regresso, em pôr em ordem minhas numerosas notas, tive sempre em vista fazer um trabalho proveitoso aos meus compatriotas e, principalmente, ao comércio do Havre, que, por sua feliz posição e por sua extensão, deve ter um interesse mais direto em conhecer certos lugares, destinados, talvez, a aumentarem sua prosperidade. Os preconceitos que muitas pessoas ainda conservam com relação a livros impressos na província, a espécie de desprezo com que eles são olhados, fizeram com que hesitasse algum tempo em publicar o meu. Considerações de uma ordem mais elevada prevaleceram, entretanto, e meu interesse particular cedeu ao desejo de encorajar uma imprensa que honra a cidade do Havre.

Esta pequena obra, o leitor verá imediatamente, não é um trabalho literário digno de atrair a atenção das pessoas cultas, nem mesmo a das que amam o maravilhoso. É uma exposição singela e ingênua de tudo aquilo que um simples viajante pôde ver e observar com a simplicidade que o caracteriza. O que ele viu sugeriu-lhe algumas reflexões filosóficas, sentimentais, políticas e morais, que nascem naturalmente do estado de coisas observado. São estas obser-

vações e reflexões que ofereço hoje à indulgência e não à crítica dos meus concidadãos.

O desapontamento, as enormes perdas sofridas por muitos estrangeiros, especialmente franceses, que tinham, por si mesmos ou por informações alheias, exagerado a importância deste país, chocaram-me vivamente. Sentindo-me enganado a este respeito, tão estupidamente como os outros, resolvi sacrificar meu amor próprio com a publicação das experiências que adquirira a mis constillas.

Cinco anos passados nas antigas colônias espanholas e portuguesas habilitaram-me a reconhecer a inferioridade do comércio francês relativamente ao das outras nações marítimas. Sinto para isso necessidade de me despojar, mesmo a contragosto, de toda vaidade, de toda prevenção nacional, de todo preconceito vulgar, e de só admitir o que é palpável.

Impressionado desagradavelmente com o que pude observar durante a viagem, digo francamente a minha opinião, ainda que me arrisque a ferir um pouco a suscetibilidade nacional. Escudado, porém, na minha consciência e no desejo de ser útil, terei ainda, no caso de ser censurado ou criticado com azedume, o doce consolo de poder dizer como Voltaire: “Meu amor pela pátria não conseguiu jamais fechar meus olhos aos méritos do estrangeiro; pelo contrário, quanto mais me sinto bom cidadão, mais procuro enriquecer o meu país com os tesouros que não se encontram no seu solo.” Ou ainda, com o inflexível Raynal: “Que a minha mão fique seca se, por uma disposição comum a tanta gente, tentar iludir a mim mesmo e aos outros sobre os defeitos da minha nação.”

É preciso aceitar uma triste verdade: que o gênio do comércio é um desses tesouros que, segundo Voltaire, ainda não se encontram em nosso meio e que a culpa disso cabe àqueles defeitos a que Raynal se refere em sua sentença.

O fim do meu trabalho é tornar conhecido o estado atual dos lugares que visitei. Para isso foi-me necessário procurar conhecer alguma coisa de sua ordem e de sua situação de prosperidade na época do domínio espanhol e português. Tendo em vista, porém, que o estudo de suas vicissitudes, guerras de conquista, estabelecimento das primeiras colônias, já havia sido objeto de numerosos autores que escreveram sobre o Brasil e o Paraguai, especialmente Charlevoix, Southey, Félix de Azara, Funes, Raynal, Mawe, Andrews, Head, etc., contentei-me em buscar neles datas e detalhes históricos indispensáveis, e na bela obra do sr. Alcides d'Orbigny os nomes científicos de alguns produtos naturais.

Em tudo o que se tem publicado sobre o Brasil, nada vi que pudesse chamar a atenção dos europeus e especialmente, dos franceses, sobre a importância da província do Rio Grande do Sul, ou de São Pedro. O sr. Auguste Saint-Hilaire, viajante erudito e consciencioso, fez dela um bom esboço, mas não se estendeu, nem podia fazê-lo, sobre o interesse comercial que oferecem novas cidades e novos portos, os quais, fundados há poucos anos, estão crescendo rapidamente, como conseqüência natural da afluência de estrangeiros e mesmo de brasileiros das outras províncias do Império, atraídos em massa pelas doçuras de um clima saudável e temperado reunidas aos encantos e à facilidade da vida agrícola.

Assim, esta grande província – a última a ser colonizada – a que foi mesmo desprezada pelos portugueses ávidos de ouro e de pedrarias; às vezes, disputada pelos espanhóis do Paraguai, que a conhecem melhor; devastada ao mesmo tempo por exércitos portugueses e de patriotas, e pelas bordas selvagens dos charruas e dos bugres; esta bela e rica província marcha enfim, apesar de tantos obstáculos, para um estado de prosperidade muito superior ao das outras províncias brasileiras e só rivalizado pelo da sua vizinha, a Banda Oriental.

Se o sábio naturalista prussiano – menos feliz que os La Condamine, os Humboldt, os d’Orbigny – o Dr. Frederico Sillow, não tivesse morrido recentemente – como Mungo-Park, La Peyrouse e tantos outros célebres, mas infortunados exploradores – vítima de seu ardente amor pelas ciências naturais, não teria tido necessidade de me ocupar na descrição da parte mais austral do Brasil, pois estou informado de que ele trabalhava em uma obra considerável sobre aquelas regiões. Levantara, além disso, uma carta geográfica e topográfica da qual me mostraram uma cópia, que teria sido de grande utilidade pelo fato de não existir nenhuma outra que seja verdadeiramente exata. O próprio Félix de Azara, um dos viajantes mais merecedores de confiança pelo seu grande talento de observação e sua escrupulosa exatidão no relato das coisas vistas, limitou-se, nesta parte da fronteira espanhola, a seguir os trabalhos realizados pelos engenheiros que o acompanhavam.

Apontarei os erros que todos os geógrafos reproduziram, baseados em um mapa primitivo e mal-elaborado. Observo, contudo, que, não sendo nem engenheiro nem geógrafo, só me foi possível indicar os mais evidentes aos olhos de qualquer viajante de bom senso que queira dar-se ao trabalho de analisar o que vê. Munira-me de uma bússola, cuja declinação fizera determinar em Buenos Aires e depois em Porto Alegre as latitudes e longitudes dos principais lugares indicados no texto da minha viagem e no mapa levantado segundo as notas do meu jornal, foram assinaladas no departamento topográfico de Buenos Aires com relação a todos os pontos do interior; quanto aos pontos situados nas costas do oceano, e do Prata, adotei as que haviam sido levantadas pelas oficiais da gabarra Emulation, em sua interessante viagem de exploração, no ano de 1831. Isto é tudo o que posso dizer em meu favor. Sei, perfeitamente, que essa franqueza não aumentará a confiança que os leitores possam ter

em minhas retificações, e é por esse motivo que faço votos para que os governos brasileiro e oriental se dignem designar um especialista na matéria, que possa dar aos seus países um mapa exato e detalhado dos seus territórios limítrofes. Sentir-me-ia bem recompensado se conseguisse atrair a atenção deles para esse ponto.

Ainda que num pequeno quadro, trato de fazer a descrição física e política dos lugares que visitei.

Saliento, na medida de meus fracos conhecimentos, as vantagens que a nossa indústria manufatureira poderia tirar de um sistema comercial bem compreendido e convenientemente apropriado nos gostos e necessidades desses povos de pastores, agricultores, artesãos e desocupados.

Não me estendi na história daquelas regiões por ser fácil, e talvez mais interessante, consultar os autores já citados.

Quis conservar a forma de um diário na parte referente à minha viagem de exploração ao Uruguai e ao interior da Província do Rio Grande. A razão disso é que eu visitava regiões quase desertas, onde os meios de vida e de transporte são, por isso mesmo, mais difíceis, e onde inúmeros inconvenientes se me apresentavam a cada passo. Senti, contudo, que devia descrevê-los, não pelo prazer de falar de mim, mas pelo fato de, segundo Humboldt, “existirem certos detalhes da vida comum que podem ser úteis na discriminação de um itinerário, especialmente para aqueles que fizerem a mesma viagem depois de nós”.

“Um viajante – disse Chateaubriand – é uma espécie de historiador. Seu dever é contar o que viu ou o que ouviu. Não deve inventar, mas também não deve omitir.” E quanto ao velho provérbio: “Mente melhor quem vem de longe”, já se tornou ridículo à força de ser repetido. O sr. Alcides d’Orbigny faz justiça aos que viajam, nesta sensata reflexão:

“Os viajantes sempre se enganam, é certo, ou podem enganar-se sempre, porque são humanos, mas já não mentem mais. E como teriam coragem de mentir, na presença de um público em geral tão desconfiado como bem informado, de uma crítica sempre alerta e de uma imprensa sempre disposta a revelar suas imposturas?”

Não me será possível completar as descrições físicas sem empregar algumas palavras técnicas; mas podeis ficar tranqüilos que só usarei as que conheço. Lembrai-vos que estaremos num laboratório da natureza e que, ali, tudo é natureza, nada mais que natureza... Os próprios homens são naturais. A civilização é para eles um disfarce que gostam de exhibir, mas do qual se despojam quando estão em família. Tudo será novo em redor de nós: nada de monumentos antigos a exumar, nada de lembranças gloriosas presas a essa terra quase virgem. No máximo, exumaremos um fóssil, e, então, quantas meditações, quanta poesia! Podeis interrogar a este respeito o sr. de Balzac, que faz um tão belo elogio do imortal Cuvier, ao chamá-lo “o poeta por excelência da nossa época”.

Mas por que não aprenderíamos as palavras científicas? Podemos torná-las inteligíveis, já que elas constituem uma língua universal. As ciências naturais têm feito tantos progressos na Europa – sobretudo na França – e têm-se tornado tão generalizadas e populares, que é preciso ler com mais interesse os trabalhos que procuram explicar pontos obscuros e misteriosos que maravilharam durante tanto tempo o comum dos mortais. Além disso, o estudo da natureza é tão admirável que nos conduz facilmente da visão de suas obras ao sentimento da divindade. Graças sejam dadas a Aristóteles, a Plínio, a Buffon, a Cuvier! Colocados como luzeiros no caminho das ciências naturais, para mostrar os seus progressos, esses grandes naturalistas abriram uma nova era à filosofia, obrigando os outros homens a estudar os fatos que eles classificaram.

Graças sejam dadas também a Bernardin de Saint-Pierre, o fascinante autor dos Estudos da Natureza, o hábil pintor de suas sublimes harmonias! Tirando à ciência suas asperezas, ele sabe mostrar-nos como a natureza foi feita para a felicidade do gênero humano, e revela-se, a si mesmo, o verdadeiro poeta da natureza.

Possuidor, como já disse, de alguns conhecimentos gerais de história natural, resolvera aproveitá-los na viagem que empreenderia. Ajudado depois pelos conselhos e pelas luzes de muitos sábios, foi-me possível dar uma idéia dos produtos naturais dessas regiões. Mas, na minha opinião, a vantagem principal dos fracos conhecimentos que me autorizaram a tomar, durante a minha viagem, o título (sem dúvida usurpado) de naturalista, foi a de me pôr em contacto com pessoas instruídas, algumas, mesmo, autoridades na matéria, as quais me forneceram informações exatas.

Divido esta viagem em três partes. A primeira trata do Rio da Prata, de Montevideu e de Buenos Aires; a segunda contém a exploração do Uruguai e do interior da província do Rio Grande até Porto Alegre; a terceira trata de Porto Alegre, dos seus arredores, da Província em geral e, finalmente, dá uma idéia tão exata quanto possível da situação do comércio francês, tanto no Brasil como no Rio da Prata.

Minhas observações podem ser consideradas como uma espécie de apêndice às dos senhores Auguste Saint-Hilaire, no interior do Brasil, e Alcide d'Orbigny, em Entre-Rios e Corrientes, províncias encravadas entre o Paraná e o Uruguai.

Minha gratidão para com as pessoas que me auxiliaram no curso dessas viagens impõe-me o dever de dar, de regresso ao meu país, um testemunho público do meu profundo reconhecimento. Citarei, ainda que com isso possa ferir-lhes a modéstia, os nomes desses homens estimáveis que ficarão sempre gravados em minha memória.

O sr. Aimé Bonpland, botânico famoso e colaborador de Humboldt. Dispensou-me sua hospitalidade, com a bondade paternal que o caracteriza, no meio de lugares desertos em que o seu amor pelas ciências naturais o conservava exilado do mundo culto.

O sr. Faustino Lezica, negociante de Buenos Aires, cidadão que se distingue pelos seus méritos, seus conhecimentos, sua moderação e a amabilidade de suas maneiras bem francesas.

O sr. Fabrício Mossoti, astrônomo e professor de Física experimental em Buenos Aires, homem culto, modesto e desinteressado.

O sr. José Arenales, tenente-coronel de artilharia, engenheiro, encarregado do departamento topográfico de Buenos Aires, autor de muitas obras.

O sr. Cadmio Ferraris, encarregado da conservação do Museu de História Natural de Buenos Aires, um desses verdadeiros filantropos que não perdem ocasião de ser úteis à humanidade.

O sr. Casimir Cauchard, negociante francês em Buenos Aires, antigo aluno da Escola Politécnica.

O sr. Antoine Thedy, negociante em Salto, Uruguai. Ainda que suíço de nascimento, acolhe indistintamente todos os infelizes franceses que o destino leva a essas paragens remotas. O mais belo e justo elogio que lhe posso fazer é dizer que ele ganhou em Salto, pela sua bondade, o título muito honroso de pai dos franceses.

O sr. Joseph Ingres, irmão do célebre pintor negociante francês em São Borja, nas Missões, é um dos franceses como existem poucos na América. Se todos aqueles que se destinam ao comércio nos países estrangeiros tivessem sua retidão, seus conhecimentos e sua atividade infatigável, nossas manufaturas sentiriam em breve os benefícios dessa feliz influência.

O coronel José da Silva, comandante militar da fronteira com as Missões do Uruguai. Brasileiro bom e humano, que acolhe

com a maior amabilidade todos os estrangeiros, particularmente os franceses.

O doutor João Daniel Hillebrand, médico alemão na colônia de São Leopoldo, perto de Porto Alegre. Homem amável e prestativo, que reúne a uma cultura geral um gosto quase apaixonado pela história natural.

O sr. Modesto Franco, negociante brasileiro de Porto Alegre, homem patriota, que emprega a sua fortuna em ajudar os necessitados.

E, enfim, meu distinto amigo, o conde de Zambeccari, filantropo bolonhês, defensor em toda parte das causas justas, mas infelizmente como essas mesmas causas.²

Havre, 1º de julho de 1835.

2 Esse jovem, cheio de conhecimento verdadeiramente úteis, é filho do célebre aeronauta do mesmo nome, senador, bolonhês, contemporâneo dos Pilâtre du Rozier, dos Montgolfier, dos Broschi, e morto, como estes, vítima do seu amor pela ciência dos aeróstatos.

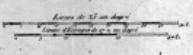
PRIMEIRA PARTE



CARTE DE LA RÉPUBLIQUE
 DE L'URUGUAY
 (BANDA-ORIENTAL)
 ET DE LA PROVINCE DE
 RIO GRANDE-DO-SUL
 OU DE
 SÃO PEDRO
 COMPRENANT LE COURS DE L'URUGUAY
 ET DU RIO DE LA PLATA
 1856

Dessinée par **V. LEVASSIER** Ingénieur
 Sous la direction de **M. BOUÉ LAFITTE**

- à Paris
- à Brno
- à Vienne



.....
Capítulo I

PARTIDA DO HAVRE – TRAVESSIA – CHEGADA AO RIO DA PRATA

N

EM todos os franceses aceitam a opinião de Montesquieu, Rousseau, e do conde de Laborde sobre a utilidade das viagens. Lembrome de que, ao fazer as visitas de despedidas, um diretor de colégio, homem douto e de muita importância, perguntou-me com um ar que traía todo o seu sentimento de superioridade “se os limites da França eram demasiadamente estreitos para um viajante!!!” Não sei o que balbuciei naquele momento, pois sou um homem fácil de se desconcertar, especialmente diante de semelhantes perguntas. Pareceu-me, depois de refletir sobre o assunto, que a solicitude apostólica que devia animar o bom diretor fazia-o temer que eu me deixasse contagiar pelos princípios americanos. Entretanto, esses princípios, essa causa americana, são apenas o resultado de idéias elaboradas na Europa; são nossas teorias postas em prática. Só poderemos, pois, tirar proveito de um exame detido desses governos modelos. Se são bons, por que não os imitar? E se são maus, toca a nós evitar os erros cometidos por seus legisladores. Parece-me que o governo que mais respeitar o direito natural, o direito público e o direito das gentes, deve ser o melhor de todos. Durante muito tempo ouvimos exaltar o da Inglaterra. Acreditava-se que os ingleses eram *livres* porque não se queixavam como nós quando a verdade

é que eles estão longe de gozar o mesmo grau de liberdade que existe na França de hoje. O belo pensamento do imortal Canning: “Liberdade *civil* e *religiosa* dos dois mundos” ainda não foi realizado.¹

No dia 31 de dezembro de 1829, às duas horas da tarde, o brigue francês *Herminie*, sob o comando do capitão Soret, levando a bordo 12 tripulantes e 24 passageiros, pôs-se à vela do Havre para Buenos Aires, batido por um belo vento do nordeste. O tempo nada deixava a desejar e o termômetro Réaumur marcava dez graus abaixo de zero. Eu seguia entre os passageiros.

Rumamos, primeiro, para noroeste, com o nosso navio em boas mãos, e todos em perfeita saúde.

São verdadeiramente estranhas as sensações de um indivíduo que se arrisca a atravessar, pela primeira vez, a vasta extensão dos mares: quantas reflexões sobre um futuro que a mobilidade do elemento indomável torna incerto, instrumento passivo dos ventos caprichosos!... Quantas inquietações nascem, assaltam e oprimem o coração no momento da partida para uma viagem tão longa, tão perigosa! Um belo país abandonado, parentes e amigos que a gente resolve deixar, talvez para sempre... Hábitos tranquilos, doces contactos que se perdem! E uma vida tão calma até então, sem preocupações e sem fadigas que se vai tornar daí por diante uma vida aventureira, cheia de incidentes imprevistos que a tornarão penosa às vezes, e outras vezes tempestuosa! Adeus, então, pátria querida, cidades florescentes, províncias férteis, gente trabalhadora! Adeus, antiga Nêustria, terra favorita da natureza e das artes, solo privilegiado! Tu, de onde saíram outrora reis da Inglaterra, tu que despertas tantas lembranças heróicas e comoventes, pátria dos Corneille, dos Fontenelle, dos Duquesne, dos Bernardin de Saint-Pierre, dos Boieldieu, dos Delavigne e de tantos outros homens famosos!

Foi assim que, com o olhar preso à terra natal que desaparecia sob o véu do horizonte, eu me entreguei mentalmente a lembranças intempestivas. Em um momento de profunda melancolia, senti-me sufocado sob o peso dessas recordações. Curiosidade fatal! – dizia comigo mesmo – por que me obrigas a deixar o solo pátrio, a romper os laços que me prendem

1 V. nota B, pág. 286.

a ele? Infelizmente, meus pressentimentos não eram infundados. Depois de uma ausência de cinco anos, só encontrei túmulos no lugar em que as ilusões da mocidade tinham enchido o meu coração de alegrias puras e inocentes.

Entretanto, retemperando minha coragem abatida na esperança de um futuro melhor, animado sobretudo pela idéia de encontrar no estudo da natureza as mais agradáveis distrações, fiz um esforço sobre mim mesmo e procurei afugentar as apreensões que só poderiam entristecer-me. A serenidade da atmosfera, a mansidão do mar e a perspectiva de uma viagem tranqüila, conseguiram acalmar o meu espírito.

Tive também a sorte de não enjoar; desde a manhã seguinte me senti marinheiro velho. Não passou o mesmo com todos os companheiros de viagem; muitos pagaram, durante algum tempo, um tributo *oneroso* aos habitantes do mar.

Não sei se os médicos já conseguiram encontrar a causa do enjôo de mar. Esta doença, aliás pouco perigosa, aniquila totalmente as faculdades físicas e morais. Se o coração fosse a parte afetada, como geralmente se pensa, suas funções diminuiriam de vigor e resultariam disso o abatimento, a agonia, o desgosto que a gente sente. Não seria mais simples pensar que o balanço continuado do navio produz um movimento idêntico nos intestinos e nos pulmões, que, perturbando momentaneamente o sistema circulatório, seja a causa dos vômitos? O que me autoriza a pensar assim é o fato de esses vômitos cessarem completamente quando se põe o pé em terra firme.

Quaisquer que sejam as causas do enjôo de mar, seus efeitos são realmente temíveis e o pior de tudo é que os comandantes de navios não têm meios de minorar o sofrimento dos doentes. Não se pode chamar um alívio o péssimo chá feito às pressas, adoçado com açúcar mascavo e distribuído pelos grumetes em vasos ainda molhados de água salgada em que foram enxaguados. Uma tal beberagem não consegue aliviar o coração. Foi por isso que nem a provei, apesar da necessidade que sentia de tomar alguma coisa.

Justamente porque os médicos ainda não se ocuparam do enjôo de mar, não se conhece nenhum medicamento capaz de trazer-lhe um pronto alívio. Os ácidos, os frutos sumarentos e adstringentes são ainda a melhor coisa que se pode usar para isso. Mas nem todos os estômagos os suportam; e, na hora do sofrimento, a gente cai numa tal prostração que

não tem mais idéias, não pede coisa alguma, não pensa em alívio para o seu mal. Os oficiais de bordo, que sabem por experiência em que estado se sente o enfermo, são quase sempre homens de pouco trato social, que não se importam com o bem-estar dos passageiros. Se este, no entanto, é uma pessoa de *consideração*, isto é, tem bastante dinheiro na carteira, merecerá um certo interesse da parte do capitão, que, no mínimo, lhe fará servir uma taça do famoso chá. Falo aqui de um modo geral, pois existem muitas exceções. O tratamento dos passageiros melhorou bastante depois que os comandantes já não se consideram *senhores depois de Deus* a bordo de seus navios, e eu mesmo, como meus companheiros de viagem, só temos palavras de elogio para com os oficiais do *Herminie*.

Já disse que éramos vinte e quatro passageiros. Contavam-se neste número algumas mulheres e crianças, o que (sem pretender ferir ninguém) não é das coisas mais agradáveis em semelhantes viagens. Enfim, é preciso aceitar o que não se pode impedir, diz o provérbio, e é sobretudo no mar que a gente pode apreciar o valor deste velho adágio. Os passageiros dividiam-se em duas classes: os de camarote e os de proa. Éramos treze nos camarotes, inclusive três crianças e duas mulheres a quem a polidez nos obrigava a dar o tratamento de *senhoras*.

Nosso embarque tinha sido precipitado, o que provocou certa confusão no momento da partida; cada um se ocupava de suas bagagens e pouco se importava com os companheiros de viagem. De minha parte, logo que senti os primeiros sintomas do enjôo de mar, preparei a minha cama e deitei-me, até a hora do jantar, que foi rápido e pouco concorrido. Somente na manhã seguinte, começamos a observar-nos mutuamente e a ter as primeiras impressões daquela massa heterogênea de indivíduos. Fiquei agradavelmente surpreendido de encontrar-me numa boa companhia masculina e de sentir que poderia esperar uma travessia das mais interessantes. Com efeito, durante toda a viagem, não tivemos motivo de nos queixar uns dos outros; a maior harmonia sempre reinou em nosso meio, ainda que a companhia se compusesse de três hispano-americanos, dois hamburgueses, um prussiano e dois franceses, sem contar o comandante e o imediato. Realmente, essas pessoas, já bastante viajadas, conheciam suficientemente o mundo e sabiam por experiência que a boa ordem é sempre necessária a bordo de um navio.

A vida de um passageiro é bem monótona; especialmente para aqueles que, insensíveis ao espetáculo maravilhoso da natureza, têm o espírito preocupado com seus projetos de futuro. Estes só têm uma idéia fixa: a de chegar rapidamente a seu destino; por isso se aborrecem, sentem o peso da ociosidade e tornam-se desagradáveis para si mesmos e para os outros. Felizmente, não tivemos desses casos, e a nossa viagem foi verdadeiramente de recreio. Todas as noites formávamos grupos de quatro para jogar *whist*. Às vezes, antes de começar a partida, especialmente quando a escuridão era maior, nos divertíamos admirando o belo efeito de luz dessa quantidade inumerável de animáculos fosforescentes que pululam na superfície do mar e que o rastro do navio fazia brilhar de mil maneiras em redor de nós.

Foi entre os trópicos que gozamos o mais lindo espetáculo desse gênero; junto às ilhas do Cabo Verde, o oceano parecia de fogo. As ondas leves, levantadas por uma viração dos ventos alísios, entrechocavam-se e faziam nascer, subitamente, grandes feixes luminosos que, estendendo-se logo sobre a massa escura e móvel, formavam uma longa toalha branca recamada de rubis e diamantes. As velas nos mastros iluminavam-se. Não me cansava de admirar esses efeitos surpreendentes que a mobilidade do elemento líquido produzia. O horizonte parecia uma cidade imensa, completamente iluminada. Dir-se-ia que as divindades marinhas, habitantes daquela cidade maravilhosa, celebravam nossa passagem com aquele espetáculo desconhecido aos homens de terra firme. Fui levado a crer que essas divindades nos eram favoráveis e que devíamos a elas a nossa feliz travessia.

Outras vezes, nos entregávamos a exercícios ginásticos e jogos de destreza, sob as vistas do imediato, desejoso de nos fazer passar o tempo agradavelmente. Mas logo nossa atenção era atraída para um belo crepúsculo, para uma dessas disposições de nuvens que nos despertam a imaginação a tal ponto que, por uma ilusão de ótica, julgamos estar à vista de terra, ver casas, montanhas, vales, florestas, rebanhos sobre o dorso das colinas e habitantes cujas formas gigantescas nos rebaixam à dimensão de *liliputianos*.

Que espetáculo digno das profundas meditações do poeta e do filósofo, a vista desses vapores condensados, erguidos misteriosamente, transportados por magia ao centro dos continentes para alimentar as nascentes de rios e de regatos que, depois de haverem regado, embelezado e fecundado as terras por onde correm, voltam lentamente ao ponto de

partida para serem de novo vaporizados. Não estará aí a verdadeira fênix, que renasce continuamente? Que mecanismo engenhoso! Os vapores se elevam, o sol brilha e o mundo se vivifica! A aridez desaparece, os habitantes pululam sobre a Terra, multidão de seres que não se compreendem. Meu Deus, como me sinto humilde! Escondo-me no pó de que saí e no nada que represento!

Mas há sempre novas atrações. Vede esse bando de cetáceos, desfilando como um regimento de cavalaria ou caracolando, durante uma hora de bombordo a estibordo? São os *golfinhos*. E esse lindo peixe que transparece na água profunda, cujas cores são tão vivas e brilhantes? É o *dourado*. E essas espécies de grandes borboletas marinhas que voam em enxame, tão tontamente que vêm cair a bordo? São os *peixes-voadores*. Os infelizes sentem-se sempre perseguidos, porque têm inimigos nas águas e no ar. Esse bando que foge é caçado pelos *bonitos*, peixe voraz que não lhes dá quartel. E eis aqui a negra *fragata*, de longa envergadura, que cai sobre eles procurando apanhá-los. Mas olhai esse peixe gigantesco, que avança majestosamente junto do nosso leme. Qual é ele? É o *tubarão*, o tigre do mar, o terror dos marinheiros. Esses dois peixinhos anelados de negro, azul e vermelho, que o acompanham, o seguem, o precedem, o acariciam, são os *pilotos*.

Nessa multidão de objetos que atraíam nossa atenção, é inútil dizer que, se o vigia assinalava um navio ou uma *terra*, a sensação se avivava sempre mais; nossa atenção concentrada no óculo de alcance nos deixava presos durante horas ao ponto de observação. Parecia, em verdade, que transformados em habitantes do oceano, tínhamos perdido a lembrança dos outros homens, de tal modo nossa curiosidade se excitava à vista de um navio velejando na nossa direção. Por mim, no meu entusiasmo, na minha admiração passiva das obras do criador, esquecido da injustiça, do egoísmo, da ambição desses mesmos homens, não pensava senão na perfeição dessa *imagem* da Divindade, que possuí, juntamente com os vícios, as *virtudes* que fazem a sua *nobreza*, a coragem que faz a sua força e um espírito sublime que nos infunde respeito!... E inclinava-me involuntariamente, menos para render homenagem à criatura, do que para testemunhar minha admiração e minha profunda submissão ao soberano autor de tantos atributos que nos elevam acima dos animais...

Depois minha fronte entristecida se curvava e eu ficava cismando... e mentalmente irritava-me comigo mesmo e contra toda a minha espécie! Não será, afinal, por um excesso de orgulho que ousamos intitular-nos a *imagem* da Divindade?! Terá essa Divindade uma forma que a pobreza da nossa imaginação possa compreender?... Se um punhado de seres humanos da raça *branca* ou *caucásica* tem a audácia de se crer dotado tão favoravelmente, à imagem de quem terão sido criadas as raças africanas, mongólicas, hiperbóreas, americanas e outras? A quem se assemelharão os negros da Guiné, o hotentote, o cafre da África austral, o samoiedo e o canchadal da Sibéria, o esquimó, o lapão das regiões boreais, o caraíba do Orenoco, o botocudo do Brasil, o patagão das terras de Magalhães, e essa quantidade de outras nações *ainda existentes*, tão diferentes em suas fisionomias como em seus costumes e seus idiomas? Recusais a eles, por acaso, a herança comum? Não os considerais vossos irmãos?... Entretanto eles têm o *mesmo* pai e o próprio Deus os criou. Tereis a coragem de negar? Não será demais essa *aristocracia da pele* ajuntada a tantas outras aristocracias, sem falar ainda na do crânio?²

Contudo, essa bela cabeça, essa delicadeza de traços, essa brancura de pele, esse tato delicado, essa alta inteligência que parece aproximar-vos da inteligência das *esferas*, tudo isso é obra da *educação*, da *civilização*; dessa educação que começa ao sair do seio materno e que termina no túmulo. É a educação da vida inteira, de uma longa seqüência de séculos, que vos fez o que sois; e, se duvidais disso, tentai uma experiência, mas preparai-vos para vos envergonhar do seu resultado.

Tomai um recém-nascido, confiai-o ao selvagem mais degradado na escala das raças humanas; deixai-o sofrer as impressões do clima, do solo, da alimentação, de tudo que o cerca; depois, interrogai-o, quando julgardes que sua razão já está desenvolvida... Ele não terá a mínima idéia dessa divindade,³ de que vos considerais a imagem; não achará gosto em nenhum

2 Crânios muito comprimidos, de queixadas salientes, foram encontrados recentemente nos túmulos do Alto Peru. São, segundo se pensa, restos de povos anteriores à civilização dos Incas e aos quais atribuem-se esses monumentos gigantescos, que têm tantos pontos de contacto com os do antigo Egito e os da Ásia central.

3 Não ignoro que, mais tarde, vivendo em sociedade, ele sentirá a necessidade de adorar um *ser supremo*, mas este ser estará em relação com o desenvolvimento de sua razão.

dos prazeres de que sois tão ávidos; não compreenderá vossas necessidades. Se o transplantardes às vossas cidades populosas, o barulho o aturdirá; vê-lo-eis suspirar pela terra selvagem em que foi criado, pelo companheiro de infância e de brinquedos, e morrerá de tédio no meio de vossas festas suntuosas.

Prolongai a experiência: se a constituição do vosso europeu que se tornou selvagem permitiu às suas *faculdades físicas* desenvolverem-se sob a influência das *faculdades morais*, sua fisionomia em breve se transformará, seus traços perderão a delicadeza, sua pele endurecerá, seus cabelos ficarão espessos, seu tato se embotará, seu crânio se modificará e, depois de duas ou três gerações, procurareis em vão vestígios do homem civilizado, com uma alma feita à imagem de Deus.

Milagre, milagre! Fui bruscamente arrancado das minhas reflexões filosóficas, pelas exclamações de tripulantes e passageiros. Haviam pescado um *tubarão* e, para grande surpresa dos espectadores, encontrado um *livro impresso* nos seus intestinos! Como não admitir, depois disso, que Jonas tenha passado três dias e três noites no ventre de uma baleia?... Mas o que aumentou ainda mais o assombro dos passageiros foi que, depois de terem aberto o corpo do tubarão da cabeça até a cauda, depois de lhe haverem arrancado os intestinos, deixado apenas a carne e os ossos e lançado o corpo mutilado ao mar, ele recomeçou a nadar com a mesma força e com a mesma calma, como se tivesse sofrido um simples arranhão! Quanto ao livro encontrado no seu ventre, soube-se depois que o imediato o havia deixado cair ao mar poucas horas antes. Confessai, entretanto, que seria bem possível transformar-se aquilo tudo num bom milagre! Um pouco de astúcia da parte do imediato, muita credulidade e fé, sobretudo da nossa parte, um pouco de tolerância da parte dos sábios, e o milagre seria perfeitamente autenticado. Vinte e quatro passageiros e doze tripulantes seriam as testemunhas oculares; e, se fosse possível, eu, o matador de pássaros, teria sido o *naturalista*, o *físico* que atestaria, verificaria a autenticidade do fato.

Agora, um passatempo de outro gênero: o *batismo da Linha!* Cristão ou não, é preciso que a gente se submeta de boa vontade ao jugo respeitável do *Senhor da Linha*, imperador das duas zonas tórridas, e que pague alegremente o tributo que ele costuma impor desde que Vasco da

Gama e Cristóvão Colombo tiveram a idéia de passar sobre seus domínios aquáticos.

Estávamos a 30 de janeiro. Alguns passageiros de proa tinham ouvido dos marinheiros que íamos chegando à Linha. Sua curiosidade, excitada por essa notícia, punha-os em um estado de grande agitação. Para acalmá-los, julgou-se prudente trazer um telescópio e mostrar-lhes a *Linha*. Nesse mesmo dia, no momento em que o sol desaparecia de nosso horizonte náutico, o trovão e os relâmpagos, representados por uma pistola de dois canos e por um granizo de ervilhas que caía no castelo de proa, anunciaram aos profanos, tocados de medo e de admiração, a chegada de um mensageiro do soberano senhor dos mares tépidos. Com efeito, não tardou muito e vimos chegar, montado num mamífero quadrúpede, que ainda não figura na classificação zoológica de Cuvier, um anjo disfarçado de postilhão, o qual entregou ao nosso comandante (que a recebeu de cara séria) a seguinte mensagem:

“Zonas Tórridas – Grande Linha

{ 30 de Minaoné
{ 1830 Malhos

“Eu, grande imperador de todos os reinos das duas Zonas Tórridas, faço saber que, não havendo o vosso navio e muitos de seus passageiros passado ainda pelos meus estados, ordeno que vos apronteis para a cerimônia do santo batismo, que se realizará amanhã.

“Faço saber, além disso, que se alguns dos passageiros se recusarem a comparecer diante da minha onipotência, sofrerão o castigo imposto aos que se revoltam contra mim.

“Eu vos saúdo assim como vossos oficiais, passageiros e passageiras.

“Cavaleiro da Talingadura

“Senhor da Linha.”

Depois de ler, em voz alta e clara, esta ordem emanada do senhor todo-poderoso das regiões aquáticas, o comandante assegurou ao mensageiro sua completa submissão e depois de sondar as disposições dos profanos disse-lhe que todos esperariam no maior recolhimento o instante em que

aprouvesse ao grande monarca manifestar-se diante de seus olhos. O embaixador montou no seu corcel e desapareceu subitamente.

No dia seguinte, desde muito cedo, houve um movimento geral a bordo: as abluções, as purificações puseram os adeptos em estado de receber a corte aquática. Às dez horas, mais ou menos, ela chegou. Encontrá-vamos-nos a 0.31 de latitude sul e não sei quanto de longitude ocidental. O mar estava calmo, o tempo coberto e nevoento. O cortejo avançou da parte dianteira para a traseira, pelo lado de estibordo, na seguinte disposição: à frente um gendarme (indispensável para a boa ordem, em todos os tempos e lugares); depois Netuno, armado de seu tridente e seguido dos sacerdotes e, enfim, o Senhor da Linha e sua esposa, vestidos muito simplesmente e com um ar demasiadamente bonachão para personagens tão poderosos. O *pontífice* tinha um aspecto mais imponente que os dois soberanos; entretanto, o Senhor da Linha poderia aniquilá-lo com um simples piparote.

Netuno tomou o leme e governou a embarcação durante a cerimônia. O Senhor da Linha, sem dúvida, tinha achado prudente essa medida.

Depois de abençoar todos aqueles que se encontravam à sua passagem, o *pontífice* dirigiu-se para um altar armado perto da proa. Uma *piscina*, de grande tamanho, estava colocada junto do altar e o *pontífice* tinha nas mãos uma *pátana* de madeira enquanto um adepto segurava o prato destinado a receber as espórtulas. O Senhor da Linha e a esposa sentaram-se ao lado da cena.

Um gendarme trouxe os neófitos, um por um, até o misterioso santuário. Sentaram-se todos sobre a *piscina* e, antes de beijar a *pátana*, pronunciaram o seguinte juramento:

“Juro que nunca atentarei contra a vida ou a honra de um marinheiro, e que nunca cobiçarei sua mulher ou os seus bens.”

Em seguida, fizeram o neófito levantar o braço, derramar-lhe um pouco de água dentro da manga e depois de beijar a *pátana* e fazer seu donativo, o homem *estava iniciado*.

Mas, se o pontífice não fica satisfeito com o donativo basta um sinal para mergulhar o neoconvertido na piscina, onde ele se debate à vontade, enquanto os honestos gendarmes derramam-lhe um balde d'água na cabeça. E quando um neófito, menos fervoroso ou mais recalcitrante, recusa seu pequeno óbulo, deve preparar-se para sofrer as mais terríveis provas!

Posso garantir-vos que as que eram usadas no Egito, nas iniciações de Ísis e de Osíris, não eram nada comparadas com estas: o único meio de suavizar o rigor e a inflexibilidade dos padres do trópico, é pagar de boa vontade e fazer-lhes a mais humilde das reverências.

Quando todos estavam iniciados e não havia mais profanos, resolvemos tirar a máscara. Houve, então, uma confusão, um barulho, uma bacanal terríveis. Cada um se apoderou de um balde, de uma tigela, de um pote, do que estava mais à mão e, enfiando o braço nas tinas cheias d'água, molhamo-nos até não poder mais. Não havia mais autoridade a bordo, o capitão tinha sido molhado pelo grumete, o Senhor da Linha pelos gendarmes, Netuno pelo pontífice, enfim, um verdadeiro caos! Este cruel combate digno da era de ceticismo em que vivemos me custou a aplicação de *vinte mil sanguessugas*, que morreram em consequência da aspersão.

Depois desse trópico carnaval até a aproximação da terra nada de interessante se passou. Pescamos vários tubarões. Distraí-me em dissecar a cabeça e a coluna vertebral de um exemplar bem grande. Dissequei também alguns peixes-voadores que caíram a bordo. Mas, coisa surpreendente, não vimos uma única *procelária*, pássaro palmípede do gênero *petrel*, encontrado ordinariamente além do trópico do Capricórnio.

Enfim, no dia 27 de fevereiro, às oito horas da noite, encontrando-nos a 34° 51' sul, vimos que o mar, agitado de ondas, estava *mudado*. Sondamo-lo e encontramos 50 braças, fundo de areia negra; estávamos mais ou menos a 40 léguas de terra.

À uma hora da manhã sondamos de novo, e encontramos 24 braças, fundo de rocha. Estávamos nas águas do Prata!

.....

Capítulo II

O RIO DA PRATA



QUANTOS homens, de todos os países, deixaram-se arrastar por este nome pomposo de *rio da Prata*! Quantos seduzidos por ele, pensaram ingenuamente que bastava abaixar-se para apanhar um bocado de prata já amoedada! Contam, a propósito disso, que um estrangeiro, no momento de desembarcar nessas paragens, encontrou, por acaso, a seus pés uma *onça de ouro* (quádruplo) e afastou-a, meio zangado, com o pé, dizendo que teria tempo suficiente para apanhá-la. O pobre-diabo, depois disso, suou água e sangue para ganhar o valor daquela moeda.

Esse nome enganador de *Prata* foi dado ao rio que visitamos, em conseqüência de um equívoco, pois jamais alguém conseguiu encontrar uma parcela de prata ou de ouro nesse rio ou em seus afluentes. Dir-se-ia que os primeiros conquistadores, para consolarem-se de seu desapontamento, quiseram enganar, por sua vez, os aventureiros que viessem depois.

Geografia – A *serra das Vertentes* que forma sob diversos nomes locais a cadeia ocidental do sistema brasileiro, e as *serras de Cochabamba* e de *Santa Cruz*, que são um prolongamento da cordilheira oriental do sistema peruano, constituem o verdadeiro *divortia aquarum* da América do Sul, separando a imensa bacia do *Marañon* ou Amazonas da do *Prata*, que são os dois maiores rios conhecidos.

Assim, o Prata só tem um rival no globo: o Amazonas, que o supera quanto ao volume de águas e extensão de seu curso, mas não em largura. Esses dois rios têm o mesmo berço; ambos são filhos dignos da gigantesca cordilheira dos Andes e das altas montanhas do Brasil; ambos são o receptáculo desses inumeráveis rios que correm em vários sentidos, entre o Peru, a Bolívia e o Brasil.¹

O rio *Paraná*, que, a 27° de latitude, se enriquece com as águas do *Paraguai* e recebe uma infinidade de rios e de regatos, durante seu longo curso, e o *Uruguai*, que na mesma latitude desce do oriente, aumentando também o volume de suas águas, formam uma maravilhosa ramificação de canais navegáveis, reunindo-se em um só corpo sob o nome de *rio da Prata*. Depois de reunida, essa grande massa de água estende-se majestosamente até o mar, e tem mais a aparência de um golfo profundo que de um rio, já que, entre os cabos de Santa Maria e Santo Antônio, sua largura é de quarenta léguas marinhas, enquanto seu ponto mais estreito, a setenta léguas da embocadura, quase diante de Buenos Aires, é ainda de dez léguas! Os cabos de Santa Maria e Santo Antônio são os limites norte e sul que os geógrafos dão ao rio da Prata, porque até lá não se sente a influência da maré e não se nota nenhum dos outros característicos que pertencem ao mar; mas os pilotos práticos dão por limites ao rio as pontas de Santa Lúcia e de *Las Piedras*, um pouco antes de Montevidéu, porque, depois desses dois pontos, as águas deixam de ser potáveis e os perigos da viagem começam.

Hidrografia – A extensão que dá ao rio da Prata uma tal magnificência é contrabalançada pela sua pouca profundidade, o que causa freqüentes embaraços às embarcações que procuram subi-lo sem pilotos. Há apenas dois canais suscetíveis de receber os navios de calado superior a oito pés de água: um que segue a costa do norte e outro a do sul. Além de um itinerário, feito e distribuído aos capitães pelo governo de Buenos Aires, formou-se nos últimos anos uma sociedade de práticos de pilotagem em Buenos Aires e Montevidéu, com o fim de auxiliar os navegantes,

1 Faço abstração dos grandes rios que descem ao norte, do Baixo Peru, da Colômbia e das Guianas, por pertencerem a outros sistemas de montanhas que nada têm de comum com o *Prata*.

desde os cabos de Santa Maria e Santo Antônio até a enseada de Buenos Aires, incluindo os pontos intermediários.

Quanto às precauções a tomar para o acesso do Prata e também para a navegação completa do rio, devemos agradecer aos oficiais da gabarra *Emulation*, que exploraram essas costas, com um cuidado todo especial, durante os anos de 1831 e 1832, e delas levantaram excelentes mapas.²

História – Cristóvão Colombo, gênio obscuro, que se adiantou ao seu século no conhecimento da astronomia e da navegação, tinha descoberto o Novo Mundo;³ Fernando Cortés, conquistado o México; Pizarro não tinha ainda tornado o nome espanhol odioso e execrável aos americanos, pelas crueldades inauditas que praticou, em nome do Evangelho, durante a conquista do Peru, e Álvares Cabral, capitão português, favorecido por um feliz acaso, já tinha descoberto⁴ o Brasil, a mais bela região da América, quando Juan Diaz de Solis, piloto castelhano, descobriu, no ano de 1515, um rio imenso chamado Paranaguaçu⁵ pelos aborígenes. Depois de certificar-se de que não era um golfo, trocou o nome guarani pelo seu e chamou-o *rio de Solis*.⁶

Havendo esse infeliz navegador descido à terra, perto do lugar onde foi fundado Maldonado, sobre a margem esquerda do rio, foi atraído para o interior e massacrado com seus companheiros pelos indomáveis *charruas*, tribo de caçadores ciosos de sua independência.

O irmão de Solis, que ficara a bordo com o resto dos tripulantes, ficou de tal maneira amedrontado e abatido que regressou à Espanha, desistindo de seguir adiante. Passaram-se onze anos antes que alguém ousasse tentar novas descobertas naquele ponto da América. Mas o acaso levou de novo os espanhóis em 1526.

2 Vide, para as observações náuticas, a nota C, no fim do volume, pág. 287.

3 Chegando, na noite de 11 de outubro de 1492, a uma das ilhas Lucaias, chamada por ele *San Salvador*.

4 No ano de 1500. Navegava para as Índias Orientais pelo cabo de Boa Esperança. A tempestade e as correntes levaram-no à costa do Brasil.

5 Vide a nota D, para a etimologia deste nome, pág. 290.

6 Já havia estado ali em 1508, mas não estava certo de que fosse um rio.

O veneziano Sebastião Cabot,⁷ que, em 1496, havia descoberto a Terra Nova para a Inglaterra, vendo os ingleses muito ocupados em suas questões domésticas para pensarem em formar colônias no Novo Mundo, ofereceu seus préstimos à Espanha, onde sua reputação fez com que fosse escolhido para uma brilhante expedição. O *Vitória*, esse barco famoso por ter feito, pela primeira vez, a volta do mundo, e o único da esquadra de Magalhães que voltou à Europa, tinha trazido das Índias Orientais muitas especiarias. O lucro tirado de sua venda decidiu a realização de uma nova empresa, que foi confiada a Cabot. Seguindo a rota observada na primeira viagem, o navegador chegou à ilha de Santa Catarina e, depois, ao pequeno porto dos *Patos*, na costa do Brasil, a 27º de latitude austral. Ali, se reuniu a ele Diego García, que tinha partido da Coruña, mandado também pela corte espanhola para fazer novas descobertas. Encontrou no mesmo ponto dois outros espanhóis desertores da pequena frota comandada por Solis. Nas imediações, encontrou ainda mais quinze marinheiros que haviam desertado da armada do capitão dom Rodrigo de Acuña, destinada às Índias Orientais. Todos esses desertores informaram Cabot de que havia grandes riquezas em ouro e prata no rio de Solis, e por isso ele resolveu percorrê-lo. Encontrou, porém, tanta resistência de parte dos companheiros, que foi obrigado a abandonar na ilha de Santa Catarina os seus principais opositores. Partiu, enfim, depois de ter feito construir uma galeota, entrou no Prata e ancorou em frente ao lugar onde foi, depois, fundada Buenos Aires. Era na embocadura de um riacho que denominou *San Lázaro* e que tem hoje o nome de *San Juan*. Causou-lhe muita surpresa encontrar ali um dos companheiros de Solis, o único que escapara ao massacre.

Cabot deixou nesse pequeno porto os seus dois navios maiores, com trinta homens e doze soldados para defenderem sua carga, que ficou depositada em um barco cercado de paliçadas. Partiu, então, com a galeota e uma caravela, com o fim de continuar sua exploração, dando ordem aos que ficavam de procurar nas imediações um porto melhor.

7 Os espanhóis mudaram-lhe o nome para Caboto e Gaboto. Não é o único exemplo de alteração dos nomes de navegadores e exploradores. Cristóvão Colombo é chamado pelos espanhóis Cristóbal Colón. Creio, entretanto, que, em relação a este último, fomos nós que alteramos.

Seguiu o curso do *Paraná* até 27°27'20" de latitude e 59 de longitude, detendo-se freqüentemente para fazer aliados entre os *mbeguas*, *caracaras* e *timbus*, e algumas outras tribos, todas da nação guarani. Esses índios traziam nas orelhas pequenas lâminas de ouro e prata, que os espanhóis trocaram por algumas ninharias.

Depois disto, Cabot peneirou no rio Paraguai, à procura de certos índios, de quem os outros compraram as lâminas de ouro e prata. Quando chegou à confluência do *rio Bermejo*, mandou à frente um bergantim (que fizera construir recentemente), com uma tripulação de trinta homens. Estes encontraram alguns índios *agaces*, que persuadiram os espanhóis de que efetivamente possuíam muito ouro e prata em suas casas, e que os trocariam, de boa vontade, por outras coisas. Os espanhóis, em número de quinze, se deixaram convencer e seguiram os *agaces*, que os tomaram de surpresa e os massacraram completamente.

Este fracasso e a notícia de que alguns navios haviam entrado no *rio de Solis* obrigaram Cabot a retroceder. Encontrou-se logo com Diego Garcia, que ele deixara no porto de *Patos*, o qual, subindo o Paraná, pretendia ter os mesmos direitos à conquista. Tiveram algumas altercações mas, afinal, convieram em descer novamente ao forte *del Espiritu Santo*, levantado por Cabot, e de construir ali algumas embarcações leves, a fim de continuar a descoberta.

A resistência, porém, que opunham os naturais do país (já tinham massacrado a maior parte dos espanhóis deixados à margem de *San Lazaro*), convenceu Cabot de que, para estabelecer-se solidamente, necessitava recursos superiores àqueles de que dispunha. Assim, em 1530, tomou o caminho da Espanha para ir solicitá-los, tendo o cuidado de munir-se de pequenas lâminas de ouro e prata que trocara com os guaranis e que destinava a *render preito a Sua Majestade*.

Eis o motivo por que deram, então, àquela região o nome de *Rio da Prata*.⁸

Foi assim que tiraram ao infeliz Solis a glória da descoberta, substituindo seu nome por outro enganador e impróprio. Só um

8 Vide Raynal e Azara.

pequeno curso de água, em cujas margens se deu o massacre, chama-se hoje *arroyo de Solis!*

As margens do Prata são pouco elevadas. São terrenos terciários que, na classificação geológica, pertencem aos períodos aluvial⁹ e diluvial, principalmente a parte sul, ou província de Buenos Aires, que não apresenta mais do que uma imensa planície baixa e unida, composta unicamente de limo, areia e argila, recobrando um tufo calcário até as fronteiras da Patagônia.

Os terrenos da Banda Oriental, assim como os do Rio Grande do Sul, parece serem um solo primitivo, modificado por períodos diferentes, como se poderá ver no curso de minhas observações.

Nada mais triste à vista do que essas margens arenosas, despojadas de árvores e de verdura, e que não oferecem mais que um imenso horizonte, sem acidentes de terreno onde se possa repousar o olhar fatigado de só ver areias e erva árida, queimada pelo sol durante quatro meses.

Uma impressão de tristeza dominou-me, quando descobri essas paragens tão tristes, que imaginava enfeitadas por todos os encantos de uma natureza risonha e fértil! Tive vontade de voltar logo, de tal maneira me senti desenganado.

Há poucos estrangeiros, franceses e italianos, sobretudo, que, ao chegar pela primeira vez a Buenos Aires, sem informações certas sobre o país, não tenham deplorado a louca fantasia que os fez escolher uma região tão selvagem, de preferência a outras em que a natureza ostenta um luxo maravilhoso. É somente aos poucos, e depois de haver penetrado para o interior, que a gente se familiariza com esses campos incultos e esses desertos sem fim chamados *Pampas*.

9 Por período aluvial, refiro-me aos aluviões que se formaram imediata e sucessivamente depois dos cataclismas do período diluviano. Recomendo às pessoas que não tenham noções de geologia, a leitura das *Cartas sobre as revoluções do Globo*.

.....

Capítulo III

MONTEVIDÉU

N

A NOITE de 28 de fevereiro ancoramos em Montevideu. Uma fragata francesa achava-se à distância de um tiro de canhão do nosso navio: mas a escuridão era tão grande que apenas se distinguia a luz do seu farol, que nos foi mais útil que o do *Cerro*.

Estava impaciente por ver nascer o dia e poder analisar esse solo americano, respirar o ar puro de um céu azul, sentir as emanações elétricas dessa terra independente, ver, enfim, levantar-se o sol da liberdade sobre essas margens hospitaleiras!

Coisa estranha! Na manhã seguinte já não me sentia tão apressado... Meu entusiasmo se abrandara... Não era eu francês? Parece-me, aliás, que a vegetação vigorosa e abundante das zonas *cálidas* torna Morfeu muito pródigo; pelo menos, tive a impressão de que, desejando cumular-me de gentilezas, espalhou profusamente suas papoulas em redor do meu leito. Não guardo ressentimento disso, pois ao subir ao tombadilho para refrescar as idéias, me vi cercado de gaivotas, tesouras, andorinhas-do-mar e outros palmípedes barulhentos, reunidos em volta do navio numa tal quantidade que

me ensurdeciam com seus gritos roucos. Só depois de ter dado uma dúzia de tiros de fuzil e abatido algumas gaivotas, em torno das quais as outras se ajuntaram, pude, enfim, sentir-me dono de mim mesmo e observar livremente.

Descobri, então, sobre a ponta ocidental de uma colina, que se abaixa numa língua de terra um pouco prolongada, a pequena cidade de Montevidéu que forma com seus *pastéis de casas* brancas (segundo a original expressão de um célebre viajante), suas fortificações em ziguezague, seus belvederes, suas duas torres de azulejo e seu trapiche de madeira, uma elipse inclinada, que a disposição do terreno torna perfeita.

Diante da cidade, a oeste e bem na margem do rio, o *Cerro*. É um monte de forma cônica, levemente oprimido na base, que se eleva a cento e cinqüenta metros acima do nível do mar e deixa ver no seu cume uma fortaleza encimada por uma lanterna.¹

Ao centro, entre a cidade e o *Cerro*, abre-se uma baía de forma oval, que avança duas léguas dentro da terra e ao fundo da qual se vêem, além de muitas ilhotas, dunas de areia e algumas habitações esparsas.

Nada indicava que estivéssemos num rio, mesmo a trinta léguas da sua embocadura. A enseada, inteiramente aberta, oferecia-nos apenas a imagem do mar, às vezes muito agitado nesse ponto.

Segundo a estação em que se chega, o aspecto de Montevidéu é alegre ou triste. Infelizmente, chegava no fim do verão, quando o sol, depois de ter brilhado perpendicularmente, queimara a vegetação, dando um caráter severo e agreste a esses lugares privados de árvores e de sombra. O *Cerro*, coberto de uma grama espessa, tomara uma tonalidade acinzentada que entristecia a cidade. As planícies unidas que ele domina estavam ressequidas, e ofereciam aos rebanhos emagrecidos, espalhados aqui e ali, apenas um pasto sem substância. Só os jardins, enfeitados de plantas estrangeiras, deixavam ver uma natureza menos apagada, tintas menos sombrias; alguns pessegueiros, alguns álamos reunidos ao *umbu-indígena*² descansavam minha vista já fatigada, entristecida, saudosa do belo solo acidentado da rica

1 Foi o *Cerro* que fez mudar o nome de *San Felipe*, que tinha antes a cidade, pelo de *Montevidéu*, cuja etimologia é a seguinte: *Monte*, monte ou montanha; *vi*, vi; *deo*, abreviação de *de lejos*, de longe.

2 Espécie de *ficus* que caracteriza essas planícies (*D'Orb.*).

Normandia. Que contraste para mim! Em lugar de vergéis bem cultivados, dessas bonitas granjas cercadas de uma fileira quántupla de faias, olmos ou carvalhos, desses alqueires cobertos de prados artificiais ou de searas douradas tinha diante de mim uma terra árida, quase sem cultura, e um solo uniforme. Durante o outono, o inverno e o começo da primavera, quando as chuvas abundantes devolvem a frescura e a vida a essas planícies, formando uma infinidade de riachos que as regam, o país muda de aspecto. Transforma-se em imensos prados verdejantes onde os alegres rebanhos cabriolam, pastando uma erva nutritiva. A terra fertilizada, abandonando compassivamente o seio às sementes que o agricultor laborioso vem semear, recompensa ao *cêntuplo*³ os trabalhos por que ele passou. É então que se vêem, nas terras que se estendem entre Montevidéu e Maldonado, vastos campos de milho, cevada e trigo, que espalham a fartura entre a gente sóbria, não somente do lugar, mas também de Buenos Aires, que se abastece de cereais em casa de “sua vizinha formiga”.

Ninguém deve, portanto, apressar-se em fazer um juízo desfavorável sobre este país, mesmo quando tudo parece queimado pelo sol: bastam dois meses para se operar diante da gente uma evidente transformação. Até mesmo no tempo de calores mais fortes, se penetrardes algumas léguas no interior, sereis agradavelmente surpreendidos e, pouco a pouco, ficareis encantados ao encontrar certos sítios que vos provocam um suspiro, uma lágrima de emoção, um arrepio de prazer... É que a ilusão está completa. Encontrastes de novo um pequeno pedaço da terra natal!

Como vedes, essa terra é digna da liberdade. Não é uma terra de decepção que vos exhibe à primeira vista todos os seus encantos, todos os seus enfeites, para mostrar depois nada mais que nudez, e a aridez que desespera o cultivador inteligente. Longe disso, como esses atalhos semeados de asperidades de que fala a Escritura, ela vos faz atravessar desertos selvagens para mostrar-vos depois o *Éden* com que havíeis sonhado.

No começo da tarde, desci a terra com o comandante. À medida que me aproximava e distinguia melhor a forma de anfiteatro da cidade, o aspecto das casas e dos edifícios, a aridez dos campos me parecia menor. Imaginava-me transportado à Síria ou à Palestina. Não reconhecía mais a

3 A expressão não é exagerada.

América. Com efeito, a forma quadrada das casas, terminadas em açotéias e restringidas quase sempre a um simples andar térreo, a sua brancura deslumbrante, a forma piramidal de alguns belvederes, a graça pitoresca das torres da igreja da *Matriz*, catedral cujas pequenas cúpulas estão cobertas de azulejos envernizados, as fortificações em cujos parapeitos distinguiam-se alguns soldados africanos, misturados aos crioulos mestiços de tez cor de azeitona, tudo cooperava singularmente para a minha ilusão. Faltavam, apenas, os cedros elevados, as palmeiras e romeiras, para me dar a impressão de uma cidade nos arredores do Líbano ou do Jordão.

Cheguei ao porto, junto do trapiche de madeira, ou antes ao desembarcadouro, e lancei um olhar sobre a baía circular que forma o verdadeiro porto. Mostraram-me algumas balizas e bóias colocadas em diferentes pontos para indicar as carcaças de navios que se perderam, não faz muito tempo. Parece que o porto de Montevideu necessita de trabalhos hidráulicos urgentes, pois aos poucos se vai entulhando de areia e lodo que as correntes depositam. Além disso, está exposto aos maus ventos, que não somente tornam o mar bravio como arremessam as embarcações sobre as âncoras, embaraçam seus cabos, fazem-nas cair umas sobre as outras. Às vezes, chegam a lançá-las contra a costa, como aconteceu em varias épocas, especialmente a 28 de setembro de 1826, quando mais de cem navios sofreram fortes avarias, enquanto muitos se perderam no próprio porto. Como o fundo é de lodo mole, as âncoras não têm onde prender-se e os cabos não tardam a apodrecer. São necessárias boas correntes de ferro e embarcações revestidas de cobre para uma estadia segura na enseada e no porto de Montevideu; mas, mesmo com essas precauções, é preciso uma grande vigilância, porque quando o *pampero* (vento de oeste e de sudoeste) começa a soprar, não existe abrigo contra ele e é impossível mesmo tentar-se uma saída de urgência. É de lamentar que não tenham construído um porto na confluência do *Santa Lúcia*, que fica um pouco a oeste do *Cerro*. Os barcos de tonelagem comum encontrariam nele um refúgio seguro contra todos os ventos.

Assim, Montevideu está situada numa pequena península, cercada de todos os lados pelo rio, exceto a leste, onde se acham a cidadela e as melhores fortificações. É pena que, por um artigo do tratado de paz feito com o Brasil, todas essas fortificações, que custaram muito dinhei-

ro, tenham de ser destruídas. Essa estipulação, feita pelo imperador dom Pedro, não deveria, acaso, ser anulada pelo atual governo do Brasil, uma vez que os brasileiros afirmam sem constrangimento que sua guerra não foi nacional?

O plano da cidade é muito regular, dividido em *cuadras* (quarteirões). As ruas, bem alinhadas, com passeios laterais, estão cortadas em ângulos retos, mas infelizmente não são calçadas, o que as torna tão desagradáveis em tempo de chuva, como na época da seca, quando nuvens de poeira sujam tudo no interior das casas e o cheiro das cloacas afeta o olfato, principalmente na parte baixa da cidade.

Todas as casas são construídas de tijolo e, em sua maioria, são muito baixas, como já disse antes; mas já existem algumas novas em construção, compostas de vários andares, que rivalizam com o que temos de mais pitoresco na Europa. A diferença é que o teto é sempre em forma de açotéia, o que torna o interior das casas muito fresco sobre ter ainda a vantagem de permitir que se respire um ar mais puro, depois de um dia canicular, e de dar à família a possibilidade de se conservar afastada das mornas exalações do solo aquecido. Além disso, é uma fortaleza de onde o patriotismo e a coragem das mulheres ajudaram, às vezes, os cidadãos a livrarem-se do jugo estrangeiro ou da invasão dos selvagens. Os ingleses devem lembrar-se ainda do que vale uma *azotea* para a defesa de um lar.

Em suma, a cidade de Montevideu não é desagradável quanto a seu aspecto físico. E, se se tomar em conta, como é necessário, o ar natural e as maneiras amáveis de seus habitantes, dotados, como os argentinos, de muita finura e de uma aparência muito agradável, é fácil à gente compreender que uma estada entre eles pode oferecer as melhores compensações. Tudo isso é mais do que suficiente, na minha opinião, para tentar os negociantes a se fixarem num lugar que, a todas as vantagens já mencionadas, reúne as de uma posição das mais favoráveis ao comércio; um clima dos mais saudáveis e um governador esclarecido, amigo dos estrangeiros e protetor do comércio e da indústria. Que se pode pedir mais? Trazei mercadorias convenientes, capitais e braços industriais, e vereis que não tentastes em vão a fortuna. Procurarei provar o que digo na descrição que faço, no próximo capítulo, do território que compõe a *Banda Oriental*.

Poucas cidades na América sofreram mais do que Montevidéu, desde a sua fundação, que data de 1724.⁴ Seu comércio e sua população resentiram-se disso,⁵ mas a administração esclarecida do senhor Vasquez, que lembra a do senhor Rivadavia em Buenos Aires, em uma outra época, tende a reparar todos aqueles males que afastaram os estrangeiros e, sobretudo, os *capitalistas* de um ponto digno de atrair-lhes a atenção.

Montevidéu é a cidade principal do departamento que tem seu nome e capital da *República Oriental do Uruguai*.⁶ É a sede do governo, que se compõe de três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário.

O governador tem o título de *Presidente*.

Existe uma Câmara de senadores e uma de deputados ou *representantes*.

Já disse que Montevidéu me fazia lembrar uma cidade da Síria ou da Palestina. Não seria impossível que a imaginação fosse levada, dentro de alguns séculos, até a crença em uma transmigração de Tiro ou de Sidon para esses lugares, onde o *comércio* deve ter um altar, e um culto tão fervoroso quanto o da liberdade.

4 Vide a *Revista Política*, capítulo V.

5 Sua população é calculada em 15.000 almas. Já foi de 26.000.

6 Posição astronômica: Longitude ocidental de Paris, 58°33'25"; Latitude, 34°54'8". Fica situada a 30 léguas do cabo Santa Maria e a 40 de Buenos Aires.

.....

Capítulo IV

A BANDA ORIENTAL OU REPÚBLICA DO URUGUAI

F

AVORECIDA pela natureza, como se a tivesse escolhido para se mostrar em toda a sua fertilidade, a Banda Oriental não é menos importante por sua situação geográfica, na embocadura do rio da Prata.

Sua posição astronômica está entre os 55 e 61 graus de longitude ocidental do meridiano de Paris, e os 30 e 35 graus de latitude austral. Seus limites são, ao *norte*, a província do Rio Grande do Sul ou de São Pedro, que faz parte do Império do Brasil. A *leste*, ainda a província do Rio Grande e o território neutro, espaço de terreno compreendido entre a lagoa ou lago *Mirim* e o oceano Atlântico, e depois este mesmo oceano. Ao *sul*, o oceano Atlântico e o rio da Prata. A *oeste*, o Uruguai, que separa este estado das províncias de Entre-Rios e de Corrientes, compreendidas na confederação do rio da Prata.

Seus limites têm variado freqüentemente e têm sido objeto de longas disputas entre os espanhóis e os portugueses. Estão, atualmente, fixados no rio *Quarai*, um dos afluentes do Uruguai, na parte norte, e do rio *Jaguarão*, que se lança na lagoa Mirim, na parte leste. Fechado nesses

limites, que tornam quase quadrado o território da República, sua superfície pode ser avaliada em 12.000 léguas. Sua população absoluta, que não é conhecida exatamente, foi avaliada, no ano de 1826, em 70.000 habitantes. Mesmo na atualidade não deve ultrapassar este número, pois, se é verdade que aumentou nos últimos anos devido aos cuidados de uma sábia administração, não é menos certo que foi consideravelmente diminuída durante a devastadora guerra com o Brasil. Quanto à sua população relativa, não pode ser avaliada em mais de 7 ou 8 habitantes por légua quadrada, porque são poucos os terrenos inaproveitados na Banda Oriental.

Os rios e riachos se ramificam tão admiravelmente nessa afortunada região, que os transportes por água podem operar-se dos pontos mais remotos até a metrópole, o que não representa pouco num país onde os caminhos são apenas trilhados e os veículos malconstruídos, e onde a falta de pontes e as freqüentes inundações interrompem, de um momento para outro, as comunicações por terra. Independentemente do Uruguai, que tem duas vezes a largura do Sena, e que é de fácil navegação até o Salto, esse território, tão privilegiado pela natureza nessa parte essencial aos progressos da agricultura e do comércio, é banhado pelo rio *Negro*, curso d'água de segunda ordem comparado ao Uruguai; o rio *Santa Lúcia*, o *Cebollati*, o *Daiman*, o *Arapeí*, de terceira ordem; o *Yi*, o *Jaguarão*, o *Olimar*, o *Pardo*, o *Queguatí*, o *Quaraí*, e o *Tucuairembó*, de quarta ordem.

A esses grandes rios juntam-se mais de duzentos riachos, dos quais muitos navegáveis por barcos de fundo chato ou por pirogas. Há alguns obstáculos para a navegação dos grandes rios, mas com um pouco de engenho será possível vencê-los facilmente. Por exemplo, o Uruguai, tão conhecido pelo volume de suas águas, não pode ser subido senão até 60 léguas de sua embocadura, devido a uma pequena catarata ou recife à flor da água, chamado *el Salto*. Pois bem, bastaria escavar um pequeno canal em um dos lados, obra que seria da mais fácil execução, para torná-lo navegável até trezentas léguas, aos barcos a vapor de uma força comum e mesmo aos barcos à vela, de 50 toneladas. Mas com um barco a vapor, rebocador, seria possível transportarem-se *chatas* de duzentas toneladas e mais até as Missões, a vinte léguas do Paraguai e na proximidade dos *yerbales* (lugar onde se colhe o mate). Um povo industrioso já teria vencido essas pequenas dificuldades. Mas, mesmo agora, o comércio pode ser muito ativo nos rios

Negro, Santa Lúcia e Cebollati. Este último rio, que nasce junto aos morros da *Barriga Negra* (distrito de *Concepción de Minas*), depois de ter atravessado, de oeste a leste, a parte sudoeste desse estado, vai desaguar na lagoa Mirim, de onde é possível fazê-lo comunicar com a grande lagoa ou lagoa *dos Patos* pelo rio São Gonçalo que passa diante da nova cidade brasileira de São Francisco de Paula.¹

O solo da Banda Oriental é entrecortado de numerosas colinas e de montanhas ou morros sem grande elevação. A *serra do Mar* (que forma a *cadeia oriental* do sistema brasileiro) começa a 16 graus de latitude austral, e termina, depois de ter atravessado a província do Rio Grande do Sul de leste a oeste no *rincón de la Cruz*, na direção da confluência do *Ibicuí*, ao invés de percorrer a Banda Oriental em toda a sua extensão, como indicam os mapas geográficos copiados uns dos outros. Na Banda Oriental, assim como nas altas Missões, ela se estende apenas em pequenas cadeias que se ramificam, tornando-se cada vez mais baixas. Existe também, a leste e a sudoeste, na direção da fronteira do Brasil, uma cadeia contínua, mas trata-se apenas de uma colina elevada, chamada *Cuchilla Grande*, que não me parece depender da serra do Mar. Creio, aliás, que estão no mesmo caso as colinas de sudoeste chamadas *Asperezas de Mahame*.

Não viajei bastante no interior da Banda Oriental para opinar de uma maneira positiva. Assim, temendo aumentar o número já tão grande de erros, abster-me de fazer representar as cadeias de montanha no meu mapa. Entretanto, se devo julgar pelo que observei no interior da província do Rio Grande, posso pensar com razão que não existe nenhuma relação entre a *Barriga Negra* e a *Cuchilla Grande* com a serra do Mar. O que parece confirmar minha opinião (ou o meu erro, se preferem) é a composição geológica dos morros e das colinas do sul e do leste da Banda Oriental, completamente diferente da parte da serra que atravessei. Em lugar do grés de toda espécie que constatei ali, mesmo nos pontos mais elevados, encontram-se aqui, com surpresa, no nível do mar, rochas graníticas puramente cristalinas, que sofreram uma desagregação mais ou menos violenta, uma decomposição mais ou menos grande. Essas decomposições produziram,

1 Nota do tradutor: atual cidade de Pelotas.

por sedimentação e aglomeração, rochas de uma outra natureza, mas pertencentes ainda ao solo primitivo que parece constituir a base dos terrenos de nova formação. Encontrei, como se verá em seguida, as mesmas rochas com as mesmas características de divisão, decomposição e agregação, nos arredores de Porto Alegre, cujo solo apresenta uma grande analogia com o de Montevidéo.

Independentemente das cadeias de colinas de que acabo de falar, há ainda muitos morros isolados que contribuem a tornar mais pitoresco o quadro que oferece a alternância contínua de montículos, prados, regatos e arroios arborizados.

O clima é temperado, em toda a superfície do território da República. A umidade, produzida pelos numerosos cursos de água que a regam, e pelos ventos norte e noroeste, que passam sobre regiões pantanosas e quentes, é moderada pelos ventos sudoestes de terra, sempre secos (chamados comumente *pamperos*, porque atravessam os *Pampas*),² e pela vizinhança do oceano. Sua temperatura é uma das melhores que se conhecem. O pouco progresso feito pela população do novo estado não deve ser atribuído à insalubridade do ar ou às doenças peculiares ao país, mas a causas puramente políticas. É resultado da guerra com a Espanha – que foi mais cruel neste território do que em qualquer outro ponto das províncias unidas – da guerra civil e da anarquia que os vizinhos estrangeiros tiveram o cuidado de atizar durante a revolução contra a Espanha, e da dominação portuguesa ou brasileira, geralmente detestada pelos habitantes, e que causou sua emigração para outras províncias.

Montevidéo foi povoada, há pouco mais de um século, por uma colônia enviada de Buenos Aires. O território circunvizinho era ocupado por uma multidão de índios bárbaros, conhecidos pelo nome de *charruas*. Foi necessário muito tempo para disputar-lhes o terreno, mas enfim conseguiram rechacá-los para o norte, com os *minuanos* e os *guaranis* propriamente ditos. Os últimos restos dessas tribos bárbaras foram recentemente destruídos, de modo que o território acha-se agora livre e ao abrigo de qualquer invasão de índios.

2 Chamam-se assim as vastas planícies baixas e unidas que ficam ao sul e a oeste de Buenos Aires. O leitor encontrará mais adiante a etimologia da palavra.

Os novos colonos encontraram os campos cobertos de tropas de bois e de cavalos, que se tinham multiplicado prodigiosamente desde a chegada dos primeiros conquistadores. Daí por diante, como os terrenos eram considerados férteis em toda parte, mesmo nas montanhas, foram destinados à pastagem, e os habitantes entregaram-se exclusivamente aos cuidados dos rebanhos. A criação de gado continua a ser o principal ramo do comércio deste país, não somente no que diz respeito à extração de couros de bois e de cavalos, mas também à salgadura das carnes e ao derretimento de gorduras. Somente Montevideú conseguiu ter trinta e três estabelecimentos de salgar carne,³ na maior parte dos quais matavam-se cem animais por dia, sem que esse consumo parecesse diminuir o número dos rebanhos, devido ao fato de a reprodução ser favorecida por muitas circunstâncias naturais. O campo está cheio de pastagens, todas aproveitadas. São de uma boa qualidade – ainda que a falta de sal se faça sentir em algumas localidades – e fertilizadas por uma infinidade de regatos e de fontes que brotam de toda parte. A cada passo, o viajante é agradavelmente surpreendido pela vista de águas puras e salubres, sempre cercadas de uma vegetação densa que lhes mantém a frescura.

Os vastos descampados, que compõem o território da nova República, faziam parte do vice-reinado de Buenos Aires, sob o nome de *Banda Oriental*. Depois de ter sido governada durante nove anos pelo feroz e cruel *Artigas*, que atacou Buenos Aires, invadiu Entre-Rios, sublevo Santa Fé, armou os índios do Grande Chaco e devastou as missões do Uruguai com atos inauditos de barbaria, essa região, outrora tão florescente, foi invadida pelos portugueses e anexada ao Brasil, sob o título de *Província Cisplatina*. Separada do Império por um artigo do tratado de paz, concluído em 1828, entre Buenos Aires e o Brasil, foi declarada independente e tomou o título de *República Oriental del Uruguay*. De acordo com a sua nova e recente organização, o território da República é dividido em nove departamentos, que têm o nome de suas respectivas capitais. Esses departamentos são: *Montevideú*, que dá cinco deputados à Câmara de Representantes; *Canelones*, que dá quatro; *San José*, três; *Colônia*, três; *Soriano*, três; *Paissandu*, três;

3 *Saladero* em espanhol; *charqueada* em português.

Cerro Largo, dois; *Maldonado*, quatro; *Entre-Rios*,⁴ *Yi e Negro*, dois. Cada um deles dá um senador.

O Estado possui três cidades: Montevideú, Colônia e Maldonado e quinze vilas ou pequenos burgos, assim denominados: Guadalupe, San Juan Bautista, San José, La Florida, El Rosario, San Salvador, Santo Domingo Soriano, Mercedes, Puissandu, Belén (destruído), Melo, Rocha, San Carlos, Minas e San Pedro.

Além desses, as oito seguintes aldeias: Piedras, Pando, Porongos, Real de San Carlos, Vivas, El Carmelo, El Salto e Santa Teresa.

Ao todo, vinte e seis povoações, independentemente das *estancias* ou grandes herdades do país, disseminadas a grandes distâncias umas das outras, e em torno das quais agrupam-se sempre alguns *ranchos* ou choupanas de terra cobertas de junco, onde se alojam as famílias que trabalham nos campos.

O governo mantém em cada uma das vinte e seis povoações acima referidas uma escola primária elementar, pelo método de ensino mútuo, e além dessas um número igual de escolas, sustentadas por instituições públicas ou particulares.

Correios regulares partem da capital para os diversos pontos do interior, nos dias 9, 16, 23 e 30 de cada mês.

Como o aspecto social da República do Uruguai é o mesmo que o da sua vizinha do rio da Prata, aconselho aos meus leitores as descrições que farei de Buenos Aires, onde os hábitos, costumes, e o caráter dos diferentes habitantes que compõem a massa heterogênea da população serão passados em revista. O vazio que eu tiver deixado será compensado com a exploração do território uruguaio.

“Falar da indústria, das artes e do comércio dos novos habitantes da América” – diz o sábio sr. Balbi – “é falar da indústria, das artes e do comércio da Europa e dos seus habitantes, que há três séculos se estabeleceram de um extremo ao outro do Novo Mundo.”⁵ Os espanhóis, os por-

4 Não confundir com a província do mesmo nome.

5 O sr. Balbi observou em outro lugar, com razão, que esse epíteto de *Novo Mundo* seria aplicado melhor em relação à *Oceania* ou à *Australásia*, a quinta parte do mundo.

tugueses, os ingleses, os franceses, os italianos e os alemães levaram para lá a sua capacidade de trabalho, modificada depois com mais ou menos vantagem para eles, de acordo com o caráter da nação que dominava o país e a proteção que seu governo lhes dispensava. Infelizmente, a maneira defeituosa pela qual foi feito o comércio até a segunda metade do século XVIII privou a Europa e a América das intensas vantagens que teriam tirado dele, se lhe fosse concedida a liberdade da qual gozou mais tarde. Certamente, a Banda Oriental poderia ter atingido rapidamente o cume da prosperidade, se a Espanha, compreendendo melhor seus interesses, não tivesse entravado o ritmo crescente que os primeiros colonos tentaram dar ao comércio e à indústria. As restrições da Espanha fizeram cessar a emigração. Sua política estreita afastou de si todos aqueles que não eram espanhóis, e suas intermináveis desavenças com Portugal acabaram por paralisar a indústria. Como a criação de gado parecia oferecer as maiores vantagens sem exigir grande trabalho, os habitantes se dedicaram a ela, com prejuízo da agricultura, que desprezaram completamente. As terras, entretanto, só reclamavam braços laboriosos para cultivá-las, uma vez que produziam em abundância, e sem cultivo, toda espécie de cereais, de frutos e de legumes. Teriam fornecido todos os produtos da Europa e a maioria dos tropicais. Mas para que tanto trabalho? – disseram consigo mesmos os espanhóis. Que faremos do nosso supérfluo, já que as restrições do sistema colonial proíbem a troca com os estrangeiros?... Adotaram a indústria mais cômoda para eles, e fizeram bem. Esse gênero de indústria era de natureza a despertar neles idéias de independência. Elas despertaram efetivamente, criaram corpo, e a Espanha foi punida pelo seu próprio pecado.

O sistema de Galvez que, em 1778, proclamou sucessivamente a liberdade de comércio entre os treze principais portos da Espanha e a América espanhola,⁶ deu muita atividade ao comércio do Prata mas foi somente depois de 1810, quando os portos se abriram a todas as nações e os indivíduos de todas as crenças puderam exercer livremente sua indústria, que o país prosperou verdadeiramente. Sem as perturbações civis e a desastrosa

6 Até então só os portos de Sevilha e de Cadiz podiam mandar um número limitadíssimo de embarcações de pequena tonelagem para as colônias. O comércio do Prata estava na dependência do que era exercido pelos especuladores privilegiados do Peru.

guerra com o Brasil, a Banda Oriental teria podido chamar-se, com justiça, a Fenícia do Novo Mundo, assim como Buenos Aires teria sido a Cartago.

A constituição definitiva da nova república, o amor à ordem e a necessidade de calma que se faz notar entre a classe mais culta, a cessação das lutas civis, a posição isolada, perfeitamente *neutra* desse pequeno estado, são outras tantas garantias morais para os capitalistas, comerciantes e industriais que pensarem em aumentar a sua fortuna ou o seu bem-estar em proveito de um país que não parece ter adotado por divisa a *ingratidão*.

.....
Capítulo V

REVISTA CRONOLÓGICA DOS FATOS OCORRIDOS NA BANDA
ORIENTAL, DESDE O DESCOBRIMENTO ATÉ 1834¹

1 508 – Primeira descoberta do rio da Prata por Juan Dias de Solis, que o toma por um golfo,

1515 – Segunda descoberta pelo mesmo. Desta vez, mais bem informado, substitui pelo seu próprio nome o de *Parana-Guazu*, dado ao grande rio pelos índios guaranis. Solis é assassinado pelos charruas.

1526 – Sebastião Cabot ou *Gaboto* penetra, depois de Solis, no rio novamente descoberto. Funda o primeiro estabelecimento espanhol na confluência do *San Juan*, perto da embocadura do Uruguai. Quatro anos depois, os índios charruas destroem o forte que ele havia construído, expulsam os espanhóis e ficam senhores de seu país.

1530 – Cabot volta à Espanha com algumas lâminas de ouro e prata compradas aos guaranis, para homenagear seu soberano, a quem propõe seja substituído o nome demasiadamente modesto de rio de Solis, por este outro mais pomposo de *rio da Prata*.

1 Vide, para os detalhes da descoberta e da conquista, Funes, *Ensayo de la historia civil del Paraguay, Tucumán y Buenos Aires*; Félix de Azara, *Voyages dans l'Amérique Méridionale*; Raynal, *Histoire philosophique des Deux-Indes*.

1566 – Os espanhóis lançam os fundamentos da primeira vila no país habitado pelos intrépidos charruas, sobre as margens do Uruguai, na confluência do rio Negro, e dão-lhe o nome de *Santo Domingo Soriano*.

1679 – Os portugueses, olhando o rio da Prata como seu limite natural ao sul, e invejosos além disso das descobertas espanholas, fundam a cidade de *Colonia del Sacramento*, diante de Buenos Aires, de acordo com ordens do governador português do Rio de Janeiro.

1726 – Fundação de Montevidéu. A necessidade de rechaçar os charruas que ocupavam todo o vasto território compreendido entre o Uruguai, o rio Negro, as montanhas de *San Ignacio*, o oceano e o Prata, assim como o desejo de fazer cessar o contrabando com o qual os estrangeiros arruinavam o comércio de Buenos Aires, fizeram com que os espanhóis enviassem para lá, em 1724, algumas tropas que tiveram de lutar, alternativamente, com os portugueses, os charruas, e até mesmo com os franceses, que vinham clandestinamente fazer provisões de couros. Dois anos depois, *Bruno de Zabala*, governador de Buenos Aires, fez passar à Banda Oriental vinte famílias procedentes das Canárias, que tornaram possível a fundação da nova cidade de San Felipe ou Montevidéu.

1731 – Batalha dos charruas e minuanos contra as tropas de Buenos Aires e de Montevidéu sob o comando de Zabala. Este é vencido e obrigado a pedir a intervenção do provincial do Paraguai, que, por uma mensagem de paz, consegue acalmar o furor dos índios e negocia entre eles e os espanhóis um tratado definitivo em 1732.

1757 – O gabinete espanhol eleva Montevidéu à categoria de capital de província ou de governo.

Neste mesmo ano, os minuanos, tribo que ocupava o espaço compreendido entre o rio Negro e as Missões, retomam as armas e atacam os estabelecimentos espanhóis. Foi nessa guerra que o governador de Buenos Aires, *Andonaegui*, deu a ordem cruel, muito bem imitada depois nas guerras modernas, de degolar todos os índios de mais de doze anos, porque, dizia, *o verdadeiro batismo destes selvagens é o batismo de sangue*.

1762 – Fundação da vila de *San Carlos*, perto de Maldonado.

1786 – Fundação da cidade de Maldonado.

1804 – Fundação do edifício chamado *Cabildo* (prefeitura municipal), em Montevidéu.

1806 (12 de agosto) – Uma expedição de voluntários orientais, sob as ordens do general Liniers, francês, desembarca nas praias de Buenos Aires e, com esse fraco auxílio, os habitantes da cidade fazem prisioneiro o general inglês Beresford e suas tropas.

(28 de outubro) – O comodoro inglês Popham bombardeia por mar Montevideú, mas é repellido.

1807 (janeiro) – Os ingleses, sob as ordens do comodoro Popham, atacam e tomam, depois de uma viva resistência, Maldonado e San Carlos, enquanto o general Sir Samuel Acmuty, assediando Montevideú, derrota a guarnição espanhola em uma investida.

(3 de fevereiro) – As tropas inglesas tomam de assalto Montevideú, que evacuam e restituem à Espanha, em consequência da capitulação do general Whitelock em Buenos Aires.

1808 – O liberalismo do governador Elio, o primeiro que não hesitou em recusar obediência ao vice-rei de Buenos Aires, faz pressagiar os movimentos que, dois anos mais tarde, deviam agitar o país.

1810 (25 de maio) – O primeiro grito de liberdade é lançado por um punhado de homens generosos, na cidade de Buenos Aires e é, em breve, repetido por todo o continente americano.

1811 (28 de fevereiro) – Os patriotas orientais apoderam-se do burgo de Mercedes, onde se repetiu o primeiro grito de liberdade.

(26 de abril) – Combate ganho pelos patriotas sobre os realistas na vila de San José.

(18 de maio) – Os patriotas, comandados pelo intrépido *Artigas*, derrotam os realistas na vila de *Las Piedras*.

1812 (20 de janeiro) – O território de Montevideú é invadido por um exército português, de 4.000 homens, enviado como auxílio aos espanhóis, sob o comando do general Carlos Frederico Lecor, o qual, em virtude de um armistício, evacuou o país no mês de maio seguinte.

(31 de outubro) – Vitória de *Cerrito*, conseguida sobre os realistas pelo general patriota Rondeau. Montevideú, tomada de assalto, reúne-se à República das Províncias Unidas do Rio da Prata, como capital da província da *Banda Oriental*.

1814 (17 de maio) – A esquadra espanhola, estacionada em Montevideú, é derrotada pela de Buenos Aires, sob as ordens do almirante Brown, inglês, a serviço dos patriotas.

(23 de junho) – As tropas da República Argentina, às ordens do general Carlos de Alvear, ocupam Montevideú.

1815 (23 de fevereiro) – As tropas de Buenos Aires evacuem Montevideú, que os orientais ocupam por sua vez.

1816 – Os portugueses invadem a Banda Oriental convulsionada pela guerra civil, sob pretexto de pacificar o país.

1817 – O exército português, em lugar de pacificar o país, apodera-se de Montevideú, cujo *cabildo* convida os habitantes da cidade e do interior a fazerem com os brasileiros ou portugueses uma paz, concluída sob a seguinte condição: *que a ocupação da província seria apenas provisória, e que o exército português reconheceria sempre as autoridades locais.*

1820 (setembro) – Artigas, o chefe patriota conhecidíssimo por suas crueldades, é batido pelo seu subordinado Ramirez e obrigado a refugiar-se no Paraguai, onde é conservado prisioneiro pelo ditador Francia.²

1821 – O general português faz abastecer Montevideú e declara a Banda Oriental reunida ao Brasil sob o nome de *Província Cisplatina*.³

1825 (19 de abril) – Juan Antonio Lavalleja, e com ele trinta e dois orientais, partem de Buenos Aires e desembarcam na Banda Oriental para livrar seu solo natal da dominação estrangeira. Ao seu primeiro grito, o patriotismo nacional se inflama e a empresa é coroada de sucesso.

(14 de junho) – Um governo provisório da Banda Oriental estabeleceu-se na *villa* de Florida. E, a 20 de agosto do mesmo ano, instalou-se a primeira legislatura ou câmara de representantes, que declarou nulos para sempre e sem nenhum valor todos os atos de reconhecimento, incorporação, etc., a Portugal e ao Brasil. Proclamou-se, além disso, a si mesma, livre

2 Vide a nota E, a respeito de Artigas, pág. 290.

3 Vide, para maiores detalhes sobre essa ocupação injusta e a guerra desastrosa entre a Argentina e o Brasil, que dela resultou, as interessantes *Esquisses historiques et statistiques sur Buenos Ayres*, traduzidas e aumentadas pelo sr. Varaigne.

e independente de fato e de direito, com um amplo poder de adotar as formas que lhe parecessem convenientes.

(7 de setembro) – A mesma câmara de representantes sanciona com força e valor de lei (na vila de Florida) que estava abolido o tráfico de escravos e que todos aqueles que nascessem na Banda Oriental seriam livres, *sem exceção de origem*.

(24 de setembro) – Vitória do *Rincón de las Gallinas*, obtida pelo general patriota Frutuoso Rivera sobre as forças brasileiras.

(12 de outubro) – Vitória do *Sarandi*, conseguida pelos orientais, sob as ordens do general Lavalleja, sobre as tropas brasileiras.

(Dezembro) – O Imperador do Brasil, D. Pedro I, declara guerra à República Argentina.

(31 de dezembro) – O coronel patriota Oliveira ataca as tropas brasileiras concentradas na vila de Santa Teresa e obtém algumas vantagens.

1826 (5 de fevereiro) – O almirante Brown ataca a *Colonia del Sacramento*, ocupada pelos brasileiros.

(9 de fevereiro) – O coronel Manuel Oribe ataca o *Cerro*, ocupado também pelas forças brasileiras.

(11 de abril) – Combate do almirante Brown contra a fragata imperial *Nictheroy*, à vista do porto de Montevidéu.

1827 (9 de fevereiro) – Vitória naval na ilha do *Juncal* (na embocadura do Uruguai), pelo almirante Brown.

(20 de fevereiro) – Vitória decisiva do general Carlos Alvear, comandante do Exército Nacional da República Argentina, sobre as forças brasileiras concentradas em *Ituzaingo*.

1828 (1º de janeiro) – O farol da ilha de Flores é iluminado.⁴

(21 de abril) – Tomada aos brasileiros das Missões do Uruguai, pelo general Frutuoso Rivera.

(27 de agosto) – Assinados, no Rio de Janeiro, os tratados preliminares de paz entre a República Argentina e o Império do Brasil.

⁴ A torre foi começada em 1819, e os trabalhos, depois de interrompidos, foram retomados em 1826. O molhe de madeira do porto de Montevidéu foi começado em 1821, por ordem do tribunal do consulado.

(4 de outubro) – Ratificação e troca, em Montevideu, dos tratados preliminares de paz entre a República e o Império pelos quais a Banda Oriental formará um estado separado sob o nome de *República do Uruguai*.

(24 de novembro) – A assembléia constituinte do novo estado reúne-se na aldeia de *San José*.

(1º de dezembro) – O general José Rondeau é nomeado governador e capitão-geral provisório do Estado Oriental, sendo designado Joaquim Suárez como seu substituto.

1828 (22 de dezembro) – O general José Rondeau toma posse do governo do Estado Oriental.

1829 (25 de abril) – As forças imperiais evacuam a praça de Montevideu.

(1º de maio) – O governo da República entra solenemente na capital.

(10 de setembro) – A constituição da República do Uruguai é sancionada pela assembléia constituinte.

1830 (17 de abril) – Havendo o general José Rondeau pedido demissão, é nomeado governador e capitão-geral interino, Juan Antonio Lavalleja.

(26 de maio) – A Constituição do Estado Oriental é aprovada na Corte do Brasil pelos plenipotenciários desse país e da República Argentina.

(18 de julho) – Juramento solene da Constituição.

1830 (22 de outubro) – Instalação das câmaras dos senadores e dos representantes do estado.

(24 de outubro) – O brigadeiro general Fructuoso Rivera é nomeado presidente da República, e o Estado Oriental é definitivamente constituído.

1832 e 1833 – A ambição desmesurada do general Juan Antonio Lavalleja, lisonjeada e excitada por alguns brasileiros da província do Rio Grande, faz temer a renovação dos horrores da guerra civil, mas a influência do presidente Fructuoso Rivera e as sábias medidas do chefe de polícia de Montevideu anulam de todos os lados as tentativas de Lavalleja, que,

despojado de seus bens e expulso da República, é forçado a abandonar os seus projetos ambiciosos e a viver exilado da terra para cuja independência contribuíra tão poderosamente. Com mais prudência e menos ambição, o general Lavalleja teria sido, a seu tempo, o chefe supremo do estado e os seus concidadãos o teriam venerado como ele realmente merecia.

.....
Capítulo VI

PARTIDA DE MONTEVIDÉU – UM PAMPEIRO – CHEGADA AO PORTO
DE BUENOS AIRES – ASPECTO EXTERIOR DA CIDADE

M

EUS companheiros de viagem, em sua maioria, com pressa de chegar a Buenos Aires, abandonaram o *Herminie*, que devia estacionar alguns dias em Montevideú, e aproveitaram a partida de um dos *paquetes* que faziam a navegação regular entre as duas cidades, para chegar mais rapidamente ao seu destino. Eu não quis abandonar o bom capitão Soret que tão bem nos tratara durante a feliz travessia. Sentia-me, além disso, contente de ver com mais atenção as cenas estranhas que se ofereciam aos meus olhos, e de tomar tranqüilamente informações sobre o país; mas, no momento em que entrava em uma *fonda* (hospedaria) para tratar de conseguir um quarto, vieram avisar-me de que partíamos naquela mesma noite.

O mensageiro officioso, que se tinha encarregado de me comunicar a resolução súbita do capitão, tratou logo de puxar conversa comigo,

de informar-se dos meus projetos, do fim de minha viagem, da espécie de mercadorias que eu trazia, perguntas essas acompanhadas de muitas outras, que eu ia respondendo com a maior reserva possível, sem faltar, entretanto, à polidez. O homem exclamou: – Ah! meu caro senhor, como lamento que tenha pensado em vir a um país como este! Assassnam estrangeiros todos os dias. São roubados e assaltados em suas próprias casas. Nossos cônsules já não são respeitados e nada podem fazer. Não existe segurança para nós... Se isso durar ainda muito tempo, todo comércio será impossível nestas regiões. Se aceita um conselho de amigo, não siga adiante, fique em Montevidéu. Aqui, pelo menos, o senhor tem uma porta para escapar: chegam freqüentemente navios de guerra e, no caso de uma revolta, coisa que acontece a cada momento, o senhor terá onde se refugiar. Mas em Buenos Aires, onde não se pode ficar na rua depois do pôr-do-sol, o senhor correrá grandes perigos!

– Vou a Mendoza, disse-lhe, e, portanto, é absolutamente necessário que passe em Buenos Aires. – O senhor vai a Mendoza? Mas o senhor me assusta... A Mendoza! Tem algum conhecido por lá? – Falei-lhe em meu amigo Anatole de Ch... – Ah! meu caro senhor, sinto muito dar-lhe uma notícia triste, mas o seu amigo Ch... acaba de ser *fuzilado* pelo feroz Quiroga, que governa despoticamente as províncias de Cuyo. E posso afirmar-lhe que ele está disposto a fazer o mesmo com todos os franceses residentes no interior.

Dizendo estas palavras, o meu informante deu as costas, tomou pelo braço um oriental e deixou-me entregue aos meus pensamentos, que, como podem imaginar, não eram nada agradáveis. Que seria de mim em semelhante país, onde a vida de um homem merecia a mesma consideração que a de uma mosca! Naturalmente, este homem, este compatriota – dizia comigo mesmo – não terá nenhum interesse em me assustar, em me enganar, e o conselho que me deu foi ditado por um sentimento de humanidade. Mas que dolorosa notícia! Meu desgraçado amigo vítima da atroz política de um chefe bárbaro!! Que teria feito para merecer aquela sorte? Não é admissível que se fuzile a um homem por prazer! Esses povos seriam piores que os vândalos, que os tártaros; seria uma coisa gritante que provocaria o ódio das outras nações... Que fazer? E a quem pedir conselho?

Nesse momento, alguns franceses entraram na *fonda* e um coronel alemão, que os acompanhava, me tranqüilizou um pouco, dizendo

que meu amigo Anatole havia conseguido evadir-se do calabouço em que, realmente, estava preso para ser fuzilado, e que, sem dúvida, estaria já em Santiago do Chile, ao abrigo de qualquer ataque de Quiroga.¹ Quanto ao perigo que pareciam correr os estrangeiros em Buenos Aires e no interior, tranqüilizou-me completamente, classificando-o de quimérico e fazendo esta sensatíssima observação: *aquele que só se ocupa dos seus próprios assuntos é raramente importunado em qualquer país que seja*. O velho coronel tinha experiência, servia à *pátria* havia muitos anos, e tinha sido testemunha da imprudência dos estrangeiros, franceses particularmente, que têm quase sempre a mania de querer dirigir os outros e de dar-lhes conselhos mais próprios a ataçarem o fogo da discórdia do que a acalmar a efervescência das paixões políticas.

Não hesitei mais. Fui para o cais, onde encontrei meu *preparador*, que tinha feito uma libação a Baco, sem dúvida para conservar algum deus tutelar nesse país de *selvagens*, como ele dizia. Voltamos para o *Herminie*. Levantaram a âncora e *el practico* (o piloto) encarregou-se de conduzir-nos a bom porto.

O vento nos foi favorável durante grande parte da noite. Havia soprado com força do nordeste e esperávamos chegar a Buenos Aires de manhã cedo; mas, quase ao amanhecer, o piloto fez baixar todas as velas, aparelhar os cabos, e conservar as âncoras prontas a serem lançadas. Apenas essas disposições haviam sido tomadas, o pampeiro (vento de sudoeste) soprou de repente, com tanta violência, que o práctico ficou desconcertado. O navio rangia horrivelmente. Andamos longo tempo à garra. O leme já não obedecia, ou antes a força do furacão impedia o navio de obedecer ao leme. Não havia tempo a perder; uma âncora foi lançada, mas não prendeu; uma segunda, com a corrente grossa, obteve melhor resultado. O navio ficou fixo com a proa contra o vento, que soprava com terrível intensidade.

Ninguém pode imaginar a fúria, a impetuosidade súbita, com que aparece, sopra, turbilhona e se desencadeia o pampeiro. Austro e Zéfiro, conjugando seus esforços no antigo império de Eolo, todos os odres

1 Esse jovem infeliz pagou 4 mil pesos fortes para evadir-se, mas voltou a cair nas mãos (melhor diria garras) de seu implacável inimigo.

escancarados do soberano de Lipari, deixando escapar de uma vez trinta e dois ventos diferentes, mal podem dar uma idéia do pampeiro. É, ao mesmo o tempo, o furacão das Antilhas e os turbilhões do grande deserto do Saara. Felizmente, o pampeiro não se faz sempre sentir em toda a sua violência. Como o Vesúvio, dá tempo aos habitantes das margens do Prata de consertar os estragos que causou; mas, quando a segurança destes, como acontece com os habitantes dos campos napolitanos, parece já não temer ou, ao menos, esquecer o flagelo devastador, é quando ele reaparece mais furioso do que nunca. Os habitantes de Buenos Aires e de Montevideu conservam a lembrança de furacões terríveis. Nunca fui testemunha de um pampeiro-furacão, ainda que o vento de sudoeste tenha soprado frequentemente durante minha permanência em Buenos Aires, mas o que observei basta para me fazer avaliar seus efeitos devastadores. Vi muitas vezes, em pleno meio-dia, elevar-se uma nuvem opaca semelhante a uma cortina imensa que, depois de dar uma cor lívida ao sol, crescia, alargava-se subitamente no horizonte, escurecia de tal modo a atmosfera que era impossível distinguirem-se os objetos mais próximos. Era o sinal da tormenta, e cada um se apressava em voltar para casa, fechar hermeticamente portas e janelas e acender a candeia, para esperar pacientemente os efeitos do pampeiro. Então, a nuvem rebentava e se desmanchava em turbilhões, deixando cair em lugar de chuva, uma poeira esbranquiçada semelhante às cinzas de um vulcão, que cobria varandas, muros e ruas, numa espessura de várias polegadas.

Para os que puderam fechar-se em casa, só ficará da passagem do pampeiro o trabalho de fazer lavar toda a roupa branca, pois essa poeira acha meio de se introduzir, apesar de todas as precauções. Desgraçados, porém, dos que ficam no campo, junto de um regato ou de uma lagoa: acontece, quase sempre, que, querendo fugir, precipitam-se dentro da água. Vi muitos exemplos, até mesmo em Buenos Aires, junto à praia, onde todas as lavadeiras vão lavar suas roupas. E, se o pampeiro transforma-se em furacão, os navios da enseada, garrando sobre suas âncoras, atiram-se uns contra os outros e, na impossibilidade de orientar as manobras escapam dificilmente a um naufrágio. Isto é um simples e fraco esboço do pampeiro-furacão.

O que nos atacou não era dessa espécie, mas não deixou de nos causar inquietação, porque estávamos no canal que separa os bancos *Ortiz* e

Indio e poderíamos ser atirados sobre o banco *Chico*, caso as nossas âncoras se soltassem. Felizmente, elas suportaram bem e o pampeiro pôde soprar à vontade durante três dias.

Estávamos precisamente diante da *enseñada de Barragán*. Esse lugar é um porto, ou antes uma baía profunda, como o nome indica, a dez léguas a leste de Buenos Aires sobre a margem direita do Prata. Era ali que ficavam as embarcações e fragatas do rei da Espanha, antes que Montevideu e Maldonado fossem habitados. O porto é seguro e a ancoragem é boa. É formado pelo pequeno rio Santiago que vem do interior das terras e o atravessa; mas a entrada é estreita e as fragatas de guerra só conseguem fundear nas imediações do canal. Os navios que necessitam fazer algumas reparações ou tomar um carregamento de mulas se dirigem à *Enseñada*. Há ali uma aldeia composta de algumas cabanas ou *ranchos* e de três ou quatro casas com açotéia. Não se deve contar com auxílio ou assistência manual dos homens indolentes que a habitam, mas pode-se estar seguro de encontrar a hospitalidade mais cordial por parte das mulheres.

Tendo o pampeiro cessado, prosseguimos nossa viagem. A 5 de março chegamos diante de Buenos Aires.

Quando anunciaram que Buenos Aires estava à vista, precipitei-me para o tombadilho; mas meus nervos óticos se fatigaram inutilmente em descobrir a metrópole da República Argentina. Só enxerguei neblina no horizonte. Paciência! Já havemos de vê-la. Os marinheiros têm uma vista de lince, que parece adivinhar a terra, e raramente se enganam. Mas, antes de tudo, leitor, já ouviste falar de Buenos Aires, de sua glória, que encheu o mundo moderno? Sabes que existe um ponto na terra chamado Buenos Aires? É provável que sim, mas duvido; ainda que não fosse uma vergonha ignorares a existência de Buenos Aires, assim como não seria para muitos *porteños*² o fato de crer que toda a França está contida em Paris, ou a Inglaterra em Londres. Mas, suponho que não o saibas (e não precisas corar por causa disso), vou dizer-te o que é Buenos Aires e toda a sua glória.

Buenos Aires é alguma coisa em relação à América do Sul, pouca coisa em relação a todo o Continente americano, e um ponto para o globo.

2 Nome por que são conhecidos os habitantes de Buenos Aires que foi, durante muito tempo, o único porto das Províncias do Prata.

Entretanto, esse ponto já foi luminoso, já brilhou com fulgor. Por algum tempo, foi tomado por uma estrela do sul caída à terra, e seus habitantes orgulharam-se disso. Depois, acreditando que já tinham feito muito para assombrar o mundo e tornar sua glória eterna, puseram-se a brigar uns com os outros para passar o tempo. Finalmente, sabes a que comparo a glória de Buenos Aires e dos argentinos? Comparo-a a uma festa com fogos de artifício dada pelos amigos da liberdade e da civilização, e coroada por uma apoteose em que aparece escrito em letras luminosas o nome venerável de Rivadavia!

Afinal, eis ali Buenos Aires, ostentando sua linha de edifícios! Vejo seus quinze campanários, as cúpulas e torres de seus conventos, que parece brotarem das águas. Os edifícios crescem. Vejo os terraços de suas casas quadradas. A cidade se estende e, da direita e da esquerda, aparece cada vez mais. Logo exhibe sua fortaleza, as pequenas casas *del bajo, la alameda*, os salgueiros da *Boca*, os pavilhões ou as *quintas* do *Retiro* e da *Recoleta*, a floresta de mastros dos navios dentro da enseada... Buenos Aires já não tem mais nada para mostrar; Buenos Aires se entrega, junto à costa; ela espera o estrangeiro que a faz viver, para insultá-lo ou mimá-lo, conforme seu gosto momentâneo...

Alto lá! Estamos a quatro léguas de Buenos Aires, fora da grande enseada, e não podemos passar além sem permissão do *Cacique*. Pensas, talvez, que se trata do chefe dos índios pampas? Nada disso. O *Cacique* foi, antes, um navio mercante que os brasileiros armaram em guerra, por ocasião de suas últimas desavenças com a República. Esta (ou melhor, o seu dono, o almirante Brown) apossou-se dele e colocou-o ali para servir de *pontón*, de *presidio*; um pouco também para zombar dos brasileiros, que fingem não prestar atenção, mas no fundo estão compreendendo. Ora, o *Cacique* está carregado de polícia portuária, e não se deve irritar o *Cacique*, porque então ele seria obrigado a mostrar toda a sua impotência... O pobre *Cacique* já não agüenta mais. Apenas tem forças para guardar os prisioneiros políticos, mandados, de tempo em tempo, para serem comidos pelos bichos que foram legados à marinha da *Pátria* pela marinha imperial.

Dois oficiais estrangeiros, a serviço da República, vieram a bordo do *Herminie* para examinar os nossos papéis e o nosso estado de saúde. Não havendo, graças a Deus, nada contra nós, foi-nos dada *licença* para atracar.

Satisfiz-me muitíssimo o aspecto exterior de Buenos Aires. Felicitava-me pela decisão que havia tomado. É que, efetivamente, depois de ter tocado em Montevideú, a gente se surpreende agradavelmente com o panorama de Buenos Aires. Tudo indica que se está em uma cidade comerciante, uma metrópole digna de melhor sorte. A posição um pouco elevada dessa cidade americana, situada em planície, à margem da costa alcantilada; todos os seus edifícios públicos espalhados numa só linha em toda a extensão da cidade, que tem, no mínimo, três quartos de légua de comprimento; o forte, colocado no meio e, não longe dele, um edifício de construção mourisca, que contrasta singularmente com os numerosos campanários e conventos; as carretas sem número estacionadas embaixo do alcantil; a multidão de lavadeiras cobrindo a praia, debruando de branco a grama verde que se estende longe para o norte e parece terminar em um grupo de árvores a floresta de mastros de mil embarcações pequenas amontoadas junto à *Boca*, para o sul, enfim todas as casas ribeirinhas, disseminadas sobre a lomba e bem perto da costa, todo esse conjunto, animado ainda pelo movimento do desembarcadouro, pode oferecer o aspecto de um lugar importante, de uma grande cidade.

Entretanto, uma coisa me desagradou bastante: foi a necessidade de descer à terra dentro de um carrinho. É vergonhoso para Buenos Aires, para um lugar tão importante, para o único porto da República Argentina onde os estrangeiros podem até agora comerciar com segurança, é vergonhoso, repito, que esses mesmos estrangeiros sejam postos, ao chegar, em contato direto com o que há de mais grosseiro, de mais audaciosamente impertinente, entre o povo de Buenos Aires. É duro, em verdade, estar exposto às injúrias, aos epítetos aviltantes de *gringo*, de *carcamano*, de *godo*, ou de *sarraceno*, que os *carretilleros* acompanham de mil obscenidades, prodigalizadas ao estrangeiro, que, não conhecendo o idioma da terra, faz algumas objeções antes de submeter-se às suas exigências. Nada mais ridículo, mais desagradável, mais bárbaro que essa maneira de chegar metido num carro montado sobre duas enormes rodas, do tamanho das que existem nos nossos moinhos de água, e que nos sacode terrivelmente enquanto o *carretillero* nos maltrata o ouvido com seus cantos e vociferações... Um trapiche ou um molhe flutuante corrigiria todo esse desconforto que os estrangeiros sentem vivamente.

Havia um molhe, antigamente; mas uma enchente extraordinária do rio e a força das correntes, aumentada por um vento violento, destruíram-no completamente. Em lugar de reconstruí-lo, foram aos poucos dali levando as suas pedras!...

Tive de submeter-me a percorrer um meio quarto de légua de praia dentro da ignóbil *carretilla*. Desembarquei no lugar chamado *el muelle*, ainda que já não existam vestígios de tal coisa. O ponto em que se desembarca tem também o nome de alameda,³ que é bem impróprio, pois não se vê senão o umbu-indígena. Voltaremos ainda a essa alameda para ver a linda gente que ali passeia diariamente, nas tardes de verão.

3 Alameda significa em castelhano um lugar plantado de álamos.

.....

Capítulo VII

BUENOS AIRES

DESCRIÇÃO DA CIDADE – SEUS EDIFÍCIOS PÚBLICOS E
PARTICULARES – SUA POPULAÇÃO

S

E quiserdes fazer uma idéia exata da planta de Buenos Aires, tomai alguns tabuleiros de xadrez, juntai-os e imaginai que a linha que separa cada um dos quadrados é uma rua; tereis assim um certo número de ruas, todas iguais em comprimento e largura, que deixam entre elas um quadrado de casas ou uma praça pública. Tendes aí Buenos Aires.

A forma da cidade é de um quadrado, com três quartos de légua de comprimento e meia légua de largura, dividido em trezentas e sessenta *cuadras* ou quadrados de casas, que deixam entre si sessenta e uma *calles*,¹ ou ruas cortadas em ângulos retos. A quadra tem, de cada lado, um comprimento de quatrocentos pés (cento e cinqüenta varas). Dezesseis quadras

1 Na época da reedificação de Buenos Aires, por Juan de Garay, a 11 de julho de 1580, o terreno, dividido entre os habitantes, não continha mais de cento e quarenta *cuadras* que formavam dezoito ruas.

formam um *cuartel* ou quarteirão. Existem ao todo vinte e nove quarteirões, os quais formarão, com o tempo, quatrocentas e sessenta e quatro quadras. Todas as ruas correspondem aos quatro pontos cardeais e são dotadas de calçadas, garantidas por marcos de madeira colocados de distância a distância.

Como se vê, o compasso e o esquadro presidiram a divisão das proporções perfeitamente matemáticas de Buenos Aires. Há dez praças públicas, sendo a principal a *Plaza de la Victoria*. Seus edifícios principais são: *el Fuerte*, *el Cabildo*, quatorze igrejas, dois hospitais, a Universidade, a Sala dos Representantes, o Tribunal de Comércio, o *Coliseo*, *la Recoba*, o Teatro provisório, o *Vauxhall*, *el Parque*, o *Cuartel del Retiro* (caserna).

Vamos passar em revista todos esses edificios e, de passagem, visitaremos os estabelecimentos públicos e particulares.

A primeira praça que se encontra, dirigindo-se da alameda para o centro da cidade, é a *Plaza del 25 de Mayo*, assim chamada porque nela se reuniram os cidadãos que, naquele dia para sempre célebre do ano de 1810, ousaram proferir o grito sagrado de liberdade, em presença dos emblemas do despotismo. De um lado está a fortaleza e do outro a *Recoba*, que a separa da Praça da Vitória.

A fortaleza ou *el Fuerte* é um conjunto de grandes edificios cercados de espessa muralha, dominada por um baluarte guarnecido de canhões, e protegido por um fosso que se atravessa por uma ponte levadiça. Todas as repartições que dependem do Poder Executivo se encontram ali reunidas; mas o governador não reside nesse local. Essa fortaleza, bastante respeitável, domina a pequena enseada e o centro da cidade.

A *Recoba* é um edificio de construção mourisca, que forma um arco de triunfo em frente do forte, e ostenta de cada lado uma galeria aberta em arcadas, encimada por um terraço, cercada de uma balaustrada e ornada de grandes vasos envernizados. As galerias, pavimentadas de mármore no centro, são ocupadas por mercadores de tecidos e vestimentas para uso da gente do campo, o que produz um efeito muito pitoresco. À direita da *Recoba*, e no ângulo da *Calle de la Paz*, vê-se o *Coliseo*, ou teatro, que não foi terminado e que está em parte ocupado por um café francês. Entramos na *Plaza de la Victoria*: salve a Pirâmide! É uma espécie de obelisco quadrangular, de uns trinta pés de altura, colocado no centro da praça e cercado

por uma grade de ferro entrecortada por doze pilastras que terminam numa bola. Nesse lugar, todos os anos, os rapazes vêm cantar o hino pátrio² no aniversário da independência nacional. Hino sublime, que já compararam, com razão, à nossa *Marselhesa!* Nos dias 25 de maio e 9 de julho, essa pirâmide e a praça inteira são enfeitadas de inscrições, símbolos, troféus, guirlandas, bandeiras, em memória dos felizes acontecimentos que deram a independência à América. Os edifícios públicos e as casas particulares são iluminadas com lanternas; jogos animados, corridas de cavalos, à maneira dos antigos torneios sarracenos, fogos de artifício, revistas, evoluções de tropas de linha e de milícias a pé e a cavalo, fanfarras, sinfonias executadas pelas bandas dos diferentes regimentos, contribuem durante três dias para aumentar o delírio geral e para atrair a curiosidade dos inúmeros estrangeiros, que afluem à Praça da Vitória, não só para ver a festa como também para admirar as graciosas *porteñas* postadas em anfiteatro diante do *Cabildo*. A Praça da Vitória não se destina unicamente à celebração das festas cívicas. É, às vezes, o teatro, o fórum, onde a ambição de alguns tribunos dá ao povo reunido o espetáculo de um drama terrível, ao qual atores frenéticos não dariam mais realismo. Ao menor sinal de perturbação da ordem, junta-se sob o pórtico do *Cabildo* a turba andrajosa dos *carretilleros*, dos *carniceiros*, dos *aguateros* e dos *compadritos*, compradores de briga que acorrem em massa para atizar o fogo. Se a desordem toma o aspecto de insurreição, se a revolução se declara, a multidão audaciosa cresce cada vez mais até que a polícia (se não é cúmplice), ou o governo, faça avançar a tropa de linha ou um regimento de negros. Vêem-se então os sediciosos, vestidos de *chiripá* (os *sans-culottes* da República Argentina), debandar em todos os sentidos, correr precipitadamente para fora da cidade e alcançar o campo, onde, depois de roubar todos os cavalos que encontram, vão reunir-se aos *gauchos* que se organizam imediatamente em *montonera* (espécie de guerrilhas do país),³ até que um chefe político de bastante influência os reúna em número suficiente para sitiá-la cidade. É então que Buenos Aires fica realmente numa crítica posição, porque seus habitantes se alimentam principalmente

2 Composto por Vicente López, um dos membros mais distintos do Poder Judiciário.

3 Que consiste em acoessar continuamente o inimigo, sem dar-lhe combate cerrado. Chama-se esse gênero de combate *guerra de recursos*.

de carne e não fazem questão de pão, que, aliás, é mais caro do que a carne. Ora, quando há insurreição no interior, não há mais víveres para a cidade, nem gêneros para o comércio. É preciso ceder *por fuerza*. Os *gauchos* ou habitantes do campo são, em relação a Buenos Aires, o que são os tártaros em relação à China ou os beduínos em relação a Argel. Foi um chefe gaúcho que triunfou do partido de *Lavalle* e serão os gaúchos que dominarão sempre a cidade, opondo-se a toda inovação útil ao país, até que se ponha em prática o plano de Rivadávia, que consistia em favorecer os estrangeiros e induzi-los a formar colônias no interior. O exemplo de seu trabalho, de sua moralidade, dos laços de família que se formariam, a modificação de alguns hábitos ainda selvagens, contribuiriam para suavizar os costumes ásperos dos gaúchos; compreenderiam a civilização européia, e seu caráter indomável, insubordinado, cederia à atração de um bem-estar que ainda não experimentaram; sua educação política, desenvolvendo idéias de uma ordem mais elevada, faria nascer neles um amor à pátria menos ardente, menos devorador, mas mais bem compreendido, mais constante, mais nobre; saberiam que a *pátria* é a nação toda inteira e não só o campo onde nasceram; que a *liberdade* não consiste em repudiar toda espécie de freio que os legisladores pretendam pôr em suas paixões desregradadas... Mas, agora, percebo que estou mais próximo dos *pampas* que da *Plaza de la Victoria*.

Como o campo conseguiu vencer o partido da cidade, esta se vê num momento inundada de gaúchos, de índios e de milicianos dos bairros, que a percorrem em todos os sentidos, empunhando a lança, a carabina ou o sabre e dando gritos selvagens que apavoram o estrangeiro recém-desembarcado. O maior número se concentra na Praça da Vitória, diante do *Cabildo*, ou na de 25 de Maio, diante do forte. É a hora da expansão, e o drama toma, então, um caráter trágico ou burlesco, segundo as paixões dos seus atores. Não existe, em verdade, espetáculo mais estranho do que esse: de um lado, vemos o corpo dos *carniceros* ou *abastecedores*, a guarda de honra do tribuno vencedor, com suas jaquetas escarlates, suas calças brancas, seus chapéus redondos, enfeitados com uma fita azul-celeste, suas lanças e pequenas bandeiras de cor negra e vermelha, oferecendo aos olhares a imagem macabra de uma cabeça de morto, com esta inscrição *Federación o muerte!*; de outro lado, as hordas indisciplinadas de índios *pampas*, seminus, cabelos revoltos, tez de cobre, montando em pêlo cavalos fatigados de

longas galopadas. Ao lado, a tropa tumultuosa de gaúchos, divertindo-se em agitar os *cascabeles* (guizos) que ornam a cabeça e o pescoço dos cavalos, e a brandir suas longas lanças enfeitadas de bandeirolas ou de fitas azuis e encarnadas, emblema da Federação, que eles prendem no boné, no chapéu pontudo, nos braços, nas orelhas e até na cauda do cavalo! Aqui, são as milícias de jaqueta azul, calça branca, pés descalços, carregando desajeitadamente o fuzil em mau estado. E no meio de toda essa misturada de vestimentas, em que as cores vermelha, azul e verde dominam completamente, vê-se o regimento dos *Defensores*, composto de negros, os únicos vestidos uniformemente e disciplinados, cujos rostos contrastam com os de tantas raças em que mal se consegue identificar os traços primitivos. Essa é a vista que oferece a Praça da Vitória num dia de revolução e, às vezes, até um dia de festa; mas, neste caso, há menos confusão: algumas tropas regulares, uniformizadas, compostas de velhos veteranos, restos do Exército nacional, estão ali para tranquilizar o estrangeiro.

O *Cabildo* está voltado para a *Recoba*; ocupa o lado oeste da praça. É também um edifício de construção mourisca, porém mais simples, que se estende por um espaço aproximado de duzentos e cinquenta pés. Apresenta duas ordens de arcadas, uma sobre a outra. A do rés-do-chão forma um pórtico onde a gente se reúne para discutir negócios; a do primeiro andar é uma galeria pela qual se comunicam várias salas muito espaçosas. Um balcão de ferro orna a dianteira e uma torre quadrada, coroada por um pequeno campanário, ocupa o meio do edifício, coberto de telhas redondas.

O *Cabildo* que, sob a administração espanhola, servia de municipalidade, desempenhou um grande papel nos primeiros tempos da independência de Buenos Aires. Os cidadãos notáveis ou mais influentes nele se reuniam, às vezes, para deliberar. O sino da torre dava o sinal, o povo acorria em massa à Praça da Vitória e, do balcão a que me referi, os oradores o arengavam, seja para incitá-lo ao tumulto, seja para acalmar sua efervescência. Foi nesse mesmo edifício que, a 19 de maio de 1810, a assembléia geral dos cidadãos foi convocada sob o nome de *Cabildo abierto* (permanente) e que o último dos vice-reis, *don Baltazar Hidalgo de Cisneros y La Torre*, foi deposto a 25 do mesmo mês e substituído por uma junta de nove pessoas, todas naturais do país. Começaram então as guerras da independência e

a luta interior, luta de ambição que dura ainda e atrasa a constituição da República. Foram nomeados os chefes do governo, que tomaram os títulos de diretores, presidentes, governadores, mas não ficaram muito tempo no poder. Houve mesmo três governantes num só dia! E o *Cabildo* precisou intervir, às vezes, e tomar a si a autoridade para sufocar as disputas dos ambiciosos.

Atualmente, o *Cabildo* mudou de destino: é a sede do Poder Judiciário. Isto não quer dizer que ali reine a justiça!... Todos os tribunais, a corte suprema (*la Camara de Justicia*) acham-se ali reunidos. Na parte térrea estão os notários, os oficiais de justiça, os escrivães públicos e a prisão principal (*la Carcel*). Nos dias de audiência, a galeria, o balcão, o pórtico estão continuamente abarrotados de populacho da província e dos campos, atraído pela curiosidade.

Durante a Semana Santa, é exposto sob o pórtico do *Cabildo* um Cristo na posição de um quadrúpede, sobrecarregado de uma imensa cruz, com um cordão no pescoço que os devotos vêm beijar, depositando, bem entendido, seu *meritorio* donativo. Perto existe um púlpito onde um leigo prega a Paixão à sua maneira, e na esquina de uma das ruas a gentalha queima um enorme Judas do modo mais indecente, aos gritos de *viva la Federación!*

Foi ainda sob esse mesmo pórtico do *Cabildo* que vi, em 1832, executar-se uma sentença das mais ridículas e das mais extraordinárias, em um país que se jacta de seus sentimentos republicanos. Manda a verdade dizer que a camarilha jesuítica, que dominava então o governo, é a única responsável diante do mundo culto pelo sacrilégio cometido naquela circunstância. O motivo foi uma obra, de cujo título não me recordo, uma obra de princípios republicanos, que um negociante francês acabava de introduzir com outros dos nossos melhores filósofos, tais como Voltaire, Diderot, Volney, Dupuis, Raynal, Courier, etc. Coisa incrível! Aprenderam todos os livros, aprisionaram seus introdutores e fizeram lavrar uma sentença, digna da Inquisição, pela qual condenavam-se as obras apreendidas a serem queimadas na praça pública, diante do *Cabildo*, enquanto o verdugo leria a sentença em voz alta e inteligível.

A sentença foi executada em presença do que havia de mais culto em Buenos Aires, e a gente ficou muda, estupefata, não ousando entreolhar-se,



Portenha – Traje de ir à igreja

porque se imaginava sob o jugo da *Santa Inquisição*... Não era aquilo, com efeito, um *Auto-da-fé*? Que era preciso mais? Queimar os autores? Mas condenar as obras de um homem, oprimir seu pensamento, violentar sua consciência, queimar seus escritos, não será o mesmo do que tirar-lhe a liberdade de pensar e reduzi-lo à condição de irracional? E que lhe importará a existência puramente animal que os outros lhe impõem?

Ó turba de tiranos civis e sacros, como diria o eloqüente Volney, opressores de consciência! Quando terminareis vossas torpezas? Não sabeis que uma torrente só se torna impetuosa pelos obstáculos que se opõem à sua marcha rápida?... E não vereis, por acaso, essa mesma torrente, novamente calma e majestosa, quando os obstáculos cessarem?... Não aconselharia ao sr. de Lamennais uma visita ao *Cabildo*.

À esquerda desse edifício, ao norte da praça e no ângulo de uma rua, está situada a catedral, monumento que seria notável se estivesse terminado; mas desde o começo da guerra com o Brasil os trabalhos da fachada foram interrompidos. O peristilo em colunas que forma essa fachada foi construído sob a direção de um arquiteto francês, chamado por Rivadávia para dirigir os trabalhos que havia projetado. Um grande zimbório coroa o monumento. O interior é simples, mas o altar principal é notável pela audácia da sua construção e pela delicadeza dos seus ornamentos. Está isolado no meio da nave e sobre ele a cúpula do zimbório. A missa é cantada, com orquestra, na presença do bispo e do senado eclesiástico.⁴

Enquanto o governo de Buenos Aires esteve unido ao do Paraguai, existiu apenas um bispado,⁵ cuja sede era Assunção; mas, quando a população aumentou, sentiu-se a necessidade de estabelecer dois.

Foi quando o rei da Espanha, Filipe III, solicitou ao papa Paulo V a bula de fundação desse bispado, concedida em 1620. A elevação se verificou a 12 de maio de 1622. Desde essa época até 1810, existiram dezoito bispos. Depois da morte do último, a igreja foi governada pelo senado eclesiástico, até 1831, quando um novo bispo foi nomeado. É uma justiça que se deve prestar ao clero americano dizer-se que ele marchou à frente para a independência política, e que foi assim que o senado eclesiástico de Buenos

⁴ O nome de senado eclesiástico substituiu o antigo nome de capítulo.

⁵ Autorizado pelo Papa Paulo III, em 1579.

Aires, depois de se distinguir por suas luzes e pela pureza de sua moral, adquiriu uma alta reputação, que parece disposto a manter, procurando fugir à influência da corte de Roma.⁶

Do lado sul da praça foi começada uma galeria de arcadas, no modelo da *Recoba*, que deve ser continuada, pois dará uma bela aparência à Praça da Vitória. Enfim, junto ao *Cabildo* fica a administração central da polícia, diante da qual se vê sempre um bom número de *celadores*, gendarmes do país, que estão bem longe de ter a moralidade dos nossos (justiças lhes seja feita!).

Agora, vamos dar uma volta pela *Calle de la Reconquista*, assim chamada porque foi nesta rua que os ingleses foram feitos prisioneiros, depois de sua última tentativa. Ela começa na *Recoba* e prolonga-se para o sul, até a beira da costa que domina as planícies da *Boca*, de *Barracas*, de *Quilmes* e do *Paso de Burgos*. Já chagaremos lá.

Depois de ter passado a primeira quadra, encontramos a igreja e o convento de *San Francisco*. A igreja é notável pela riqueza dos seus ornamentos, com duas torres de azulejo e uma cúpula recentemente restaurada. O convento destaca-se, também, por ser o único convento de homens que sobreviveu às reformas do virtuoso Rivadávia, cujo zelo pelo melhoramento dos costumes e progresso da civilização só foi recompensado com o indefinido *ostracismo* que o atingiu.

6 O papa atual não perdeu a ocasião que lhe oferecia a administração pouco esclarecida do general *Rosas*, de recobrar o poder espiritual, que se lhe havia escapado desde os primeiros tempos da revolução; nomeou o bispo proposto pelo governo de Buenos Aires, e logo em seguida se falou de um segundo bispo que devia servir de *suplente* do primeiro. O senado eclesiástico alarmou-se com a nomeação dessas criaturas devotadas à corte de Roma, e fez uma representação ao Poder Legislativo, na qual declarava que, havendo as antigas colônias espanholas sacudido o jugo da metrópole e jurado solenemente não pertencer a nenhum poder europeu, tornar-se-iam perjuras ao seu juramento se consentissem em se colocar sob a influência direta da corte romana. Esse protesto do clero foi tomado em consideração: uma comissão composta por cidadãos mais destacados entre os legisladores, sacerdotes, advogados e homens de letras, foi nomeada para resolver a questão. No momento de minha partida estava sendo impresso o *dictamen* da comissão que, segundo me informaram, era favorável à causa americana.

Atrás do convento, na rua da Biblioteca, sempre à beira do rio, encontramos a Universidade, *la Universidad!* O nome de Rivadávia está impresso em toda parte. É inapagável e sempre ali brilhará, apesar da obscuridade em que pretendem envolvê-lo, porque foi sob a administração esclarecida desse sábio legislador que a instrução pública recebeu o impulso considerável que se nota em Buenos Aires. Foi durante sua gestão no Ministério do Interior, em 1820, que a Universidade foi fundada, que cada distrito do interior foi dotado de uma escola primária, que vinte escolas deste gênero foram estabelecidas na capital, enquanto um grande número de particulares foram autorizados, *convidados*, a abrir outras escolas para a instrução dos jovens de ambos os sexos; que, um pouco mais tarde, o antigo diretor da escola de comércio de Paris foi induzido a fundar uma semelhante em Buenos Aires; que muitas senhoras francesas foram chamadas para dirigir o colégio das órfãs; que foram escolhidos destacados professores da França e da Itália; que o ensino da língua francesa foi introduzido nos cursos públicos; que foi votada uma soma anual suficiente para enviar à Europa jovens destinados a se aperfeiçoarem em estudos especiais; enfim, que foi formado um conselho da Universidade, composto dos homens mais cultos e mais liberais, com o fim de facilitar e superintender os progressos da instrução pública!... Desgraçadamente, tudo isso foi apenas começado, porque tendo sido Rivadávia obrigado a renunciar ao poder, os professores que havia contratado à custa de grandes gastos, tanto para eles como para o Estado, encontraram-se expostos aos ódios do partido contrário e foram obrigados a levar para outros lugares os conhecimentos e as luzes que poderiam ter feito de Buenos Aires uma nova Atenas. A Universidade acaba de ser organizada de acordo com um novo plano, que se assemelha bastante ao da nossa antiga Universidade de França.⁷

Ao lado da Universidade, está situada a Escola Normal. O exterior desses edifícios nada tem de extraordinário; mas o interior, convenientemente distribuído, pode conter um número bastante grande de alunos. Cada ano em épocas diferentes são distribuídos, no pátio da Universidade, em presença do governador, dos ministros e das principais autoridades,

7 Vide a nota F, relativa à nova organização da Universidade de Buenos Aires e aos estudos que ali são feitos, pág. 292.

prêmios, não somente aos seus alunos, mas também aos jovens das escolas gratuitas colocadas sob a proteção imediata de uma sociedade de beneficência, composta das senhoras mais ilustres de Buenos Aires e presidida por uma delas.

Entre as escolas particulares distinguem-se a do Comércio, dirigida pelo senhor Rafael Menvielle; a Academia Comercial, na Rua Potosi; a Academia Argentina, na Rua Maipu; a Academia das Províncias Unidas, o Ginásio Argentino, o Liceu Argentino e a escola para moças, mantida por Madame Du-Harme e sua filha.

Em frente da Universidade, está a Casa dos Expostos, onde uma portinhola fácil de abrir permite depositar, a qualquer hora do dia ou da noite, o fruto de uma fraqueza que a vergonha não permite confessar. Os cuidados que o recém-nascido recebe nessa casa tranquilizam as mães sobre o seu destino; daí que o crime de infanticídio seja extremamente raro em Buenos Aires. Ao lado, acha-se uma prisão, que tem o mesmo nome da casa dos expostos, isto é, *la Cuna*.

Seguindo de novo pela Rua da Reconquista chegamos a uma outra igreja, a de *Santo Domingo*, muito interessante por estar ainda crivada das balas com que os patriotas obrigaram os ingleses, ali refugiados, a capitular.

A 29 de junho de 1806, os ingleses, em número de mil e oitocentos homens comandados pelo general Beresford, tomaram Buenos Aires, de surpresa, e instalaram-se no forte. O povo percebeu logo a perfídia e ficou indignado. Mas o povo era impotente, completamente nulo, em uma época em que a habilidade de um caçador derrubando um pássaro o deixava embasbacado; que a astúcia dos monges, tratando-o como à mais crédula das crianças, procurava persuadi-lo de que os ingleses, sendo heréticos, não eram feitos como os outros homens: *Los ingleses tienen cola, lo mismo que un demonio!* diziam os monges ao povo, e este duvidaria mais facilmente do poder de Deus que da veracidade dos monges... Entretanto, que prestígio tem o heroísmo! Um estrangeiro, um francês, o general Liniers, a serviço da Espanha, chegado a Buenos Aires com um punhado de orientais, põe-se à frente do povo, fala-lhe, anima-o e, de repente, esse povo apático, indolente corre à fortaleza e, depois de assediá-la, toma-a de assalto. Os ingleses são feitos prisioneiros e enviados para Córdoba. Isto passou-se a 12 de agosto

de 1806, mas eis que, a 3 de julho do ano seguinte, no momento em que menos se pensava nos ingleses estes chegam com uma força de doze mil homens, comandados pelo general Whitelock, desembarcam na *Enseñada*, vêm por terra a Buenos Aires e resolvem atravessar a cidade para alcançar a fortaleza. Mas os tempos tinham mudado! O exemplo do general Liniers tinha eletrizado aquele povo zeloso de sua independência; já formara os seus soldados que, à falta de disciplina, sabiam empregar a audácia e a astúcia; as mulheres tremiam de horror e indignação com a idéia dessa invasão de heres, munidos de um apêndice infernal... Todas as paixões susceptíveis de despertarem o patriotismo de um povo ainda fanático e supersticioso foram postas em jogo para levá-lo até o heroísmo. E foi bem-sucedido. Tirou-se um grande partido da forma das casas, todas terminadas em terraços, assim como do comprimento e da disposição paralela das ruas. O general Liniers comandava a defesa, e não se pode negar que demonstrou uma grande habilidade.

Os ingleses tinham perto de uma légua a percorrer no meio de todas essas fortalezas, antes de chegarem à principal. Com mais tato, mais previdência, ter-se-iam contentado em sitiar a cidade, ocupar o campo, apoderar-se de alguns edifícios elevados; mas acreditaram firmemente que bastaria soltar um *hurrah!* para liquidar esses *maltrapilhos*. Erro fatal!

Deixaram que os ingleses penetrassem. Estes avançaram em três colunas bem para o interior da cidade. As ruas estavam silenciosas e poderiam imaginar que a consternação os havia precedido, ou que o terror era despertado com os seus gritos. Mas eis que, de repente, as casas se cobrem de habitantes e a população inteira está diante dos ingleses. Ninguém faltou ao chamado; mulheres, crianças, velhos, criados, todos contribuíam com entusiasmo para a defesa de seus lares. Os projéteis eram inesgotáveis: eram pedras, tijolos de casa; água do poço que haviam feito ferver; cinza dos fornos com que cegavam o inimigo, enquanto na esquina próxima uma tropa de homens a cavalo, carregando um canhão montado sobre rodas, soltava uma descarga de metralha sobre a vanguarda da coluna, e desaparecia com a rapidez do raio depois de ter deixado um claro impressionante nas fileiras inimigas. Vigias postados no alto das igrejas indicavam o caminho tomado pelos ingleses e, em seguida, a artilharia corria ao encontro deles e os metralhava de novo sem dar-lhes tempo de responder. Enfim, para se ter

uma idéia do desastre que esse gênero de combate causou aos ingleses, basta saber que, ao chegarem à igreja de *Santo Domingo*, onde se apressaram a construir barricadas, seu número estava reduzido a mil e duzentos ou mil e quinhentos homens!

Os habitantes de Buenos Aires reconhecem com justiça a coragem e a bravura dos ingleses: morriam com uma ordem, um sangue-frio, uma disciplina admiráveis. Quantas vezes ouvi as portenhas dizerem com uma graça inimitável: “*Me daba lástima de ver aquellos ingleses, tan rubios, tan bonitos mozos, caer heridos, y gritar todavia: hurra! Pero creíamos de buena fe que eran herejes y que tenían cola!...*”

– E está certa de que não é verdade? – lhe perguntava.

– “*Quien sabe!*” – respondiam elas – “*pero me parece una barbaridad!*”

A igreja de *Santo Domingo* dependia de um convento de dominicanos, suprimido por Rivadávia. Este legislador tirou o melhor partido do convento, destinando a sua parte baixa aos cursos de química e de física e a parte alta a um museu de história natural. A fundação do estabelecimento data de 1826. O *museu* não passa por enquanto de um *gabinete de curiosidade*; mas não deixa, contudo, de oferecer certo interesse científico, além de constituir um ornamento para a cidade. Foi iniciado com uma coleção muito bonita de minerais, peças de anatomia, instrumentos de física e outros objetos adquiridos na França. Depois foi aumentado, pelos cuidados do conservador,⁸ com um grande número de animais do país e diferentes peças de geologia. Seria possível fazer-se um curso completo de história natural com o que existe na coleção, que já dispõe, mais ou menos, de mil e quinhentas amostras pertencentes à mineralogia e à geologia, sendo mais de oitocentas referentes às principais divisões do reino animal, sem contar

8 Sr. Cádmió Ferrari. Ficou encarregado desse gabinete desde a sua fundação até a presente data e possui justos títulos que o recomendam à estima pública pelo zelo que põe na conservação e no acréscimo dos objetos tanto indígenas como estrangeiros, apesar do abandono em que o governo tem deixado o estabelecimento, durante os últimos anos. Auxiliado pelo preparador que eu trouxera comigo, o sr. Ferrari pôde renovar muitos animais, mal reconstituídos antes, e dar um outro aspecto a esse pequeno museu, do qual se poderia tirar melhor partido.

um grande número de insetos. Entre os objetos de curiosidade, nota-se uma cota de malha e um enorme sabre, tomados recentemente a um cacique índio, e que pertenceram a um dos chefes espanhóis da conquista. O sr. Alcides d'Orbigny enriqueceu também o museu com muitas coisas bastante interessantes, por ocasião de sua visita a Buenos Aires. Enfim, além dos instrumentos de física experimental, que serviam durante os cursos bissemanais, há ainda uma coleção de medalhas antigas e modernas, que havia sido doada à biblioteca, como era natural, mas que se julgou prudente confiar à guarda do conservador *estrangeiro* do Museu. Este é franqueado ao público às terças e quintas-feiras, e nos dias feriados das onze às duas horas. A escada pela qual se chega às galerias é considerada uma das *maravilhas* da capital argentina.

Precisamente em frente da igreja de *Santo Domingo*, sempre na Rua da Reconquista, vê-se uma casa de aparência modesta, com pequenos floreiros suspensos na varanda. Direis, certamente: que me importa esse casebre miserável? Mas não deveis sorrir de minha simplicidade. Tirai antes o chapéu – estais diante do lar de um ilustre proscrito!... São os penates de Rivadávia! Foi desse soalho meio apodrecido que vimos, no ano passado, um ancião venerável, ardendo ainda de amor pela sua pátria, que não o compreende, sair lentamente, encaminhar-se com dificuldade ao porto, onde um navio estrangeiro, o *Herminie*, esse mesmo *Herminie* que me trouxe, ia oferecer-lhe a hospitalidade que a sua a ingrata pátria lhe recusava!!!

Depois de sua demissão voluntária, em julho de 1827, o senhor Rivadávia achou prudente afastar-se de Buenos Aires, a fim de que sua presença não fosse um obstáculo à constitucionalização do país. Ninguém o obrigou a partir. Refugiou-se na França, onde viveu modestamente – como fizeram, outrora, Anacarsis, na Grécia; Sólon, Pitágoras e Platão, no Egito ou na corte de Creso – enquanto paixões tumultuosas, semelhantes a tempestades, assolavam e alteravam os encantos dessa *pátria* ingrata, da qual continuava o mesmo amante devotado, apesar dos seus erros e do seu orgulho. Quando, enfim, a calma sucedeu à tempestade, quando os cidadãos pareciam confraternizar sinceramente, o senhor Rivadávia pensou em voltar para junto de sua Penélope que, como a esposa de Ulisses, desejava

ardentemente revê-lo. Chegou no começo do ano passado, incógnito, de surpresa, e foi sentar-se à sua mesa de trabalho, no seu velho gabinete, sem que ninguém suspeitasse. Pensai na alegria da sua esposa, dos seus amigos!... Infelizmente, foi só um relâmpago de felicidade: o chefe de polícia apresentou-se cortesmente, de parte do governo, e convidou-o a embarcar de novo, sem demora. Foi, contudo, suficientemente amável para não o fazer escoltar até a praia.⁹

Se quiserdes descer comigo uma quadra e meia em direção ao rio, veremos a alfândega, cujos muros são banhados pela água quando a maré está alta. Não é para ver o edifício que nos damos a este trabalho, porque é um dos mais feios da cidade. Vamos, apenas, cumprimentar esse bom senhor Lavalle, o coletor geral, amigo de todos os negociantes estrangeiros e nacionais.¹⁰ A integridade desse administrador, seu patriotismo superior, perfeitamente desinteressado, granjearam a estima de todos os partidos que conquistaram, alternativamente, o poder durante as perturbações que abalaram a fortuna e o crédito do Estado. O governo está muito interessado em que os direitos aduaneiros, que constituem a maior fonte de renda da república, sejam arrecadados sem fraude e produzam o máximo possível. Apesar disso, o senhor Lavalle sempre se opôs, corajosamente, a qualquer medida vexatória e a qualquer taxa onerosa aos comerciantes. Foi assim que soube constantemente conciliar as exigências do fisco com a proteção que reclamam o comércio e a indústria. Só faço justiça aos empregados da alfândega de Buenos Aires, ao dizer que se empenham em ser prestativos para com os negociantes, e que os exames e visitas se operam, os direitos se percebem, sem que ninguém se possa queixar da mínima desatenção. Não vigoram ali essas medidas imorais, escandalosas, que são adotadas e seguidas tão rigorosamente nos nossos países civilizados da Europa. Refiro-me a essas vergonhosas apalpadelas de que são vítimas homens, mulheres e crianças, nos pequenos gabinetes de inspeção, ferindo de tal maneira o pudor que muitas mulheres preferem não viajar a ter de sofrer uma tal profanação.

9 Rivadavia teve de refugiar-se com a família no *Rincón de las Gallinas*, às margens do Uruguai.

10 Sr. J. de Lavalle, coletor geral, é pai do coronel Lavalle, que adquiriu tão triste reputação na revolução de 1828.

Ultimamente, imprimiram uma tarifa alfandegária, com a enumeração e explicação das formalidades a preencher. Encontram-se ali os modelos das declarações que devem ser feitas. E, enfim, um guia completo, como poderiam desejar os negociantes recém-estabelecidos.¹¹

Continuemos nosso passeio. Se estais fatigados, podemos sentar-nos junto à costa onde termina a rua. Paremos um momento no *cuartel de los Negros* reunidos em um corpo de milícias, sob o nome de *batallón de Defensores de Buenos Aires*. Depois dos restos do exército nacional, reunidos em três corpos, sob os nomes de Caçadores do Rio da Prata, Guarda Argentina e Patrícios, de cavalaria, que formam a tropa de linha, o corpo dos Defensores de Buenos Aires, composto de negros e mulatos é, incontestavelmente, o conjunto de milícias mais bem organizado, o mais disciplinado e o mais necessário à segurança da cidade. Compõe-se de mil e duzentos homens, quase todos livres. A maioria dos oficiais é até escolhida na própria corporação, e a liberalidade do coronel Félix Alzaga acaba de dotá-lo de uma banda de música, organizada sob a direção de um professor alemão.

A Pátria deve muito aos negros, que, talvez, contribuíram mais para dar a independência ao país do que os próprios *criollos*, sobretudo os de Buenos Aires, que são mais *pintores*¹² do que bravos, na opinião dos seus compatriotas do interior. Os negros derramaram abundantemente o seu sangue, com entusiasmo, pela causa da liberdade. Prova disso é a ação do *desaguadero*, no Alto Peru. E a liberdade que lhes foi concedida no território da República, desde os primeiros tempos da independência, não era mais do que a quitação de uma dívida sagrada. Os corpos compostos de negros ou de mulatos forneceram sempre a melhor infantaria da República Argentina, porque os homens do campo, chamados gaúchos, são tão audaciosos, intrépidos, infatigáveis a cavalo quanto são péssimos soldados quando obrigados a combater a pé. O que afirmo aqui, positivamente, irá surpreender as pessoas que só conhecem os negros aviltados pelo chicote dos portugueses ou dos nossos plantadores das Antilhas. É preciso, entretanto, que se saiba, para vergonha de nossos colonos, que, nessa parte das

11 Vide a nota G, relativa aos direitos alfandegários, pág. 294.

12 Fanfarrões. Este epíteto que os *arribeños* (os do interior do país) dão aos *porteños* não está mal aplicado.

antigas possessões espanholas, a maioria dos escravos morre sem nunca ter recebido *uma única chicotada*. Sempre foram tratados com bondade, nunca os maltrataram durante o trabalho, não lhes impuseram tarefa acima de suas forças, nem os abandonaram durante a velhice. As mulheres de seus senhores tratavam suas doenças; ninguém os impedia de se casarem, mesmo com índias ou mulheres livres, o que era uma vantagem para os filhos. Vestiam-nos tão bem ou melhor do que os brancos pobres, e forneciam-lhes uma boa alimentação.¹³ Deste modo, os espanhóis, brancos ou mestiços, nunca tiveram queixas contra seus escravos, e acontecia, às vezes, que estes recusavam a liberdade que lhes era oferecida e só a aceitavam depois da morte dos seus senhores... Não é, portanto, de estranhar que escravos tratados com tanta humanidade fizessem causa comum com os seus senhores, no momento de sacudir o jugo opressor da metrópole. Correram às armas generosamente, sem serem constrangidos pela violência, e olham a causa americana como a sua própria causa. Fui testemunha do entusiasmo, da alegria ruidosa que desperta neles a palavra *Pátria*. É que, efetivamente, a pátria não foi ingrata para com eles. A única diferença que existe ainda entre os negros e os *criollos* espanhóis, a única que um preconceito demasiadamente arraigado ainda estabelece, mas que desaparecerá como tantos outros, é que eles não podem ocupar empregos públicos. Voltaremos a este assunto. Agora, passemos adiante e tratemos de chegar à *Residência*, último edifício que nos falta ver na Rua da Reconquista.

A *Residência* era um convento. Está agora convertida em hospital para homens. Durante a guerra com o Brasil, serviu também como fundição de canhões e de obuses. Atualmente, em lugar das forjas de Vulcano retumbante de gritos de guerra, só se vêem salas de enfermaria, cujo fraco eco repete gritos de dor e de agonia. A igreja, encimada por uma cúpula, e as construções de que está cercada, dominam toda a cidade, por estarem situadas no ponto mais elevado da costa. O hospital da *Residência*, assim como o das mulheres, que se acha na Rua *Esmeralda*, bem no centro da cidade, não corresponde às outras instituições que colocaram Buenos Aires entre as cidades mais importantes e mais civilizadas da América. A organização interna dos dois hospitais exige urgentes modificações, e a própria

13 Vide Charlevoix e Félix de Azara.

vida dos enfermos está incessantemente em perigo, devido ao mau estado da Residência, que já ruiu em parte no ano de 1833. O governo já sentiu a importância de uma reforma nesse gênero. O ex-ministro Anchorena, *factotum* do partido de Rosas, encomendou ao arquiteto da cidade um plano de hospital para os dois sexos. O plano foi executado e mereceu muitos elogios, sendo colocado, como uma bela estampa, numa sala do Forte. E a construção do edifício foi adiada para época indeterminada.¹⁴

Afastemos um pouco o olhar desse amontoado de tijolos vermelhos, dessas construções monótonas e quadradas, para repousá-lo em uma cena campestre. Sentemo-nos perto desses longos cactos que rodeiam as casas modestas, para contemplar a imensidade da planície que levaria nossos olhos até o oceano e até mesmo à Patagônia, se o horizonte sensível não interpusesse sua cortina vaporosa.

14 O autor desse plano é o engenheiro-arquiteto da cidade, senhor Carlos Zucchi, italiano de nascimento. Seu projeto é realmente perfeito, tanto sob o ponto de vista da distribuição interior, dos minuciosos detalhes das proporções matemáticas, como da beleza do desenho e da arquitetura. Estou convencido de que ele teria causado admiração em uma academia européia, mas creio que, por muito tempo, o governo de Buenos Aires não estará disposto a executá-lo.

.....

Capítulo VIII

BUENOS AIRES

A BOCA – BARRACAS – OS PAMPAS – CONTINUAÇÃO DA
DESCRIÇÃO DA CIDADE

ESTAMOS no extremo sul da cidade, no lugar onde o planalto sobre o qual ela se ergue apresenta maior elevação acima do rio e das planícies baixas, que se desenrolam a seus pés, como se não tivessem fim. A costa, ou pequeno alcantil, que serve de talude ao planalto e à cidade, faz aqui uma curva que se prolonga para o oeste. Os contornos e a rampa são ocupados por casas de veraneio chamadas *quintas*, cujos jardins são ornados de uma vegetação européia. Vêem-se ali, com prazer, árvores frutíferas dos nossos pomares, legumes das nossas hortas, sombreados em certos pontos por oliveiras e por laranjeiras cujos frutos de ouro se distinguem de longe, no meio das flores purpúreas da romeira ou dos frutos cor de violeta da figueira. E, como para aumentar os contrastes, uma vegetação equatorial cerca a maioria desses jardins e das pequenas

propriedades: são as piteiras e os cactos. O círio-do-peru, de longas hastes angulosas e flores amarelas e rosadas, serve de proteção à maior parte dos jardins e dos pátios da cidade, enquanto, no campo, as quintas e as pequenas fazendas chamadas *chacras*¹ são protegidas por largos fossos plantados de agaves de folhas longas, carnudas e picantes. Todos esses cercados valem muito mais do que muros num país exposto à pilhagem dos índios e dos gaúchos.

À nossa esquerda, vê-se uma linda casa chamada o *Castelo* pelos franceses de Buenos Aires. Nela morava o nosso ex-cônsul, sr. Mandeville, de deplorável memória. Flutuava ali, a mais de cem pés de altura acima da enseada, nosso pavilhão nacional, cujas cores tinham ainda prestígio suficiente para proteger a vida e a fortuna de seis mil franceses, comprometidas pelas tergiversações e leviandades do sr. Mandeville. Há quem afirme, em defesa do cônsul, que se a França tivesse, como a Inglaterra, um tratado de comércio e navegação, a conduta de seu agente teria sido mais franca e a sua intervenção mais eficaz durante as lutas civis. Tal observação é em certos pontos judiciosa, mas no fundo vem em desfavor daquele cônsul, porque, com um pouco mais de habilidade e menos espírito de intriga e, sobretudo, com mais desinteresse, teria feito sentir ao governo francês a necessidade e a urgência de um tratado de comércio com Buenos Aires. Voltarei a este assunto em tempo oportuno.

Aqui, na extremidade dessas planícies, dessas praias cercadas de salgueiros, desses terrenos pantanosos que as águas do Prata inundam e tornam impraticáveis em suas enchentes, vereis uma quantidade de mastros empavesados de bandeiras nacionais e estrangeiras. É o pequeno porto chamado *Boca del riachuelo*,² ou simplesmente a Boca, onde chegam quase

1 Uma propriedade cujas terras são em parte destinadas à lavoura, em parte à pastagem, é chamada *chacra*; a que é exclusivamente destinada à criação de gado, chama-se *estância*.

2 Riachuelo é o diminutivo de um nome genérico que se aplica, em espanhol, a todos os braços estreitos de rio. O verdadeiro nome deste é *riachuelo de la Matanza*, devido a um grande combate contra os índios, levado a efeito em suas margens, e que constituiu um verdadeiro morticínio.

todas as embarcações que fazem a navegação do Paraná e do Uruguai. Faz-se ali um grande movimento de mercadorias e, entretanto, não há lugar mais incômodo e de mais difícil acesso. Um francês, o sr. Duportail, fez construir, nesse ponto, a única casa de tijolos que ali se encontra, e encarregou-se, com autorização do governo, de construir à sua custa uma estrada de rodagem que, se for terminada, facilitará muito os transportes e comunicações com a cidade.

À direita, sempre ao sul, vê-se a linda vila de *Barracas*, assim chamada devido ao grande número de entrepostos e de lojas públicas ou particulares ali situados, nas imediações da Boca e ao longo da bela estrada que a atravessa. Fica sobre uma planície perfeitamente unida, arenosa, ao abrigo de inundações, e é o ponto de encontro da sociedade nos dias de festa, quando as senhoras vêm passear de caleça ou a pé, enquanto os homens fazem ostentação do seu talento *eqüestre*. Fazem-se ali, também, freqüentes corridas de cavalos, com apostas bem altas. Existem ainda belos pavilhões (quintas), onde as famílias ricas passam uma parte do verão, e onde um forasteiro será sempre bem recebido, desde que tenha boas maneiras e conheça um pouco de espanhol.

Mais além, distinguem-se, à distância de três léguas, as chácaras e os montículos da vila de *Quilmes*. O intervalo é agradavelmente preenchido pelas plantações de salgueiros, pessegueiros-selvagens (*duraznales*), e habitações campestres; mas, se quereis ir adiante, eu vos darei um espaço de uma dezena de léguas, ao sul e ao oeste, para ainda ver figuras humanas, traços de civilização e árvores que dêem sombra. Depois disso, só tereis planícies desertas até os Andes, se ides ao Chile, ou até o rio Colorado se tiverdes vontade de ir medir os habitantes da Patagônia. De longe em longe, só vereis cabanas miseráveis, que aparecem como balizas no meio de um mar cheio de perigos, e reinará um tal silêncio em torno dessas pobres habitações, que ficareis surpreendidos ao ver sair do seu interior uma figura humana. Não notareis o mínimo vestígio de trabalho agrícola, nenhuma árvore, nenhuma moita, mas somente horizontes imensos, sombrios e tristes, animados, por acaso, aqui e ali, pela passagem de um avestruz ou o galope de um *gaúcho*, que vai agrupando os animais dispersos pela seca ou pelas incursões dos índios.

Estareis nos *Pampas*...³ e vos garanto que haveis de esporear vosso cavalo para sair dali o mais depressa possível.

Já que os nossos negócios não nos obrigam a ir comer *charque* naquelas paragens, voltemos para o centro das nossas observações.

Esta é a Câmara dos Representantes! Estamos no cruzamento das Ruas Peru e da Biblioteca, a três quadras da Praça da Vitória. Temos diante de nós o mais belo edifício de Buenos Aires. Ocupa mais de uma quadra e fazia parte do colégio dos jesuítas, que eles próprios construíram com a igreja contígua, cuja entrada está no ângulo diametralmente oposto àquele em que nos achamos. A arquitetura é bastante simples, mas interessante, por obedecer à maneira européia, dentro do estilo moderno, com um teto inclinado. A fachada é toda de pedra de cantaria e as janelas têm varandas como todas as casas espanholas. Estão reunidos nesse vasto corpo de construções, com um único andar sobre o rés-do-chão, a sala dos representantes, a biblioteca pública, o tribunal de comércio, o departamento topográfico, o correio, o departamento de vacina e, ao lado, no mesmo plano da igreja *del Colegio*, o *cuartel de los cívicos*, isto é, a caserna dos patrícios de infantaria, composto de um regimento de milícia ativa e da milícia passiva de infantaria que forma um outro regimento. Essas tropas, espécie de guarda nacional, são muito mal disciplinadas, sem uniforme e sem garbo. A obrigação rigorosa de fazer exercícios militares, cuja utilidade não está demonstrada, tende a criar homens preguiçosos, privando os estabelecimentos industriais de braços que tanto necessitam. Aliás, já foi bem demonstrado, em uma pequena obra que penso traduzir, o inconveniente dessa organização que acabará por desviar a fortuna para as mãos dos estrangeiros e degradar, cada vez mais, os nacionais, com os vícios inerentes à profissão de soldado, sobretudo de soldado insubordinado...

3 A palavra *Pampas*, que vem do *quichua* (língua dos Incas) significa *praça, terreno plano, grande planície, savana*, etc. (*llanura* ou *llanos* dos espanhóis). Poderá causar admiração o fato de encontrar-se essa palavra aplicada em um país bastante afastado de sua fonte; mas é preciso saber que há muitos quíchuas em Santiago del Estero, próximo dos Pampas, onde ainda conservam um dialeto misturado de quíchua e espanhol. (A. d'Orb. *Voyage dans l'Amérique Méridionale*). O sr. Th. Pavie deu uma descrição muito exata dos Pampas e dos índios que ali habitam, no 2º livro, tomo 1º da *Revue des Deux Mondes*.

A sala dos representantes é muito pequena, mas arranjada convenientemente. As sessões são públicas e os deputados falam sentados, ainda que exista uma tribuna. A cidade fornece quinze deputados, e o interior, dividido em treze secções, fornece vinte e três; ao todo, trinta e oito representantes para uma população de cento e oitenta mil habitantes, inclusive os estrangeiros. Avalio a população de Buenos Aires em noventa mil almas, entre as quais trinta mil estrangeiros assim divididos: oito mil ingleses, cinco mil franceses, seis mil italianos, três mil alemães, quatro mil espanhóis e portugueses da Europa; o resto é formado de norte-americanos, brasileiros, orientais, etc. Estimo em quinze mil o número de estrangeiros espalhados no campo ou nas províncias. Assim, segundo o meu cálculo, haveria na cidade sessenta mil habitantes indígenas e no interior setenta e cinco mil; daí ser evidente uma desproporção no número de deputados, eleitos pelas duas partes. Estando os homens do campo duplamente representados, não será de admirar que se veja o país retrogradar no caminho da civilização.

A biblioteca é também uma das mil instituições devidas às luzes de Rivadávia. Foi primitivamente, legada à cidade por um monge; mas só contava, então, com alguns milhares de volumes *in-folio*, um número bastante grande de manuscritos em latim e espanhol sobre pontos obscuros de teologia, medicina, controvérsia e algumas graves futilidades. De 1820 a 1828, enriqueceu-se sucessivamente de livros de história, jurisprudência, moral, ciências exatas e naturais, literatura propriamente dita e de uma grande quantidade de álbuns de viagem, gravuras de todo gênero, etc... Ocupa, atualmente, cinco salas, e o número de volumes sobe a vinte mil. Os livros franceses constituem mais da metade. Está aberta ao público todos os dias não feriados e a facilidade de ler-se ali os jornais de Buenos Aires faz dela um gabinete de leitura.⁴

A literatura é muito desprezada em Buenos Aires, depois que a camarilha jesuítica sucedeu no governo a Rivadávia. Não é, entretanto, por falta de meios de instrução, pois, além da biblioteca pública, existem ainda

4 Depois de Rivadávia, esse estabelecimento foi abandonado como os outros, e assim desapareceram muitos manuscritos importantes à história do país!... Vi com prazer, quando voltei do Brasil, que havia mais ordem e cuidado de parte dos bibliotecários.

seis livrarias e um gabinete de leitura dirigido pelo sr. Duportail. Além disso, há dois círculos de comércio, a sala argentina e a sala inglesa, onde é possível ler os principais jornais europeus e americanos; mas as restrições impostas à liberdade de imprensa pelos governadores *con facultades extraordinarias* (o que equivale a uma ditadura), afastaram do país todos os homens cujo gênio independente não se podia dobrar à escravidão inquisitorial das consciências, imposta pelos Anchorena, os Maza, os Medrano, e toda a camarilha que queimou outrora os nossos filósofos.

Há também seis tipografias, mas, em 1834, não se publicavam mais do que cinco ou seis jornais, em lugar dos dezessete que se imprimiam em 1826! Entre esse reduzido número de seis jornais, três estavam servilmente a soldo do obscuro governo. Além das tipografias ordinárias, há duas litografias, sendo a principal a *del Estado*, dirigida pelo sr. Bacle e companhia. Essa bela arte fez muitos progressos em Buenos Aires, graças ao zelo infatigável, à admirável constância do sr. Bacle, de Genebra, e à proteção de muitos cidadãos ilustres, especialmente o general Tomás Guido, ministro da Guerra e das Relações Exteriores em 1834. Muitos trabalhos importantes e interessantíssimos ao país foram empreendidos pelo sr. Bacle, entre outros uma carta topográfica, em grande escala, da província de Buenos Aires, com o plano de todas as *estâncias*: uma coleção completa de marcas de animais;⁵ um mapa geográfico das províncias unidas, e uma série de ilustrações de costumes e vestuários de Buenos Aires, retratos, etc., que deixam pouco a desejar quanto à exatidão e clareza do desenho.

Antes de examinar a população da cidade, terminemos a rápida revista dos estabelecimentos e instituições, dignos de despertar o interesse ou de atrair a atenção do viajante.

Já disse que não restava em Buenos Aires mais do que um convento de homens. É verdade. Mas existem ainda três de mulheres e, longe de pensar em suprimi-los para dar mais braços ao trabalho, ou elementos de progresso à população, o governo obscuro determinou a construção de um novo edifício, que terá o nome de *Casa de los santos ejercicios*. Nada mais

5 Cada proprietário de animais, chamado *estanciero*, é obrigado a ter uma marca particular, que faz aplicar na anca ou na coxa dos animais e cujo tipo fica registrado na polícia central.

tocante, mais edificante, mais moral, do que os exercícios que se praticam nessa casa santa! E, sobretudo, o fim da instituição. Imaginai uma mulher infiel ao marido, uma jovem criatura que se afastou da tutela materna ou paterna para seguir o amante, ou mesmo para satisfazer, abertamente, seus gostos depravados. Pois bem: lançam-se nos braços das religiosas *de los santos ejercicios*, choram, arrependem-se como a Madalena, submetem-se a penitências proporcionais à gravidade do pecado e, afinal, depois de alguns dias passados em orações e ouvindo os conselhos de jovens e enérgicos confessores, que as exortam à continência, essas pecadoras retornam à sociedade, aos seus maridos ou aos seus pais, tão puras como a neve! Não é isso edificante? Acontece o mesmo com os jovens libertinos e os velhos pecadores; somente a *penitência* destes é mais forte. Há mais inocência na vida cheia de júbilo e doçuras das religiosas de *San Juan* e *Santa Catalina*. Umam e outras tomam excelente chocolate, apreendido e fornecido a elas pela polícia, e fazem coletas lucrativas, sob o patrocínio dos santos que mandam passear pela cidade em determinados dias.

Os lugares de divertimento público são em número reduzido. Visita-se, por exemplo, com prazer, o Wauxhall ou *Parque Argentino*, jardim bem tratado onde foram construídos um teatrinho e um circo ao ar livre; mas como fica um pouco afastado do centro, não tem muita frequência noturna. Apesar disso, é o lugar preferido no verão para banquetes ou bailes públicos. Foi nesse local que demos nosso jantar patriótico, quando chegou a notícia oficial da *gloriosa* Revolução de Julho. Bebemos um vinho detestável à *saúde* das novas instituições...

Há dois outros jardins que atraem os passantes: o da *Esmeralda*, onde se é bem servido, e o do *Retiro*, menos freqüentado. O Retiro é uma grande praça no extremo norte da cidade, no meio da qual via-se antigamente um grande circo ou arena destinada aos combates de touros. Rivadávia o fez demolir, depois de explicar ao povo que somente o feito bárbaro dos espanhóis pode autorizar semelhantes divertimentos. A medida encontrou pouca oposição e o povo passou a freqüentar a ópera, a comédia, o circo olímpico, os concertos, que substituíram as touradas. Mas eis que o governo obscuro de 1832 teve a *feliz* idéia de restabelecer os combates de touros! Escolheu-se *Barracas* para esse belo espetáculo. Na primeira vez houve muita gente, atraída pela novidade; mas, pouco a pouco, as pessoas

decentes se abstiveram de aparecer e o povo fez justiça àquela exibição selvagem.

Atualmente, a gente acorre à Praça do Retiro para ouvir a música do quartel, que executa marchas patrióticas e sinfonias por um conjunto admirável.

Os cafés, bastante espaçosos, são — é preciso confessar — passavelmente mal servidos: a prataria não brilha ali. E com razão! Preferia guardar segredo mas, desde que sou forçado, peço que me perdoem a *afrenta*: é que os fregueses que não hesitam em sujar a roupa com os tocos de vela que carregam para casa habitualmente, tomam também a si a fácil tarefa de levar os pratinhos e as colheres de prata.⁶

Que vos direi do teatro? Os estrangeiros só o freqüentam para ver as *porteñas*. Elas bem merecem que a gente se dê a pena de ir bocejar um pouco durante a representação do *Jogador*, da *Morte de Riego*, da *Passagem da ponte de Arcole por Napoleão*, ou do inevitável *sainete*, todos representados de maneira lamentável por atores espanhóis. Felizmente, de vez em quando, chegam alguns cantores ou dançarinos, em trânsito para a Bolívia ou para o Chile, e concedem a graça de dar algumas representações ao *heroico pueblo* de Buenos Aires, e a gente descansa um pouco das soporíferas comédias da *troupe permanente*. A sala, que felizmente é provisória, não passa de uma grande galeria. É difícil encontrar-se coisa mais incômoda, desgraciosa e malcuidada. A única vantagem que oferece, e que é comum à maioria dos teatros na América, é ter poltronas numeradas na platéia, o que impede esses movimentos tumultuosos, semelhantes às vagas do oceano, que tanto assustam os estrangeiros bem educados, à entrada dos nossos teatros. Tudo se passa ali dentro da maior decência. Nunca o assobio de um cocheiro ou de um amestrador de cães virá ofender com o seu ruído o tímpano delicado das senhoras, assim como nunca se ouvirão essas vociferações que fazem corar as pessoas respeitáveis, reunidas dentro de uma sala de espetáculos. Há um costume singular no teatro de Buenos Aires, que choca à primeira vista, mas ao qual a gente se acostuma logo,

6 Não é uma acusação leviana. Disse-me um proprietário de café, cujo nome poderia citar, que todas as noites põe a postos os garçons, para impedir que lhe roubem os castiçais.

chegando mesmo ao ponto de achá-lo justificável. Todas as mulheres, não acompanhadas por cavalheiros, e as que não querem tomar um camarote, vão colocar-se em anfiteatro nas segundas galerias, onde os homens estão proibidos de se apresentar. Ficam, assim, ao abrigo de qualquer insulto, e a variedade de seus vestuários, a graça de movimento de seus leques, formam um quadro provocante, delicioso de ver das poltronas da platéia.

Os camarotes, todos descobertos, com exceção do que é reservado ao governador, enchem completamente as primeiras galerias. Suas cadeiras, assim como as da segunda galeria, são ocupadas, geralmente, por lindas mulheres, dessas belezas severas, perfeitas, regulares, que lembram a Andaluzia, a Grécia ou a Itália. Vendo esses bustos magníficos, com ombros de marfim, cabelos de ébano, pálpebras de longos cílios protegendo olhos lânguidos, cuja expressão é o oposto da vivacidade, poder-se-ia temer, à primeira vista, uma frieza secamente cortês; mas quando se consegue, com espírito e amabilidade, fazê-las abandonar o tom cerimonioso, o ar teatral que elas afetam em público, vê-se que são cheias de cordialidade, de simplicidade e de franqueza. Sua conversação se anima, o jogo vivo e gracioso do leque acompanha as reticências maliciosas que intercalam com intenção; as opiniões interessantes, as saídas finas, inesperadas, desconcertam, às vezes, o interlocutor e aumentam o triunfo que se orgulham de alcançar. A expressão *belas* é a que convém mais propriamente às portenhas, porque elas falam menos aos sentidos do que à alma; seus movimentos são voluptuosos sem carecer da dignidade que elas se esforçam em conservar logo que percebem que estão sendo observadas. Nada que se imponha tanto como a atitude de uma portenha em público! Nada coopera mais para esse aspecto que infunde respeito e subjuga ao mesmo tempo, do que a maneira com que enfeitam a cabeça e a levam erguida, acompanhando cada um dos movimentos com um gesto de braço tão suave, tão natural, enquanto a mão ágil abre e fecha o leque de um modo quase imperceptível. Carregam sobre a cabeça um edifício de cabelos, capaz de prender os pentes recortados ou maciços (*peinetones*) cuja dimensão chegou, em 1834, a um metro e um décimetro de largura! (*cinco cuartas*). Nem todas têm cabeleira natural, como é fácil de imaginar, mas todas, desde a mais pobre à mais opulenta, têm a mesma arte de trançar os cabelos negros, castanhos ou louros, e enfeitá-los com flores naturais ou artificiais. Belas espáduas, linhas arredondadas, con-

tornos voluptuosos, que fazem ressaltar os lindos chales de Lyon ou magníficos véus de tule branco ou negro, são fechados no corpinho parisiense! Fénélon se envergonharia da pintura de sua Calipso, vendo uma portenha, e Tasso, usando a magia de suas evocações, humilharia Armida, oferecendo a Renaud uma dessas *Hechiceras*.

A população de Buenos Aires é muito heterogênea. É preciso, para ter uma idéia aproximada da verdade, pôr de parte os estrangeiros das diferentes nações européias, cujo número, calculado por mim anteriormente, não é tão arbitrário como parece. Ficaré, então, o que chamaremos os *indígenas*, porque, pelo fato de sua emancipação, os antigos colonos da Espanha tornaram-se *americanos*. Quanto aos índios, que vivem ainda independentes ou misturados à população argentina, deviam ser, na minha opinião, designados sob o nome de *aborígenes*. Feito isso, para melhor compreensão, dividiremos os indígenas ou argentinos em duas classes: os brancos e os homens de cor. Entre estes últimos distinguem-se os *negros* de puro sangue, vindos da África, e que se misturaram entre si na nova pátria; os *mulatos* e *pardos*, que provêm da união de um africano com um branco ou um índio, e o *mestiço*, que é o fruto da mistura de um índio com um branco ou vice-versa. Como observa Azara, os nomes de *mulato* e *mestiço* não se referem à cor, como se poderia pensar, mas somente à natureza das raças misturadas.

Os brancos são de origem européia. Enquanto se uniram uns com os outros, como os negros, seu sangue conservou-se puro, e parece mesmo que sua pele adquiriu mais brancura, mais delicadeza, e que sua cutis seja mais fina do que na Europa. Têm havido, porém, uniões entre brancos e mestiços, entre mestiços e mulatos, das quais resultaram variedades sem número de tonalidades, que o branco termina sempre por dominar, quando não há *salto atrás*, isto é, uma mistura retrógrada. Seria bem difícil acompanhar em suas divisões todas as combinações de que o mulato e o mestiço são resultado. Basta saber que uns melhoram com a mistura e que a espécie européia consegue prevalecer sobre a americana. O fato é que os mestiços parecem ter alguma superioridade sobre os espanhóis da Europa, por sua estatura, elegância de formas, e até pela brancura da pele. Dá-se a mesma coisa com os mulatos, em primeiro grau, cuja inteligência é superior, não somente à dos negros, como à dos *criollos* brancos.

Os mestiços vivem disseminados no interior do país e constituem, em grande parte, essa porção da população conhecida por *gauchos*. Os negros, mulatos e pardos servem também no campo como pastores, peões, ou domésticos, mas existem em maior número na cidade, em Buenos Aires sobretudo, onde exercem quase todas as artes, misteres e profissões penosas, seja como operários ou como patrões. Todos eles são arregimentados para a defesa.

Antigos preconceitos, sancionados pelos padres, que deveriam ao contrário procurar destruí-los, fazem ainda dos brancos os *senhores* do país. Os espanhóis de todas essas regiões sempre se julgaram de uma classe superior à dos índios, dos negros e dos homens de cor em geral, embora haja reinado sempre entre esses espanhóis, mesmo antes de sua emancipação, a mais perfeita igualdade, sem distinção de *nobres* e *plebeus*. Nunca existiram entre eles feudos, substituição ou morgadio. A única distinção que existia, puramente pessoal, era devida, apenas, ao exercício das funções públicas, à maior ou menor fortuna pessoal, ou à reputação de talentos ou de virtudes.⁷ Mas esse mesmo princípio de igualdade fez com que, nas cidades, nenhum branco quisesse servir a outro branco, e que o próprio vice-rei não conseguisse encontrar um cocheiro ou um laçaiio espanhol. Esta é a razão pela qual todo o mundo se servia dos negros, dos homens de cor ou dos índios, e que mesmo atualmente, quando a *pátria* proclamou a abolição da escravatura e reconheceu a igualdade perfeita, dentro da lei, dos homens de cor de qualquer origem, vêem-se casas de brancos, ricas ou pobres, repletas de criados que evitam às senhoras todos os trabalhos, até mesmo a educação dos filhos! Assim os brancos, homens e mulheres, habituados a não fazer nada e preocupados apenas com os seus prazeres, poupam-se, às vezes, até a fadiga da meditação! Como a sua terra fecunda que dá frutos sem ser cultivada, só com a ajuda do céu, esses felizes habitantes, tão semelhantes aos italianos descritos por Madame de Staël, orgulham-se de saber tudo e de tudo realizar pela imaginação. Daí essa apatia que se nota entre eles, essa espécie de aversão a toda leitura séria e os obstáculos intransponíveis à constituição do país, conseqüência inevitável do pouco progresso das ciências políticas.

7 Vide Raynal, *Hist. phil.*, liv. VIII; Azara, tomo 2.

.....

Capítulo IX

BUENOS AIRES

POLÍCIA – GOVERNO

A POLÍCIA estava bem organizada na época em que cheguei a Buenos Aires; mas o inepto governo de então baixou algumas medidas mais vexatórias para os estrangeiros do que úteis aos habitantes e à segurança da cidade. Se imaginais, por exemplo que, desembarcando na Alameda, podeis ir diretamente para casa ou para a *fonda*, e dormir como um justo, estais completamente enganados. Sabei que a liberdade não exclui as precauções boas ou más. É preciso ir: 1º à *Comandancia de Marina*, para fazer visar o passaporte; 2º à *casa central de Policia*, para trocar esse mesmo passaporte por uma papeleta; 3º ao cônsul do vosso país, para que ele vos registre e venda uma outra *papeleta* ou salvo-conduto; 4º ao alcaide ou prefeito do bairro que escolhestes, para dar vosso endereço; 5º ao comissário da seção, unicamente para cumprimentá-lo.

Ufa!... Tirai a roupa, ponde-vos à vontade, porque deveis estar bem fatigados! Mesmo admitindo que todos esses funcionários estivessem

nos seus postos, tereis caminhado ao menos duas léguas. E, se a hora da *siesta* vos surpreende no caminho, *adiós!* Correis perigo de pagar cinquenta pesos de multa... Sim, sem querer, estais expostos a dormir na prisão se não tendes cinquenta pesos para dar à polícia! Eis aí uma das obras-primas do inepto governo.

A administração da polícia forma um departamento dependente do Ministério do Interior, mas que exerce uma jurisdição bastante autônoma. É um posto muito importante para o país. Tem um chefe ou juiz de polícia principal, que reside na casa central, situada, como já vimos, ao lado do *Cabildo*. Sua ação se estende sobre os outros comissários subalternos, da cidade e do campo. Os vinte e nove quarteirões da cidade de Buenos Aires formam quatro secções, dirigidas, cada uma, por um comissário fixo. Há, além desse, cinco outros comissários para a inspeção dos mercados, e das espécies de bedéis, que têm como auxiliares os *celadores* ou alguazis, os gendarmes, ou guardas municipais a cavalo, sem uniforme, que levam simplesmente um sabre de cavalaria. Esses *celadores* estão também sob as ordens dos juizes de paz e dos alcaides de *barrio* ou de quarteirão. Cada noite, um certo número de cidadãos indígenas ou estrangeiros era obrigado a fazer o patrulhamento do seu quarteirão; mas os que, como eu, não estavam dispostos a ser chamados *gringos* ou *carcamanos*, pagavam quatro pesos papel, mensalmente, ao alcaide, que se encarregava, *com o maior prazer*, de fornecer o substituto. Nosso ilustríssimo cônsul, sr. Mandeville, não soube livrar-nos dessa imposição injusta. Mais tarde, a imoralidade bem comprovada dos *celadores* fez adotar o costume inglês dos *watch-men*, ou *serenos*, homens encarregados de percorrer continuamente o bairro em que estão escalados, munidos de uma lanterna e de uma lança, anunciando em voz alta a hora e o estado do tempo. Além disso, foi organizado um novo corpo de *celadores* de uniforme. É preciso dizer que o inepto governo não teve a menor interferência nesses melhoramentos da polícia interna, e que foi aproveitado um *intervalo* para fazê-lo adotar.

O governo de Buenos Aires, assim como o da *soit-disant* União, é *republicano representativo*. Está composto, como o da Banda Oriental, de três poderes combinados: o Legislativo, o Executivo, e o Judiciário; mas, desses três corpos, só o Executivo pode, neste momento, ser considerado

um *poder*. Não há aqui senadores, como em Montevideu. A aparência e a forma são mais democráticas, porém, devido à influência do partido jesuítico, a que já me referi, o governo é realmente oligárquico, com tendência à *ditadura*. Para compreender bem sua situação, é necessário que remontemos aos acontecimentos que o produziram.

Já sabemos que as províncias do rio da Prata dependeram antes do Paraguai.¹ Desde o ano de 1620, formaram-se dois governos separados e Buenos Aires, que até então tinha sido governada pelos lugar-tenentes dos *Adelantados*, teve seus próprios governadores. Em 1776, instalou-se ali um vice-rei, restabelecendo-se, ao mesmo tempo, a audiência real, composta de um regente, cinco auditores e dois comissários do governo. Essa audiência tinha sido fundada em 1665 e suprimida em 1672. Havia, além disso, um comissário da *Santa Inquisição*. O Alto Peru (atualmente Bolívia) fez parte desse vice-reinado, e o Paraguai, por sua vez, dele dependeu diretamente até 1810, quando, proclamada a independência, preferiu formar um estado separado a entrar na liga das províncias. O antigo vice-reinado de Buenos Aires tomou, desde então, o nome de *Províncias Unidas do Rio da Prata* ou da *América Meridional*. Dissensões internas perturbaram freqüentemente a nova república. Desde sua origem foi dividida em dois partidos, cuja animosidade e encarniçamento só têm aumentado até agora. É a luta da luz contra a ignorância e a ambição demagógica dos chefes gaúchos. Os homens que haviam derramado abundantemente seu sangue pela independência do país; aqueles cujas luzes e estudos especializados tinham contribuído para a primeira organização política julgaram, com razão, que tinham direito ao governo da *pátria*, que queriam transformar em uma grande nação. Para chegar a isso, seria necessário reunir todas as províncias sob um governo central chamado congresso. Tal é a forma dos Estados Unidos da América do Norte. Os esforços do virtuoso Rivadávia tenderam constantemente para esse fim, atingido por um instante, mas logo prejudicado pela guerra com o Brasil. Os partidários desse sistema foram chamados *unitários*. Aqueles que, ao contrário, nada fizeram pela pátria, aqueles cuja ignorância tornava incapazes de compreender a visão generosa dos homens esclarecidos, continuaram sob a influência dos monges, dos jesuítas e de todos os que tinham

1 E não do Peru, como muitos afirmaram.

interesse em manter a anarquia. Conseguiram convencer-se de que a pátria seria escravizada; que os estrangeiros iam roubar-lhes o fruto do seu suor e do seu sangue; que se pretendia, enfim, favorecer as imigrações estrangeiras para *exterminar os gaúchos*. Desde então, encarado desse modo, o sistema unitário foi detestado pelos gaúchos, pois os corifeus desse partido ignorante os persuadiram facilmente de que era preferível que cada província se governasse de uma maneira independente, ligando-se apenas às outras para a defesa dos interesses comuns e para as relações com o estrangeiro, à maneira da Suíça. Os partidários desse ponto de vista foram chamados *federais*. Os chefes principais da federação foram Artigas, Ramírez, López, Quiroga, o feroz Quiroga, originário do Chile, recentemente assassinado e, enfim, o general Rosas, o gaúcho por excelência e o grande campeão da federação!...

O reino da *união*, época de prosperidade da República Argentina, começou em 1821 e terminou em 1827, com a demissão de Rivadavia. Este hábil legislador fez sua pátria dar passos de gigante, durante sua curta administração, seja como ministro, seja como presidente do conselho que conseguiu instalar e que era composto dos cidadãos mais capazes. Vejamos, sucintamente, qual era a base das instruções dadas por ele ao presidente do senado eclesiástico, encarregado da honrosa missão de convencer os diferentes povos da união a se fazerem representar no congresso:

“O fim que o governo de Buenos Aires se propõe atingir, por meio da missão confiada ao zelo do primeiro dignitário eclesiástico, é reunir todas as províncias do território que, antes da emancipação, compunham o vice-reinado de Buenos Aires ou do Rio da Prata, em um corpo de nação administrada, sob o sistema representativo, por um governo único e um mesmo corpo legislativo.

“O segundo objetivo visado também pelo governo e que ele considera o primeiro meio para atingir o fim principal é ver cada uma das províncias entrar em um estado de ordem e de paz, mantido pelo povo e por aqueles que as governam: por estes, esforçando-se para estabelecer a segurança pública e individual e aplicando-se em conhecer exatamente os recursos do seu tesouro, e administrá-los e empregá-los com habilidade; pelo povo, ocupando-se ativamente dos trabalhos e dos gêneros de indús-

tria mais produtivos aumentando seu conhecimento pelo estudo e pelas relações sociais e cuidando da educação dos filhos.

“O deputado pensará sem dúvida que nenhum dos meios que conduzem a esse duplo fim pode ser censurável, porque é impossível que tal meio deixe de ser moral e digno, e portanto, lícito, etc.”

A missão do doutor Zavaleta foi coroada de sucesso. Por sua vez, Rivadávia apressou-se em fundar todas as instituições que pudessem favorecer seus vastos projetos de prosperidade nacional. Concedeu, também, liberdade sem limites à imprensa:

“Os serviços que a publicidade presta a um governo – disse ele, por ocasião da posse do seu sucessor, em abril de 1824 – vão até o ponto de assegurar-lhe o direito e os meios de obter de todos os empregados públicos o melhor exercício de suas funções, ao mesmo tempo que lhe garantem, da parte desses e de qualquer outro cidadão, o concurso necessário à autoridade que é chamada para consagrar a independência de um país, consolidar sua organização e levá-lo adiante no caminho da prosperidade e da civilização.”

Procurou também estabelecer o seguinte princípio de economia política e doméstica:

“Pagar suas dívidas com pontualidade é adquirir grandes meios de fortuna.”

Para chegar a isso, fundou o banco *nacional*, em virtude de uma lei do congresso geral, datada de 28 de janeiro 1826. Essa instituição, que devia produzir os melhores resultados, nada mais fez, na realidade, do que apressar a ruína dos capitalistas e, em consequência, causar males difíceis de remediar. O partido da ignorância, que via com inveja os sucessos do sistema *unitário*, sob a direção de um chefe tão hábil, persuadiu os crédulos habitantes das províncias de que o estabelecimento de um banco não tinha outro fim que o de substituir a prata por papel-moeda, a fim de favorecer os estrangeiros, que se apoderariam assim da fortuna do país. As províncias de Mendoza, de San Juan, de Entre Rios e de Montevideú, que já haviam estabelecido sucursais, apressaram-se a retirar seus fundos, e em breve o papel-moeda, que se trocava ao par com o ouro e a prata, já não inspirava confiança, e caiu repentinamente, perdendo cinquenta por cento, depois cem, depois duzentos, depois quatrocentos, depois setecentos por cento do

seu valor! Atualmente, um peso forte ou um patacão, que era igual a um peso de papel, vale sete e meio; uma onça ou quádruplo que, em 1825, era igual a dezessete pesos fortes ou papel vale, em 1835, cento e vinte pesos de papel!²

Quando Rivadavia viu que as baixas maquinações do partido *Federal* tendiam a depreciar o banco e fazê-lo perder o crédito que os capitalistas haviam fornecido com tão boa vontade, compreendeu que lhe seria impossível continuar governando o país: apresentou sua demissão, retirou-se para a Europa e o partido federal triunfou. Nomearam em seu lugar, como simples governador de Buenos Aires, o general Dorrego, um dos corifeus do partido federal. As coisas continuaram assim até a paz com o Brasil, em 1828. Então, tendo o Exército nacional e os partidários mais devotados à causa da *União* regressado ao país, os chefes militares tentaram expulsar os federais do posto que haviam usurpado. Foi assim que se travou a luta sangrenta que começou a 1º de dezembro de 1828 e terminou em 1832, com a dispersão e o assassinato político dos mais valentes oficiais do Exército. A 1º de dezembro, rebentou a revolução em Buenos Aires. O governador Dorrego foi preso e fuzilado pelo coronel Lavalle, chefe militar, à frente do movimento de insurreição.³ As milícias do interior, às ordens de Rosas, que desempenhava o papel de procônsul, foram batidas constantemente por Lavalle e o partido unitário, mas que os federais, ou antes Rosas, desrespeitaram escandalosamente. Lavalle, seus homens, e tudo que havia de melhor no partido unitário, tiveram a sorte de escapar para a Banda Oriental e fugir à vingança de um povo fátil de ser levado ao crime. A 8 de dezembro de 1829, Rosas, general pela graça de Deus e dos gaúchos, foi eleito governador e capitão-geral da província de Buenos Aires.

2 O capital primitivo do banco subia a dez milhões de pesos fortes. Atualmente, não vai além dos cinco milhões. O banco tem em circulação 15.283.540 pesos em cédulas e 410.351 pesos de cobre hoje moeda corrente. O governo deve-lhe mais de vinte milhões de pesos, capital e juros.

3 Este assassinato político tem sido, geralmente, considerado inútil. Dorrego poderia ter sido mandado à Europa ou Estados Unidos, em missão diplomática, por exemplo.

Enquanto essas coisas sucediam em Buenos Aires e o partido unitário sucumbia sob os golpes de uma intriga perversa, o general Paz, apoiado pelos elementos mais valorosos das províncias, reorganizava o Exército nacional e concentrava suas forças em Córdoba, com o fim de atacar Buenos Aires. Já o feroz Quiroga tinha sido vencido e obrigado a vir refugiar-se junto de Rosas; já, com a adesão de dez províncias, o Exército federal ansiava pelo momento de marchar sobre os federais, quando estes tomaram a iniciativa. López, o *mestiço*, que já combatera contra Artigas e Ramírez e era agora governador de Santa Fé, fez causa comum com a federação. Convenceu, em breve, os governadores de Corrientes e Entre-Rios a seguirem seu exemplo, e desse modo, os três se juntaram a Rosas, que já contava em suas fileiras com seu partidário Quiroga, desejoso de cair como um raio vingador sobre seu partidário que o tinha vencido.

Seu Exército foi posto, rapidamente, em pé de guerra. Como era formado de gaúchos e índios, sempre prontos a lutar, desde que tenham cavalos, não precisou de concentrar suas forças.

À medida que os soldados eram recrutados, deviam marchar para Córdoba. Quiroga tomou a dianteira com um regimento de cavalaria de linha, que ficara fiel ao governo de Buenos Aires. Chegando às margens do rio *Cuarto* e do rio *Tercero*, juntou-se às tropas de Santa Fé, o que lhe permitiu começar as escaramuças.

Enquanto as forças de Buenos Aires avançavam, em número de 5.000 homens, quase todos milicianos da cidade e do campo, sob as ordens do general Ramón Balcarce, aconteciam coisas bem estranhas no seio do Exército nacional.

Por uma fatalidade inaudita, o chefe supremo das forças unitárias, general Paz, tendo se afastado do quartel-general, com uma simples escolta de dois oficiais subalternos, para inspecionar, incógnito, os postos avançados, encontrou-se de repente diante de uma tropa de gaúchos e índios do partido de Quiroga. Tomando-os, à primeira vista, por milicianos do seu Exército, avançou rapidamente em sua direção; mas foi reconhecido logo, num momento em que já era muito difícil escapar. O general Paz tinha um excelente cavalo e tentou o único recurso que lhe restava: fugir à *rédea solta*. Era fora de dúvida que nenhum gaúcho conseguiria alcançá-lo, mas havia índios no meio deles, e o índio maneja um cavalo com tanta

habilidade que parece duplicar as faculdades desse animal inteligente. Um índio, pois, lançou-se em perseguição do general, armado de laço e boleadeiras, e, antes de conseguir fazer um quarto de légua, o infeliz general estava *boleado*.⁴

Paz esperava, sem dúvida, ser fuzilado, mas López agiu generosamente e foi mandado como prisioneiro para Santa Fé, onde ainda se acha detido sob palavra.

Quando essa triste notícia chegou ao quartel-general, espalhou o terror e a consternação. O Exército, rapidamente, tomou conhecimento dela, apesar do cuidado que tiveram em ocultá-la; e disso resultou uma desmoralização completa. Os chefes disputaram entre si o direito ao supremo comando, e a disciplina afrouxou de tal maneira que as milícias desanimadas desertaram, umas juntando-se a Quiroga e López e outras voltando para casa.

Os velhos soldados resolveram acompanhar o coronel Lamadrid, um dos mais antigos e mais bravos oficiais do Exército nacional. O novo chefe, vendo a desinteligência reinar entre os seus camaradas, julgou que não poderia resistir, sem perder muita gente, aos ataques combinados de Balcarce, López e Quiroga. Retirou-se, portanto, para Tucumán, trezentas léguas ao noroeste de Buenos Aires. Lá, reunindo o resto de suas forças destroçadas, num lugar fortificado naturalmente e chamado por isso a *Ciudadela*, esperou os federais. Estes, já não tendo inimigos a vencer, devido à retirada dos unitários, tomaram, ou antes, fizeram sua entrada triunfal em Córdoba, uma das cidades mais antigas e mais importantes dessas províncias. Foi assim que as tropas de Buenos Aires venceram *sem dar um tiro*.

4 Além do *lazo*, de que darei uma descrição mais adiante, os gaúchos e índios estão sempre armados de *bolas*. São duas ou três bolas reunidas a um eixo comum por outras tantas correias de couro. Prendem uma na mão, enquanto as outras giram rapidamente sobre a cabeça, durante o galope, até que julguem o momento propício para atingir o objeto que querem bolear. Lançadas assim, as bolas enleiam por sua rotação as pernas do homem ou do animal atingido, deixando-o à mercê do inimigo. Essa arma, inventada pelos índios, serve-lhes também para, durante a luta, quebrar a cabeça do adversário.

Mas Quiroga não estava satisfeito: queria aniquilar os unitários até o último. Seu partido, reforçado pela defecção do Exército nacional, aumentava cada vez mais, porque o povo nessas regiões (como em muitas outras) sempre pende para o lado do vencedor, qualquer que seja ele. Assim, Quiroga continuou sua marcha para Tucumán, procurando reorganizar, à sua passagem, a federação. Chegou ao seu destino no fim do ano de 1831, e começou a luta imediatamente.

O Exército nacional, reduzido a 3.000 homens, estava composto em grande parte de infantaria de linha, às ordens de diferentes chefes; de um corpo de cavalaria, às ordens de um tal López, e de artilharia, comandada por Anatole de Ch...; todos obedecendo, ou parecendo obedecer, ao coronel Lamadrid.

O primeiro choque foi terrível: a artilharia, secundando a infantaria, fez uma tremenda destruição nas fileiras de Quiroga, que escapou raspando de ser atingido por um obus dirigido por de Ch... Três vezes Quiroga apoderou-se das posições do Exército unitário e três vezes foi repellido pela artilharia, cuja pontaria era perfeita. Os federais começavam a sentirem-se desmoralizados. Era o momento de empregar a cavalaria de reserva e carregar, energeticamente, sobre as tropas fatigadas. Pois bem, por incrível que pareça, esse López, que poderia assegurar a vitória aos unitários, deu meia-volta e alcançou o território da Bolívia, deixando à mercê de um vencedor irritado, feroz e implacável, a flor dos guerreiros argentinos!...

Os principais chefes, vendo essa defecção, no momento em que a sua salvação dependia de uma simples carga de cavalaria, só pensaram em salvar a vida, e cada qual escapou para o lado da Bolívia. Quanto ao chefe da artilharia, Anatole de Ch..., apontou *ele mesmo*, até o último momento, e, quando viu tudo perdido, fez encravar seus canhões, e combateu ainda, de sabre em punho. Finalmente, teve de ceder ao número; Anatole foi feito prisioneiro, coberto de feridas, e com ele um grande número de bravos oficiais, todos subalternos, porque os superiores já haviam fugido!...

Três dias depois, toda a população de Tucumán estava reunida. As mulheres choravam e os homens guardavam um sombrio silêncio, escutando um discurso cheio de nobreza e de energia... Era o infelizmente Anatole,

que se despedia deles, exortando-os a conservarem-se fieis à causa da união! Morria assassinado por Quiroga, e com ele outros trinta e dois bravos.⁵

Espero que me perdoarão, ter-me afastado tanto do centro de minhas observações, em benefício desse episódio pouco conhecido, mesmo em Buenos Aires, e que se relaciona com a última guerra da Federação contra a União.

Enquanto o general Balcarce, *capataz* de Rosas, marchava sobre Córdoba, este não perdia seu tempo em Buenos Aires. Fazia nomear deputados de sua escolha e expulsava os unitários impedindo-os de votar. Depois de ganhar as graças dos legisladores, seja por temor, por opinião ou por interesses privados, fez com que lhe concedessem faculdades extraordinárias para governar o país nas circunstâncias difíceis em que ele se achava, devido às intrigas. Obteve imediatamente tudo o que desejava. Começou por desfazer o que Rivadavia havia feito: expulsou todos aqueles que lhe pareceram suspeitos, estrangeiros ou nacionais; mandou para o interior os que pretendia fuzilar; suprimiu a liberdade de imprensa; fez nomear Medrano bispo, apesar da oposição do senado eclesiástico; cercou-se de todos aqueles cujas idéias eram mais rançosas e retrógradas. Teve por emissários, por *factotum*, assassinos culpados de mil crimes,⁶ e todos os meios lhe pareceram bons

5 A ilustre família desse jovem espera ainda em vão uma peça autêntica de sua morte. Apesar de meus esforços e de algumas pessoas influentes do país, nada se pôde obter. Quiroga recusou tudo, até as cartas que ele escrevera antes de morrer. Anatole de Ch..., cujos gostos belicosos se revelaram bem cedo, pertencia a uma das mais nobres famílias da Normandia. Já tinha feito suas experiências em Mendoza, quando Quiroga tomou essa cidade, em 1829. Aprisionado com seus canhões, do mesmo modo que na *Ciudadela*, vimos como escapou. Ao regressar do Chile, quando a tranqüilidade parecia restabelecida, levado por negócios a São Luís, na fronteira de Córdoba, reuniu-se ao coronel Videla Castilho, ex-governador de Mendoza, muito ligado a Anatólio, a quem sabia generoso e bravo. Esse coronel soube fazer tão bem as suas coisas que induziu Ch... a aceitar o comando da artilharia que, sem dúvida, não podia estar em melhores mãos. Afinal, o pobre Anatólio foi sacrificado, enquanto seu recrutador e outros souberam como escapar. A população de Tucumán e todo o Exército choraram a morte de um bravo francês, cuja alegria inalterável e sangue frio imperturbável reanimaram, mais uma vez, seus soldados, desacoroçoados pela privação das coisas mais necessárias e a *perseguição* de um inimigo implacável.

6 Tais como *Chingolito*, *Arbolito*, *Manco-Castro*, *Cojo-Aguilero*, todos mais ou menos criminosos, e com eles a mulata *Toribia* e a negra *Antonia*, encarregados de criarem sua popularidade na cidade.

para conseguir dinheiro destinado, não a ajudar a prosperidade do país, mas a saciar a avareza de seus fiéis aliados López e Quiroga, contribuindo assim para empobrecer a orgulhosa Buenos Aires. Foi preciso vender muitas propriedades do estado, arrendadas até então por contrato enfiteutico. Fez mais: mandou vender os canhões e morteiros de bronze que guarneciam o arsenal... e, com tantas medidas sábias, a dívida do estado aumentou consideravelmente e os capitalistas desapareceram ou ficaram arruinados. Enfim, as rédeas do governo embaraçaram-se de tal modo que ninguém quer a responsabilidade de aceitá-las; tanto mais que, sob o pretexto de uma guerra aos índios pampas, fez-se transportar para as fortalezas do interior todo o armamento da cidade.

Foi assim que o general Rosas se tornou o homem necessário, o único capaz de governar o país, por ter a força na mão. Não terei razão de chamar inepto ao seu governo?

É preciso convir em que, fisicamente falando, Rosas não fez tanto mal como poderia ter feito, armado dessas terríveis faculdades extraordinárias. Mas isso foi menos por efeito de uma bondade natural do que de uma política astuciosa. Sua ambição transpareceu há muito tempo sob a aparência de um falso desinteresse. Havendo suas funções cessado de direito em dezembro de 1832, seus partidários, sempre em maioria na sala dos representantes, pensaram em reelegê-lo; mas, desta vez, *sem faculdades extraordinárias*, já que o motivo que as havia determinado em 1830 não existia mais. Alguns representantes mostraram nessa ocasião mais energia do que se poderia esperar deles. Rosas disfarçou mal o seu despeito: gabava-se de que o uso *moderado* que tinha feito de suas *faculdades*, levaria seus partidários a mantê-las; mas alguns desses *sequazes* guardavam-lhe rancor pelos poucos favores que dele tinham recebido. Começaram a admitir que a federação não era a fé de Jesus Cristo (*la fé de Cristo*), que o partido jesuítico havia impingido ao povo e, no momento em que o prestígio desaparecia, em que se recusava a esse chefe uma missão divina, temiam com razão o abuso que poderia fazer do seu poder ilimitado. Rosas recusou por três vezes as novas funções que lhe ofereciam. Alegava, como razões principais, que um *camponês* como ele, privado dos conhecimentos necessários à boa direção dos negócios de estado, devia voltar ao campo de onde tinha saído; que Deus era testemunha de sua pouca ambição e que, além disso, a sua

saúde dava-lhe direito a um repouso que bem merecera pelos seus serviços à pátria. Teve, portanto, de se conformar à sua *decisão irrevogável* e nomear outro cidadão. Propôs para seu sucessor o general Ramón Balcarce, ao qual já me referi, tido como seu partidário devotado e que, por esse motivo, era conhecido como o *capataz*⁷ de Rosas. Balcarce traiu sua causa, pondo-se à frente do partido dissidente formado entre os próprios federais. Os unitários, por sua vez, esperam pacientemente que os federais estejam em apuros, para então reorganizar sua pobre pátria.

Em lugar de retirar-se para as suas estâncias, à maneira do clássico Cincinato, Rosas, para conservar as armas na mão, pretextou uma guerra contra os índios, que não teve outro resultado senão o de provar a esses a fraqueza dos argentinos. Foi acampar às margens do rio Colorado, na Patagônia, e ali passou o inverno de 1833 a fazer proclamações a seus soldados ou guerrilhas contra os índios, que se riam dele. Mas, logo que soube da traição de Balcarce, correu a castigá-lo. Este, porém, já tinha fugido com seus cúmplices.

Ofereceram outra vez o governo a Rosas, e ele de novo recusou. Votaram-lhe na câmara dos representantes uma soberba espada de ouro, cravejada de diamantes, por motivo dos seus brilhantes sucessos na Patagônia!... Fizeram mais, ofereceram-lhe uma ilha de extensão considerável na foz do rio Colorado, com habitantes, animais, etc., tudo para ele e para os seus. Mas Rosas, cuja fortuna já é imensa, ao rejeitar, com um notável desinteresse, presentes que julgava acima do seu mérito, pediu simplesmente à câmara de representantes de Buenos Aires, para ele e para os chefes que o acompanhavam, um pequeno terreno de sessenta léguas quadradas, na parte da província que escolhesse!... Que vos parece o desinteresse? Três mil e seiscentas léguas de superfície, em vez de uma ilha sobre um rio! Bolívar, Sucre, San Martín ou Santa Ana teriam tido maior pudor, certamente.⁸

7 *Capataz* é um contra-mestre; uma espécie de mordomo. Em todos os estabelecimentos do campo ou da cidade, há capatazes para dirigir os trabalhadores.

8 O poder Executivo propôs à sala dos representativos votar *cinquenta léguas quadradas*, sobre a margem oriental de *El Sauce Grande*: v. *Gazette Mercantile*, de 9 de agosto de 1834.

Enfim, Rosas é ainda o dono do país, e o será por muito tempo, a menos que lhe aconteça o que Quiroga não conseguiu evitar.

Em resumo, Rivadavia, cujo único defeito foi querer fazer sua pátria *viril* antes da *puberdade*, teria feito de Buenos Aires uma nova Atenas.

Rosas, com costumes austeros e pouca educação, teria feito dela uma Lacedemônia; mas a camarilha, que o cercava e que ainda o protege, fará de Buenos Aires apenas uma cidade espanhola.

.....

Capítulo X

BUENOS AIRES

ESTADO SOCIAL – HÁBITOS – COSTUMES

P

OUCO direi aqui sobre os habitantes do campo ou gaúchos que, em muitos aspectos, podem ser classificados entre os *beduínos* de Argel, os *sertanejos* e *mamelucos* do Brasil e, mesmo, entre os *zambos* da Colômbia. A descrição dos seus costumes nos levaria longe neste momento, e ainda devo fazer muitas observações sobre Buenos Aires, antes de empreender a excursão ao Uruguai. Aconselho, pois, ao leitor a continuação de minha viagem à Banda Oriental e ao Rio Grande, na qual, falando dos gaúchos dessas regiões, comparo-os com os de Buenos Aires. Trato, também, ali, da maneira de viver no campo, de viajar por terra ou por água, e dos produtos naturais e artificiais, curiosidades, etc.

Já vimos, no capítulo oitavo, de que elementos se compõe a população do país. Acrescentarei que, nas cidades, apesar da afluência de ingleses, italianos, alemães e franceses, seguem-se ainda, mais ou menos, os costumes espanhóis, mais pela força do hábito do que por simpatia. Os que

habitam o campo vivem espalhados pelos estabelecimentos pastoris chamados *estancias*, ou então pelas aldeias pouco povoadas.

A surpreendente reprodução de cavalos e bois *europæus*, tanto domesticados como selvagens, nessas imensas planícies¹ e o uso quase exclusivo de carne como alimento, devem naturalmente ter exercido uma influência direta e permanente sobre o caráter, os hábitos e as inclinações dessa gente, imprimindo-lhe uma marca de originalidade que conservará ainda por muito tempo, a menos que o governo se decida a adotar os planos de Rivadávia para as colonizações do interior e para o progresso da navegação fluvial. Essa grande facilidade de subsistir *quase sem trabalho*, de se vestir com o *produto* da carneação de um boi, essa vida errante e vagabunda, que faz nascer neles o espírito de insubordinação, são, a seus olhos, outras tantas condições *sine qua non* de independência... mas de uma independência que é mais *selvagem*, do que racionalmente calculada para atingir o bem-estar que nos dá a civilização...

Esse hábito de liberdade física faz, precisamente, que nenhum governo monárquico possa manter-se entre essa gente, e que seja difícil de estabelecer-se até mesmo uma simples organização regular; porque a idéia de *obediência* entre os gaúchos tem certa semelhança com a do selvagem, que segue instintivamente o membro de sua tribo que consegue se impor aos outros por faculdades físicas sobrenaturais. É assim que os gaúchos *obedecem cegamente* a Rosas, ou a todo chefe que, como ele, sabe manejar o *lazo*, as *bolas*, ou o *cuchillo*, com destreza comparável à de um índio *pampa*. Não basta, entretanto, que a habilidade do chefe vá até aí: é preciso que seja o melhor cavaleiro (*ginete*); que saiba montar em pêlo, sem sela e sem freio, o primeiro cavalo indomado que lhe oferecem; que, armado de suas esporas monstros, de largas rosetas, e de pé sobre o portal da casa, tenha a habilidade de saltar no lombo de um cavalo que é lançado a galope... É preciso, também, que não tenha medo de descer uma encosta, por íngreme que seja, sobre o cavalo que corre ventre-à-terra; é preciso – que vos direi mais? – mil proezas, que o próprio Franconi certamente não faria, mas

1 Os cavalos multiplicaram-se tão rapidamente nos *Pampas* que desde o ano de 1568, isto é, 33 anos depois da primeira fundação de Buenos Aires, os *arauicanos* possuíam já muitos esquadrões de cavalaria no seu Exército.

que o general Rosas sabe fazer! Ora, um *monarca*, que só pudesse exhibir-lhes malabarismos diplomáticos e judiciários, acompanhados de paradas de corte, nunca ousaria pretender a honra de comandar ou de governar tais homens.

É justo, entretanto, observar que, entre esses pastores, os da província de Buenos Aires, da Banda Oriental, de Entre-Rios, de Santa Fé e mesmo de Córdoba, vivendo longe das mulheres, no meio de solidões imensas, são os mais embrutecidos e viciados, ao passo que os pacíficos camponeses de Tucumán e da região alta do país, que vivem reunidos em pequenos agrupamentos, mantinham, antes das guerras que assolaram essas vastas planícies, e mantêm ainda em muitos lugares, os costumes inocentes da antiga Arcádia. “Jovens pares” – diz um célebre geógrafo – “improvisam ali, ao som de uma guitarra, cantos alternados no gênero dos que Teócrito e Virgílio tanto praticaram.” Tive, por muito tempo, como empregados no estabelecimento industrial que formara em Buenos Aires, dois peões de Tucumán, que só cantavam desse modo, e sempre ao som da guitarra.

O barão de Humboldt observou que as antigas colônias espanholas não estavam nas mesmas circunstâncias favoráveis à emancipação que as colônias inglesas.² Isso é incontestável, se se conhecerem as leis civis e religiosas que vigoravam em umas e outras antes de sua independência. “Porque, enquanto as nações européias se cultivavam, se elevavam, se fortificavam”, diz Raynal, “a Espanha as contemplava com um olho estúpido e supersticioso, sem querer imitá-las em coisa alguma. Um desprezo decidido pelas luzes e costumes de seus vizinhos, inspirado nas lembranças de antigos sucessos, formava a base de seu caráter e de sua legislação.” O certo é que, apesar dos esforços dos *criollos* espanhóis para fugirem ao despotismo monacal e ao da Inquisição, e também às exigências da Espanha, sempre ficaram entre o povo alguns preconceitos, algumas superstições, germes bem arraigados e bem cultivados por uma nação fanática para sufocarem em sua origem os princípios civilizadores que haviam sido semeados entre os argentinos.³ Mas, pondo de parte as leis que Rivadávia pensava seriamente em harmonizar com a nova organização do

2 *Viagem às regiões equinociais*. Int.

3 Isso deve aplicar-se ao povo da cidade, porque os do campo (gaúchos) não têm outros preconceitos que os que nascem de uma vida puramente animal, quase selvagem.

país, os costumes dos colonos espanhóis, sobretudo nessa parte da América, adaptam-se melhor às formas republicanas do que os dos colonos ingleses. Não poderiam mesmo adaptar-se a outra forma de governo, pelas diversas razões já mencionadas. É possível encontrar na República Argentina ou no Uruguai chefes ambiciosos que pretendam governar o país, mas não se encontrará, como nos Estados Unidos, essa tendência à aristocracia que levará, talvez, um dia, seu governo às formas monárquicas. Prefiro não estar certo, mas creio, pelo que pude observar, que os Estados Unidos da América do Norte trairão sua *querida deidade* antes que os Estados da América do Sul...

Examinemos mais atentamente os hábitos e os costumes de Buenos Aires:

Quando cheguei à cidade, instalei-me na *Fonda de Francia* (Hospedaria de França), onde encontrei grande número de compatriotas. O capitão Soret também se hospedava ali. Fiquei admirado com a nudez dos apartamentos e com o pouco asseio que ali reinava, mas foi muito pior quando, à noite, senti minha cama (*catre*) invadida por milhares de pulgas e de percevejos que me devoravam!... À hora do jantar, a mesa, ocupada por vinte e cinco ou trinta franceses, ficou coberta de pratos de carne cozinhada de todas as maneiras. Essa abundância me tirou completamente o apetite: enormes pedaços de boi ocupavam o centro da mesa, enquanto nos lados destacavam-se costeletas, assados, picadinhos e mais picadinhos... Como me admirasse dessa profusão de carne (haveria umas setenta e cinco libras sobre a mesa) disseram-me que a *arroba* (quarto de quintal ou vinte e cinco libras) custava então um peso papel, e que de ora em diante devia resignar-me a comer como os outros, de sofrer, pois os legumes não eram cultivados, o peixe não valia nada e o pão era caríssimo. Com efeito, vi sobre a mesa, ao lado desses quartos de boi que me enfasiavam, pequenos pães redondos do tamanho de uma maçã raineta.

Como me queixasse do pouco asseio dessa *fonda*, mantida aliás por uma francesa casada com um espanhol, responderam-me que era o melhor hotel, depois do de *Smith*, inglês, onde se pagava muito caro um serviço de luxo.⁴

4 Posteriormente, estabeleceram-se outras *fondas*, assim como restaurantes, onde servem melhor e mais barato, conseqüência natural da rivalidade.

O primeiro dia de minha instalação foi empregado em desencaixotar meus fuzis, pistolas, facas de caça e munições, e deixá-los em estado de servir. Não foi sem razão que tomei essas precauções, como se poderá ver: durante a noite houve uma desordem causada pela próxima chegada de Quiroga, que escapara por milagre de uma derrota sofrida no interior do país. O populacho, ou antes um punhado de gente da plebe, excitado, talvez pago pelos federais, percorria a cidade quebrando as vidraças dos unitários e proferindo gritos sinistros, como *mueran los unitarios! mueran los franceses!*... Essas últimas vociferações nos interessavam mais de perto. Devíamos aquilo ao sr. Mandeville, cujas *tergiversações* haviam comprometido todos os franceses da cidade e do interior, assim como ao visconde Cornette de Venancourt que tinha queimado, ainda recentemente, durante a noite e de surpresa, os poucos navios de guerra da República... Foi mais uma estupidez do nosso cônsul fazer agir tão brutalmente o comandante da estação, num momento em que os argentinos estavam exasperados, com razão, contra nós pela nossa intervenção *à mão armada em suas disputas*, quando era preciso, ao contrário, usar prudência e ser condescendente, a fim de acalmar a efervescência popular. Sem a sábia conduta dos chefes federais (rendo-lhes com prazer esta justiça), os franceses poderiam ter sido degolados em suas casas, a começar pelo próprio cônsul...⁵ À aproximação de Quiroga, nosso inimigo declarado, o populacho redobrou de audácia e nos insultava em voz alta. Entretanto, como já esperávamos essas demonstrações hostis, cada um estava pelo que desse e viesse, pronto a reunir-se aos compatriotas mais próximos. Todos os franceses hospedados na *fonda* estavam bem armados e, desde os primeiros gritos, subiram ao terraço (*azotea*), onde se conservaram, resolutamente, na defensiva. Quanto a mim, relegado ao fundo de um segundo pátio, com o meu preparador, não ouvi nada do que se passava no interior da casa. Disseram-me, no dia seguinte, que não fora preciso acordar-me, pois os manifestantes se haviam limitado a gritar e quebrar as vidraças laterais, sem tocar na *fonda*. A atitude decidida dos nossos companheiros impusera-lhes respeito. Fui no mesmo dia ver o cônsul e exprimir-lhe meus receios. Respondeu-me que, em caso de revolta séria, os franceses deviam reunir-se sob o pavilhão (*in illo tempore* era ainda

5 O consulado estava, nessa época, na *Calle Florida*, no centro da cidade.

a bandeira da legitimidade), e que daria armas para a nossa defesa... Triste situação! Não pensava se teríamos mesmo possibilidade de nos reunir, ou se seríamos degolados, trucidados, antes de percorrer três quadras.⁶ Felizmente, a polícia tomou medidas enérgicas e a hostilidade limitou-se a alguns insultos verbais. À entrada de Quiroga, alguns franceses – entre eles o sr. Seris – levaram golpes de sabre, mas esses senhores, na opinião do cônsul, deviam culpar apenas a curiosidade que os levava a assistir à passagem da *plebe*.

A aparente indiferença do sr. Mandeville me tranqüilizara um pouco. Compreendi que essas revoltas eram habituais, e que a gente devia resignar-se a ser esfaqueada na cidade, ou boleada e laçada no campo como um boi, com o mesmo sangue-frio, a mesma filosofia que o cônsul aparentava... Resolvido firmemente a conformar-me com os hábitos do país, confiei-me à minha boa estrela e pus-me a percorrer a cidade em todos os sentidos.

O espetáculo que ela oferece muda três vezes por dia: animada à tardinha e pela manhã, é sombria e triste à hora da *siesta*, isto é, das duas às cinco horas, especialmente no tempo do calor. A essa hora de repouso, tudo está fechado, os negócios são suspensos, as praças desertas, e só se vêem ao longo das ruas *changadores*⁷ estendidos nas *veredas*⁸ onde dormem, depois de comer, até que os negócios retomem o seu curso. Nesse momento de letargia, a cidade de Buenos Aires não é das mais atraentes. O que vos teria encantado à noite, ou surpreendido pela manhã, desaparece atrás da cortina para dar lugar à monotonia, ao silêncio de morte. Só se vêem nos bairros mais bonitos as portas fechadas das *tiendas*⁹ tão pequenas, tão pobres, com suas janelinhas gradeadas, que se tomariam antes por células de loucos; ou, então, grades de janela avançando de tal modo sobre as calçadas que não deixam espaço para a passagem de duas pessoas. Cada casa antiga lembra, em verdade, uma prisão, tanto as grades são espessas e as

6 Já disse que um tratado de comércio teria evitado tudo isso.

7 Carregadores.

8 Calçadas.

9 Lojas onde se vendem produtos de indústria ou de arte. Chama-se *almacen* a uma loja de especiarias ou de comestíveis.

janelas raras. O que escapou à observação, nas horas de maior circulação, mostra, neste instante, todo o ridículo, toda a fealdade, que um resto de prevenção nacional – é preciso confessar – tende a aumentar ainda. Graças a Rivadavia, as principais ruas foram calçadas e niveladas, principalmente as que estão mais próximas da *Plaza de la Victoria*: mas, se nos afastarmos desse ponto central para visitar os bairros de *Residencia*, *Concepción*, *Montserrat*, *Lorea*, *San Nicolas* ou *Las Catalinas*, ficaremos espantados de ver o esculpado das calçadas, que ladeiam ruas, ou antes, fossos profundos, lamacentos e intransitáveis em tempo de chuva, e que apresentam, durante as secas, buracos, espécies de precipícios cheios de uma poeira semelhante a cinza, ou de cabeças de boi, de cavalo, e até mesmo de carcaças inteiras desses animais. Devemos, porém, considerar-nos felizes de não esbarrarmos, de repente, no cadáver de um animal em putrefação.¹⁰ Cercas de *tuna*¹¹, vastos *corralones*,¹² algumas casas baixas formam quadras inteiras em cujas esquinas encontra-se sempre uma *pulperia*, espécie de botequim e cabaré ao mesmo tempo, onde se vêem cavalos de gaúchos amarrados a um poste, enquanto os donos jogam cartas, *a escondidas*, e os *celadores* fazem a *siesta*, porque está proibido severamente o jogo de cartas (*baraja*) chamado *monte*, ao qual são tão afeiçoados que chegam a jogar a própria camisa. Ainda é bom quando o jogo termina sem briga, pois, do contrário, a disputa será resolvida no meio da praça, com as longas facas de que estão sempre armados. É prudente aproveitar a distração dos gaúchos para passar despercebido e não ser saudado com os epítetos grosseiros de *gringo*, *carcamano* ou *cajetilla*.

Mas a cidade sai de sua letargia! Os *changadores* postam-se nas esquinas; as portas das *tiendas* se reabrem; as *carretillas* nacionais e os seus amaldiçoados concorrentes, os carrinhos ingleses, movem-se de novo; os numerosos caixeiros, corretores, agentes de negócios, põem-se de novo em marcha, uns a pé e a maioria a cavalo; a praia cobre-se de veículos que se cruzam em todos os sentidos. Só a multidão de altas *carretillas* segue na mesma

10 Uma grande prova da salubridade do país é que não há doenças pestilenciais, o que é de admirar diante de tantos animais em decomposição.

11 Cerca de cactos do Peru.

12 Grandes pátios.

direção: vão da alfândega às *balandras*¹³ e, depois, voltam àquela cobertas de ricos produtos de uma indústria estrangeira. Mais duas horas de atividade, de ocupações sérias, e um novo cenário, quadros mais serenos, mais joviais, mais agradáveis, mais em harmonia com os nossos costumes, vão cativar a nossa atenção até que os *serenos* nos avisem que é hora de voltar à casa.

Corramos, portanto, para *las cuatro esquinas* das Ruas Peru e da Vitória, a uma quadra da praça. Vamos presenciar a mudança do espetáculo e as cenas mais interessantes da tarde. No momento em que a cidade começa a iluminar-se, o barulho cessa gradualmente: as *carretillas* e os carros já voltaram aos seus postos de parada; os *changadores*, compostos de negros robustos, índios da Patagônia e mulatos, já estão junto de suas famílias, nos quarteirões afastados; os gaúchos regressaram para os seus *ranchos*;¹⁴ enfim, tudo o que podia ofuscar a vista de um europeu recém-desembarcado, eclipsou-se para dar lugar a população decente e civilizada, que só esperava a hora em que o ardente Febo deixa respirar a casta Febe, para mostrar-se nos lugares públicos, digna da alta opinião que formou de si mesma... Olhai! Eis a longa procissão das belas portenhas que começa. Vedes essa fila ininterrupta de vinte mulheres, que marcham lentamente, balançando-se com moleza ao ritmo do leque? Pois bem, é uma única família e, felizmente, apenas a parte feminina, porque, se os homens não tivessem preferido passear para outros lados, não haveria mais lugar para se circular. Contemos: doze moças graciosas e casadouras; a mãe ainda jovem e *buena moza*: três tias, um tanto invejosas das sobrinhas, mas sorrindo ao passante com olhares significativos; uma avó, ainda fresca e *bizarra* e, finalmente, três criadas, mulatas, chinas ou negras, rindo à socapa a mais de um *caballero*¹⁵, cujo olhar elas enco-

13 As *balandras* são lanchas para carregar e descarregar as grandes embarcações. As *carretillas*, com suas enormes rodas, podem encostar nelas sem molhar a mercadoria.

14 Espécie de choupana, que descreverei mais adiante.

15 Literalmente, *caballero* significa cavalheiro, gentilhomen; mas aplica-se no sentido de *senhor* a todo homem decente e de boas maneiras. O povo apossou-se desse termo, e não pude deixar de rir vendo os negros tratarem-se entre si de *caballeros*. Até a língua espanhola ou castelhana presta-se às formas democráticas! Não há diferença na maneira de se exprimir. As fórmulas de polidez são as mesmas na classe baixa e na classe alta. Ouve-se, com agradável surpresa, um negro dizer a outro negro, quando o encontra: *Com esta su señora? Y la familia? Dona Juanita y todos?... – Muy buenos están, para servir a usted. – Vaya, me alegre, muchas expresiones de mi parte.*

rajaram. Todas entrarão naquela rica *tienda*, onde já entraram tantas mulheres que saíram sem comprar nada. Vão fazer exhibir, desdobrar, amarrotar os mais belos tecidos de Paris, de Lyon, de Londres e de Manchester; os *mozos de tienda* se derramarão em gentilezas, em pequenas atenções, para adivinhar os desejos dessas encantadoras *señoritas*, que provavelmente irão embora, dizendo-lhes: “*Es muy hermoso! Volveremos otro dia, si acaso...*” Os caixeiros da loja afetaram muita amabilidade, mas não perderam de vista as criadas, porque acontece frequentemente, *no dizer dos tienderos*, que portenhas pouco escrupulosas, aproveitando o momento em que os empregados não sabem para onde se voltar, passam às suas acompanhantes peças de ricos tecidos ou qualquer outro objeto, que cobicem. Quero prevenir-vos de que não tomo a responsabilidade dessa acusação: dou-a como um *dizem*, unicamente por amor à exatidão da narrativa. Aliás, isso não seria mais do que uma pequena compensação dos sacrifícios, da dedicação dessas lindas senhoritas para com os ingratos... Porque é preciso saber que os *tienderos* (caixeiros de loja) são *muy pillos*¹⁶ e, como diz o provérbio espanhol que os argentinos adotaram: “*A pillo, pillo y medio!*...”

A multidão de passeadores aumenta e as colunas atmosféricas se retesam, numa vibração contínua, pelas frases galantes que picam agradavelmente os nossos tímpanos. Vede esse novo grupo que avança, tendo ao centro uma soberba criatura que leva, orgulhosamente e com majestade, a cabeça enfeitada de rosas e de um magnífico *peineton!* Não se diria que é Calipso no meio de suas ninfas? Pois bem... é a bela Mariquita, apelidada a *estrella del sur!* Essa quantidade de moços, cuja conversa está tão animada, não a deixará passar sem render-lhe homenagem. Está agora no meio deles, e todos se agitam em torno a ela. Vede com que graça encantadora, com que naturalidade, responde a cada um deles, chamando-o pelo nome. A multidão aumenta, porque Mariquita subjuga todos os corações... Estrangeiros ou *portenhos*, todos disputam a honra de se fazer notar. Felicitam-na pela graça que mostrou na última *tertúlia*¹⁷, dançando divinamente um *cielito* e a *montonera*.¹⁸

16 Muito velhaco. Emprega-se no sentido de descarado, astuto, finório, manhoso, trampolheiro.

17 Sarau dançante.

18 Espécie de minueto pulado, no qual a dançarina imita as castanholas com os dedos. É uma dança perfeitamente maravilhosa.



Portenha – Traje de passeio

Com auxílio da mãe, das primas, das tias e das criadas, Mariquita consegue escapar à multidão dos seus adoradores e dirige-se para o lado da *Alameda*. Sigamos a onda que nos leva. Ei-la que retoma a sua dignidade, o seu porte de rainha!... Pensareis que é orgulhosa, inabordável, desdenhosa. Absolutamente, não! É a melhor pessoa que se pode encontrar: tem sensibilidade, jovialidade, ingenuidade, mas, acima de tudo, ama a si mesma!... Ainda não entregou seu coração a ninguém. Talvez não o entregue nunca, sobretudo se se casar com um estrangeiro (uma portenha recusa raramente um estrangeiro). Mas, se dispuser dele, casada ou não, o que é difícil garantir, feliz o mortal que ela tiver escolhido! ... porque mais de um portenho lhe aplicará, suspirando, estes lindos versos de Quintana:

“Feliz aquel que junto a tí suspira,
Que el dulce néctar de tu risa bebe,
Que a demandarte compasión se atreve
Y blandamente palpitar te mira !”¹⁹

Vejo-vos deslumbrados diante de Mariquita. É maravilhosa – direis – ofegando e acotovelando a multidão dos seus admiradores!

19 Embora não se possa exprimir numa tradução a suavidade desses versos, atrevo-me a parafraseá-los assim:

Trop heureux le mortel qui près de toi soupire,
Qui, s'enivrant d'amour et de ton doux sourire,
Compassion de sa flamme ose te demander...
Et te sent, dans ses bras, doucement palpiter!

Para compensar o leitor por minha má tradução, reproduzo aqui esta passagem da carta de Voltaire à senhorita Gaussin (Imitação de Safo):

“Heureux cent fois le mortel amoureux,
Qui tous les jours, peut te voir et t'entendre,
Qui voit son sort écrit dans tes beaux yeux;
Qui, pénétré de leurs feux qu'il adore,
A tes genoux oubliant l'univers
Parle d'amour, et t'en reparle encore!
Et malheureux qui n'en parle qu'en vers!”

Essa paráfrase é bela, mas não é Quintana.

Sim, é uma maravilha, mas esperai que cheguemos à Alameda e essa maravilha desaparecerá entre vinte, cinqüenta, cem portenhas, cada qual mais maravilhosa... e que não me acusem de querer fazer poesia em prejuízo da verdade! Apelo a todos aqueles que passaram bastante tempo em Buenos Aires, para já não sentir a influência da *prevenção*, e *intimo-os* a confessar que nunca viram mulheres mais sedutoras. Só as de Montevidéu, na América, podem ser comparadas a elas. Fora disso, é preciso ir a Andaluzia, Itália, Grécia, Geórgia ou Circássia, para encontrar o mesmo tipo encantador. Sabeis o que lhes falta para subjugar completamente até mesmo os volúveis franceses? Falta-lhes instrução e também algumas *virtudes sociais* que elas não podem conhecer sob o regime que as governa e pelos tempos que correm. E, por isso, não as julguem culpadas.

A *Alameda*, onde desembarquei, e onde todos os que visitaram o país desembarcaram como eu, é o ponto de encontro do mundo elegante, ao anoitecer durante o verão, e à tarde, nos dias de festa, durante todas as estações. A Alameda propriamente dita não tem grande extensão. Ocupava, apenas, uma quadra, quando cheguei. Depois aumentou, ao dobro. Há, porém, em continuação, um caminho que se prolonga bastante, acompanhando a costa mais elevada da cidade. É o que chamam o *Bajo*.²⁰ É um dos lugares mais agradáveis de freqüentar, devido à frescura, à pureza do ar que se respira e à variedade de objetos que compõem sua perspectiva, porque fica diante da enseada, sempre coberta de navios embandeirados. O lugar de desembarque está cheio de chalupas, longas e leves pirogas, e numerosos carrinhos do país, com seus grotescos condutores. O intervalo, bastante grande, que separa o caminho das águas do rio, está atapetado de uma grama sempre verde e a colina, ou pequeno alcantilado que forma a costa, está ocupado por

20 O *j*, diante das vogais e o *g* diante de *e* e *i*, têm um som gutural como em *bajo*, que a gente só consegue pronunciar direito depois de passar muito tempo no país. É talvez a única dificuldade que apresenta a bela e rica língua castelhana, mas às vezes uma dificuldade intransponível para muitas pessoas; e é pretexto de rir a *carcajadas* para as portenhas, que se divertem fazendo os estrangeiros dizer certas palavras que se prestam a equívoco, pelo embaraço que eles sentem no pronunciar o jota.

pequenas casas, canteiros e jardins. O sul é fechado por um horizonte distante que deixa a vista repousar no vulto maciço dos salgueiros da Boca, enquanto o norte nos mostra, diante do *Cuartel*, e das quintas do Retiro, as inúmeras e curiosas carretas de Tucumán, Salta, Córdoba e Mendoza, todas dispostas em uma única linha, com suas famílias nômades agrupadas fleumaticamente sobre o capim, diante do *costillar* e do *matambre*,²¹ que vão assando na ponta de um espeto cravado obliquamente na terra e sobre um fogo feito ao ar livre. Com todos esses objetos que formam o fundo do quadro, vem concorrer uma multidão de passeadores indígenas, estrangeiros cosmopolitas, em veículos elegantes, a cavalo ou a pé, para animá-lo, dar-lhe vida e encantar o observador. Em geral, os que passeiam a cavalo descem pelo lado do forte e, depois de caracolar, exibir seu garbo de cavaleiro e o seu domínio sobre o animal, depois de ter *pintado*, como dizem os espanhóis, sobem a encosta do retiro para ouvir as fanfarras e a bela música do *Cuartel*, ou então prolongam o passeio até o antigo convento da *Recoleta* (atualmente o cemitério), a uma meia légua para o norte, e voltam através das quintas para atingir de novo a Praça do Retiro, depois a Rua *Florida*, a “chaussée d’Antin”, de Buenos Aires, onde a sua vaidade de cavaleiro vê-se de novo lisonjeada, à vista das elegantes portenhas, debruçadas às janelas para ver o regresso dos passeadores.

Está entendido que não poderíamos gozar esse panorama animadíssimo, se seguissemos Mariquita. Nossa atenção seria distraída pelos madrigais, pelas frases finas e espirituais que circulam, levados numa atmosfera magnética, de que nos sentimos penetrados, embriagados, arrebatados, sem pensar em evitá-la. É privilégio dos bons climas, dos céus sem nuvens e sem vapores malsãos, dispor a olhar a vida sob cores menos sombrias. Foi isso que fez Madame de Staël dizer que o sol, como a glória, aquece até um túmulo. “No Meio-Dia” – acrescenta ela – “usam-se tão naturalmente as expressões mais poéticas, que elas parecem brotar do próprio ar ou ser inspiradas pelo sol.” Madame de Staël dizia da Itália mas esse pensamento, cheio de justiça, é mais bem aplicado a Buenos Aires do

21 Pedacos de carne de que os gaúchos são grandes apreciadores e de que voltarei a falar, assim como das carretas.

que a outro lugar. A língua bela castelhana, assim como a italiana, presta-se maravilhosamente à expressão dos sentimentos mais ternos, e dos mais generosos. Oferece-nos, ao mesmo tempo, as palavras mais doces, mais suscetíveis de vibrarem harmoniosamente no coração, como as expressões mais terríveis e mais fulminantes. Assim, quase todos os espanhóis são *poetas* e improvisam admiravelmente versos que cantam ao som da guitarra ou do piano. Atribuo a essa facilidade de improvisação e a essa linguagem *poética*, tão comuns entre o povo, a pobreza da literatura espanhola. A imaginação é tudo para eles, e o orgulho que sentem nisso impede-os de se entregarem aos estudos, que deles fariam, certamente, os melhores poetas e oradores modernos. Os Lope de Vega, os Iglesias, os Iriarte, os Villegas, os Garcilaso de la Vega, os Cervantes, os Jovellanos estão na altura, senão dos poetas italianos, pelo menos dos poetas, críticos e oradores franceses, alemães e ingleses. Ora, os argentinos, herdeiros do belo idioma castelhano, são dotados de uma imaginação *mais viva* e de um espírito mais *independente* do que os espanhóis. É lícito, portanto, que se espere vê-los criar uma literatura americana, digna da alta opinião em que eles têm suas faculdades intelectuais.

A hospitalidade é uma virtude geralmente praticada entre os argentinos. Houve um tempo em que se disputava, em Buenos Aires, o estrangeiro recém-desembarcado. A dificuldade estava na escolha. No momento em que se instalasse nesta ou naquela casa, podia considerar-se membro da família e, como tal, agir com toda a liberdade. Atualmente, guarda-se mais reserva nas demonstrações de urbanidade. Já não existe o mesmo acolhimento, a menos que se venha munido de uma boa recomendação. Mas os estrangeiros só devem culpar a si mesmos, por essa súbita mudança. Abusaram, de uma maneira desprezível, das leis sagradas da hospitalidade, principalmente nestes últimos anos, em que chegou a Buenos Aires o *refugo da nossa civilização*. Entretanto, pode-se estar seguro de ser recebido com agrado e bondade em todas as casas da cidade, qualquer que seja a classe a que se pertença. Basta comportar-se com decência para ter entrada em toda parte.

Para dar uma idéia da maneira com que ainda se pratica a hospitalidade na cidade e no campo, apesar das faltas cometidas por um grande número de estrangeiros, citarei o que me aconteceu, no pri-

meiro ano de minha estada em Buenos Aires, e espero que me perdoem falar da minha pessoa, em vista da importância do assunto.

No momento em que a fermentação dos espíritos estava no auge, devido à derrota do general Quiroga, fiz o plano de ir passar três dias na vila de *Quilmes*, com o meu preparador, a fim de caçar um pouco e conhecer o interior. Todas as pessoas, a quem falei, advertiram-me sobre a imprudência que ia cometer. O próprio senhor Faustino Lezica, ao qual ia recomendado, teve a bondade de mandar dizer que não me aconselhava cumprir o meu projeto. Não dei a menor importância a essas observações, de tal modo desejava fazer minha colheita de pássaros. Parti uma manhã, a pé, com Gamblin, ambos armados até os dentes e dispostos a defender-nos em caso de ataque. Além dos fuzis de dois tiros, tínhamos, cada um, duas pistolas na bolsa de caça e um facão na cintura. Tinha obtido uma licença da polícia para irmos assim armados.

Atravessamos *Barracas*, depois os *Saladeros*,²² e começamos a caçada nas vastas planícies pantanosas que se estendem junto às pequenas colinas de Quilmes, sem ser molestados por ninguém. Depois de caçar o dia inteiro, num calor sufocante, dirigimo-nos, ao entardecer, para a vila, em busca de uma pousada, certos de que haveria pelo menos um albergue. Note-se que eu não sabia uma palavra de espanhol! Gamblin, que tinha feito a gloriosa campanha da Espanha, em 1823, como recruta, havia conservado na memória algumas locuções usuais. Não importava: avançamos corajosamente, arma a tiracolo, pelo meio dos cardos e dos ranchos da povoação, pedindo uma *posada*. Era fácil perceber pela nossa roupa e pela nossa algaravia que éramos recém-chegados. Um bom *pulpero*²³ indígena teve piedade do nosso embarço e nos fez sinal para que nos aproximássemos. “Não há *posada* por aqui”, foi dizendo, “mas se querem se contentar com um cantinho e com o nosso pobre trivial, a casa está às ordens.” Em seguida, ofereceu-nos um *cigarrito*, como prova de amizade, e nos levou

22 Estabelecimentos em que se mata o gado, para fazer secar as peles, e salgar a carne e os couros.

23 Proprietário de uma pulpéria, esse botequim de que já falei. No campo, elas são também, ao mesmo tempo, lojas de fazendas, de quinquilharias e de outras coisas úteis aos gaúchos.

para junto da família, na peça vizinha. A mulher era amulatada, mas os filhos brancos e de traços regulares; a filha mais velha, de quatorze anos, era para nós uma beleza. Fomos acolhidos com uma cordialidade e uma atenção que nos comoveram. Em resumo, ficamos três dias e três noites em Quilmes, em casa do bom *pulpero*, sem que ele quisesse aceitar, por ocasião da partida, mais que o preço do pão e do vinho que havíamos consumido em quantidade.

Não devo omitir um episódio que mostra até que ponto vão a paciência e a indulgência das autoridades locais. Na noite da nossa instalação em casa do *pulpero*, quisemos caçar algumas *vizcachas*²⁴ (gênero de roedores semelhantes às *chinchillas*, que se encontram em toda parte nesses campos) mas, em lugar de ir para fora, paramos na praça da vila, onde vimos tocas de coelhos. Demos alguns tiros de fuzil, mas a escuridão era tão grande que tivemos de abandonar a caçada. Voltamos de manhã, bem cedo... E qual foi a nossa surpresa vendo os buracos tapados! Pensei então na nossa imprudência e alegrei-me ao ver que o juiz de paz era um homem pacífico. Quantos prefeitos e juízes de paz nas nossas vilas e cantões tomariam a coisa nesse tom?...

O segundo exemplo de hospitalidade passou-se em Buenos Aires. Tinha por vizinhos imediatos, na *Calle de las Piedras*, onde estava situado o meu estabelecimento, uma respeitável família que me honrara com a sua amizade, a ponto de censurar-me quando passava oito dias sem me ver. Acontece que adoeci tão gravemente que o médico chegou a desesperar da minha salvação. Pois bem: durante mais de dois meses em que estive de cama, a senhora dona Ramona H... teve a extrema bondade de cuidar-me como se eu fosse um filho. Atendia-me à noite como durante o dia. Suas filhas e sua irmã vinham freqüentemente distrair-me e, quando entrei em convalescença, graças aos seus cuidados assíduos e à habilidade do doutor Nollet,²⁵ de

24 *Callomys viscacia*, Geoff. St.-Hilaire.

25 Há em Buenos Aires sessenta e três médicos, oito cirurgiões, duas parteiras francesas, seis dentistas, quarenta e um farmacêuticos, diplomados depois de um exame feito pelo tribunal de medicina, encarregado também da inspeção das farmácias.

Nancy, mandavam-me a todo instante pratos saborosos, doces delicados, que elas mesmas preparavam, para excitar meu apetite e satisfazer meu gosto. Sinto o maior prazer em dar-lhes este testemunho público da minha profunda gratidão, a única coisa que posso oferecer-lhes; e a única que dona Ramona aceitaria. Estou certo, porém, que ralharia comigo por ter tornado público este episódio.

Depois desta homenagem às virtudes hospitaleiras, teremos ainda receio de entrar na casa de um *porteño*? Acompanhemos ainda a multidão que passeia. Ouvis a guitarra responder asperamente à rápida vibração de suas doze cordas de metal? Escutais os risos imoderados, os cantos monótonos, semelhantes a salmodias, interrompidos por outros cantos sacudidos ao mesmo compasso apressado? Todo esse *brouhaha*, essa confusão, essa alegria bárbara vêm da *pulperia* vizinha, onde um *compadrito*,²⁶ beliscando a guitarra, acompanha negros e mulatos numa dança imoral chamada *media caña*, que interrompe, às vezes, para engolir um trago de genebra ou de aguardente que circula em roda. Se entraís na *pulperia* para acender um charuto, alguém vos dirá com certeza, oferecendo um copo: “*Patrão*, faça o favor de beber um traguinho.” E não deveis recusar! Seríeis olhado de esguelha se, num gesto inoportuno de arrogância, recusásseis levar o copo aos lábios... Já vos preveni que aqui não se tolera a *aristocracia*. É preciso confraternizar: *liberdade, igualdade...* ou a *morte!* aqui mais do que em outra parte.

Há *tertulia* nessa casa baixa de duas janelas gradeadas e fechadas por cortinas internas, que não deixam escapar a luz. Seu aspecto é modesto e triste; entretanto, é bem distribuída e ricamente mobiliada. A maior parte das casas da cidade tem três pátios, às vezes quatro, e além disso um jardim: o primeiro tem o nome de *patio primero*, é o pátio de honra, sempre bem pavimentado, às vezes de mármore; o *patio segundo* é o dos criados, também pavimentado, mas sem o mesmo cuidado; o terceiro é o *corral*, onde estão os cavalos, as aves, etc. As mais

26 *Compadrito* significa compadre, companheiro. É um diminutivo de compadre. Aplica-se a uma classe de indivíduos maus e vadios, comparáveis aos que o povo de Paris chama *malins*.

das vezes acontece que os cavalos são obrigados a atravessar o pátio de honra para ir ao *corral*, onde ficam soltos, ao ar livre, dia e noite. Os aposentos estão ordinariamente dispostos em quadrado em torno dos pátios, e os laterais mostram, às vezes, vistos da rua, uma fileira de peças semelhantes a um dormitório de convento. A peça principal (a sala de visitas) é espaçosa, sempre mais comprida que larga, e bastante elevada; guarnecida de muitas dúzias de cadeiras norte-americanas, um belo piano inglês, um tapete da mesma origem, um sofá de crina, muitas mesas de jogo e de pequenos móveis sobre os quais estão colocados magníficos vasos de flores artificiais, candelabros, ou castiçais simples de plaquê. Os quartos de dormir das pessoas da família – os quais estão longe de ser, como no Brasil, na Inglaterra ou na Turquia, um santuário impenetrável e misterioso – estão atravancados por um imenso leito de seis pés quadrados, muito elevado, ornado de cortinas de seda graciosamente arranjadas (esse leito está, às vezes, colocado como um catafalco no meio do quarto, mas ordinariamente em um dos lados); por um sofá, uma elegante cômoda, uma escrivaninha guarnecida de uma pequena biblioteca, se é um quarto de homem, e cadeiras americanas. Os quartos dos criados e das crianças são muito simples: quatro paredes caiadas, um *catre* ou cama de campanha recoberto de couro de boi, duas cadeiras comuns, uma mesinha e uma jarra de água constituem toda a mobília. Aí tendes o interior de uma casa opulenta. As das classes média e pobre não podem ter a mesma elegância: distribuídas do mesmo modo, as paredes, em vez de serem revestidas,²⁷ são simplesmente caiadas. Há sempre, na sala de visitas, três, quatro ou seis dúzias de cadeiras e um sofá, mesinhas, vasos de flores e castiçais, mas tudo, naturalmente, mais simples, assim como a cama grande onde a pessoa se deita raramente, por preferir o *catre* em que se atira completamente vestida. Isso dá menos trabalho, e não há necessidade de fazer a cama. É preciso que a família seja muito pobre para não ter o seu piano.

27 Já se começa, atualmente, a revestir as paredes, a fazer armários e chaminés, inovações devidas aos nossos operários. Aliás, toda a América vai aproveitando os rápidos progressos das nossas artes europeias; uma inovação útil é adotada ali muito antes que esteja popularizada entre nós.

As buenaienses como as montevidéas têm a mesma inclinação das italianas pela música mas não se dão ao trabalho de estudar a música escrita (falando de um modo geral). Basta-lhes ouvir uma ou duas vezes uma ária, uma contradança e mesmo uma *ouverture*, para repeti-las ao piano ou na guitarra com a maior fidelidade. Gostam particularmente da música italiana e da francesa, mas um pendor irresistível faz com que prefiram ainda os *tristes* peruanos, os *boleros* espanhóis e os *cielitos* nacionais que têm também o seu encanto. Nada tão adorável como uma portenha dizendo à outra, confidencialmente: “*Este triste me lleva el alma!*” Mas, entremos na *tertulia*.

Acalmai-vos! Não vos deixeis perturbar pela visão desse enxame de mulheres formosas; não lhes deis o gosto que elas mais ambicionam – o de arrebatam um coração estrangeiro... Vão oferecer-vos o *mate*, o inevitável *mate*, para aumentar vosso embaraço e a hilaridade das senhoras.²⁸ Não é coisa fácil tomar *mate* pela primeira vez, sem queimar a língua ou entupir a *bombilla* por uma aspiração mais forte... Vede como essas senhoras se esforçam para conter o riso, que vai escapar sob o leque brilhante com que tapam o rosto. Vamos, não é preciso corar. Felizmente, o baile é aberto por um minueto e será a vossa vez de rir. Essa dança adapta-se bastante à nobreza e à elegante simplicidade das portenhas. Os homens e as mulheres, exercitados desde a infância nesse passo grave e medido, têm oportunidade de ostentar as graças naturais de que são dotados. É necessário ter formas elegantes, belas proporções, naturalidade e garbo

28 O *mate* é uma bebida quente que, na América meridional, substitui o chá e o café da Europa. Toma-se em infusão como o chá. É a folha pulverizada, fermentada e preparada de uma árvore do Paraguai e das missões do Uruguai conhecida no comércio pelo nome de erva-do-paraguai (*Yerba del Paraguay, del Brasil*, ou simplesmente *Yerba*). Põe-se uma colherada, com açúcar, numa pequena cuia de abertura estreita, derrama-se água fervente e, em lugar de servir-se em xícaras, serve-se na própria cuia (ou em algum vaso mais rico que tenha a mesma forma), chupando por um tubo de metal ou de junco, de oito a dez polegadas de comprimento, furado na extremidade, como um regador, para impedir que as partículas da planta cheguem à boca. Dá-se a esse tubo o nome de *bombilla*. O *mate* é tomado a qualquer hora e, logo que chega uma visita, uma negrinha o serve à patroa, que o oferece, por sua vez, às pessoas presentes. Os habitantes não podem se privar dessa bebida, bastante agradável, mas que repugna da primeira vez.

para ousar figurar num minueto. É por isso que muitos estrangeiros, sem suspeitar de nada, vão servir de objeto de zombaria nessa *tertulia!*... Além do minueto, geralmente dançado, há ainda a *montonera*, o *cielito*, a contradança espanhola e a contradança francesa. Esta última está se generalizando na alta sociedade, mas o povo prefere, com razão, a *contradanza española*. É uma dança encantadora que as portenhas adoram. Abandonariam o seu grande *peineton*, conspirador audacioso, antes de renunciar à *contradanza*. É que ela permite o emprego de todos os recursos da coqueteria feminina, sem timidez, sem escândalo, sem ferir a susceptibilidade de ninguém... a não ser dos ciumentos; mas os ciumentos não têm grande aceitação entre as portenhas! Para dançar essa contradança os homens e as mulheres colocam-se em duas filas, as mulheres de um lado e os homens do outro, no número que a sala pode comportar. É uma dança excessivamente complicada, para que eu a tente descrever. Basta saber que se dão dois passos à frente, fazem-se e refazem-se movimentos de mão, procura-se e foge-se, valsa-se e, o que é melhor, tem-se o prazer de apertar alternadamente, nos braços, todas essas lindas mulheres e de fazer-lhes declarações sem que elas se ofendam. Apenas, poderão dizer, ingenuamente: *tiene dueño!!!*...

Com exceção do uso do pente, as mulheres de Buenos Aires e de Montevidéu seguem as modas francesas. Há um grande número de modistas e de costureiras dessa nacionalidade, e os jornais de modas de Paris circulam em todos os *boudoirs* (ou o que faz as vezes de *boudoirs*) das portenhas. Elas, porém, adotaram cores e desenhos especiais que se harmonizam com seus gostos e com seu caráter. Os homens, bem proporcionados, de excelentes maneiras como as mulheres, seguem indistintamente as modas francesas e inglesas. Há um grande número de alfaiates das duas nacionalidades, de sapateiros e cabeleireiros, que fazem ótimos negócios.

Sou obrigado a deixar o meu papel de cicerone ou de diabo coxo, se quiserem, para atacar um capítulo mais sério, mas não menos interessante, sobre a indústria, o comércio e a navegação. Peço desculpas de passar por cima de alguns detalhes desses costumes, que poderiam picar a curiosidade dos leitores, mas que não são de utilidade real.

.....

Capítulo XI

BUENOS AIRES

INDÚSTRIA – COMÉRCIO – NAVEGAÇÃO

JÁ SABEMOS que o gênero de trabalho preferido pelos habitantes dos campos é a *criação* e a propagação do gado, que não exigem muito esforço de sua parte, já que a natureza e os cavalos são os grandes instrumentos que atuam mais poderosamente nessa ocupação maquinal... A agricultura só é praticada na Banda Oriental e em alguns pontos da província de Buenos Aires, não longe da capital, ainda que de maneira imperfeita. Imaginai que a charrua de Buenos Aires, chamada *reja*, não é mais do que uma longa estaca de madeira, recurvada em gancho, que rasga de modo desigual a superfície do solo, graças aos esforços de dois bois mansos, atrelados à extremidade superior da *reja*!... Dizei-me, por favor, se no tempo de Jano, na famosa *idade de ouro* de que falam os poetas, quando Saturno, expulso do céu pelo filho usurpador, teve de contentar-se em ensinar agricultura aos povos do Lácio, dizei-me se os instrumentos eram mais imperfeitos e mais bárbaros?...

Houve um tempo, entretanto (e deve-se admirar a fertilidade do solo), em que, apesar do cultivo primitivo das terras, elas produziavam trigo suficiente não só ao consumo do país, como também à exportação para o Brasil e para as ilhas da França e de Bourbon. Hoje, Buenos Aires é tribu-

tária do Chile e dos Estados Unidos do trigo que consome e, devido à falta de renovação das sementes, o pouco que se colhe desse cereal degenerou de tal modo que só se obtém um *pão de rala*... A própria cultura do milho foi descuidada!... A Banda Oriental fornece parte de sua produção a Buenos Aires... Ó incúria dos argentinos! A sorte dos vossos netos não será das melhores se não mudardes imediatamente de *sistema*.

Como o governo inepto ainda não conseguiu expulsar da cidade o grande número de europeus industriais, estabelecidos há muito tempo, algumas artes e ofícios ainda prosperam, dando um pouco de atividade ao comércio. São elas: as fundições de sebo, as fábricas de sabão, de velas, de chocolate, de massas alimentícias, de erva-mate; as de carroças, de *recados* (selas do país), de selas estrangeiras, de cinturões, de baús, malas, etc., de pentes de tartaruga e de chifre; as padarias, as funilarias, as chapelarias; os ebanistas, ourives, tintureiros, joalheiros, estofadores, confeitores e dois novos estabelecimentos para curtir couro. Todas essas artes e ofícios fornecem ao Tesouro fortes contribuições de impostos e ocupam um grande número de braços, tanto nacionais como estrangeiros. Entre essas indústrias, há algumas que são peculiares ao país, ainda que estejam, em parte, na mão dos estrangeiros, como por exemplo: a fundição de sebos, a fabricação de sabão e da erva-mate; as dos baús, malas, *arganas*,¹ colchões e *camas de campanha*.

O sabão de Buenos Aires é de uma qualidade toda especial. É fabricado, ou de sebo puro, em rama, ou com resíduos de sebo derretido, ou com a mistura de todos em proporções arbitrárias. É negro ou avermelhado, conforme as proporções do sebo ou dos resíduos. O que há de notável nessa fabricação é que se emprega para endurecê-lo a lixívia de cinzas, à base de potassa. A gente, a princípio, se admira de ver que a potassa produz aqui um resultado diferente do que se conhece na Europa. A explicação é que as cinzas de que se trata contêm um outro sal que, combinado com a potassa, endurece o sabão tanto como a soda. Não creio que já se tenha reconhecido a natureza desse álcali especial. Um hábil fabricante, o sr. Cambacéres, estabelecido há muito tempo em Buenos Aires, fez várias

1 Cangalhas. Espécie de cestas de couro cru, que se põem nas bestas de carga. Os distribuidores de pão, de sabão, de legumes, etc., estão providos de arganas.

experiências no sentido de separar os dois sais, mas não tenho notícia de que haja obtido um resultado satisfatório. A cinza em questão é produto da incineração de duas plantas abundantes nas províncias de Buenos Aires, Santa Fé e Entre-Rios, sobretudo nas margens do Paraná, e conhecidas no país sob o nome de *quinoa* e de *yuyo colorado*. Faz-se com elas um grande comércio na época da colheita. Os pontos onde se obtém maior quantidade são: *San Pedro* e *San Nicolás*, na província de Buenos Aires, e a *Bajada de Santa Fé*.

Há já muito tempo que se fabrica essa espécie de sabão em Buenos Aires e Santa Fé, mas ultimamente sua fabricação sensivelmente melhorada graças à inteligência de um espanhol (don Domingo Rodríguez), o qual conseguiu montar um estabelecimento que se iguala aos da Europa. Desde então, seu exemplo foi imitado, e esse ramo da indústria é um dos mais interessantes e dos mais produtivos em Buenos Aires. Com essa espécie de sabão, a roupa branca é lavada *a frio*, nas praias, sem que seja necessário empregar a lixívia. Só para roupa muito fina, como a de musselina, gaze, ou renda emprega-se o sabão branco de Marselha e da Espanha.²

A erva-mate, que chega do Paraguai, das Missões ou do Brasil, em surrões, deverá ser manipulada antes de servida aos consumidores. Já teve nos lugares de colheita um começo de preparação pela torrefação, fermentação e pulverização, mas isso não é suficiente. Deve ser submetida ainda a uma nova pulverização e uma fermentação mais ou menos longa, a fim de adquirir as qualidades exigidas pelos conhecedores, sobretudo a que vem do Brasil que, sendo sob vários aspectos muito inferior à do Paraguai, melhora sensivelmente por meio da referida manipulação.

Uma outra indústria, nascida no país, mas exercida atualmente por estrangeiros, porque exige grandes capitais, é a dos *saladeros* (estabelecimentos em que se salgam a carne e os couros). É o que, no Brasil,

2 Todas as lavadeiras de Buenos Aires são obrigadas, devido à falta de fontes na cidade, a ir às margens do rio, para lavar a roupa. Na maioria, são negras que partem de manhã com sua trouxa na cabeça, um cachimbo ou cigarro na boca e a cafeteira ou a chaleira para esquentar a água do mate. É um espetáculo alegre ver a praia coberta inteiramente de negras e de roupa estendida.

chamam *charqueadas*. A carne, depois de salgada, chama-se em espanhol *tasajo* e em português *charque*.³ É exportada para o Brasil, Havana, ilhas do Cabo Verde, sendo objeto de um comércio nativo. Nem todos os couros se salgam; muitos são secados ao sol, estendidos por meio de numerosas estacas a seis polegadas do solo. Chama-se isso *estaquear*. A maneira pela qual os couros foram estaqueados faz, às vezes, a sua qualidade: os gostos dos comerciantes estrangeiros são diferentes a esse respeito, pois uns preferem os couros estirados, no sentido da largura, e outros no do comprimento. Uma vez secos, os couros são empilhados em vastos depósitos chamados *barracas*, e sua conservação exige cuidados da parte do depositário público ou particular chamado *barraquero*. É preciso batê-los com freqüência, marcá-los, endurecê-los com uma camada de cloruro de cal ou de um outro líquido preservativo, etc., etc. O *barraquero* é, geralmente, um especulador no próprio local. Açambarca em tempo oportuno os produtos do país, como os couros de bois ou de cavalos, a crina, a graxa, os chifres, a lã de carneiro, as peles de lontra e de *chinchilla*, etc. Sua barraca está munida de um peso público, aferido em certas épocas pelos inspetores. É, ainda, *uma das melhores* indústrias do país. Nos últimos tempos, introduziram-se novas prensas para enfardar a crina, a lã, as peles de carneiro e outras; o que traz uma grande redução no frete, pelo pouco volume dos fardos que saem dessas prensas. É de desejar que introduzam essa inovação no Rio Grande e, especialmente, em Porto Alegre.

O comércio de Buenos Aires e das províncias da antiga *Unión* sofreu muito depois da guerra com o Brasil, e está mesmo longe de apresentar atualmente o estado satisfatório comunicado às nossas câmaras de comércio em 1825. Os principais capitalistas, atraídos desde o ano de 1820, pelas promessas de um governo protetor, tiveram de abandonar seus vastos projetos de estabelecimentos agrícolas ou industriais, de navegação interna ou de especulação mercantil, no momento em que o furor dos partidos se desencadeou novamente, e as paixões odientas e os interesses privados

3 Charque vem do verbo português charquear, que significa fazer o *tasajo*, secar mantas de carne ao sol. Segundo o sr. d'Orbigny, *charque*, palavra da língua quíchua dos incas, é corruptela de *charqui* que significa carne-seca e também, em sentido figurado, uma pessoa muito magra.

substituíram o amor à pátria e ao bem público. Uns, levaram suas idéias de civilização e seus capitais a outras regiões mais pacíficas, onde um governo, estabelecido sobre bases mais sólidas, consolidado ao menos, à falta de legislação, pela opinião de um povo ajuizado e industrioso, oferecia-lhes a segurança, a garantia moral, sem as quais o espírito mais esclarecido não pode realizar seus benéficos projetos; outros, arruinaram-se completamente, e arrastaram na sua queda uma multidão de infelizes artesãos; outros, enfim, vegetam ainda com as sobras da fortuna, esperando que uma organização definitiva lhes permita empreender, com certeza de sucesso, qualquer operação proveitosa ao país. Mas o país desconhece seus interesses e persiste em seguir um sistema de isolamento, paralisador de toda indústria e de todo comércio.

Entretanto, poucas regiões têm mais elementos de prosperidade do que a República Argentina reunida em *corpo de nação*: o imenso território de suas quatorze províncias⁴ é igualmente apropriado à cultura dos produtos tropicais e dos de nosso clima. Os canais naturais, ramificando-se ao infinito, asseguram comunicações fáceis e mais baratas do que por terra, até os pontos mais distantes da metrópole, e a propagação fácil do gado é uma fonte inesgotável de riquezas, que o povo poderá trocar por objetos que lhe permitam o gozo de uma civilização que ele desconhece. Além de todos esses recursos que poderiam ser aproveitados com ajuda da indústria e dos capitais estrangeiros, Buenos Aires, a orgulhosa Buenos Aires, tão aviltada atualmente por sua intolerável apatia, possui a imensa vantagem de poder vir a ser, sob um governo melhor, o entreposto geral, não só de todas as províncias da confederação, como também do Paraguai, da Patagônia e até mesmo da rica e prudente Bolívia, se o projeto de navegação e colonização dos rios *Bermejo* e *Pilcomayo*, chegar um dia a realizar-se! Há ali fontes desconhecidas, *mas reais e férteis de riquezas*, para todos os povos, quando o *obscurantismo* deixar de reinar sobre os infelizes argentinos. Uma obra, publicada em Buenos Aires em 1833,⁵ demonstra até a evidência a vanta-

4 A de Jujuy acaba de separar-se da confederação.

5 *Notícias históricas y descriptivas sobre el gran pais del Chaco y rio Bermejo, con observaciones relativas a un plan de navegacion y colonizacion que se propone*, por José Arenales. Buenos Aires, 1833.

gem incalculável que traria às províncias do Prata e à República da Bolívia, um tratado de aliança e comércio, com o fim de facilitar essa navegação interior, por meio de barcos a vapor e de outros que as companhias julgassem conveniente empregar. O autor dessa obra de alto interesse, depois de entrar em numerosos detalhes geográficos e descritivos sobre a vasta região do Chaco, sua população de aborígenes, sua produção natural, e sobre a história da conquista, tentada muitas vezes pelo Paraguai e pelo Peru, mas antes de entrar nos detalhes de um plano de associação, destinado à colonização, e depois de ter demonstrado a utilidade da navegação interna, diz o seguinte:

“Quando isso se realizar, se, ao mesmo tempo, os obstáculos e as restrições internas desaparecerem, tanto para o livre tráfico de todo produto nacional ou estrangeiro, como para a concorrência de todos os homens úteis e industriosos, *quaisquer que sejam eles*, a exportação se tornará cada vez mais ativa; o valor dos produtos do país aumentará, gradualmente, ao mesmo tempo em que diminuirá o das mercadorias estrangeiras. Essas reações, acumulando sempre capitais adquiridos (*gananciales*), criando ramos de indústrias de todas as partes, e atraindo gente que as vivifiquem sem cessar, elevarão o país a esse grau de prosperidade tão desejado pelos povos, freqüentemente prometido pelos governos e sempre afastado pelas suas próprias desordens, pelas paixões dos partidos e, mais do que tudo, *pelo funesto ascendente das idéias estúpidas e extravagantes dos nossos antigos opressores...* Como é vergonhoso ter de confessar isto, vinte e três anos depois de uma revolução feita com as idéias mais justas e mais generosas!!! Mas, não é o caso de se lisonjear a vaidade nacional, ocultando-lhe verdades que é importante ter presente na memória.”

Até o momento, a navegação⁶ dos grandes rios Paraná e Uruguai ocupa mais de mil embarcações. Dois navios a vapor seriam suficientes, no atual estado de coisas, para mudar a face dos negócios, ativando as relações com a Banda Oriental, Entre-Rios, Santa Fé e Corrientes. E com a morte do doutor Francia, que não pode tardar, que revoluções no comércio desse país!... Tanto quanto se pode julgar, pela descrição de pessoas que conseguiram escapar ao despotismo daquele ditador, ninguém,

6 Vide nota H, relativa aos direitos de navegação, pilotagem, etc., pág. 297.

depois dele, será capaz de seguir o mesmo sistema de governo. É mais provável que o Paraguai fique entregue à anarquia durante algum tempo, até que um ambicioso leve a melhor sobre os seus rivais; mas, desde que possa comerciar livremente com o estrangeiro, seus habitantes, reconhecendo que podem tirar partido de suas riquezas inutilizadas pelo capricho de um déspota, acolherão com a maior boa vontade os estrangeiros que mais simpatizarem com o seu caráter doce, humano, hospitaleiro, cheio de alegria e de franqueza. Será fácil persuadi-los a cultivarem ou *deixarem cultivar* suas terras férteis, cujos produtos mais comuns e mais abundantes são o algodão branco, o algodão *nanquim*, o açúcar, o arroz, a mandioca, as madeiras de construção, de vigamento, de marcenaria, de ebanisteria, tão boas e bonitas quanto as do Brasil; o milho de muitas espécies, a erva-mate, que existe em quantidade em suas florestas e é procurada com paixão por todos os habitantes do Prata, do Chile e do Peru: e, enfim, os animais, cujo número deve ter aumentado enormemente depois que o ditador proibiu a extração de couros... Tudo isso, sem contar o anil, o cacau, a cochonilha, a baunilha, que podem ser cultivados com o mesmo resultado que no México... todos esses produtos valem, certamente, muito mais do que as minas do Brasil, do México e do Peru!

Infeliz República Argentina, que poderia marchar ao lado de sua irmã mais velha, a América do Norte, e que, deixando-se seduzir e enganar pelos sofismas de uma camarilha obscura e retrógrada, dá seu consentimento tácito à usurpação de um chefe astuto, cuja visão ambiciosa e estreita não terá outro destino que o de restaurar as correntes partidas à custa de tantos sacrifícios!

Qual será a fatalidade que pesa sobre a espécie humana e faz com que a tirania, semelhante à hidra de Lerna, se reproduza à medida que os povos cortam uma de suas horríveis cabeças?... Não estarão as atraentes utopias dos nossos filantropos destinadas, apenas, a realizar um sonho de sua imaginação?... Não! A causa dos povos deve triunfar; mas os povos estão ainda muito oprimidos sob o jugo dos preconceitos. Sua educação está ainda em começo, e eles só entrevêm uma parte da perfídia, ao levantar a ponta da cortina que a esconde ao seu olhar *curioso*.

.....

Capítulo XII

REVISTA CRONOLÓGICA DOS FATOS OCORRIDOS EM BUENOS AIRES,
DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ 1835

1 535 (2 DE FEVEREIRO) – Primeira fundação de Buenos Aires por Pedro de Mendoza.¹

1536 – Assunção é fundada por Juan de Ayolas, lugar-tenente de Mendoza, à margem esquerda do Paraguai. Foi a capital do império espanhol nessas regiões, até que, em 1620, foi estabelecido um outro governo e um outro bispado em Buenos Aires.

1559 – Buenos Aires é destruída pelos índios pampas ou querandis.

1580 – Juan de Garay transporta-se do Paraguai, ao lugar em que existira Buenos Aires, e funda de novo a cidade sobre suas próprias ruínas, no dia da Trindade, estabelecendo ali sessenta espanhóis. Pouco tempo depois, Garay foi morto pelos índios minuanos.

1618 – (8 de setembro) – A corte de Espanha concede aos habitantes das margens do Prata a *permissão de expedir dois navios* por ano, não devendo, cada um deles, exceder a capacidade de cem toneladas.

1 Enquanto Mendoza invadia o território dos pampas e dos guaranis, Almagro, que partira de *Cusco* com 570 europeus e 15.000 peruanos, invadia a região de Charcas, famosa depois pelas minas do Potosi, e o território do Chile. – Raynal, *Hist. ph. des Deux-Indes*.

1620 – São criados, em Buenos Aires, um governo e um bispado, independentes dos do Paraguai.

1776 – Estabelecem-se, em Buenos Aires, um vice-rei e uma audiência real, composta de um regente, cinco auditores e dois comissários do governo, além de um Tribunal de Inquisição. As províncias do Alto Peru (hoje Bolívia) e o Paraguai, fazem parte do vice-reino. De 1620 a 1776, Buenos Aires teve trinta governadores particulares.

1806 (29 de junho) – Os ingleses em número de mil e oitocentos homens, comandados pelo general Beresford, apoderam-se de Buenos Aires, de surpresa.

(12 de agosto) – Liniers, general francês a serviço da Espanha, auxiliado por alguns voluntários orientais, põe-se à frente do povo de Buenos Aires e faz prisioneiros Beresford e sua tropa.

1807 (5 de julho) – Os ingleses, em número de doze mil homens, fazem uma nova tentativa sob as ordens do general Whitelock, e fracassam completamente. São forçados a capitular e a evacuar o território de Buenos Aires, assim como o de Montevideú, depois de terem perdido os seus mais bravos soldados.

1808 (agosto) – A notícia da abdicação de Carlos IV, em favor de seu filho, chega a Buenos Aires e produz uma grande sensação.

(13 de agosto) – Um enviado de Napoleão apresenta-se com despachos do novo governo da Espanha, mas é obrigado a embarcar de novo, imediatamente, por ordem do vice-rei Liniers.

(21 de agosto) - Juramento de fidelidade a Fernando VII; mas pouco tempo depois realizam-se diversos movimentos em favor do estabelecimento de Juntas, à semelhança das de Sevilha.

1809 – A Junta central de Sevilha depõe Liniers² e substitui-o por Cisneros.

2 Liniers, cuja bravura contribuiu generosamente para rechazar a invasão inglesa, foi pago com a ingratidão, como tantos outros que deram seu sangue pela defesa desse país: morreu assassinado!... Seu valor e seus talentos faziam sombra aos chefes de partidos, que resolveram, covardemente, fazê-lo apunhalar; sua morte, e as circunstâncias que a acompanharam, são um dos mais belos temas de tragédia ou de drama que podem ser aproveitados.

1810 (19 de maio) – Cisneros, ao ser informado de que toda a Espanha está ocupada pelo Exército francês, perde a cabeça e propõe um fantasma de representação nacional.

(25 de maio) – Primeiro impulso dado por Buenos Aires em favor da independência americana. O *Cabildo* (conselho municipal) convoca a assembléia geral dos cidadãos. O vice-rei é deposto e substituído por uma junta de nove pessoas, todas nascidas no país. De 1776 a 1810, Buenos Aires teve treze vice-reis.

(outubro) – A Junta de Buenos Aires envia o general Belgrano, à frente de mil homens, para depor o governador do Paraguai, dependente do vice-reino. Belgrano é derrotado e obrigado a retirar-se.

(24 de outubro) – Vitória de *Cotagayta*, obtida pelo general patriota Antonio Balcarce sobre os espanhóis.

(7 de novembro) – Combate de *Tupiza*, ganho pelo general Balcarce sobre os realistas.

1811 (14 de maio) – Os nativos do Paraguai adotam os princípios de independência que haviam sido espalhados entre eles; depõem o governador e se libertam do domínio espanhol sem fazer, entretanto, causa comum com as províncias unidas do Rio da Prata.

1812 (24 de setembro) — Vitória de Tucumán, conseguida pelo general Belgrano sobre os realistas.

1813 (20 de fevereiro) – Vitória de Salta, obtida pelo general Belgrano sobre os realistas.

1814 (23 de junho) – O general Carlos Alvear ocupa Montevideu com as tropas da República.

1816 (9 de julho) – O Congresso, reunido em Tucumã, proclama a independência das províncias do Rio da Prata.

1817 (1º de fevereiro) – Vitória de Chacabuco, obtida pelo general argentino San Martín sobre os espanhóis, no Chile. Este general já tinha ganho a batalha de San Lorenzo.

(5 de maio) – Combate de Penco, ganho pelos patriotas comandados pelo general O'Higgins.

(6 de dezembro) – Talcahuano é tomada de assalto pelo general patriota Gregorio de Las Heras.

1818 (6 de abril) – Vitória de Maipu, obtida pelo general San Martín sobre os espanhóis.

1820 – Anarquia completa nas províncias unidas, causada, em parte, pelo projeto da corte de França de fazer coroar o príncipe de Lucques e de dar-lhe o governo do país.

1821 (19 de julho) – Tomada de Lima pelo general argentino San Martín.

(julho) – Organização de um poder administrativo provincial. Estabelecem-se as bases do *sistema representativo republicano*. O sistema da União prevalece, e trata-se de formar um congresso geral, cuja sede deve ser Buenos Aires.

1821 – O governo de Buenos Aires declara solenemente que não aceitará nenhuma comunicação diplomática ou comercial de parte de um negociador que se apresente à mão armada, ou sem as formalidades estabelecidas pelo direito das gentes.

1823 (dezembro). Os Estados Unidos da América do Norte reconhecem a independência da República Argentina, e um ministro plenipotenciário, enviado por eles a Buenos Aires, é acolhido com a maior satisfação.

1824 (9 de dezembro) – Batalha de Ayacucho, ganha pelo general peruano Sucre.

– Instalação do Congresso Nacional em Buenos Aires.

1825 (agosto) – Batalha de Junin, ganha pelo general colombiano Bolívar, e que decide a sorte da América.

– O Alto Peru se separa das províncias do Rio da Prata para formar um estado independente, sob o nome de *República de Bolívar*, modificado depois para o de Bolívia.

1825 (2 de fevereiro) – É concluído um tratado de amizade, comércio e navegação entre a Argentina e a Inglaterra, que reconhece a independência do país.

(2 de outubro) – O Congresso Nacional das províncias do Rio da Prata declara solenemente e decreta que “*o direito que tem cada homem de adorar a Deus, segundo a sua consciência, é inviolável dentro do território da República.*”

(dezembro) – O imperador do Brasil, D. Pedro I, declara guerra à República Argentina.

1826 (28 de janeiro) – O governo nacional, em virtude de uma lei do congresso, estabelece o Banco Nacional das Províncias Unidas do Rio da Prata.

(8 de fevereiro) – O cidadão Bernardino Rivadavia é eleito presidente da República pelo Congresso Nacional.

(11 de julho) – Combate naval, levado a efeito pelo almirante Brown, com forças muito inferiores, contra a esquadra imperial, na enseada de Buenos Aires.

1827 (20 de fevereiro) – Vitória de Ituzaingo, obtida pelo general Alvear sobre os brasileiros.

(7 de julho) – O virtuoso Rivadavia pede demissão e se exila voluntariamente. É dissolvido o congresso nacional. O sistema federal prevalece.

1828 (27 de agosto) – Assinado no Rio de Janeiro o tratado preliminar de paz entre a vitoriosa República Argentina e o Brasil.

(4 de outubro) – O tratado preliminar de paz é ratificado em Montevideú.

(1º de dezembro) – Revolução do coronel Juan Lavalle, em Buenos Aires, em favor do sistema unitário.

1829 – Lavalle propõe uma convenção honrosa para ele e seu partido. Os federais violam o tratado. Lavalle expatria-se com os seus homens. Anarquia na República. O general Rosas, chefe do interior, é nomeado governador de Buenos Aires.

1830 – Guerra civil em todas as províncias. Buenos Aires, Santa Fé, Entre Rios e Corrientes ligam-se para a defesa do sistema federal; as dez outras províncias são pelo sistema unitário. Concedem-se faculdades extraordinárias a Rosas.³

3 Foi nessa época que o ambicioso Rosas encarregou um hábil escritor *estrangeiro* (um gringo) de escrever sua biografia, e as de Quiroga e de López, de Santa Fé, com o único fim de enviá-las, por intermédio dos cônsules ou encarregados de negócios, a diversos governos estrangeiros. É de imaginar-se o caso que os monarcas terão feito disso.

1831 – O general Paz, comandante em chefe do Exército nacional acampado em Córdoba, é feito prisioneiro durante um reconhecimento. O Exército, desmoralizado, enfraquecido pela deserção, retira-se para Tucumán, sob as ordens do coronel Lamadrid. O general Quiroga o ataca. Os chefes militares entram em desinteligência. Quiroga triunfa e, com ele, o partido da federação.

1832 – Os índios *pampas, aucaes, huiliches, tehuelches e ranqueles*, aproveitando as divisões internas dos argentinos, invadem, atacam e devastam muitas províncias.

1833 – Buenos Aires, Córdoba e Mendoza se unem para fazer a guerra aos índios. O general Rosas, encarregado da divisão da esquerda, avança até Rio Negro de Patagônia. Passa ali o inverno e oferece alguns combates parciais; mas, em vista de não terem os generais operado segundo o plano de campanha estabelecido, a expedição não traz outro resultado senão o de ter tornado mais audaciosos os índios.⁴

1833 – Revolução de Ramón Balcarce, cabeça do partido chamado *cismático*. Rosas volta precipitadamente e detém o movimento. Rosas continua chefe do interior com as forças materiais da cidade.

1834 – Decide-se nomear Rosas governador da província de Buenos Aires. Este recusa *formalmente*, mas continua a ser considerado chefe do governo e sustentáculo do partido da federação, com os generais López e Quiroga no interior.

1835 – Quiroga é assassinado nos arredores de Córdoba. Rosas é nomeado chefe supremo. A confederação perde uma de suas províncias, a de Jujuy, que se declara independente. Salta, Tucumán e Santiago del Estero fazem aliança com Buenos Aires.

4 Dizem que o seu número não excede oito mil. São armados de fundas, lanças, sabres e bolas, e sua grande agilidade e sua destreza a cavalo garantem-lhe a impunidade dos roubos de animais, mulheres e crianças, que cometem freqüentemente. O famoso Pincheira, espanhol que se tornou selvagem, foi morto em 1833 pelos chilenos.

SEGUNDA PARTE

.....

Capítulo XIII

URUGUAI

ILHA DE MARTÍN GARCÍA – A COLÔNIA DO SACRAMENTO –
LAS VACAS – LAS HIGUERITAS – LAS VÍVORAS – SANTO DOMINGO SORIANO –
EL GUALEGUAY-CHU — EL RINCÓN DE LAS GALLINAS

E

M SETEMBRO DE 1833, resolvi ir visitar Porto Alegre, subindo o Uruguai e atravessando uma parte das antigas Missões e a província de São Pedro. O sr. Edouard Nouel, de Angoulême, um dos meus associados no estabelecimento que montara em Buenos Aires, e Eugênio Gamblin, o preparador trazido da França, mostraram desejos de me acompanhar. Um provençal e um alemão pediram também para ir conosco até as Missões.

Depois de obter do ministro da Guerra e do chefe de polícia a autorização necessária para sair com as minhas armas e munições, embarcamos, no dia 25, na balandra nacional *Isabela*. Eram dez horas e três quartos da manhã, e o vento sul soprava muito fresco. Fazíamos de oito a nove nós, isto é, de duas léguas e dois terços a três léguas por hora. Às duas da tarde, divisamos a ilha de Martín García, e, às quatro, Las Vacas.

A ilha de *Martín García* é uma fortaleza, ou antes uma posição fortificada pela natureza, pertencente a Buenos Aires. Defende a entrada do Uruguai e do Paraná. Está situada entre *La Colonia* e *Las Vacas*, a uma distância de cerca de dez léguas desses dois pontos. Vista do noroeste, a três ou quatro léguas, sua forma é a de uma abóbada escura que sai da água. É uma ilha interessante para os naturalistas, pelo seu solo primordial e pela variedade de insetos e plantas que ali se encontram.

A Colonia del Sacramento, fundada em 1679 por um governador do Rio de Janeiro, foi várias vezes disputada por espanhóis, portugueses, ingleses e brasileiros, devido à importância de sua posição. Ficou afinal em poder do Estado Oriental, e é uma das três cidades dessa República.

Tem pouco movimento comercial, porque o seu porto é pequeno, mal-abrigado contra os ventos mais perigosos, o sudoeste e o sudeste, e porque sua entrada é difícil, devido à rápida corrente que tem o Prata nessa costa. A Colônia fica precisamente diante de Buenos Aires.¹

É entre essa cidade e a vila de Las Vacas que se encontra o pequeno rio *San Juan*, em cuja foz estabeleceram-se os homens de Sebastião Cabot.

Las Vacas é uma vila muito triste, situada à margem de um riozinho do mesmo nome, a alguma distância da costa. Os ranchos, de que ela se compõe, não desmentem internamente, na opinião do sr. d'Orbigny, a impressão de miséria que dão, vistos de fora. Entretanto, esse lugar é afamado pela abundância de lenha que fornece a Buenos Aires e pelo auxílio que prestou à grande cidade, durante os sítios que esta teve de suportar.

Depois de termos passado junto das pequenas ilhas de *Las dos Hermanas* e *Del Juncal*, chegamos a *Punta Gorda*, onde começa o Uruguai. Era quase noite. O rio estava calmo e uma fraca brisa do sul enchia suavemente as velas do nosso barco. Tivemos tempo de examinar, à luz do crepúsculo, as árvores que cobrem a margem *esquerda* do Uruguai.² A

1 Posição astronômica: 34°28'14" de lat. e 60°10'52" de long. levantada em 1831 pelo sr. Barral. Declinação: em terra (1830) 11°8' N. E.

2 Será necessário lembrar que a direita ou a esquerda de um rio está à direita ou à esquerda da pessoa que o desce? – Faço esta observação porque viajantes, aliás muito cultos, parecem ter esquecido esse costume adotado por todos os geógrafos. Disso podem resultar muitos erros de posição, nos mapas, de lugares cujas latitudes e longitudes ainda não foram determinados.

elevação da costa, assim como uma sucessão de enseadas profundamente arredondadas, formando uma praia recortada, produzem, com as árvores da encosta, uma série de cenas muito variadas.

O *Uruguai*³ nasce, a 28° de latitude austral, nas montanhas (*serra do Mar*) situadas no ocidente, bem perto da ilha de Santa Catarina. Seu curso é rápido, obstruído por cataratas e recifes. Suas águas, enriquecidas pelo tributo de numerosos afluentes, são consideradas excelentes, levemente purgativas, sobretudo as fornecidas pelo *rio Negro*, “ainda que”, como diz Azara, “os ossos e troncos de árvores se petrifiquem”.⁴ Suas maiores enchentes ocorrem ordinariamente do fim de julho ao começo de novembro. O Uruguai deve ter uma légua, ou três milhas de largura, na sua verdadeira foz, que está entre a pequena ilha de Juncal e a aldeia de Las Higueritas, na altura de *Punta Gorda*.

Ancoramos às oito horas da noite, diante de Las Higueritas. A escuridão da noite e as luzes de algumas habitações esparsas sobre a costa faziam-nos supor que o lugar tivesse importância ou ao menos alguma coisa interessante; mas ficamos decepcionados ao acordar no dia seguinte. Em vez do sítio encantador, que a nossa imaginação poderia ter sonhado, não vimos senão uma praia arenosa e uma encosta argilosa em cujo declive levantavam-se uns vinte ranchos ou cabanas de aspecto miserável ainda mais acentuado por moitas e arbustos mirrados.

Entretanto, essa aldeia crescerá graças à sua posição. A agência da alfândega, que estava instalada em Las Vacas, foi transferida para lá, ultimamente, por ser um lugar mais adequado à fiscalização do tráfego fluvial, pois todos os navios, que sobem ou descem o rio, têm necessariamente de passar diante daquele ponto. Um canhão de grosso calibre, montado simplesmente em terra, está encarregado de fazer

3 A palavra *Uruguai* compõe-se de duas palavras guaranis: *Urugua*, caracol da água (*ampalária*), e *y*, água, rio; vulgarmente rio dos caracóis d'água, ou melhor, *rio das ampalárias*, nome que lhe vem do grande número de conchas que ali se encontra. É como *Piray de pira*, peixe, e *y*, rio, etc. (Alc. d'Orb.).

4 É um erro em que incorrem todos os habitantes das margens do Uruguai pensar que as águas do rio e dos seus afluentes *petrificam*. Os troncos e ossos que ali se encontram estão em estado *fóssil* e não de *petrificação*, que não passa, como se sabe, de uma incrustação exterior.

respeitar o pavilhão oriental. O lugar fica a seis léguas mais ou menos de Las Vacas. A ponta de *Charrapo* está situada a uma légua mais para o norte.

A 26, tive de descer à terra para fazer visar nossos passaportes. Fui recebido muito cortesmente por parte dos empregados da alfândega, e particularmente do arrecadador, que me pareceu gostar dos estrangeiros. Mostrou-me uma raiz que tem, no país, o nome de *salsa blanca* (salsaparrilha branca). É tomada em infusão como a nossa salsaparrilha, e nos mesmos casos. Encontra-se na areia, à beira ou debaixo da água. Essa raiz é composta de fibras carnudas mais ou menos grandes, e seu comprimento é, às vezes, de vinte a trinta pés. É muito nodosa, e os nós são tanto mais aproximados e mais grossos quanto mais velha é. Desses nós parte uma quantidade de fibras, que contém mais essencialmente a propriedade medicamentosa. Pertence a uma arvorezinha pouco elevada, de talos lenhosos e delgados, armados de espinhas.⁵

Se se excetuarem da pequena população de Las Higuieritas os empregados da alfândega, verdadeiros *caballeros*, e três ou quatro famílias, o resto dá uma impressão sinistra. Desgraçado de quem for surpreendido pela noite nesse antigo domínio dos charruas!

Levantamos ferro de novo, às dez horas da manhã, com forte vento do sul. Passamos, sucessivamente, diante da vila de *Las Vívoras*, situada em plena baixada, a dez léguas de Las Higuieritas e a uma milha da praia. O lugar é afamado pelos seus excelentes cavalos de montaria. Sua população é insignificante. Vêem-se ali: uma capela em torno da qual agrupa-se uma dúzia de ranchos; *el Arenal* grande baía arenosa, a quatro léguas de Las Higuieritas, onde os barcos costeiros vão apanhar o *espinillo*⁶ para

5 Pode relacionar-se essa planta com a família das esmiláceas de Brown, ou das asparagíneas. É uma espécie diferente do México ou da Louisiana e se aproxima mais do *espargânio-das-areias* ou salsaparrilha da Alemanha. Foi o sr. Bonpland que a tornou conhecida dos habitantes das margens do Uruguai, que dela se servem com sucesso. Existe nas Missões e na ilha de Martín García.

6 Essa excelente madeira cobre grande parte das províncias de Santa Fé e Entre-Rios e é abundante nas margens do Uruguai. “É o *espino* dos chilenos, o *aroma* dos peruanos, e uma espécie de acácia dos botânicos.” (A. d’Orb.).

transportá-lo a Buenos Aires e Montevideú; e a confluência do rio Negro, a dez horas de Las Higueritas.

Nesse ponto o Uruguai tem muita correnteza e mais de três léguas de largura. Os marinheiros redobram de atenção. As águas do rio Negro, muito purgativas, talvez devido à abundância de salsaparrilha que cresce nas suas margens, formam uma notável linha de demarcação, uma légua ao largo. Um pouco adiante dessa linha, o leito de rochedos sobre o qual parece correr o rio Negro é cortado a pique, e as águas têm uma grande profundidade. A confluência desse rio de segunda ordem (comparado ao Uruguai) apresenta duas bocas separadas por ilhas muito extensas. Encontram-se na margem esquerda as vilas de *Mercedes* e de *Santo Domingo Sorriano*. Esta última fica situada na confluência da boca austral, e foi fundada em 1566, no território dos índios chanas, tribo dos charruas, a uma milha e meia do lugar em que se acha atualmente. A mudança de situação operou-se em 1704. Foi na *Capilha de Mercedes*, situada pouco adiante, no interior, que se ouviram os primeiros gritos de *liberdade*, proferidos pelos orientais, em presença das insígnias infernais do despotismo inquisitorial da Espanha. Faz-se no *rio Negro* um comércio de cabotagem muito ativo, tanto com Buenos Aires como com Montevideú.

À margem direita do rio Negro começa o *Rincón de las Gallinas*,⁷ terreno imenso e dos mais produtivos da Banda Oriental. Dizem que pertence a Rivadávia. Foi dividido em muitas estâncias arrendadas a particulares. Sua superfície é calculada em oitenta léguas quadradas. O *Uruguai*, ao norte e ao oeste, o *rio Negro*, ao leste e ao sul, encerram o *Rincón*, formando desse belo terreno uma quase ilha, cujo istmo pode ser facilmente fechado, por meio de um canal ou de fortificações. Foi assim que ele serviu de cidadela durante as guerras da independência.

Existe, no ponto onde o Uruguai forma um cotovelo, um promontório chamado *Punta de Fray Bentos*, que se acha precisamente diante do rio *Guauguay-Chu*, um dos afluentes do Uruguai, em sua

7 Chama-se *rincón* todo terreno fechado entre dois rios, entre pântanos, ou cercado em parte pelas sinuosidades de um rio. É, como se pode dizer, uma quase ilha. Um *rincón* compreende às vezes muitos outros terrenos de menor extensão, e são lugares muito procurados para neles formar *estâncias*.

margem direita, na província de Entre-Rios. A algumas milhas da confluência desse rio de quarta ordem⁸ está situada a aldeia do mesmo nome, onde se faz quase tanto comércio quanto em *La Bajada*, à margem esquerda do Paraná. É a partir da *Punta de Fray Bentos* até o *Arenal*, a quatro léguas de Las Higueritas, que o Uruguai tem uma largura extraordinária (3 a 4 léguas), causada pela depressão das margens de Entre-Rios e a junção do rio Negro.

Ao anoitecer, com a calma, a força da corrente fez o navio garrar. Era preciso lançar a âncora e esperar uma nova viração. Ancoramos um pouco antes da *primeira* ilha do Uruguai, que tinha o nome do promontório acima referido.

Passamos, assim, a noite de 26 e todo o dia 27. Depois do jantar, fomos caçar em um lindo sítio do Rincón, onde a vegetação é rica e variada. Ficamos em êxtase diante de uma multidão de árvores e arbustos diferentes, e de plantas em flor que as campainhas, os convólculos, as parasitas e as flores do ar ornavam com uma deliciosa harmonia. Um grande número de *espinillos* (com ramos tortuosos dos quais pendiam estranhas colméias de abelha) tinham crescido naturalmente, a distâncias quase regulares, no meio de uma vegetação verde e espessa, até formarem um pomar bastante semelhante aos nossos *quintais* da Normandia. Só faltavam as maçãs aos *espinillos*, que se parecem às macieiras quanto à forma, para dar a ilusão completa. E não pensem que esse lindo lugar estivesse deserto! Longe disso, perturbamos bastante a tranqüilidade dos seus numerosos e tímidos habitantes: o *ñandú* (avestruz da América), os *venados* (espécie de cervos), reunidos em pequenos grupos ocultos entre as moitas altas e os *carpinchos* (grandes cabiais), espécies de anfíbios que tornaremos a ver freqüentemente à margem dos regatos e dos lagos. Vêem-se também, independentemente dos animais familiares como os bois e os cavalos, os arbustos e árvores cheios de aves de rapina, de passarinhos e trepadores. Um avestruz levantou-se, de repente, diante de nós e *nos olhou*; mas antes que tivéssemos tempo de pôr uma bala no fuzil... psit! já tinha percorrido uma meia milha. Tivemos de contentar-nos com uma tangará *diadema*,

8 Deve ter-se presente à memória que o Uruguai, duas vezes mais largo do que o Sena em todo o seu curso, me serve de comparação para todos os outros rios.

um gavião *variado* e um branco milhafre de *barrete negro*. Em vão, tentamos surpreender os veados.

Às sete horas da noite, voltamos a bordo, e pouco tempo depois, já com bom vento, o barco continuou viagem.

O *Rincón de las Gallinas* já adquiriu uma certa celebridade pela vitória que o general Rivera obteve, em 1825, sobre as forças brasileiras.

Nossa marcha era lenta. Vogamos, docemente, toda a noite e todo o dia seguinte, por entre as numerosas ilhas do Uruguai.⁹

Para quem nunca viu a maravilhosa vegetação do Brasil, a do Uruguai, como a do Paraná, é em verdade surpreendente: todas essas ilhas estão de tal modo cobertas de árvores diferentes, de moitas espinhentas, de plantas sarmentosas, que a gente só pode penetrar de machado ou faca em punho. Nossos olhos se deleitavam na mistura das árvores, no contraste das verduras e das flores. A palmeira de longas folhas de um verde azulado, arqueadas em penacho, elevava-se elegantemente sobre os salgueiros, os loureiros, os *talas*, os *higuerones* e os *timbos*; mas estes, por sua vez, dominavam o *espinillo*, coberto de pequenas flores amarelas e cheirosas, os *ceibos*, de belas flores monopétalas de um vermelho brilhante, o delicioso *plumerito*,¹⁰ cujas flores sem pétalas são compostas unicamente de longos estames encarnados, semelhantes a sedas estiradas, e verticais como um penacho; e uma porção de outros arbustos floridos. Tudo isso dava um aspecto delicioso, um ar embalsamado, suave e inebriante a essas ilhas solitárias, cujo silêncio só é perturbado pelo arrulho das tímidas e carinhosas rolas, abundantes por toda parte, e pelos bandos de periquitos que parecem reis, de tal modo fazem retinir o eco de seus gritos agudos. Se imaginais um belo céu azulado, uma atmosfera diáfana, apenas ondulada pela brincadeira etérea dos zéfiros, que, ocupados a arrastar pelo céu pequenas nuvens de ouro, não enrugavam mais a superfície da onda e a deixavam refletir, com a rica vegetação das ilhas, nosso navio, suas velas, seus cordames e até a garça-real que voava lá em cima, podereis compreender a delícia, o bem-estar indefinível que sentíamos no meio desse rio tranqüilo,

9 Do *Rincón de las Gallinas* até as Missões encontram-se freqüentemente ilhas. Não são, porém, tão extensas quanto as do Paraná.

10 *Mimosa*, família das leguminosas, 3ª tribo *gênero sem corola*. Essa bela espécie de sensitiva difere de uma outra do Brasil, cujos estames são vermelhos e brancos.

correndo majestosamente junto às margens, que ele parece fertilizar, só para fazer delas um adorno e velar seus encantos aos olhos profanos.

Ao anoitecer, como a calmaria aumentasse, o patrão fez rebocar a balandra pela canoa. Remou-se pelo espaço de duas léguas ao luar, costeando as árvores, *o mais perto possível*, para evitar a corrente. Enfim, o vento soprou de novo com força, e passamos rapidamente diante da estância de *Almagro*, situada sobre uma encosta calcária muito escarpada. Foi a única encosta que notei, depois do Rincón de las Gallinas, cujo terreno elevado é muito pedregoso, na parte norte, e argiloso, na parte sul. Ancoramos em frente a Paysandu durante a noite de 28 de setembro.

.....

Capítulo XIV

URUGUAI

PAISSANDU – LA CALERA DE BARQUÍN – EL SALTO



ASPECTO de Paissandu é pouco agradável, visto do rio, do lado sudoeste. Situada na pendente de uma colina desprovida de árvores, como todas as outras elevações que lhe estão próximas, e separada da margem esquerda, ou do *porto*, por uma planície arenosa de cerca de uma milha, sua vista é monótona comparada com a dos outros sítios do Uruguai, desde a sua foz até aqui. Entretanto, o olhar termina por acostumar-se e o viajante reconhece, ao penetrar na cidade (já se pode chamá-la assim), que ela não está tão mal localizada como parece à primeira vista, devido, sobretudo, às inundações do Uruguai. Ao chegar ao alto da colina, a gente descortina um extenso panorama, que as ilhas e os acidentes de terreno tornam muito pitoresco. Mas o campo que fica a leste não pode ser mais triste, por sua nudez e sua falta absoluta de cultivo.

O Uruguai pode ter, aqui, duas vezes a largura do Sena em Rouen, isto é, de cento e oitenta a duzentas toesas. Não havia então mais do que oito navios no que chamam *porto*, entre eles duas goletas de guerra pertencentes ao Estado Oriental. Geralmente, porém, há sempre um bom número de embarcações pequenas, pois o ponto tem bastante movimento comercial e

é, em certos aspectos, o mercado principal das diversas povoações do Uruguai ou da parte oeste da Banda Oriental.

Tivemos de subir a bordo de uma das goletas de guerra para mostrar nossos passaportes, e pude, assim, verificar que elas estavam bem tratadas. O comandante foi cortês para conosco, o que me pareceu de bom augúrio para a nossa chegada à terra.

A fim de entregar diversas cartas de que éramos portadores, percorremos a cidade em todas as suas direções. Em um par de horas, formei uma idéia exata da sua importância atual e da que ela poderá ter futuramente.

Paissandu,¹ há quatro ou cinco anos, não passava de uma aldeia, como Las Higueritas, com uma dúzia de ranchos espalhados aqui e ali. Em 1833, já se podiam contar quatrocentos *ranchos* ou choupanas, umas trinta casas de tijolo, bem construídas e com *azoteas*, ruas alinhadas, calçadas, lampiões, e uma população de quase cinco mil almas, incluindo a dos arredores. As ruas correspondem aos quatro pontos cardiais, como em Buenos Aires e em Montevideú. As *cuadras* são menores que as de Buenos Aires, o que é mais favorável às propriedades. Não têm mais do que cem *varas* em cada face e são divididas em quatro *sítios*. Há pouco tempo, o governo concedia terrenos grátis a quem desejasse, mas atualmente não se pode obter um *sítio* dentro da cidade por menos de duzentos pesos fortes.

A população cresce continuamente. Vivem, ali, muitos estrangeiros, sobretudo depois que as coisas em Buenos Aires tomaram seu aspecto deplorável e que a pequena república ficou definitivamente constituída. Compreenderam aqui (*tiveram o bom senso de compreender*) que é preciso atrair, favorecer o mais possível a colaboração dos estrangeiros, *dos braços industriais*... Fui, pelo menos, testemunha de que eles não têm que suportar nenhum vexame de parte dos habitantes ou das autoridades locais. Quem quiser dedicar-se a uma indústria qualquer não sofrerá nenhum entrave e será, ao contrário, ajudado e encorajado por essas mesmas autoridades.

1 Latitude 32°15' (mapa de Azara); distância de Buenos Aires, 40 léguas ao norte, aproximadamente.

Há um comandante militar para o departamento, que exerce também as funções de chefe de polícia. O comando, a polícia, as contribuições e a *Alcaldía* (prefeitura) estão reunidos no mesmo prédio.

O chefe de polícia dispunha-se a partir com alguns soldados, para perseguir e exterminar os poucos índios *charruas* que ainda sobravam na região, os quais, dedicando-se ao crime, saqueavam, freqüentemente, as estâncias e os viajantes. Estou informado de que, atualmente, o país já se viu livre deles.²

O comércio era bastante florescente em Paissandu, por ocasião da minha passagem. Havia uns sessenta franceses *estabelecidos*, mas era maior o número dos que viajavam negociando os produtos do país, que são os mesmos que os de Buenos Aires. Os italianos eram menos numerosos, mas perdiam o comércio, devido à barganha e à fraude que praticavam com a maior facilidade, por serem quase todos marinheiros.

Quanto a monumentos, só existia, então, a igreja, que, entretanto, era digna de ser vista. Subi ao alto da colina, cheguei ao lugar e vi um *rancho*! um miserável rancho, mal se sustentando de pé, cujo interior estava completamente nu. O teto apenas se firmava sobre seis postes recobertos de tábuas pintadas, e o altar, colocado ao fundo, tinha a mais lamentável aparência. Fiquei comovido ao ver tanta miséria nessa sucursal de uma igreja *ambiciosa*, mas, logo em seguida, desviando mentalmente o meu olhar para Belém, e vendo o Salvador dos homens no meio de um estábulo, a sorrir, do presépio, aos pastores que se aproximavam, disse comigo mesmo: eis aqui o templo que ambicionava aquele que buscava a companhia dos pobres!... E se era esse o sentimento humano do legislador dos cristãos, deveriam acaso os ministros do seu culto elevar-se tão *orgulhosamente* acima dos seus *irmãos*? Essa reflexão me veio naturalmente, ao ver a casa do cura, contígua à

2 Esses ferozes aborígenes defenderam, palmo a palmo, sua terra natal, que os *intrusos* invadiam de armas em punho. Em 1834, não existia mais do que uma quadragésima parte deles, aos quais se haviam juntado os gaúchos comprometidos nas guerras civis. Todos se entregavam, em comum, ao mais audacioso banditismo. Quem tiver curiosidade de conhecer minuciosamente os costumes singulares desses índios, dos quais em breve já não haverá vestígio, poderá ler o *National* e o *Cabinet de Lecture*, de julho de 1833, em artigos escritos por ocasião da estada de muitos *charruas* em Paris, ou no tomo 2^o da *Viagem* de Félix de Azara.

igreja: era um presbitério solidamente construído, comodamente dividido, com terraço e belvedere...

Havia perto da igreja uma escola primária gratuita, de acordo com o método de ensino mútuo. Outras pequenas escolas particulares, espalhadas pela cidade, seguiam o mesmo método de ensino. Os pais são obrigados a mandar seus filhos à escola.

Paissandu é a capital de um dos nove departamentos em que se divide o Estado oriental. Fornece três deputados à câmara dos representantes e um senador. Tinha, então, a denominação de *vila*, ainda que, pelo seu comércio, fosse infinitamente mais importante do que Colônia e Maldonado.

A 2 de outubro, tendo conseguido quarto na casa de um compatriota, o sr. Danguy, recentemente estabelecido em Paissandu, desembarcamos toda a nossa bagagem e nos instalamos o menos mal possível... Digo *o menos mal possível* porque em Paissandu, onde não havia ainda hospedaria, as camas eram objetos de luxo. Felizmente, cada um de nós estava munido de um *recado*, sela do país, que serve ao mesmo tempo de leito. Eis aqui as peças que compõem um *recado*: 1º – duas *xergas*, peças de lã, do comprimento de um pequeno cobertor, que se aplicam, dobradas em quatro, sobre o lombo do cavalo; 2º – uma *carona*, peça de couro curtido, ornada de numerosos desenhos batidos a martelo, com quatro pés de comprimento e dois e meio de largura; a carona é colocada sobre as *xergas*; 3º – o *recado*, espécie de albarda, que é propriamente a sela, cujos lados são guarnecidos de couro trabalhado, como a carona; 4º – a *cincha*, cinta de couro muito larga, trabalhada na parte que fica sobre o *recado*; ela passa sob o ventre do cavalo, não perto das pernas como em nosso país, mas bem no meio do ventre, e apertada, o mais possível, por meio de duas fortes argolas de ferro ou de cobre; 5º – um *látigo*, pele de carneiro curtida com o pelo, tingida de azul, ou então uma pele de vitela, curtida e trabalhada; o látigo se aplica sobre a cincha; 6º – um *sobrelátigo*, outra pele curtida, mais curta, sem pêlo, às vezes cortada a podão. ou guarnecida de bordados em seda, feitos à mão, etc.; 7º – uma *sobrecincha*, sobrecilha de lã mais ou menos fina, destinada a prender o látigo e o sobrelátigo. Para acabar de descrever o equipamento do cavalo, devo falar da rédea: ela é tudo o que se pode querer de mais simples, mas é, ao mesmo tempo, sólida e capaz de garantir o cavaleiro contra todo capricho do cavalo. O freio é o mesmo que se usa no Chile, e,

sem dúvida, o melhor que se conhece. O cavalo não pode mastigá-lo nem prendê-lo nos dentes, porque, em vez de correntinhas, tem como barbela um anel de ferro que, passando no centro do freio, vem sujeitar a mandíbula inferior. Essa parte elevada do freio é colocada horizontalmente na boca do cavalo, não sendo por isso necessário fazer-se grande esforço sobre as rédeas. No momento, porém, em que a resistência do cavalo obriga a usar o freio, basta puxar-se fortemente a brida para detê-lo bruscamente; porque, então, ele sofre, ao mesmo tempo, no céu da boca e no lábio inferior por efeito do freio, que, levantando-se perpendicularmente contra aquele, puxa o anel, que faz força contra a mandíbula inferior. Com esse freio, a testeira (*cabecera*) não precisa ser nem complicada nem muito forte; e, assim, ordinariamente, não passa de uma leve correia presa às cambas do freio e passada simplesmente atrás das orelhas do animal. Quanto às rédeas (*riendas*) são em geral redondas, feitas de um couro trançado artisticamente pelos índios, e reunidas, na altura do lombo do cavalo, por um anel de que parte outra rédea mais longa, terminada em várias pontas como um açoite. É claro que as rédeas estão sempre parelhas, bastando levar a mão à direita ou à esquerda para determinar o movimento do cavalo. A extremidade da rédea serve ordinariamente de chicote para bater no lado esquerdo do cavalo, e, se ele não obedece, as esporas, cujas rosetas têm duas ou três polegadas de comprimento, encarregam-se de fazer-lhe cócegas. A ponta do pé, ou antes, o dedo grande é enfiado num pequeno estribo de madeira ou cobre, de forma triangular.

Mas, agora, trata-se apenas de fazer uma cama com todas essas peças indispensáveis: estende-se antes de tudo a carona no chão (geralmente – sobretudo no campo – há uma segunda carona de couro cru, para evitar que a outra seja manchada pelo suor do animal); em seguida, o *látego* e o *sobrelátego*; o *recado* serve de travesseiro, as *xergas* de lençóis e o *poncho* de cobertor. O *poncho* é uma vestimenta não menos indispensável do que o resto para viajar nessas planícies, porque protege, ao mesmo tempo, da chuva, da poeira, do calor e do frio. É uma peça de lã ou de algodão, mas geralmente de lã listrada de diversas cores. Tem sete palmos de largura e doze de comprimento, com uma abertura no meio para enfiar a cabeça. O *poncho*, que se parece bastante a uma casula de padre, é em geral forrado de um outro tecido azul-celeste, verde ou escarlate. Há

também muitos ponchos de casimira com gola alta, mas só são usados pelos ricos, pois a *plebe* contenta-se com ponchos ordinários fabricados no interior. É ainda necessário, se se faz questão de ser *bem visto* e tratado *como amigo* pelos gaúchos, de juntar ao poncho o *chiripá*, as *bombachas*, as botas de *potro* e as esporas grandes. O *chiripá* é, também, um tecido de lã encarnada, azul ou verde, nunca de outra cor, que, posto em torno dos rins, cai abaixo dos joelhos como uma túnica e prende-se sobre os quadris por meio de uma cinta de couro, que sustenta atrás das costas um facão na bainha. Às vezes os noivos ou os namorados fazem seu *chiripá* do xale da bem-amada. São vistos, então, de guitarra em punho, improvisar, com música de igreja, versos rimados que cantam à porta de sua *china*,³ ou de uma *pulperia*. A *bombacha* é um largo calção branco, franjado ou bordado na parte inferior. As botas de potro são fabricadas com a pele não curtida da perna do cavalo, deixando livres os dedos dos pés. A curva da perna forma o salto da bota. Outros, principalmente em Entre-Rios, servem-se de peles de gato-selvagem (*botas de gato*). Acontece, às vezes, que o gaúcho mata um potro unicamente para fazer um par de botas. Raspa bem o couro com a faca, sempre muito afiada, depois esfrega as botas com as mãos até que fiquem bem macias. Com essa espécie de calçado, aliás muito conveniente para longos exercícios a cavalo, esses homens são incapazes de suportar uma longa marcha a pé, o que os torna péssimos soldados de infantaria. Mas, a cavalo, *cuidado!*...⁴ O chapéu do gaúcho, na Banda Oriental, é redondo e de largas abas retas. Em Buenos Aires, é um pequeno chapéu de forma elevada, abas estreitas, posto de lado sobre um lenço branco atado embaixo do queixo. O chapéu, mal enfiado na cabeça, é preso por uma fita negra. Um grande número de gaúchos, tanto da Banda Oriental como de Buenos Aires, leva um barrete frígio vermelho, forrado de verde⁵ e ornado de fitas tricolores na extremidade. A *jaqueta*, pequena blusa curta como a de um marinheiro, é azul, vermelha ou verde, qual-

3 Mulher mestiça em primeiro ou segundo grau.

4 V. a nota I, pág. 299.

5 V. a gravura aqui reproduzida para julgar melhor o equipamento do homem e do cavalo. Os arreios são mais complicados, porque o gaúcho está no trabalho. Terei ocasião de descrever o resto.

quer que seja o tecido. Em 1834, o partido de Rosas, em Buenos Aires, tinha adotado esse traje pitoresco: jaqueta verde, colete vermelho, calças brancas e chapéu redondo com penacho azul e branco.⁶

Aí está o leitor ao corrente da indumentária de um gaúcho, assim como de grande parte do arreamento do seu cavalo. Quando descí em Paisandu, estava vestido da seguinte maneira: jaqueta marrom, colete branco, chiripá azul-celeste, bombacha branca, com franjas, sob as calças de casimira azul, e um poncho inglês colocado negligentemente sobre o ombro esquerdo. Levava, além disso, o *cigarrito* de papel na boca, o facão passado na cintura do chiripá, atrás das costas, e o chapéu a *medio lao*... Juro que tinha o aspecto de um honesto bandido. Haviam-me aconselhado a desembarcar assim, a fim de não provocar suspeitas de parte dos gaúchos, que não veriam com bons olhos o aparelhamento bélico que levávamos para caçar. Depois de causar a impressão desejada, retomei em parte minhas roupas de caçador. Só que, a cavalo, o poncho tornava-se obrigatório. Todas essas mudanças de roupas e de hábitos me custavam pouco, porque me acostumo facilmente às modas alheias, por mais ridículas que me pareçam à primeira vista. Nesse ponto, ponho inteiramente de lado os tolos preconceitos que levam, geralmente, meus caros compatriotas a censurarem tudo o que sai fora de seus hábitos, sem querer admitir que as circunstâncias locais possam forçar-nos a adotar este ou aquele gênero de vida. Aliás, não são os hábitos de um povo que devem ser combatidos, e sim os caprichos daqueles que o governam mal.

No dia 3, fomos à caça, na parte sudoeste da cidade, ao longo de um regato arborizado, em cujas margens havia algumas fábricas de tijolos, várias *chacras* e um *saladero*. A 4, nos dirigimos para o norte, passando os dias seguintes na planície arenosa e arborizada, que se estende ao pé da colina com o fim de explorar os arredores e descobrir o maior número possível de variedades de pássaros, que era a nossa grande preocupação. De passagem, examinava a composição geológica dos terrenos e apanhava al-

6 Era o chamado partido da *Mazorca*, devido a uma espiga de milho que os homens levavam na ponta das lanças, com as quais ameaçavam os adversários, fazendo gestos *muito indecentes*.

gumas amostras. Nos primeiros dias, ficamos pouco satisfeitos com a nossa caçada; mas, em seguida, uma enchente súbita do Uruguai, perfeitamente extraordinária, veio compensar o nosso esforço, pois obrigou os pássaros a abandonarem as ilhas submersas para se refugiar em terra firme. Conso-lamo-nos, assim, de não poder visitar a estância de um compatriota, o sr. Sacriste, devido à inundação das planícies baixas. No oitavo dia de caçada, voltamos com sessenta exemplares, dos quais quarenta e dois beija-flores das duas únicas espécies que se encontram nessa localidade,⁷ a *verde-dourada*, muito comum, e a *ametista-topázio*, bastante rara.

7 HISTÓRIA NATURAL — Antes de dar a conhecer os animais que encontrei (o que só poderei fazer muito sucintamente, dada a natureza desta obra), devo, a exemplo do sr. Alcides d'Orbigny, prestar ao célebre dom Félix de Azara a homenagem que lhe é devida, reconhecendo toda a justeza, exatidão e importância de suas observações, nessas paragens que ele habitou e percorreu durante vinte anos.

Azara era um naturalista à maneira do nosso imortal Buffon. Nasceu, sem dúvida, com a *bossa* da memória dos lugares e do arranjo das coisas. Creio que, com os recursos literários e científicos que possuía Buffon, Azara teria feito *época* na Espanha. Contudo, tomando-o como era, e apesar da aspereza do seu estilo, é digno de admiração. Nossos famosos sábios substituirão, muitas vezes, por nomes gregos, latinos ou hebreus, a simplicidade dos nomes guaranis do viajante espanhol; discutirão gravemente sobre o lugar que deve ocupar no seu método todo artificial este ou aquele animal do Paraguai ou de Buenos Aires; mas as descrições exatas, os *grupos naturais*, os nomes análogos aos costumes, às inclinações, às cores do mamífero ou do pássaro, só serão encontradas no livro do naturalista espanhol.

METEOROLOGIA — De 3 a 18 de outubro (primeiro mês da primavera) que passei em Paissandu, a temperatura foi muito variável: a máxima do term. de Rr. foi de 26° e a mínima 12° ao meio-dia e à sombra. Os ventos variaram, freqüentemente, de NO a SE: fortes trovoadas, chuvas abundantes foram as conseqüências. Desde o dia 8, o Uruguai, engrossado por seus numerosos afluentes, subiu, de repente, dez pés, saiu do leito, inundou as miseráveis habitações do porto e obrigou os habitantes a evacuí-las. A enchente durou, assim como as trovoadas e as chuvas fortes, até o dia 15. A 16, o vento passou a NE. O tempo estava quente e tempestuoso, mas parou de chover e o Uruguai baixou. A 18 já havia abandonado a planície e permitido que os habitantes voltassem para as suas casas. A altura total do Uruguai foi avaliada em 22 pés (oito varas) mais ou menos. Os ranchos do porto ficaram completamente submergidos, assim como as *chacras* e um *saladero* pertencente a um francês. Uma grande quantidade de carne salgada, de sebo, de couros, e as colheitas de cereais e de legumes foram totalmente perdidas. As correntes, muito

Estes pássaros são chamados pelos espanhóis *picaflores* e, às vezes, *tente en el aire*. Os guaranis os chamam *mainumbi*. Encontram-se espécies sedentárias até 35° de latitude austral, o que é contrário à opinião

rápidas, carregavam as árvores, madeiras cortadas, misturadas a restos de ranchos. Há doze anos não se via uma enchente tão forte e tão repentina. Os ventos N e NO, muito quentes, saturando a atmosfera das exalações pantanosas do Chaco e de Entre-Rios, causam aqui como em Buenos Aires indisposições e cansaço, que só têm, felizmente, o inconveniente de enfraquecer a energia física e provocar o sono. Os de SE são frios e trazem chuvas; aumentam também a intensidade das inundações do Prata, do Paraná e do Uruguai.

GEOLOGIA – Todo o terreno sobre o qual está construída a cidade é uma terra vegetal, escura, que recobre, desde algumas polegadas até cinco ou seis pés de espessura, um tufo *calcário-argilífero avermelhado*, margoso em certos pontos e gípsico em outros. Não se pode obter boa cal pela calcinação, em vista da quantidade de argila existente; mas obtém-se imediatamente, sem outra preparação que a de pulverizar e crivar, uma espécie de cimento hidráulico muito duro. Vi construírem muros em torno da igreja de uma maneira bastante curiosa: o calcário argilífero era extraído na própria praça, onde se encontrava a descoberto. Depois de ter sido pulverizado, molham-no ligeiramente e o metem em um caixão formado de quatro tábuas, solidamente ligadas entre si por meio de cavilhas de ferro, em cujas extremidades são enterrados pregos. Bate-se, fortemente, com pilões de madeira, o tufo ou o cimento e, quando ele está suficientemente duro, junta-se uma nova camada, que se bate de novo, até que o caixão esteja cheio; então, retira-se o aparelho, e o muro, construído e sólido, endurece com o tempo cada vez mais.

A algumas léguas ao norte de Sandu, há dois fornos de cal, de medíocre qualidade. A terra negra, vegetal, que compõe a primeira camada do terreno, é empregada na construção de choupanas e de casas; tem muita ductilidade e endurece rapidamente. Essa espécie de argila é muito favorável à vegetação das herbáceas e dos arbustos; mas sua pouca espessura acima do calcário faz, sem dúvida, com que as árvores não possam criar raízes; porque todas as colinas circundantes são nuas e desprovidas de vegetação; esta só existe nos vales e nos lugares onde a camada vegetal é mais espessa.

Em um desses pequenos vales, a SE da cidade, encontra-se um banco pouco extenso de grés avermelhado, de grossos grãos, explorado em pedras mais ou menos grandes na construção de ranchos, alicerces de casas de tijolos, e no calçamento das ruas. É encontrado ainda em outros pontos dessa localidade. Há muitos fornos de tijolos nesses vales, onde a argila limosa é abundante. As margens do Uruguai, assim como o seu leito, apresentam em grande quantidade seixos de quartzo e de suas variedades, ágatas, cornalinas, calcedônias, sardônicas, etc., entre os quais se encontram alguns



Gaucho laçando um touro

de Buffon que julgava que esses lindos tenuirrostrós só viviam na zona tórrida e dela se afastavam com o sol! As duas espécies a que me referi no parágrafo anterior encontram-se durante todo o ano em Paissandu, em Montevideu e Buenos Aires. O verde-dourado era tão comum que mata-mos cento e vinte em poucos dias e sem afastar-nos muito da cidade.

Era grande o espanto dos guaranis e dos gaúchos, ao ver-nos matar, a quarenta ou cinqüenta passos de distância, uma avezinha que não parecia maior do que um zangão na corola afunilada de um convól-

restos orgânicos *fossilizados*, pertencentes ao reino vegetal. As chamadas pedras de pudim são raras ali. Vêm-se na margem direita do Uruguai, diante de Paissandu, montículos de areia muito fina e muito branca, que se estendem bastante para dentro das terras. Esses terrenos arenosos produzem diversas espécies de madeiras, geralmente pouco grossas, mas muito compactas, duras e espinhosas, como, por exemplo, o *espinillo*, o *algarobo*, o *urunday*, o *ñandubay*, e muitas outras.

Não encontrei nenhum fóssil animal nessa localidade. Creio, entretanto, que é possível encontrá-los nas pedreiras do calcário em exploração, porque todo este país, mesmo as planícies baixas e aluviais de Buenos Aires, encerram ossos de animais antediluvianos, como o *mastodonte de dentes estreitos*, os *tatus gigantescos* e os *ictiossáurios*. É preciso dar algumas explicações a respeito desses animais perdidos, com os quais se está ainda tão pouco familiarizado, que os cultos monges de Buenos Aires procuravam persuadir os *crédulos* de que os ossos de certos animais cresciam dentro da terra.

Os *mastodontes* pertenciam à ordem dos paquidermes (animais de cascos, da família dos *proboscidas*, com tromba e defesas) e formavam um gênero particular, próximo dos hipopótamos.

Os *tatus fósseis* pertenciam à ordem dos desdentados (isto é, sem dentes na parte interior da mandíbula) e à tribo dos *desdentados comuns*. Alguns naturalistas sistemáticos os classificam na tribo dos tardígrados (nome que exprime sua excessiva lentidão) e os confundem com os gêneros perdidos do megatérium e do megalônix, próximos dos tamanduás e das preguiças. Sem dúvida o sr. d'Orbigny decidirá essa questão de nomenclatura e devolverá o tatu fóssil ao verdadeiro tipo do seu gênero (*Dasypus*, de L.). Os *ictiossáurios*, assim como os *plesiossáurios*, eram reptis de envergadura gigantesca, que viviam no mar. O ictossáurio tinha cabeça de lagarto, focinho afilado como o do delfim, patas de *cetáceo* em número de quatro, e vértebras de peixe. O plesiossáurio tinha as mesmas patas, uma pequena cabeça de lagarto sobre um pescoço comprido como o corpo de uma serpente. Foram as laboriosas investigações de George Cuvier e de seus sábios colaboradores que restituíram à ciência essas antigas espécies, e uma

vulo. Nada mais divertido, mais agradável de ver, do que esses magníficos beija-flores, de reflexos metálicos, detendo-se subitamente no meio do vôo mais veloz, como suspensos e imóveis diante de uma flor, batendo as asas com uma rapidez indescritível, mergulhando no cálice a pequena língua e mantendo o corpo pousado verticalmente como se estivessem presos pelo bico. O movimento vivo de suas asas e a grande elasticidade das penas produziam um zumbido surdo que anunciava a sua presença, pois as mais das vezes conseguiam escapar aos nossos olhos por sua extraordinária vivacidade. Muito nos divertimos também vendo-os atacar com coragem e encarniçamento pássaros cem vezes maiores do que eles, que

infinidade de outras pertencentes às diversas ordens do reino animal, que pareciam perdidas para ela, e cujas ossadas estão enterradas inteiras, ou espalhadas nas camadas de diversas *formações*. Recolhendo esses restos e procurando repô-los em sua ordem primitiva, Cuvier conseguiu recompor os seres a que eles haviam pertencido e, em certo modo, ressuscitá-los pois encontrou de novo as suas proporções, e todos os seus hábitos.

Encontram-se em diferentes lugares da província de Buenos Aires, especialmente nos arredores de *Lujan* e de *San Nicolás de los Arroyos*, na margem direita do *Paraná*, muitas ossadas de mastodonte de dentes estreitos. Vi em casa de um negociante de Buenos Aires um esqueleto quase completo desse antigo paquiderme; tinha sido trazido do interior da província por um gaúcho, que o vendeu por vinte ou vinte e cinco francos. Disse-me o negociante que recusou por ele mil e duzentos francos. As ossadas do mastodonte de dentes estreitos, impropriamente chamado *mammoth*, são mais raras do que as do grande mastodonte; o primeiro osso dessa espécie (uma tíbia), foi revelado pelo sr. de Humboldt que o havia achado no *campo dos gigantes* perto de Santa Fé de Bogotá.

Os ossos do *tatu gigante* encontram-se em grande abundância nas margens e na vizinhança do *rio Negro* (Banda Oriental); acham-se também nos penhascos argilo-calcários de San Nicolás de Los Arroyos. O sr. d'Orbigny, que os encontrou, pensa que esse animal era do tamanho de um boi, isto é, vinte vezes mais volumoso que o tatu gigante do Paraguai ainda existente.

As ossadas do ictossáurio encontram-se nas margens do rio *Arapeí* (Banda Oriental), um dos afluentes do Uruguai. O tenente Gomes, brasileiro, que tive ocasião de conhecer em casa do sr. Bonpland, achou um dia junto daquele rio o esqueleto completo de um animal desconhecido, que lhe pareceu muito estranho. Comunicou o fato ao Rio de Janeiro e o imperador D. Pedro I encarregou em seguida o doutor Frederick Sillow (ou Sellow), naturalista prussiano, de recolher as ossadas do animal.

se aproximavam dos seus ninhos. Era, sobretudo, ao ignóbil *carancho* que atacavam com mais furor.

Admirei, em casa do senhor Tomas Creig, administrador do correio, belas cristalizações de quartzo hialino, brancas e violetas, trazidas do interior da Banda Oriental. Vendo a crosta exterior, escura, áspera e embaciada, dessas pequenas massas geólicas, ninguém poderá imaginar a presença dos bonitos cristais que ela mostra depois de quebrada.

O naturalista, infelizmente morto, como disse na minha introdução, deu-lhe o nome de *ichthyosaurus-platensis*. Esse réptil monstruoso é o tipo da ordem dos ictiossáurios da classe dos *escamíferos*, de Blainville.

BOTÂNICA – As chuvas quase contínuas, que caíram durante a minha permanência em Paissandu, não me permitiram herborizar. É por esse motivo que não estou em condições de prestar esclarecimentos detalhados sobre a flora da região. Posso apenas apresentar algumas observações gerais, resultantes da rápida inspeção que pude realizar.

Fiquei surpreendido de ver aqui, como em Montevidéu e em Buenos Aires, a vegetação indígena invadida, numa superfície considerável, por planta exótica, cuja propagação vai sempre crescendo. Refiro-me a essa espécie de cardo da Espanha (*Cinara cardunculus*) que infesta atualmente esses campos, a ponto de cobrir centenas de léguas de superfície. Entretanto, os habitantes não se queixam disso, porque são muito apreciadores da polpa tenra dos brotos novos e, além disso, porque os talos, secados no próprio pé, são usados como sucedâneos da madeira, cuja falta se faz sentir nos lugares onde não há rios. Todas as colinas de Paissandu, especialmente as que ficam ao sul, produzem apenas cardos. Nas planícies, há ainda duas outras espécies de cardos indígenas, muito espalhadas: uma é conhecida pelos espanhóis sob o nome de *abrojo* (abrolho), formado pela contração de duas palavras, *abra-ojo*; a outra, cuja nome esqueci, é rasteira e muito picante. Para se ter uma idéia da vegetação primitiva desses lugares, é preciso frequentar a planície arenosa, um pouco árida, da margem do Uruguai, onde se nota, com prazer, no meio de moitas espinhosas, arbustos e cactos, uma grande variedade de lindas flores, dignas de serem cultivadas. “No hemisfério austral”, diz um célebre geógrafo, “uma vegetação análoga à da Europa começa em latitudes mais próximas do Equador.” É assim que os arredores de Montevidéu, Buenos Aires e Paissandu estão cobertos de plantas que pertencem, com poucas exceções, aos gêneros que constituem a flora francesa. A base da vegetação dessas planícies é formada por gramíneas, verbenáceas, sinantéreas, leguminosas, salâneas e algumas bermudianas ou *sisyrinchium*, de flores de variadas cores, umas de um belo violeta, outras de um lindo amarelo. Vêem-se, ainda, algumas bromeliáceas e malváceas; uma espécie comum dessa última família é muito encontrada perto das habitações, onde acompanha sempre o tártago ou *palma christi* (*Jatropha*

A 20 de outubro, tornamos a embarcar em uma outra *balandra*, de umas cinquenta toneladas. Partimos às oito e meia da manhã, com vento sul e bom tempo. Uma escuna brasileira levantou a âncora pouco depois de nós, para o mesmo destino: *Salto*.

Paissandu, vista do noroeste, é menos desagradável do que vista do sudoeste ou do ancoradouro, porque as casas dão a impressão de estar mais reunidas.

Pelo fim do dia, o vento faltou. Amarramos nos salgueiros da costa de Entre-Rios, a duas léguas mais ou menos de *Sandu*, num sítio muito arenoso.

A 21, o tempo estava bonito, mas a calmaria continuava. Descemos a terra para caçar. Depois de termos atravessado bancos de areia,

curcas, de Lin.), de duas espécies, muito propagadas nos jardins.

A planície baixa é *coberta* de um cacto globuloso de espécie muito pequena. Nos lugares baixos e pantanosos nascem altas gramíneas, de espécies variadas, juncos, palhas cortantes, etc., às quais os espanhóis do país dão o nome de *pajonales*. As planícies elevadas, sobretudo nos lugares desertos, pouco freqüentados pelos animais, estão cobertas desses *pajonales* que dão a impressão dos nossos campos de cereais, na época da colheita. Mas, nos lugares povoados de animais, tem-se o cuidado de incendiar os campos na época em que a erva, ressequida, só oferece uma árida pastagem, a fim de dar lugar a um capim novo e substancioso. Essa operação deve necessariamente destruir uma grande quantidade de plantas delicadas.

Do rio da Prata até as Missões, só se encontram árvores à margem dos rios e dos regatos; mas essas árvores são destruídas à medida que o país se povoa. São substituídas, em alguns lugares, por pessegueiros que crescem com muita facilidade e dão um delicioso fruto, chamado *durazno*.

Os criptógamos são muito raros nos arredores de Paissandu, devido à ausência de grandes bosques e de rochedos. Encontra-se aqui, como em Montevidéu, uma espécie de feto, que se aproxima muito da *Osmonda regalis*, da França, e um *Lycopodium inundatum*.

Notei que os cactos do gênero nopal pareciam sofrer de um pequeno líquen que os invadia completamente.

ZOOLOGIA – *Mamalogia e Ornitologia*. No que diz respeito a mamíferos, só se encontram, comumente em Paissandu, os *carpinchos* (grandes cabiais), os *venados* (cervos da espécie chamada *guazuti* pelos guaranis e por Azara), as *comadreja*s (Didelfos), as *apereas* (o Cui, *Cavia cobiã*), os *zorrillos* (*Yaguaré* de Az.), os *armadillos* e *mulitas* (*Tatus-dasyptus*, Lin.). O tigre (o jaguar, *el tigre-mephitis*) só aparece ali acidentalmente,

chegamos a grandes lagoas ou lagos, cujas margens estavam cobertas de pernaltas e de palmípedes, mas tão selvagens que seus grandes bandos fugiam antes de estar ao nosso alcance. Era preciso empregar a astúcia para conseguir alcançá-los. Enquanto recorriamos aos nossos estratagemas de caçadores para surpreender os avestruzes, as garças e os patos, o padrão da balandra deu o sinal de partida. Ficamos um pouco contrariados, pois já tínhamos avançado bastante em terra, na esperança de encontrar-nos com os patos e pombos que matamos, na falta de coisa melhor.

O vento era ainda do sul, mas fraco. Vogamos a princípio muito lentamente e tão perto das árvores que os ramos atrapalhavam as manobras.

quando as ilhas estão submersas. A *viscacha* (*Callomys-viscacia*, J. Geoff. St-Hil.), tão comum nos arredores de Buenos Aires, não é encontrada na margem esquerda do Uruguai, mas é achada freqüentemente em Entre-Rios, na margem direita.

Não existe também uma grande variedade de pássaros. Não encontrei mais do que umas quarenta espécies, classificáveis nas seis ordens. Creio, entretanto, que poderia reunir muito mais, se tivesse passado mais tempo. A ordem dos pardais me forneceu vinte e quatro espécimes.

Aves de rapina – Os abutres *urubu* (*Cathartes urubu*, Viellot, d'Orb.) também não eram comuns; não vi a *aura*. As três espécies de caracará de Azara (o *carancho*, o *chimango*, e o *chimachima*) são muito comuns assim como uma espécie de coruja (*urucurea*, de Azara).

Pássaros diversos – Matei nessa localidade um *tangará de bico denteado*, que me disseram ser o *fitotoma*, trazido ultimamente do Chile. O *cardeal de poupa vermelha*, de Az. (*oxiacucullata*, Lath.) é comum, assim como o *onglet*, de Buffon (*lindo*, de Az.). O *papa-mosca rubi* (*churrinché*, Az.). O *tirano de cauda fendida* (*suiriri*, de Az.) é bastante comum, assim como um *papa-mosca* branco e negro, chamado *viuda* (viúva), que penso ser o *irupedo* de Az.; o *bem-te-vi* e o *joão-de-barro*. Encontra-se ainda o trupial *dragão* de Az., o de cabeça amarela; o *cacique de papo vermelho* (*estorninho das terras de Magalhães*, Buffon); um *engole-vento de barriga branca*; um *bico-grosso de coleira negra*; três espécies de bicos finos; uma *carricha*; o *beija-flor verde-dourado*; e o *ametista esmeralda*, pouco comum.

Trepadores – Havia bandos de *Maracana patagon*, de Az; muitos *periquitos* (caturras) de cauda longa. O *picanço de asas douradas*; o de *cabeça purpurina* (*Picus lineatus*, de Lin.); um picóide de topete cor de tabaco, que ainda não existe no Museu de Paris. Enfim, o cuco *piririgua*, de Az. (*Guira cantara*).

Galináceos – Duas espécies de trocazes; duas espécies de pombos; duas espécies de rolas, *muito comuns*, espalhadas em bandos pelos campos. A pequena perdiz (o *ynambui*, de Az., *Tinamus maculosus*, Temm.), a grande perdiz ou grande tinamu

Mais tarde o vento aumentou. Chegamos rapidamente à antiga vila de *San José*, destruída pelos portugueses durante a ocupação da Banda Oriental e depois a *Calera de Barquín*, na costa de Entre-Rios e diante de San José.

Toda a costa da *Calera* (forno de cal), numa extensão de duas milhas, mais ou menos, forma uma encosta escarpada, onde se nota uma rocha de calcário grosseiro, um pouco gípeo, entremeado de argila branca e de areia.

A paisagem da Calera é muito atraente. Poderia edificar-se, ali, uma pequena vila, de posição muito conveniente para o comércio. Situada na extremidade de um cotovelo formado pelo Uruguai, a mais ou menos dezoito léguas de Salto e doze de Paissandu, teria ainda a vantagem de ficar próxima às florestas de palmeiras *jataís* e *carandaités*, que a coroam e a outras árvores muito próprias à construção de casas. (O *jataí* é uma espécie de palmeira pouco elevada, de tronco grosso e coberto de antigos vestígios de folhas. Sua polpa é excelente. O *carandái* é outra palmeira, cujo tronco, depois do oco, é utilizado como telha.) Com sua situação sobre um planalto elevado, na própria margem do rio e ao fundo de uma enseada, Calera poderia proporcionar, além do seu ar puro e da sua bonita vista, um ancoradouro fácil para os navios. Um regato arborizado, com a nascente na floresta de palmeiras, contribuiria também para a beleza do *sítio* e seria muito útil ao estabelecimento de algumas usinas, tais como fundições de sebo, *saladeros*, curtumes, etc.

Há um fato curioso e notável na vegetação desse lugar: é que, até uma distância de duas ou três léguas acima e abaixo da Calera, as palmeiras são abundantes, ao passo que na costa oriental não se descobre

(*Inambu guazu*, de Az., *Tinamus rufescens*, Temm.) em grande quantidade.

Pernaltas e palmípedes – As margens do Uruguai, assim como as do Prata e do Paraná, abundam em pássaros dessas duas ordens. A família numerosa dos longirostros, que compreende em parte aquela variedade de pássaros de rio, conhecidos em Buenos Aires pelo nome *chorlitos*, contém mais de um gênero indeterminado capaz de embaraçar os nomencladores. Em matéria de pernaltas, só consegui matar um quero-quero (*terutero*, de Az.), diferente do de Caiena; pequenas tarambolas de coleira negra; a jaçanã comum e andorinha-do-mar, *Sterna minuta*, de Lin. Em Buenos Aires, matei o *Rhynchea hilaria* e o *tinochorus*, gêneros novos.

um único exemplar. Esta observação pode estender-se a todo o curso do Uruguai: desde a sua foz até as Missões, observa-se frequentemente o mesmo contraste. Essas árvores, entremeadas de outras, produzem uma bela vista; mas isoladas, como estão a nordeste de Calera, em toda a extensão do cotovelo do Uruguai, e disseminadas em um terreno arenoso, muito elevado, dão à região um aspecto selvagem. Temos a impressão de que fomos transportados às planícies áridas da África. Toda a encosta arenosa sobre a qual crescem as palmeiras, isoladamente, está cheia de fontes de água mineral ferruginosa.

O cotovelo formado aqui pelo Uruguai é muito difícil de ser subido, quando o vento não é favorável. Como este nos tivesse abandonado, ou antes, tivesse sido interceptado completamente pelas encostas argilo-calcárias da Banda Oriental, decidiu-se puxar a embarcação por meio de uma corda amarrada às árvores. Mas, mesmo com esse recurso, os marinheiros não puderam dominar a força da corrente. O patrão tomou o partido de fazer uma nova estadia na margem direita, à espera de uma brisa.

A 22, o vento era contrário. O tempo estava bonito, mas extremamente quente e um pouco ameaçador. Descemos a terra em número de cinco, com todas as nossas armas, porque temíamos não somente encontrar algum jaguar, como também algum bando errante de gaúchos, coisa comum naquela época. Felizmente, essas precauções foram inúteis.

A margem é cercada de árvores verdes e copadas, de diferentes espécies, que produzem um belo efeito. Quase sempre banhadas pelo rio, elas crescem rápida e vigorosamente; mas o estranho é que, passada essa cintura verde, espessa e frondosa, só se vêem, no interior plano e arenoso da região, palmeiras isoladas ou reunidas em grupos de três ou quatro, semelhantes a ruínas de peristilos em que só sobrassem as colunas. A vegetação é singular nessas regiões. Vimos poucos pássaros; nenhum mamífero, exceto um filhote do *cervus campestris*, que um dos meus companheiros matou por acaso. Entretanto, notamos pegadas de jaguar, *carpinchos* (cabiais) e avestruzes. Algumas aves de rapina, o urubu e o aura, caracarás, butios ruivos e milhafres de cabeça preta, pairavam silenciosamente sobre um vasto campo queimado na véspera e ainda fumegante. Alguns periquitos e papagaios passavam gritando sobre nossas cabeças,

e picanços,⁸ de asas douradas, tocaiavam, junto ao tronco aquecido das palmeiras, a saída dos insetos que o incêndio fizera refugiarem-se nesse único asilo disponível. Matamos exemplares de todos eles, assim como uma variedade de trupial dragão, que creio ser o *guiraburo* de Azara, e, na margem do rio, uma linda pega azul-ferrete, de ventre amarelado e fronte azul-celeste.⁹

A 23, já com bom tempo, uma leve brisa do sul, irregular, impeliu o barco o dia inteiro. Passamos diante de *Hervidero*, estância e caieira, a oito léguas de Salto, para o sul, num lugar em que o leito do rio, muito apertado e correntoso, não tem mais de sessenta a setenta toesas de largura. Parece que a cal, feita nesses lugares, é de muito boa qualidade.

Uma milha mais longe, passamos diante da confluência do *Dai-man*, rio de quarta ordem que desce do leste, em cujo leito se encontram magníficas cristalizações de quartzo hialino de diferentes colorações.

No fim do dia, como o vento faltasse novamente, ajudamos corajosamente os marinheiros a puxar o navio de árvore em árvore até o *saladero del Corralito*.

A 24, ao nascer do sol, descemos a terra. Depois de termos explorado as imediações do saladero, fomos visitar seu proprietário *don Leandro...*, espanhol europeu, que falava bastante bem o francês. Deu-nos hospitalidade, com uma amabilidade encantadora, digna das boas maneiras de um *caballero*.

Depois do almoço, em vez de voltar a bordo, resolvemos caminhar pelo campo em direção a Salto, na esperança de encontrar pelo caminho alguma coisa interessante. Andamos assim mais de quatro léguas, caçando, mas inutilmente. Só vimos poucos pássaros, de espécies comuns em Buenos Aires, como picanço de asas douradas, tiranos, trupiais, caracarás, quero-queros, etc. Matamos, contudo, duas belas espécies de engole-vento e um belo bico-grosso vermelho e cinzento. Vimos também muitas serpentes e esse enorme lagarto chamado *teyu* pelos guaranis.¹⁰

8 *Carpinteiros-dos-campos*, de Az. *Picus auratus*, Lin. *The gold winged-pecter*, Catesby.

9 *Acaché*, de Azara.

10 *Lacerta teguixin*, Lin.

Como o Uruguai tornasse a crescer, tivemos de fazer voltas fáticas, exigidas pelo mau estado de numerosos regatos e banhados. Toda essa região, como a Banda Oriental inteira, só oferece à perspectiva campos quebrados, isto é, terrenos freqüentemente entrecortados de pequenos vales, montículos e colinas poucos elevadas, sem direção determinada. Só se vêem árvores ao longo dos rios e dos regatos; mas, devido à abundância destes últimos, há uma grande fertilidade e todas as vantagens necessárias à criação de animais.

Algumas casas brancas, em cujas janelas reverberava a luz avermelhada do sol poente, anunciaram a chegada a *Salto*: essa vista nos entristeceu em vez de nos alegrar. Havíamos pensado, não sei bem por que, que, à medida que avançássemos, mais encantadores deveriam ser os lugares e as paisagens. Não será assim, afinal, que caminhamos na estrada árida e tortuosa da vida?... Desencantos sobre desencantos, mistificações sobre mistificações, até o momento em que o túmulo se abre, centuplicando talvez a soma das mistificações e dos desenganos!

*Salto*¹¹ é uma vila que não tem metade da importância de Paissandu. Está situada numa altura isolada, que quase se transforma numa ilha, na época das enchentes do Uruguai. O terreno é árido, e de tal modo coberto de seixos redondos e de inúmeros fragmentos de rochas quebradiças, que se diria um montão de ruínas. As outras colinas circundantes têm exatamente o mesmo aspecto. Quase todas essas pedras ou fragmentos de rocha não passam de uma aglomeração de areia, seixos e calhaus, unidos grosseiramente sem tenacidade por um cimento calcário-argilífero. A substância que parece formar a base dessas colinas é a argila amarela com um pouco de calcário margoso. Há também bancos de um grés arenoso muito grosseiro.

Notei, ao vir de *Saladero del Corralito*, a umas duas léguas de Salto, na margem do Uruguai, um grés ferruginoso geódico formando blocos isolados mais ou menos volumosos. As cavidades estavam cheias de areia muito carregada de óxido de ferro.

Não havia, em Salto, mais de cinco casas de açotéia, quando ali chegamos. As outras habitações eram *ranchos* bem construídos e, na

11 Latitude 31°28', à margem esquerda do Uruguai.

maioria, caiados exteriormente. A própria igreja era um rancho, como em Sandu. Só que haviam construído ao lado da entrada um simulacro de campanário, em forma de portal, do qual pendiam dois sinos de tamanho médio. As ruas são, como em toda a Banda Oriental, bem alinhadas, guarnecidas de calçada, e correspondem aos quatro pontos cardeais. Ainda que as *cuadras* estejam longe de ser edificadas, essa regularidade de plano dá à vila a aparência de uma pequena cidade. Não havia ainda lampiões nas ruas, mas já se pensava em colocá-los.

De cada lado da vila, ao norte e ao sul, há um regato arborizado, que corre por um vale profundo até o Uruguai. Durante as enchentes do rio, o lado sul inunda-se facilmente e há, então, água suficiente para que as goletas e balandras possam aproximar-se do cais. Mas, quando as águas estão baixas e o Uruguai retoma seu leito, o que acontece em dois terços do ano, os navios que vêm de baixo são obrigados a ficar em Saladero del Corralito, para as operações de carga e descarga, muito custosas ao comércio.

O *Salto*, isto é, a catarata não fica diante da vila. Está situada a mais ou menos duas léguas para o norte: é o que se chama o *Salto Chico*. Existe outro maior, a três léguas daquele e igualmente no norte, chamado *Salto Grande*. Foi o primeiro que deu nome à vila. Esses dois saltos, que só se fazem notar pela rapidez da corrente, quando o rio está muito alto, estão a descoberto os três quartos do ano, tornando impossível qualquer navegação.¹² Os navios que vêm de *cima* ficam a oito léguas da vila, numa pequena enseada chamada *el puerto*, diante de um grupo de ilhas designadas pelo nome de *islas del herrero*.¹³ O trajeto do porto à vila se faz por terra, a cavalo ou de carreta; mas, neste caso, tem-se quinze léguas a percorrer em vez de oito, devido a um atalho que é preciso tomar para evitar os banhados. Uma vez passados os dois saltos, formados de rochas à flor da água, o Uruguai, ainda que muito rápido em vários lugares, é navegável para grandes

12 No *salto*, o Uruguai tem duas vezes a largura do Sena em Paris, isto é, de 120 a 130 toesas.

13 *Ilhas do Ferreiro*, devido a um pássaro, da ordem dos pardais, gênero *cotinga*, subgênero *procnia*, conhecido no Brasil pelo nome de *ferreiro* e *araponga* (*Casmarnychos nudicollis*). Sua voz estridente imita, alternadamente, o ruído da lima e o de um martelo na bigorna.

pirogas e barcos chatos, até a altura do Paraguai, isto é, a mais de duzentas e cinquenta léguas da sua junção com o Paraná. Uma nação industriosa como a dos norte-americanos, por exemplo, já teria aplainado as pequenas dificuldades que entravam a navegação do Uruguai e enchido esse belo rio de embarcações a vapor, para facilitar o crescimento da população e o escoamento dos produtos agrícolas. Longe disso, porém, perde-se um tempo enorme em *vãs questiúnculas* e em *disputas sangrentas*, e a apatia dos habitantes vai a ponto de não conseguirem compreender como se pode viver nessas regiões, destinadas, na sua opinião, a alimentarem cavalos e vacas. O lugar, realmente, tem possibilidades de prosperar, quando o comércio com o Paraguai for livre e as Missões estiverem povoadas, porque a via fluvial é sempre preferível à terrestre, para o transporte de mercadorias.

As autoridades de Salto são: um comandante militar, que é ao mesmo tempo chefe de polícia, um comandante do porto, um juiz de paz, um alcaide e um coletor de alfândega. Há uma escola primária elementar para o ensino mútuo, que é custeada pelo governo.

Como não havia, em Salto, mais hospedarias do que nas outras povoações do Uruguai ou do interior, teríamos ficado bem atrapalhados se o sr. Antoine Thedy, suíço-francês, não tivesse tido a extrema bondade de nos acolher e nos dar alojamento durante os três dias que ali ficamos, à espera de um vento propício para subirmos o rio até as Missões. O sr. Thedy cumpriu para conosco as leis da hospitalidade de um modo verdadeiramente generoso, pois éramos cinco indivíduos, que as privações da viagem tornaram *famintos* e que honraram a sua cozinha, sem que ele nada quisesse receber. Aliás, esse desinteresse, que tanto nos surpreendeu, era tão familiar, tão natural no sr. Thedy, que ele bem merecia o título lisonjeiro de *pai dos franceses*, que lhe davam os nossos pobres compatriotas exilados não somente no Salto como também a grande distância do lugar.

No mesmo dia em que chegamos, encontramos, casualmente, em casa do sr. Thedy um velho marinheiro do *Honfleur*, chamado Vitor, que estava prestes a partir para a antiga Missão de São Borja. Pareceu-me que não poderíamos encontrar uma ocasião mais favorável. Apressamo-nos a reservar passagens, com receio de uma longa permanência em Salto. O navio desse marinheiro (que deslocava, no máximo, duas toneladas) era chato, sem coberta, muito mal instalado e incômodo sob todos os aspectos

pois nossas bagagens o enchiam e, em caso de chuva, só havia abrigo para as nossas provisões. Bela perspectiva para uma viagem de cinco semanas na estação das chuvas! É verdade que o nosso compatriota, velho *lobo-do-mar* degenerado, gabava-se de fazer as oitenta e tantas léguas que há de Salto a São Borja em quinze dias e prometia, em caso de chuva, armar uma tenda com couros. Veremos mais adiante como cumpriu sua palavra.

Esperando um vento bom, pusemo-nos a caçar, unicamente para matar o tempo, porque os naturalistas não têm muita coisa para recolher em Salto, a não ser alguns seixos arredondados, madeiras fósseis e cristalizações de quartzo-ametista, em prismas inseridos, que são trazidos do interior para fazer presentes. As rolas e pombos-bravos eram tão numerosos que, em menos de duas horas, já tínhamos a nossa carga. Quanto aos outros pássaros, foram, felizmente para eles, julgados indignos da metralha que prodigamos aos seus co-voláteis, os galináceos. Passamos um bom tempo, a observar uma *seriema*¹⁴ domesticada, no quintal do sr. Thedy. Era uma ave pacífica, bastante arisca, mas muito interessante, e tão voraz quanto o *ñandú*. Visitava todos os apartamentos e saía, às vezes, para a rua. Sua altura era de dois pés e meio; seu bico, como o dos galináceos; o pescoço e o porte do ñandu; a pálpebra nua e o olho muito grande; suas penas eram felpudas; a cor, uma mistura de branco, negro e cinzento. Essa ave foi bem descrita por Félix de Azara. O sr. Thedy criava, além desse, outros animais muito interessantes e tinha uma pequena coleção de minerais onde se notavam magníficos cristais de ametista, falso topázio e cristal-branco, com seixos do Uruguai, arredondados de tal maneira que pareciam frutos.

14 *Seriema* é o nome brasileiro e *savia* o dos guaranis e de Azara. Esta ave, classificada na ordem das *pernaltas*, família dos *pressirostros*, é o tipo do gênero *cariama* (*Microdactylus cristatus*). Parece-me que essa ave, o *ñandú*, o *chajá* e vários outros, deveriam antes ser classificados entre os *galináceos*, dos quais têm o bico e os hábitos.

.....

Capítulo XV

PARTIDA DE SALTO – CONTINUAÇÃO DAS EXPLORAÇÕES – EL PUERTO – BELÉM –
SANTA ROSA OU BELLA UNIÓN – FRONTEIRA BRASILEIRA –
ITAQUI – PORTO DE SÃO BORJA

N

O DOMINGO, 27 de outubro, às quatro horas da tarde, nosso *lobo-do-mar* do *Honfleur* achou oportuno seguirmos viagem. Apenas tínhamos feito uma meia légua, rebentou um temporal violento e o pampeiro nos fez girar como um pião. O patrão não queria, por todos os diabos, voltar a Salto, por esta razão muito simples “*ele nunca arribara por medo de temporal*”. Entretanto, como uma forte rajada tivesse despedaçado a única vela de algodão que havia no barco, foi obrigado, bem a contragosto, a nos fazer desembarcar em uma ilhota formada pela cheia do Uruguai. Não é possível imaginar o que sofreremos nessa desgraçada ilhota, onde não havia um único pedaço de madeira seca. A chuva começou no momento preciso em que desembarcávamos, e só cessou no dia seguinte, cerca do meio-dia. Já disse que não havia abrigo a bordo nem mesmo possibilidade de ali dormir; tínhamos contado com os couros que o patrão devia embarcar para conseguirmos um teto em caso de necessidade, mas eles eram apenas suficientes para cobrir

nossos víveres e bagagens. Assim, tivemos de nos conformar não só a passar sem comer, como também a dormir debaixo da abóbada um tanto úmida do firmamento. No dia seguinte, tínhamos o aspecto de náufragos; batíamos os dentes de frio e estávamos famintos. Logo que a tempestade acalmou, o patrão nos conduziu à proximidade de um *saladero*. Saltamos rapidamente a terra, correndo de calças arregaçadas através dos pântanos e dos *pajonales*, em direção a um rancho, onde pedimos hospitalidade e fomos bem recebidos. Nossos hospedeiros eram pobres canários, vindos havia muito tempo, como tantos outros imigrantes, para povoar esses desertos e tomar o lugar dos nativos. Sua habitação, como a dos gaúchos, era uma choça de terra, entremeada de caniços e coberta de palha, construída, enfim, com aquela simplicidade arquitetônica da idade de ouro. Era composta de duas peças, o quarto de dormir e a sala de visitas que servia ao mesmo tempo de cozinha. Uma cama, formada de quatro estacas cravadas na terra suportando uma caniçada, ou correias de couro entrelaçado sobre as quais se coloca, em vez de colchão, um magnífico couro cru; alguns outros couros estendidos no solo e que servem de cama para as crianças; *bolas*, *lazos* (armas indispensáveis do gaúcho), arreios pendurados nas paredes do rancho, formavam a única mobília do quarto. Uma outra caniçada, suportada por seis estacas, e que servia às senhoras de sofá; duas cabeças de boi, fazendo as vezes de cadeiras; um barril de água, uma panela de metal, duas ou três cuias que serviam de copos, uma gamela de madeira e um espeto de ferro cravado verticalmente diante do fogão, colocado bem no meio da cozinha, constituíam rigorosamente o inventário da sala de visitas. Devo acrescentar que, na casa dos gaúchos mais ricos há, às vezes, ao lado do corpo principal da habitação, à distância de oito ou dez pés, uma segunda choupana, análoga à primeira, que serve de cozinha, de dispensa e de galinheiro. Não existe chaminé: o fogão está colocado no meio da peça e a fumaça escapa por onde pode. O excremento dos animais domésticos, a exalação das carnes dependuradas ou dos couros estendidos mantém ali um mau-cheiro insuportável. Milhares de insetos zumbem sem cessar, enquanto bandos de trupiais, de caracará e de urubus disputam os restos dos ruminantes e dos solípedes, cujas ossadas se amontoam como em catacumbas, ou se espalham, de um lado a outro do solo, como num campo de batalha.

Enquanto secávamos a roupa diante do fogão enfumaçado, aquela boa gente se queixava do mau tempo, e das intermináveis lutas par-

tidárias que agitam essas infelizes províncias.¹ Ofereceram-nos, dentro de um chifre, leite recém-tirado da vaca. Aceitamos, de muito bom grado, e lhes oferecemos, em troca, um pouco de *caña*² que nos sobrava. Iam preparar-nos um *assado* de carne fresca, quando o patrão mandou dar o sinal de partida.

Nesse mesmo dia, passamos, sem grande esforço, por *Salto Chico*, graças aos salgueiros (*sarandís*) que bordam a sua margem. No fim da tarde paramos na costa de Entre-Rios para jantar e passar a noite. Dessa vez, bivacamos fácil e agradavelmente, pois, havendo grande abundância de madeira seca fizemos uma fogueira para terminar de nos secar a roupa e nos garantir, durante a noite, contra a importuna visita do honesto jaguar ou de qualquer amável vizinho. Depois de nos fartarmos do *asao*, de saborearmos o *queso de Goya*³ e a farinha de mandioca, e de darmos o tom ao estômago, com um *traguito* ardente de *caña*, instalamos confortavelmente nossos *recados* no capim, ao pé de uma palmeira *carandái* e, sentindo-nos perfeitamente *snug*, reparamos, com um sono tranqüilo, as fadigas e os incômodos da noite anterior. Não é assim que o pobre deve encarar a vida?...

No dia seguinte, 29, tivemos bom vento e bom tempo. Num momento, todos estavam de pé e, com os *recados* enrolados e as armas limpas,⁴ subimos para bordo. Tomamos mate antes da aurora; essa bebida devia manter-nos até o meio-dia, hora do almoço. A sobriedade é uma virtude obrigatória, nos costumes dos espanhóis americanos. Nunca fazem mais de duas refeições por dia, mas tomam o mate a todo instante. Fizemos boa viagem até o *Salto Grande*. Lá, tivemos de parar para esperar um vento favorável, porque a água corria com tanta rapidez que nem pensamos em dominar a corrente. Estávamos, além disso, à margem direita, onde não

1 Aludiam aos projetos ambiciosos de Lavalleja na Banda Oriental, e aos de Manuel Rosas em Buenos Aires.

2 Espécie de aguardente ou de tafiá, conhecida no Brasil pelo nome de *cachaça*.

3 Queijo redondo, muito seco e salgado, fabricado principalmente em *Goya*, povoação da província de Corrientes.

4 É um cuidado que se deve ter cada dia, sobretudo com as armas de fogo sob pena de se expor a grandes perigos. Os gaúchos, que são pouco cuidadosos, vêem falhar freqüentemente suas pistolas, e estão perdendo confiança nas armas de fogo.

existem árvores cujos galhos pudessem ajudar-nos a atravessar essa difícil passagem. Acampamos durante três dias, e nos ocupamos em caçar, pescar e explorar o campo.

Estávamos no meio de um bosquezinho, formado por algumas árvores grandes, junto à praia arenosa e cheia de seixos. Tínhamos por limites, ao norte, um rochedo de grés tenro, muito xistoso, bastante elevado para formar um promontório; a oeste, colinas (*campos quebrados*), cobertas de calhaus semelhantes aos da vila de Salto; a leste, o Uruguai, levando com a rapidez do vento nuvens de corvos-marinhos⁵ e, ao sul, um pequeno rio onde pescamos algumas tartarugas com as quais fizemos uma sopa excelente. Nossos marinheiros eram dois índios guaranis, muito bons pescadores. Apanharam, várias vezes, um peixe muito abundante em toda a região, chamado *dorado*,⁶ por causa de sua cor. Havia alguns muito grandes, de dois a três pés de comprimento, pesando mais de vinte libras, e uma grande quantidade de pequenas espécies, que atraíam continuamente os insaciáveis corvos-marinhos.

O Uruguai pode ter, naquela região, uma milha de largura. Sua margem direita é formada, no espaço de uma meia légua, de rochedos de grés brando e xistoso. Há três massas principais, onde vêm terminar colinas separadas por vales profundos e pantanosos, muito arborizados. Essas três massas de grés formam outras tantas pontas em que a água corre com uma assombrosa rapidez.

No meio do rio, diante da primeira ponta, quando se sobe, encontra-se uma ilhota coberta de salgueiros; há outra, mais extensa, atrás da terceira ponta. Em seguida, vêm umas ilhas longas, cuja base são rochas de aluvião, isto é, matérias arenáceas, agregadas e unidas mais ou menos fortemente pelos sedimentos, a agitação e o peso das águas. Essas ilhotas fecham o leito do Uruguai e precipitam o seu curso sobre uma infinidade de fragmentos de rochedos, alguns dos quais, muito volumosos, têm de vinte e cinco a trinta pés de elevação durante a maré baixa. É natural

5 Os *zaramagullons*, de Azara; os *viguas*, dos guaranis, que creio serem uma espécie de *graculus*.

6 Espécie aproximada do *Miletus micropo* (A. d'Orb.)

que a corrente cresça em razão da inclinação do leito, dos obstáculos e das quedas causadas pelas massas de rochedos, de tal sorte que a passagem se torna impraticável quando o rio está encaixado no seu leito natural. Apesar da enchente excessiva de 1833 (passamos sobre os rochedos e árvores mais elevados), foi necessário um vento extremamente forte e o auxílio de remos e de braços vigorosos, para efetuar a passagem do Salto Grande. O lugar mais difícil, o mais perigoso, é aquele em que se encontram as três pontas do promontório de que falei. Mas ainda não nos sentimos tranquilos, depois de o termos atravessado. Durante seis milhas mais ou menos, até as ilhas *del Herrero e del Puerto*, a corrente ainda é excessivamente rápida. Seria mesmo impossível navegar pelo meio do rio, com o mais forte dos ventos. É preciso recorrer-se aos galhos das árvores e prender-se a eles, até que a difícil passagem seja vencida. Parece que, em tempo comum, os viajantes nem notam a catarata. Mas não há, no lugar, água suficiente para se passar, e os numerosos rochedos elevam-se muito acima do seu nível.

Como a margem direita é, em muitos pontos, uma encosta alta, escarpada e muito rochosa, não se pode pensar em abrir ali um canal lateral; mas a margem esquerda, pouco elevada e argilosa, ofereceria todas as facilidades para essa operação tão útil.

Foi com muita dificuldade e grandes contrariedades que efetuamos a passagem, a 2 de novembro. Tendo partido, às cinco horas da manhã, da terceira ponta, levamos seis horas para atravessá-la, e chegamos às onze horas diante de uma estância situada na margem esquerda, a mais ou menos uma légua da primeira ponta do Salto Grande. Corremos a aquecer-nos, porque havíamos passado uma noite chuvosa, ao ar livre, sem outro abrigo além dos nossos *ponchos e xergas*. O estancieiro era um índio guarani, muito rico e hospitaleiro. Serviu-nos como almoço um excelente *asao* e leite recém-tirado; e quis, além disso, que levássemos conosco duas arrobas (50 libras) de carne fresca.

Ao sairmos de sua casa, vimos no campo bandos de pombos-trocazes e de rolas, muitos *venados* (cervos), *tinamús* (perdizes), e *ñandús* (avestruzes) em quantidade.

A 3, passamos diante de *El Puerto* (o porto) e procuramos em vão o motivo pelo qual merecera esse nome. Só vimos uma praia baixa, pantanosa, e um caminho pouco freqüentado que levava à vila de Salto. Na proximidade

de *El Puerto* havia, apenas, um rancho deserto, tocado pela maldição, pois o fogo do céu caíra recentemente sobre ele, enchendo de pavor uma família índia e matando uma menina de doze anos cuja modesta sepultura ainda se podia ver. Mostraram-me alguns cavalos abandonados, que vinham passar a noite perto do curral, onde antes mão inocente costumava acariciá-los. Senti um aperto no coração, ao vê-los assim, tristemente parados, de cabeça baixa, perto do túmulo de sua pequena dona... Dir-se-ia que tinham ficado, no meio do deserto, para chorá-la e dar ao viajante que passasse junto à sepultura um exemplo de fidelidade e gratidão inspirado pela natureza.

Aqui termina a grande rapidez das correntes e começam os terrenos baixos e inundados, sobre os quais se pode navegar quando o rio transborda até muitas milhas de distância. Isso é de grande utilidade aos marinheiros, pois lhes permite navegar *com qualquer tempo*, seja a remo, seja com auxílio de canoas, ao passo que, no leito do Uruguai, é sempre necessário um vento favorável para subir, porque, além dos dois saltos há ainda certos baixios rochosos sobre os quais a água corre com força, o que atrasa e prejudica a navegação à vela. Já se deu o caso de grandes barcos (*chalanas*) levarem três e até seis meses de viagem de *El Puerto* a São Borja, que fica a menos de cem léguas de Salto. Quando se navega em banhados, a viagem dura, ordinariamente, de três semanas a um mês; entretanto, o trajeto é aumentado, pelo menos de uma terça parte, devido às voltas que se tem de fazer. É uma viagem bem fatigante e monótona, para quem não é amante da natureza e admirador apaixonado de suas obras. O viajante deve estar pronto a privações de toda ordem, e considerar-se feliz se conservar intactas sua bagagem, suas mercadorias e coleções, porque não há um único abrigo e, apesar de todos os cuidados, é difícil defender das águas as caixas ou as malas, que precisam ser desembarcadas para facilitar a passagem do barco sobre um baixio. Mesmo para um naturalista, a exploração das margens do Uruguai, até além de Salto, oferece pouco interesse e, nos tempos de enchente, numerosas dificuldades que não compensam as descobertas. O Paraná, sob este aspecto, é mais fecundo, e alegra mais os olhos pela variedade da paisagem. O Uruguai, ao contrário, desde Salto a Itaqui, só apresenta, nas duas margens, uma estreita moldura de árvores bastante variadas, é certo, mas que se repetem sucessivamente em todo o curso do rio. São

espinillos, salgueiros, *laureles*, *ceibos*, *ñandubais*, *timbos*,⁷ *talas*, *lapachos*,⁸ palmeiras e arbustos espinhosos, dos quais alguns como as *mimosas*, dão bonitas flores; numerosos cipós, plantas parasitas, flores-do-ar (*flores del aire*), que se entrelaçam de todos os lados, espalhando flores de muitos coloridos, até no alto das árvores mais copadas. Enquanto se navega no leito do rio, pode-se gozar esse espetáculo, bem digno de ser visto; mas, seguindo as savanas, ou os terrenos inundados a vista mal pode repousar nas vastas planícies baixas, ou levemente onduladas, desprovidas de árvores, e que só oferecem um capim espesso, torrado pelo sol, e mais alto do que um homem, em alguns lugares. Essas planícies ficam alagadas até grandes distâncias, nos tempos em que o rio transborda. Isso acontece, particularmente, na margem esquerda, isto é, Banda Oriental ou Missões brasileiras, porque a margem direita, Entre-Rios e Corrientes, apresenta, em geral, terrenos mais elevados e uma vegetação mais variada. Vêm-se ali, de longe em longe, algumas florestas, algumas colinas arborizadas em que se destacam palmeiras, e as chácaras e estâncias que alegram os olhos e consolam o viajante isolado no meio desses vastos desertos.

Paramos para jantar e passar a noite, em um *pajonal* meio alagado, onde tivemos de entrar na água até os joelhos para alcançar um lugar seco.⁹ Encontramos ali alguns pedaços de madeira, com os quais fizemos um bom fogo, para secar nossas roupas e nos garantir contra a visita dos tigres. No meio da noite, fui despertado em sobressalto por Eugênio Gamblin. Meu primeiro movimento foi o de levar a mão ao fuzil carregado, que eu levava sempre debaixo do poncho, com receio dos jaguares. Mas a coisa era diferente: nosso acampamento tinha sido invadido pelas águas! O rio continuava a transbordar e era preciso procurar um abrigo melhor. O fogo tinha se apagado, e a noite estava escura. Não conseguimos dormir de novo, devido à umidade e à necessidade de estar alerta.

7 Espécie de acácia.

8 Grande espécie da família das begoniáceas (A. d'Orb.).

9 Se não fosse a precaução que tivera de me munir de aguardente canforada e de sabão, teríamos ficado com os pés em mísero estado, depois de caminhar dentro da água sobre a areia e entre as palhas cortantes.

Não nos custou muito levantar-nos antes da aurora. Acendemos o fogo; tomamos um mate chimarrão, isto é, sem açúcar, e continuamos a viagem com uma suave brisa de sudeste, que cessou ao nascer do sol. O calor era excessivo, abrasador. Imaginai a situação de indivíduos, expostos sucessivamente às fúrias da tempestade, à umidade glacial da noite e ao fogo devorador do sol? Pois era esse o nosso caso. Não nos podíamos queixar, porque estávamos ali voluntariamente; mas desgraçados dos que têm de viajar por obrigação. Como são dignos de lástima esses pobres franceses que uma sorte adversa obriga a mascatear, nas raras povoações desses desertos, alguns produtos das nossas manufaturas, às vezes tão caros, tão pouco aproveitáveis, tão inúteis, que não conseguem ser vendidos por nenhum preço. Pensai que esses homens, além de tantos sacrifícios, perdem, às vezes, a esperança de um dia regressar à pátria!

Paramos cedo num bonito lugar, que fica ao fundo de uma enseada formada pela confluência do *Arapeí*, rio que nasce muito adiante no interior da Banda Oriental. Dois ranchos, um curral, um forno, uma *ramada*,¹⁰ e um jardim em boas condições, estavam completamente abandonados. Disse-nos o patrão que esses lugares haviam pertencido a índios guaranis das Altas Missões, que tinham sido expulsos dali pelo governo oriental devido a seus atos de pilhagem, ainda que sempre tivessem dado uma hospitalidade franca e cordial aos viajantes. Esse sítio, que dista mais ou menos doze léguas de Salto, é um dos mais adequados ao estabelecimento de uma estância ou de uma vila. Tem madeiras suficientes, uma parte elevada que domina o campo (detalhe importante para o estancieiro), campos férteis em pastagens de boa qualidade, e fica na proximidade de dois rios navegáveis, o Uruguai e o Arapeí. Este último, de terceira ordem, que pode ser navegado por grandes pirogas até grande distância no interior, facilitaria o transporte fluvial dos produtos dessas regiões. Defronte, vê-se, na margem direita do Uruguai, a *Capilla de San Gregorio*.

Havia em torno dos ranchos uma grande quantidade de cabaças, umas verdes, outras já secas; fragmentos de troncos de árvores fossilizados e

10 São quatro ou seis estacas, de seis a oito pés de altura, sobre as quais são colocados, horizontalmente, folhas ou troncos de palmeiras, abertos em dois. A *ramada* é feita para dar sombra durante o dia e para servir, à noite, de leito garantido contra os jaguares e mosquitos.

algumas belas cristalizações de quartzo hialino, levemente coloridas de azul, trazidas, certamente, do interior pelos índios.

Aqui começa uma série de habitações esparsas, de aldeias e de vilas, que foram povoadas por índios guaranis, trazidos dos *pueblos* das missões durante a guerra com o Brasil. A medida era boa e o projeto bem concebido, pois desde o Arapeí até a fronteira brasileira, não se anda três léguas sem encontrar uma aldeia ou, ao menos, algumas cabanas. Desgraçadamente, porém, esses índios nada industriosos, inclinados naturalmente à preguiça, foram abandonados à própria sorte. Os brasileiros, vendo com enfado despovoar-se, dia a dia, o território que cobriavam, intrigaram de tal maneira entre os guaranis, que fizeram destes inimigos declarados dos orientais. Foi então que esses índios, antes dóceis, se uniram aos arrogantes charruas e a alguns gaúchos criminosos para pilhar, devastar em comum todas as estâncias, assim como as povoações do interior, a fim de venderem os animais e os couros roubados aos portugueses e brasileiros, que achavam muito cômoda essa maneira de enriquecer, ao mesmo tempo em que iam alimentando com ela o ódio que ainda sentem pelos chamados *espanhóis*. Os guaranis e os charruas serviam também de instrumento aos facciosos para provocar a agitação dentro da República, o que fez o governo oriental tomar uma medida enérgica, com o fim de garantir as propriedades dos cidadãos e manter a ordem no país. Pôs algumas tropas em campo, as quais destruíram todas as aldeias de índios, assim como o resto dos charruas entrincheirados nas montanhas da fronteira norte. Uma parte voltou para as antigas Missões, e a outra foi levada cativa para a capital, onde as mulheres e crianças foram distribuídas pelas casas particulares e os homens incorporados ao Exército. Desde essa época, que data apenas de 1833, toda a região, que se estende do Salto ao Brasil, está em parte deserta, e não poderá comportar estabelecimentos estáveis e de alguma importância, se nela não forem instaladas colônias de estrangeiros industriosos, assistidos, encorajados e prudentemente dirigidos por homens hábeis. Então, poderiam constituir-se, com a proteção de um governo esclarecido, estabelecimentos agrícolas ou industriais que prosperariam, sobretudo se a cultura da *yerba* fosse melhorada nas Missões.

Passamos a noite nesse lugar abandonado. Rimos muito de um logro de que fomos vítimas: caminhando pelo campo, encontramos um

ninho de *ñandús*,¹¹ isto é, um montão de mais de sessenta ovos, que o avestruz macho estava chocando. Na nossa alegria por tão belo achado, apressamo-nos a repartir uma porção entre todos, enchendo com eles nossas mochilas, bolsos e lenços. O provençal, mais glutão que nós, havia tirado as calças e feito com elas um saco para levar maior quantidade. Dali nós fomos, a caminhar alegremente, com o nosso tesouro, através das gramíneas altas, dos juncos e pântanos lodacentos. Ao chegar ao barco, um de nós caiu à água, quebrou os ovos e revelou, de maneira clara, que eles estavam chocos. O provençal teve como recompensa uma omelete, que havia preparado no caminho dentro de suas calças de veludo.

A 6, passamos diante da vila em ruínas de *Belém*, e paramos ali para comer. Situada sobre uma pequena eminência, a mais de uma milha do leito do Uruguai, a vila se achava, por efeito da inundação, ao nível da água. Visitamos os ranchos arruinados; contei vinte e dois ainda de pé, inclusive a igreja que não passava também de um simples rancho ou choupana. *Belém* estava a uma distância de vinte léguas de Salto, em uma boa situação para a cultura dos campos e para o comércio do Uruguai.

A 8, paramos, para passar a noite em um lugar chamado *la Chacra del Padre*, porque pertencia ao cura de *Santa Rosa* ou *Bella Unión*, que ficava apenas a três léguas de distância. Levamos nossos recados e armas para o rancho abandonado, onde nos instalamos com a satisfação de quem encontra uma boa hospedaria, pois já nos sentíamos cansados de dormir ao ar livre nos *pajonales*. Fizemos uma fogueira diante da porta, para afugentar os mosquitos e secar nossas roupas, pois não tínhamos um fio seco em cima do corpo.

Tive a sorte de encontrar no rancho uma belíssima esfinge e falenas¹² de grande espécie; ninhos do lindo beija-flor verde-dourado, suspensos do teto entornado por uma haste de junco ou uma pequena correia de

11 Sabe-se já que o *ñandú* é o avestruz da América. Difere do da África, por ser muito menor e provido de três dedos em lugar dos dois que possui o avestruz do Antigo Continente. O *ñandú* ou *churi* dos guaranis, o *avestruz* dos espanhóis, a *ema* dos portugueses, a mesma ave pertencente à ordem dos *pernaltas*, família dos *brevipennes*, gênero avestruz.

12 Lepidópteros (vulgarmente mariposas) crepusculares e noturnos.

couro; cássidas de duas espécies,¹³ tão abundantes sob as árvores do parque, que pareciam um formigueiro. Pouco antes de chegar a essa antiga chácara, vimos muitas aves aquáticas, mas no meio de pântanos tão impraticáveis, que teria sido impossível alcançá-los. Havia *jaburus*,¹⁴ garças (*Ardea egretta*, Lin.), cegonhas *moaguary*, airões do Chile (*flauta do sol*, de Az.), grandes garças-reais cinzentas, patos almiscarados,¹⁵ todos vivendo em boa paz, sem serem perturbados, no meio desses imensos pauis, onde os únicos vegetais são os *ceibos* de flores purpurinas e algumas mimosas de estames violáceos.

Nessas paragens há uma grande ilha, conhecida pelos marinheiros sob o nome de *Isla de las Garzas*, devido à quantidade de garças que se aninham nas altas árvores de que a ilha é coberta. Na época dos amores, parece que essa ilha é toda branca, tal a quantidade de garças empoleiradas.

A 9, passamos diante da vila abandonada de *Bella Unión* ou *Santa Rosa*. Não havia mais do que uns quarenta ranchos de pé, mas parece que existiam duzentos em 1832, e que esse ponto era mais povoado e mais comercial do que Salto. Funcionavam ali uma agência da alfândega, um comando do porto e um comando militar, encarregado da polícia. Era a última povoação da Banda Oriental antes das Missões brasileiras, cuja fronteira estava apenas a duas léguas.

Desse lugar a Salto, contam-se quarenta léguas, pelo rio.

Não tardamos a atingir a terra brasileira e notamos com satisfação uma enorme diferença no aspecto do país: cervos, avestruzes em abundância, enfim uma aparência de vida e de cultura que contrastava, singularmente, com os desertos que acabávamos de percorrer. Os brasileiros não são mais industriosos nem mais trabalhadores do que os orientais e os

13 Uma azul-metálico; outra vermelha, pontilhada de negro. As cássidas são insetos que pertencem à ordem dos *coleópteros*, secção dos *tetrâmeros*, família das *cíclicas* (Meth. d'Ol.) São chamadas vulgarmente *tartaruga* ou *escaravelho-tartaruga* devido à forma dos seus élitros.

14 O gigante das aves ribeirinhas (*Mycteria americana*, Lin.), o *tuiuiu* ou comedor-de-terra dos guaranis.

15 (*Anser moschata*, Lin.). É a espécie selvagem do grande pato doméstico que se cria em França sob o nome de *pato-da-índia*. Os espanhóis o chamam *pato-real* e os guaranis *ipe-guaçu* (grande pato) . É muito abundante nas Missões.

argentinos; mas as estâncias se multiplicaram muito nessas regiões durante e depois da guerra de *ocupação*,¹⁶ e uma grande parte dos animais roubados pelos gaúchos, nas guerras de partido, vieram povoar as pastagens brasileiras. Há ali também o cuidado de queimar freqüentemente o campo, processo que renova o pasto e contribui muito para a fertilidade da terra, devido aos sais contidos nas cinzas e à destruição dos animais prejudiciais, como, por exemplo, os répteis, os gafanhotos e as formigas, que pululam em toda parte nos tempos de calor.

Passamos a noite de 9 na ourela de um bosque à margem do *arroyo del Tigre*. Juntaram-se a nós quatro brasileiros armados, que seguiam, numa piroga feita de um tronco de árvore,¹⁷ para um lugar pouco distante dali. Ofereceram-nos, amavelmente, um pedaço de carne fresca, que nos veio em boa hora, porque o nosso charque, embrulhado num couro antes de estar bem seco, e exposto depois às chuvas contínuas, começava a corromper-se. Salvo alguns pombos, quero-queros e um veado que conseguimos caçar, só comíamos, ordinariamente, essa carne má e muito salgada, acompanhada da farinha de mandioca que fazia as vezes de pão. Disseram-nos que nada tínhamos a temer na terra brasileira,¹⁸ nem dos animais nem dos homens, ao contrário do que acontecia no país que tínhamos percorrido. Citaram-nos muitas pilhagens, cometidas havia pouco tempo, e nos garantiram que tínhamos tido muita sorte em escapar do ataque dos índios errantes, que rondam as margens do Uruguai para assaltar os viajantes.

Passarei rapidamente sobre as privações, a *miséria*, que tivemos de sofrer durante uma navegação de cinco semanas, por um rio transbordado, um país quase deserto, expostos às intempéries de uma estação chuvosa e tempestuosa. De 10 a 13, por exemplo, choveu constantemente. Sobreveio um vento tão forte que fomos arrastados para o meio do rio. Nosso leme foi arrancado e, sem as ferramentas que levava comigo, não teríamos conseguido

16 V. nota J, pág. 300.

17 Vi pela primeira vez, no Salto, essas longas pirogas, semelhantes a baleeiras, fabricadas com um tronco oco de árvore, cuja madeira, muito leve e resistente, convém perfeitamente a esse fim. Tinham sido construídas no Alto Uruguai.

18 *Esta é boa terra!... a terra do Brasil! é coisa!... V. Mcês. não têm que temer nada não... pois não! pois então? ... etc.*

colocá-lo de novo. Só depois de dois dias, passados sob uma tenda furada, feita com a única vela de algodão que tinha o barco, foi que vimos o sol reaparecer, pálido e lívido como se saísse de um sepulcro. Entretanto, apesar de seu aspecto triste, ele nos trazia a esperança de uma sorte melhor. Sua aparição reanimava a nossa coragem abatida pela contrariedade de ver expostas ao perigo nossas bagagens, coleções, e diferentes obras que levávamos ao sr. Bonpland.

Quando, pouco a pouco, o sol, retomando seu vigor, penetrou e reaqueceu com seus raios vivificantes nossas roupas embebidas de água, a alegria começou a renascer em nossas caras desanimadas... Ah! como o sol é necessário nesses vastos desertos, onde a gente percorre grandes distâncias sem encontrar no caminho uma única choupana em que possa abrigar-se das tempestades e do frio *pampero!*... Sempre é possível resguardar-se dos raios de sol, por mais ardentes que eles sejam, mas alguns dias de chuva contínua bastam para produzir inundações e fazer grandes estragos. Nas cidades e vilas dessas regiões baixas, uma estação muito chuvosa traz consternação aos habitantes; as comunicações tornam-se difíceis, devido às enchentes os terrenos transformam-se em lodaçais; as carretas de transporte ficam atoladas, ou, com as imensas rodas movendo-se dificilmente no eixo de madeira, levam meses inteiros para percorrer trinta ou quarenta léguas; as habitações cobertas de junco ou de caniço deixam filtrar as águas no interior; cada um fecha-se em sua casa; o comércio fica paralisado; tudo, enfim, é desânimo e tristeza, e os próprios animais parecem tristes e abatidos.

A 14, passamos diante da aldeia de *Santana*, primeira guarnição brasileira ao subir o Uruguai. A enchente excessiva do rio tinha feito estragos nessa aldeia, composta de uma dúzia de ranchos. Muitos tinham sido levados pelas águas, e os restantes estavam ameaçados de ser invadidos. Os pobres habitantes tinham acampado num montículo, esperando o fim desse dilúvio.

Quem poderia pensar que, viajando num rio, estivesse exposto à fome e à miséria? Entretanto, é o que acontece freqüentemente aos que não estão, ao contrário de nós, providos de armas e de munições. Alguns portugueses que vimos passar numa piroga e que também subiam o Uruguai, tinham passado três dias sem comer. Quando lhes oferecemos

o resto do nosso charque meio apodrecido, disseram que lhes tínhamos feito um grande favor. Estavam furiosos contra Santo Antônio, que ficara surdo a suas promessas e súplicas. Nós mesmos estávamos racionados; fazíamos apenas duas refeições... dessas excelentes refeições compostas de charque picado e farinha de mandioca, misturados juntos na panela, com um pouco de graxa de boi e água do rio!... E para saciar a sede ardente que devorava nossas entranhas, em conseqüência dessa *comession* (*sic*) brasileira, o Uruguai era o tonel de que nos servíamos largamente. Nossa caçada nem sempre era frutuosa: os veados e avestruzes eram demasiadamente ariscos e, quanto aos tinamus e quero-queros, sua carne é tão seca e insípida que, esgotada a nossa provisão de sal, preferíamos comer o charque apodrecido.

Não longe de um regato chamado *El Sauce* vi, junto de um barranco que ficava no meio da planície, um grande número de cristalizações brancas e violáceas em prismas implantados e *encaixados* uns nos outros de modo a formarem um bloco bastante volumoso e aparentemente compacto que, ao ser quebrado com um choque violento, deixava ver cristais muito bonitos mas pouco resistentes. Os blocos estavam enterrados na terra silicosa, como pedras de calçamento, e só mostravam uma superfície escura e áspera. Ao longo dos barrancos, recolhi, em uma camada muito tênue de turfa seca, pequenos geodos quartzosos e calcedoniosos, em parte divididos interiormente e pseudomorfos. Davam a impressão de raízes ou pedaços de madeira petrificados. Encontravam-se em grande quantidade; e o barranco estava, além disso, coberto de seixos quartzosos. É preciso notar que o Uruguai já não pode atingir o nível dessa planície.

A 18 de novembro, no momento em que admirávamos um belo nascer do sol, o patrão nos disse, mostrando ao longe uma palmeira muito elevada, a única que conseguimos ver na margem oriental: “Estão chegando ao fim de seus trabalhos. Ali está a estância de São Marcos, que dista, apenas, umas dez léguas da vila de Itaqui.” Tivemos de recorrer aos remos para chegar antes da noite, pois o vento era contrário e havia uma forte corrente, devida à enchente excessiva do Uruguai. Cerca do meio-dia, o sr. Nouel e eu descemos a terra, com a intenção de ir caçando até a estância. Subimos algumas colinas pouco elevadas, cobertas de calhaus redondos e de seixos de quartzo e tivemos, depois, de atravessar panta-

nais, onde vimos muitas pernaltas, avestruzes, veados,¹⁹ *carpinchos*,²⁰ garças-brancas (*ardea alba*), garças-reais e *pelulos*.²¹ Era noite fechada quando chegamos à estância, situada numa altura que dominava os campos a ela pertencentes. Tal situação é sempre cobiçada pelos estancieiros, que podem, nos tempos de agitação, velar melhor pelos seus rebanhos e impedir os roubos de gado. Logo que o sr. Nouel e eu desembarcamos, fomos vistos da casa, ainda que estivéssemos a cerca de três léguas de distância, e o estancieiro, não sabendo quem éramos, despachou imediatamente dois peões para reunir a cavallhada e encerrá-la no curral.

A base dessas colinas isoladas, cobertas de seixos até o cimo, é um grés cor de sangue, muito bem formado, próprio à pavimentação de calçadas, casas, etc. Construía-se então um muro destinado a fechar o curral, com placas desse grés, de quatro a cinco pés de comprimento e seis a oito polegadas de espessura. Isso me fez pensar que aquele banco de grés devia ser estratiforme.

Fomos muito bem recebidos na estância de São Marcos: o estancieiro brasileiro ofereceu-nos um jantar esplêndido acompanhado de um excelente vinho do Porto. É verdade que, pensando que éramos negociantes, tinha a esperança de tratar conosco alguma operação vantajosa, e ficou seriamente desapontado quando soube que não passávamos de *apanhadores*

19 Além do *guazuti* (*Cervus campestris*), muito abundante ali, vi o maior dos cervos descritos por Azara, o *guazu pucu* (*cervus peludosus*, Desm.) que habita os lugares pantanosos, ao passo que o *guazuti* vive nos terrenos secos mas descobertos.

20 Os *carpinchos* dos argentinos, *capivaras* dos brasileiros, são os *cabiais* dos naturalistas. Só se conhece uma espécie, a que se encontra abundantemente à margem dos regatos e rios desses países, descrita por Azara sob o nome de *capy-guara* (*Cavia capyvara*, de Lin.) e pertencente à ordem dos roedores. Esse animal, que tem a forma de porco, com um focinho mais obtuso, vive tanto na água como na terra. É impossível ver um anfíbio mais multiplicado do que esse. Sua carne, bem preparada, não é desagradável.

21 Tatus. Há ainda grande confusão na determinação das espécies desse singular mamífero, pertencente à ordem dos *desdentados*, tribo dos *desdentados comuns*, gênero tatu (*Dasytus*, Lin.). Félix de Azara descreveu oito espécies dele, mas existe ainda um número maior que o sr. d'Orbigny, sem dúvida, revelará. A carne das espécies pequenas (*multitas*) é muito delicada e muito apreciada pelos conhecedores, em Buenos Aires.

de bichinhos.²² Apesar de tudo, passamos ali três dias, para nos reabastecermos. O dono da casa lamentava, sobretudo, que não tivéssemos fumo, erva, açúcar e papel para lhe vender, porque o transbordamento dos rios o tinha impedido de ir renovar suas provisões em Alegrete, pequena cidade fronteira a três léguas dali.

A 21, fomos passear à noite a duas léguas para o norte num grande *pajonal*.

A 22, uma boa brisa de sudeste nos levou para adiante: passamos na confluência do Ibicuí-guaçu (grande rio Ibicuí) antigo limite da Banda Oriental, a nove léguas ao sul de Itaqui. É um rio de segunda ordem. Vêm em seguida a estância de Santa Maria, a cinco léguas de Itaqui, e as de Trindade, a quatro léguas. Estas últimas, em número de três, formam uma aldeia. Passamos muito perto delas e fomos passar a noite um pouco além, diante do *pueblo* da Cruz pequena povoação de índios guaranis e de alguns espanhóis, americanos, na costa de Corrientes, a duas léguas ao sul de Itaqui.

A 23 de novembro, chegamos a Itaqui. O aspecto da vila nos entristeceu mais do que o de Salto. Tinha sido invadida completamente pelo Uruguai, e os habitantes, em pequeno número, começavam a regressar, depois de terem bivacado oito dias numa colina vizinha.

Uns vinte ranchos mal construídos, dispostos sem nenhuma ordem, muito próximos uns dos outros; um solo pedregoso (grés quartzoso) cheio de lagartos e de cobras na parte oeste, pantanoso e árido, na de leste, eis o aspecto de Itaqui, no ano da graça de 1833. Esta vila é a segunda guarnição brasileira, vindo do Salto. Tem um comandante militar, que depende do de São Borja, um juiz de paz, etc.

Ficamos ainda três dias em Itaqui para mudar de barco, porque o nosso *lobo-do-mar* do *Honfleur* tinha assim decidido. Não sentimos muito, pois o homenzinho tinha se tornado uma carga para nós. Lucramos também com a troca pela *chalana*, barco chato, coberto por um teto feito de caniços e de couros esticados por meio de correias.

Enquanto esperávamos a partida, acampamos sob uma tenda, à beira da água, e para passar o tempo caçávamos nas redondezas; mas não

22 Em português no original. (Nota do tradutor.)

havia mais do que trupiais de cabeça e ventre amarelos²³ e martins-pescadores de grande espécie,²⁴ que vinham empoleirar-se até nos tetos dos ranchos.

Não é possível imaginar-se como os habitantes de Itaqui, e em geral os brasileiros que encontramos, ficavam intrigados ao ver-nos com tantas bagagens, tantas coisas inúteis a seus olhos, tantas *frioleiras*, *borboletas*, *bichinhos*, *capim*, *pedrinhas*,²⁵ etc. Isso proporcionava curiosas conversas e interessantes conjecturas entre eles. Para uns, eu era um *bispo*, que vinha restabelecer o reino dos jesuítas nas Missões; para outros, éramos espíões, enviados pelo governo francês para explorar o país e prestar conta do que vissemos; para outros ainda, de espírito mais penetrante, não passávamos de vis emissários de dom Pedro I e, segundo o maior número, éramos apenas loucos.

A 25, seguimos viagem para São Borja; mas, desta vez, pelo leito do Uruguai, que havia baixado mais de vinte pés em oito dias. Como a *challana* era grande e coberta, não tivemos necessidade de passar as noites em terrenos pantanosos. Além disso, pudemos gozar verdadeiramente a vida contemplativa, pois o espaço de trinta léguas que nos separava da primeira Missão está coberto, ao longo do Uruguai, de florestas magníficas, onde um luxo de vegetação brasileira se desenrola a cada passo. Tivemos também o prazer de fazer uma bonita colheita.

Os pássaros mais comuns eram: martins-pescadores de três espécies, airões, pegas azul-celeste, papagaios, anuns,²⁶ currucus²⁷ de cores magníficas, e belos tucanos²⁸ de papo branco, muito difíceis de alcançar.

A 1º de dezembro, chegamos ao porto de São Borja. Havia ali dois barcos de casco pontudo e uma meia dúzia de fundo chato, além de um navio de umas cinquenta toneladas, que estava no estaleiro, para ser armado em goleta e destinado à navegação no Uruguai, até Salto. O porto

23 *Oriolus flavus*, Lin. e Lath.; espécie existente em quase toda a América.

24 O martim-pescador azul-celeste, de Az. (*Alcedo cinerifrons*, Vieillot).

25 Em português no original. (Nota do tradutor.)

26 O anno-guazu, de Az. (*Crotophagus major*, Bris.).

27 O surucua, de Az. (*Trogon curuicuí*, Lin.), currucu de barriga vermelha.

28 Toco, de Buff. (*Ramphasto toco*, Lin.). Diferencia-se do da Guiana, por não ter no papo um círculo vermelho.

ou *passo* é simplesmente uma clareira escarpada, aberta no meio do mato, e bastante incômoda para os que têm mercadorias a embarcar ou desembarcar. O terreno é de argila amarela e de terra limosa, causada por aluvião recente.

São Borja (a povoação) está situada a mais de uma légua do porto. Encontram-se, depois de atravessar o mato da margem esquerda por caminhos tortuosos e enlameados, alguns ranchos, *os do Porto*, como são chamados.

Fomos a pé até a povoação, ainda que o calor estivesse excessivo. Os habitantes, acostumados como os argentinos e orientais a não darem um passo a pé, nos olhavam muito admirados. Atravessamos um campo sem árvores, arbustos ou mesmo verdura, porque o pasto – espécie de grama perfumada (erva-cidreira) de um gosto de limão, muito pronunciado – estava seco e amarelo. Em breve, a torre quadrada da igreja se ofereceu ao nosso olhar. À medida que subíamos, íamos descobrindo, diante de nós, bosques, laranjais, chácaras²⁹ cercadas de fossos enfeitados de bromélias (*nicaunata*) de folhas cor de sangue e belas flores em espiga e, longe, no leste, bosques de pouca extensão, espaçados como quintas da Alta Normandia. Voltando a cabeça, percebemos que dominávamos com a vista o Uruguai, cujo curso sinuoso, *naquele ponto*³⁰ era velado, em parte, por espessas e magníficas florestas. É que o solo argiloso (*ferruginoso*) elevava-se, numa suave inclinação, até São Borja.

29 É a mesma coisa que *chacras* em espanhol; mas aqui, como em Corrientes, a palavra não se emprega apenas para designar um estabelecimento agrícola, mas também qualquer casa de campo com jardim ou parque. Corresponde, portanto, às *quintas* de Buenos Aires. Vêem-se quase sempre muitos pés de laranjeiras e de limoeiros perto dessas chácaras.

30 A essa distância de sua foz, o Uruguai ainda tem a largura do Sena, em Paris. Seu leito conserva a mesma largura, desde as Altas Missões até Itaqui, e de lá a Salto transborda freqüentemente.

.....

Capítulo XVI

INTERIOR DE SÃO PEDRO

SÃO BORJA – AS ANTIGAS MISSÕES – PARTIDA PARA O INTERIOR – O IGUARIAÇÁ
– ALEGRETE – O BOQUEIRÃO DE SANTIAGO – CIMA DA SERRA – O JAGUARI –
O TOROPI – O IBICUÍ-MIRIM – SANTA MARIA DA SERRA –
SÃO MARTINHO – CAÇAPAVA – CHEGADA AO JACUÍ

“Q

UÊ! São essas as famosas Missões?... Os edifícios inimitáveis, o gigantesco, o grandioso, os pianos admiráveis, os *pueblos*, enfim, de que você tanto nos falava?... Que o diabo os carregue, a você e aos jesuítas.”

Era assim que me apostrofavam os meus fiéis companheiros, irritados porque, baseado no testemunho de Charlevoix, de Funes e dos velhos cronistas espanhóis, eu lhes tinha feito uma descrição pouco fiel, mas pomposa, das Missões do Uruguai. Fiz tudo o que podia para os acalmar. Mas até a eloquência poética do autor do *Gênio do Cristianismo* teria fracassado ante a convicção de uma *impostura flagrante*.

Como as Missões do Uruguai são todas, mais ou menos, construídas sobre o mesmo plano, basta descrever-se uma para se ter idéia das outras.

Sobre três lados de uma praça, de quinhentos pés de comprimento por quatrocentos de largura, são construídas pequenas casas térreas de argila ou madeira, distribuídas de maneira a formarem habitações mais ou menos se-

melhantes. Um teto de telhas cobre essas habitações e avança sobre a fachada, formando na praça uma espécie de peristilo ou galeria aberta, sustentado, de distância em distância, por pilastras quadradas, feitas de cantaria cor-de-rosa.

No lado norte da praça, estava situada a igreja, verdadeiro *teatro*, quanto ao luxo de ornamentos e de detalhes interiores. Por fora, nada tinha de notável; viam-se, simplesmente, quatro muralhas de cantaria, encimadas por um teto de telhas, e por uma pequena torre quadrada que formava internamente uma cúpula. Só o frontispício destacava-se do resto, por ter sido esculpido artisticamente pelos índios, sob a direção dos jesuítas, e por não ter entrado em sua construção, como também na das outras habitações, nenhuma guarnição de ferro. Um pórtico, sustentado por colunas de madeira dura, ocupava a fachada da igreja, em cujo recinto se entrava por uma escada quadrada, de poucos degraus.

À esquerda da igreja estava situado o colégio, atrás do qual estendia-se um soberbo jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, figueiras, plantas indígenas, etc., e cercado de um muro *de pedras* em toda a sua extensão. O colégio, como é de imaginar, era confortável e solidamente construído. Ao lado, ficava um hospital e viam-se em seguida oficinas *públicas*, lojas *públicas*, cozinhas *públicas*, etc., etc.

Entra-se na praça pelas extremidades norte e sul. É uma verdadeira caserna essa praça, em torno da qual se espalham, sem ordem regular, ranchos, chácaras e algumas casinhas bem conservadas. As autoridades e os principais comerciantes ocupam as antigas habitações dos índios; o comandante militar está instalado no colégio; o hospital, as lojas e oficinas estão em ruínas, e os habitantes, em vez de pensarem em reconstituí-los, tiram os materiais para empregá-los em construções novas. O culto católico é celebrado em uma capela contígua às galerias laterais da praça.¹

1 O cura de São Borja, pouco prudente, foi expulso do lugar durante a nossa permanência ali. Há muita imoralidade entre os padres brasileiros, e eu mesmo fui testemunha de cenas escandalosas, em diferentes localidades. O próprio bispo do Rio de Janeiro dizia publicamente, enquanto comprava quinquilharias parisienses para uma de suas filhas, *é para um fruto de minhas fragilidades* (*). Os legisladores brasileiros pensavam seriamente no casamento dos *padres* e na supressão da *confissão*, medidas da *mais urgente necessidade*.

(*) Em português no original.

Hesitamos algum tempo, antes de visitarmos a igreja, porque temíamos que seu teto desabasse de um momento para outro. Cada vez que o vento sopra, desprendem-se do alto enormes vigas que, rolando com estrondo, sacodem o resto do antigo edifício, cuja forma é um quadrado longo sem corpo lateral nem campanário. À entrada do coro, sobre a tribuna, elevava-se a cúpula de madeira, de que falei, decorada de belas pinturas. Duas filas de colunas também de madeira, de ordem toscana ou rústica, sustentavam o teto e formavam uma nave. Os ornamentos tinham sido retirados. Restavam, apenas, dois altares laterais; mas encontramos grande parte dos ornatos do coro, amontoados desordenadamente em duas peças, que serviam outrora de sacristia. Os dourados ainda estavam em bom estado; os jesuítas tinham sido pródigos com eles, como também com as *imagens* e pinturas. Esse conjunto de capitéis, de frontões, de colunas torcidas, estriadas ou lisas; esses quadros, esses ornamentos sobrecarregados de dourados finos, essas pinturas notáveis e delicadas esculturas, esses *santos* de todos os tamanhos, de todas as ordens monásticas, destinados a representarem um papel importante no meio de um povo de neófitos facilmente crédulos, tudo isso nos deu a impressão de um depósito de teatro e nada mais... Senti uma grande piedade, pensando na condição miserável dos cristãos, cuja sorte se decide num concílio de Trento ou na cela de um discípulo de Loiola, sobre este tema fundamental: todos os meios são bons para *fascinar os povos!*... Mas da piedade passei prontamente à indignação, vendo santos em tamanho natural, cujos olhos móveis dentro das órbitas podiam derramar lágrimas de sangue!... enquanto outros *santos* tinham por missão especial fazer sinais negativos ou de aprovação com a cabeça ou com as mãos!!! “E que faziam, além disso, os idólatras?” – perguntaram meus companheiros... São esses, afinal, os *grandes meios*, que tolera a religião *católica, apostólica e romana!*!!! Ó estupidez dos povos! Vossos *confessores* têm razão em transformar em crime a *curiosidade!* Vamos, boa gente, vamos, continuei a tolerar que vos atirem poeira dentro dos olhos...

A missão de São Borja foi fundada em 1690 por alguns colonos da povoação de Santo Tomé, porque a tática (aliás muito inteligente) dos reverendos padres era empregar um certo número de habitantes de uma antiga aldeia de índios como núcleo da nova povoação. E os selvagens sentiam-se atraídos, menos pelos benefícios do cristianismo, que eles

absolutamente não compreendiam, do que pela perspectiva de encontrar um asilo contra o rigor dos espanhóis e, sobretudo, contra a crueldade dos portugueses, que os caçavam com cães para que fossem morrer dentro das minas, depois de convenientemente batizados.²

Examinemos, rapidamente, o governo teocrático dos jesuítas:³

As Missões do Paraguai eram compostas de trinta aldeias ou *po-vos*, cuja situação era a seguinte: *sete*, na margem esquerda do Uruguai, e que atualmente fazem parte do Brasil; e *quinze*, entre o Uruguai e o Paraná, na parte nordeste da província de Corrientes. Todas elas deixaram de existir, mas suas ruínas ainda se distinguem. Os brasileiros, na guerra contra Artigas; os índios, nos seus levantes, e os paraguaios, com sua retirada, concorreram juntos para aquela devastação, que foi, finalmente, consumada pelos orientais. Havia, além dessas, *oito* Missões na margem direita do Paraná, isto é, no Paraguai propriamente dito, e que ainda existem hoje em dia.

As sete Missões da margem esquerda do Uruguai estavam assim distribuídas: *São Borja*, a uma légua do Uruguai e a três léguas, ao sul, do rio *Camaquã*; *São Nicolau*, na margem direita do Piratinim, a três léguas, mais ou menos, de sua confluência com o Uruguai; *São Luís*, *São Miguel*, *São Lourenço* e *São João*, entre os rios Piratinim e Ijuí, e *Santo Ângelo* nos *ervais*,⁴ na margem direita do Ijuí. São Miguel era a capital das Missões do Uruguai.

As oito Missões que ainda existem no Paraguai, embora os jesuítas tenham sido expulsos delas, como o foram de todas as outras desde o ano de 1768, podem, contudo, dar uma fraca idéia desse edifício famoso dos astuciosos padres. Apesar da opinião contrária do deão Funes (discípulo da sábia corporação), o *zelo apostólico* foi o que menos influiu

2 Charlevoix, Raynal, Azara e Funes.

3 Não se deve esquecer que era um governo *modelo*, como o que a santa corporação desejava ver implantado na Europa.

4 Florestas onde cresce o arbusto, impropriamente chamado *erva-do-paraguai* e das Missões. Foi descrito pelo sr. Auguste Saint-Hilaire sob o nome de *Ilex Paraguayensis*, e por Lineu sob o de *Psoralea grandulosa*. Suas folhas, que os guaranis designam pelos nomes de *caa-cuys*, *caa-mini* e *caa-guaçu*, segundo o seu desenvolvimento, só podem ser tomadas em infusão depois de maceradas muitas vezes.

em todos os seus empreendimentos. Os jesuítas, profundos pensadores, homens de talento (*no seu sistema*) e que foram durante longo tempo os únicos depositários das ciências, não podem deixar de ter refletido e compreendido, desde as primeiras tentativas, que é absolutamente necessário ao homem um primeiro grau de civilização, para que ele consiga, ao menos, saber do que se trata, quando lhe falam de *religião*... especialmente de uma religião erigida de dogmas. Assim, não se deve acreditar que as celebérrimas Missões dos jesuítas tenham sido formadas pela pregação do Evangelho. Os padres encontraram muitos estabelecimentos já criados pelos conquistadores e não fizeram mais do que transferir sua posse.⁵ Tinham de lidar com índios já vencidos, abatidos, escravizados, pertencentes à raça dos guaranis, cujas tribos, ainda em estado selvagem nas montanhas setentrionais do Paraguai, são tão pouco empreendedoras que raramente causam perturbações. Já vimos de que método simples os jesuítas se serviam para formar uma nova povoação; mas é sabido que a *astúcia* e a *força* foram também empregadas por eles para aumentar o número dos neófitos.

Essas Missões, diz o sr. Rengger, tiveram contudo a vantagem de proteger os índios; mas, em lugar de fazê-los entrar no caminho da civilização, a fim de conseguirem um dia transformá-los em cristãos, os jesuítas serviram-se deles como de simples autômatos, que exploravam em proveito próprio.

Os mais penosos trabalhos eram feitos *ao som da flauta e do tamborim!* Como isso é poético! Podeis imaginar *trinta mil* índios, dançando e trabalhando cada dia *ao som da flauta*, diante dos *bons pais* que não faziam nada?... E carregando com esforço, das pedreiras distantes, pedras de cantaria de um tamanho considerável, destinadas à construção de habitações espaçosas e cômodas para os reverendos padres; vigas enormes, colunas de grande dimensão, levadas sobre os ombros; riquezas incalculáveis, produtos das estâncias, das chácaras, das plantações de

5 Vide a interessante obra dos srs. Rengger e Longchamp, *Essai historique sur la révolution du Paraguay*; Félix de Azara, tomo II; e, sobretudo, o livro oitavo da *História filosófica*, de Raynal, em que a conduta dos jesuítas é julgada com a maior imparcialidade.

mate, de algodão, de tabaco, de arroz, de cana-de-açúcar, de trigo, etc., depositados cada dia nos armazéns *públicos*, para a *comunidade*... tudo isso ao som da *flauta* e do *tamborim*... Em *cadência*! Eis o que se chama compreender a Bíblia! Tratai, portanto, de pôr os vossos bens em comunidade com os senhores jesuítas, para terdes, como os guaranis, uma *camisa comum*, um *calção comum*, a *ração comum*, e os pés descalços toda a vida! Mas, cabeças duras que sois, estareis livres de *revoluções*, garantidos contra a ambição dos vossos semelhantes, sereis, em uma palavra, *felizes*. Obrigado. Lembrai-vos, por acaso, que vossa mãe contava (no bom tempo da infância, quando a malícia ainda era desconhecida) a história das duas bilhas? Pois bem, a bilha de barro somos *nós* e a de ferro são os *jesuítas*, ou todos os que compreendem a Bíblia como eles... Um conselho: arranjai, vós mesmos, os vossos assuntos sem esquecer este dogma fundamental da liberdade do povo nos Estados Unidos:

“A Providência deu a cada indivíduo o grau de razão necessário para que ele possa dirigir-se, por si mesmo, nas coisas que o interessam exclusivamente.” – Esta é a grande máxima sobre a qual repousa a sociedade civil e política do Continente americano.⁶

Passamos dois meses nas Missões, indo e vindo de São Borja ao Piratini, em cuja confluência estava o excelente sr. Bonpland,⁷ vivendo isolado, instalado mais ou menos como o consolador de Chactas. O ex-intendente da imperatriz Josefina, o viajante célebre, acolheu-nos com uma bondade perfeitamente paternal e fez questão de contribuir, no que dele dependia, para o sucesso de nossas caçadas e de nossas colheitas zoológicas. Quando partimos de São Borja, o sr. Bonpland estava em vésperas de partir para a província de Corrientes, de onde deveria, em seguida, descer para Buenos Aires.

6 O pai de família aplica-a a seus filhos; o patrão, aos criados; a comuna, aos seus habitantes; a província às comunas; o Estado, às províncias e a União aos estados. Estendida ao conjunto da nação, esta máxima é a mais alta expressão da soberania popular.

Vide Alexis de Tocqueville, *De la Démocratie en Amérique*, 2 vols., in 8º.

7 No rincão de São João Mirim.

Toda a campanha próxima ao Piratini⁸ é acidentada e as pastagens são adequadas à criação de cavalos, mulas e animais lanígeros. Faz-se grande comércio de muares com a vizinha província de São Paulo. Um grés avermelhado, quartzoso, pareceu-me formar a base das colinas. Há muitas florestas de pouca extensão mas freqüentemente repetidas. Chamam-nas *capões*⁹ ou *matos*, segundo o tamanho que têm, e correspondem às *islas* da província de Corrientes.

A 4 de fevereiro de 1834, despedimo-nos dos srs. Ingres e Serni, para aproveitar uma caravana de carretas que voltava a Rio Pardo. Essa caravana compunha-se de sete carretas, quatro cobertas e três descobertas, cada uma puxada por oito bois, e levando em tropa, para a muda, mais trinta bois e oito cavalos. Além de mim e dos meus dois companheiros, o pessoal se compunha do *tropeiro* ou *capataz*, e de quatro *arreadores*, dos quais dois negros e um índio. O capataz e o outro arreador eram brasileiros. Íamos ora a cavalo, ora a pé, ora de carreta.

A 10, no fim do dia, chegamos à margem esquerda do *Iguariaçá*, pequeno rio que corre sobre um leito de grés vermelho. Esse curso d'água nasce nas montanhas, não distantes dali e, depois de receber vários rios menores, vai lançar-se, a noroeste, no Camaquã. Quando ali chegamos, ele não tinha mais que algumas polegadas d'água, mas, com as menores chuvas, transborda nas planícies adjacentes e sua correnteza torna-se rápida.

Calculo que tenhamos percorrido de quatorze a quinze léguas a sudeste de São Borja. A região é montanhosa, alternando freqüentemente com vales profundos e costas muito inclinadas. Solo de transporte e de sedimento; grés grosseiros recobertos de pouca terra vegetal. É junto ao Iguariaçá que começa, ou termina, a *serra*, cadeia de montanhas pertencentes à serra do Mar, ou *cadeia oriental* do sistema brasileiro.

A 11, às três horas da tarde, começamos a galgar encostas que podiam ter sessenta toesas de elevação. A vista era muito variada: divisava-

8 Rio de quarta ordem, como o Camaquã.

9 É no meio desses bosques que se fazem cultivos de milho e outros; tomam então o nome de *roça* ou de *roçado*.

se uma extensão de dez léguas de terra, ao norte e ao oeste; muitas florestas pouco extensas mas espessas, *multiplicadas* nos lugares úmidos e na inclinação *austral* das encostas.

A vinte léguas, mais ou menos, ao sul do Iguariaçá, encontra-se *Alegrete*, pequena cidade fronteira da província do Rio Grande com a Banda Oriental. Está situada, segundo informações que pude obter, mais ou menos, a trinta graus e dez minutos de latitude (salvo erro), na margem direita do *Ibirapuitã*, pequeno rio chamado *Ybiripita* pelos guaranis, e que vai lançar-se, ao norte, no Ibicuí. Essa pequena cidade, muito nova, levanta-se sobre colinas rochosas que produzem pastagens muito boas. Criam-se ali muitos animais, principalmente muars. O seu comércio é ativo. A algumas léguas para o sul, há montanhas ricas em metais; uma delas contém uma mina de ouro de fácil exploração.

Na noite de 13, chegamos a uma região de *Cima da Serra*, chamada *Boqueirão de Santiago*, a mais ou menos treze léguas sudeste do Iguariaçá. Três ou quatro chácaras e estâncias à entrada de um vale arborizado, onde corria um límpido regato, e alguns animais, que pastavam nas planícies onduladas, formavam uma pequena paisagem animada. Culturas de milho de mandioca, de tabaco, de feijão-negro, etc. Muitos papagaios de papo e ventre violeta; uma outra bela espécie verde e vermelha que vive em bandos; o *gavião-de-lágrimas* e o pequeno *gavião-variado*; o beija-flor verde-dourado; trupiais negros, e os catartos *aura* e *urubu* eram as únicas aves que havia nessa localidade, onde ficamos quatro dias para consertar os eixos quebrados.¹⁰

A 17, chegamos à parte mais desordenada, mais agreste, mas também a mais pitoresca de *Cima da Serra*. Ali, florestas antigas onde domina a gigantesca timbaúva, cujo tronco serve para fazer grandes pirogas; um arroio de água clara e límpida; as choupanas dos pobres *moradores*, isoladas no fundo de um largo e profundo vale onde pastavam vacas e carneiros; rochas escarpadas que ameaçam o viajante; colinas recentemente queimadas, sobre as quais pairavam silenciosamente abutres *aura*; outras

10 Há muitos fragmentos de grés *quartzoso-argilífero* endurecido, que formam numerosos blocos alongados, próprios para afiar, e que se encontram disseminados sobre um solo argilocalcário, contendo, além do sílex negro, geodos, rochas cristalinas, etc.

ainda cobertas de altas gramíneas (*andropogon*) de talos de ouro, destinadas também a serem presa das chamas devoradoras, eram os detalhes principais de um vasto quadro, do qual o nosso olhar só distinguia os contornos.¹¹

A 18, descemos a um vale profundo, arenoso, cercado de grandes árvores grossas, e dominado por imensos blocos de grés, suspensos sobre ele como edifícios prestes a desabar. Uma outra caravana reunira-se à nossa durante a noite, de sorte que os ecos das montanhas faziam reboar os gritos selvagens dos arredores animando os bois, e o grito indefinível dos eixos de madeira aquecidos pelo atrito. Viam-se abundantes pastagens, capinzais espessos, mas desprovidos de sabor e de qualidades nutritivas, pois os habitantes das montanhas são obrigados a dar, quatro a cinco vezes por ano, rações de sal aos animais para incitá-los a comer. Vimos vacas e bois acompanharem longamente nossas carretas, lamberem-nas de todos os lados, como se quisessem mostrar a necessidade urgente que tinham de comer sal. Os moradores da serra, depois das rações de sal, costumam dar aos animais a cinza de vegetais alcalinos queimados. Este processo os purga e os dispõe a engordar.¹²

11 As rochas são todas de grés de várias espécies; mas as que predominam são as de grés quartzosos brandos, *avermelhados* ou *amarelados* e outros de um grão mais fino, mais duro e *lustroso*. Os montículos são compostos unicamente de argila ferruginosa vermelha, como nos arredores de São Borja, sem cristalização. Paramos perto de um regato que corria no meio de rochas maciças de grés, sobre um fundo formado por uma matéria cor de sangue, celular, muito semelhante ao hidrato de ferro, mas tão dura que não pude arrancar um único fragmento. Fui tentado a tomá-la por uma lava, ainda que não houvesse nenhuma aparência de vulcão nas imediações. Um pouco antes de chegar a essa localidade, encontrei em uma torrente pequenas massas de *pozolita* (escória vermelha decomposta), consistente e endurecida pelo *zeólito* (determinado por Cordier). Além destas, havia pequenos blocos de *calcário concrecionado*, contendo argila avermelhada, possivelmente de origem vulcânica, e, finalmente *retinito* escuro. Nas florestas, recolhi duas espécies de capilares, que se encontram também nas Missões, o *adanthum capillus veneris*, Lin. e o *adiauthum affine*, Spr., com outros criptógamos interessantes.

12 Em Buenos Aires, vi gaúchos usarem essa espécie de purgante. Assavam a carne, salpicavam-na de cinza e comiam-na, bebendo depois uma grande quantidade de água.

Há poucos habitantes nessa parte da serra. Os que se encontram são pobres homens laboriosos, mas não industriais, que obtiveram concessões gratuitas de terreno no meio ou na proximidade dos bosques. Vivem, ou antes, vegetam com suas famílias, ajudados por uma natureza vivificante e pela amenidade de um clima salubre. Cultivam um pouco de milho, mandioca, feijão e melancias na estação adequada. Não podem criar muito gado, devido à dificuldade de conseguir o sal necessário à sua alimentação. Este inconveniente, ocasionado pela qualidade dos pastos é geral em toda a parte alta do Brasil, assim como em certas regiões da Banda Oriental; mas, nessa província, é somente na serra e, sobretudo, entre o Jaguari e o Iguariaçá, que a falta de sal se faz sentir, porque existe nos outros lugares uma argila limosa, salitrosa, chamada *barro*, que os animais comem com a mesma avidéz com que comem o sal.¹³ Seria fácil remediar o inconveniente da falta de sal, com meios de transporte capazes de trazê-lo, seja pela via do Uruguai e do Ibicuí, seja pela de Porto Alegre e do Jacuí. Então, formar-se-iam estabelecimentos muito úteis nessas montanhas, destinados à criação de animais, principalmente de muars.

Depois de ter seguido o vale, em direção leste, na distância de duas léguas, a estrada faz uma volta ao sul, subindo de novo as montanhas. Chega-se, então, a um novo planalto e o aspecto da região muda completamente. Desce-se, de maneira contínua, o espaço de cinco ou seis léguas, até o rio Jaguari-guaçu. O solo não é mais seixoso. Vê-se, apenas, areia fina, branca como a neve em muitos lugares e vermelha em outros. Esta última está abaixo da primeira na superposição das camadas.¹⁴ Ao

13 Os terrenos onde se encontra este barro são chamados *barreros* pelos espanhóis e *barreiros* pelos portugueses. O sr. Auguste Saint-Hulairé diz que eles existem na província de Minas Gerais e particularmente no *sertão*. É uma coisa muito importante para os estancieiros. Os animais da serra sofrem muito, por causa de um inseto conhecido no Brasil sob o nome de *carrapato*. É da ordem dos parasitas, gênero *ricinus*, de G. (*ixodes*, de Latr.) e incomoda os homens tanto quanto os animais. Em 1834, tinha-se propagado de tal modo, que se tornou um verdadeiro flagelo. Os animais estavam cobertos por eles e morriam em poucos dias. Ofereceu-se uma boa recompensa a quem encontrasse o meio de destruir esse inseto.

descermos, atravessamos a aldeia de São Francisco, onde havia, outrora, uma capela e uma pequena povoação de guaranis, dependentes das Missões. Atualmente, não existem mais do que dez ou doze choupanas, e três ou quatro casas de madeira com telhado vermelho. Entretanto, novos *povoadores* começaram a estabelecer-se ali e a cultivar as terras. Havia mesmo duas *vendas*, o que não deixará de atrair outros *moradores* das montanhas. A aldeia está convenientemente situada sobre um pequeno planalto, atravessado pela estrada das Missões, e cercado de florestas, arroios e pastagens, numa posição que domina grande extensão de terras. Como está na proximidade do Jaguari-guaçu, afluente do Ibicuí, esse lugar será muito em breve o mercado das aldeias e das estâncias da serra das Missões.

A uma légua da aldeia de São Francisco, passamos um pequeno rio chamado Jaguari-mirim. Corre sobre areia branca e transborda com as menores chuvas, mas sua pouca profundidade torna-o vadeável em qualquer tempo.

A 19, tínhamos a serra à nossa esquerda. Depois de subirmos, descermos e rodarmos continuamente montes isolados cobertos de florestas sombrias, chegamos à margem direita do Jaguari-guaçu, rio de terceira ordem, cujos arredores são magníficos. Nasce na serra, na direção nordeste,¹⁵ e vai lançar-se, depois de muitas voltas, no Ibicuí-guaçu, a sudoeste.

O Jaguari estava muito baixo, felizmente para nós, porque teria sido difícil atravessá-lo sem acidente. Nesse lugar (*o passo*), ele corre sobre

14 Estudo geológico de um barranco de 20 pés de profundidade, sobre esse planalto da serra. *Terra escura*, proveniente de detritos de vegetais, 2 a 3 pés; *areia branca*, fina, compacta, 6 pés; *areia vermelha* misturada de argila, 2 pés; *argila limosa* ou barro, 2 a 3 pés; uma rocha branda, em formação, de bela coloração rósea jaspeada de amarelo, proveniente da mistura das camadas de areia vermelha e branca, unidas por um cimento argilo-calcário em dissolução na água do barranco, formava o fundo e estendia-se bem para diante. Perto do barranco, um montículo margoso. De resto, pouco calcário; todas as montanhas e montes isolados só me proporcionaram grés de várias espécies.

15 A partir do rio Toropi, a serra faz um grande ziguezague, afastando-se um pouco da linha *leste* e *oeste*, para o norte; depois volta a descer a *sudoeste*, entre o *Jaguari* e o pequeno rio Iguariaçá, ramificando-se e estendendo-se muito, em direção à Banda Oriental e às Altas Missões. Sua massa principal, *não interrompida*, fica entre a aldeia de São Francisco e o Boqueirão de Santiago.

um fundo de areia e de cascalho. As margens, que têm mais de vinte pés de escarpadura, são de areia branca muito grossa, sendo que a esquerda parece uma duna, devido à quantidade de areia amontoada. Apesar de suas margens escarpadas, o rio subiu, ultimamente, nas planícies vizinhas, a uma altura de quatro ou cinco pés acima do seu leito natural.

Os calhaus redondos e os blocos esparsos no fundo do Jaguari são todos grés de espécies diferentes. Uma parte considerável da margem esquerda, misturada de argila e de areia, esboroadada, solta, arrastada para o meio do rio e obstruindo-lhe o curso, já tinha tomado uma consistência pedregosa. Algumas partes mesmo, batidas pelas correntes, estavam *polidas*.¹⁶ Mas o que mais me surpreendeu, a mim que procurava tomar a natureza *como ela é*, foi encontrar ali, na margem direita, uma rocha de grés jaspeado, ou malhado semelhante à que tinha observado *em formação* em um barranco da serra. Era, na superfície do solo, um grés quartzoso, argilífero brando, mosqueado de amarelo e vermelho e, embaixo, bem avançado provavelmente, *o mesmo grés*, com as mesmas cores, mas muito duro, polido e não argilífero.¹⁷

Diante do vau, à distância de um quarto de léguas, isolada na planície verdejante, eleva-se uma montanha de mais de cem toesas de altura, que parece uma fortaleza defendendo a passagem e protegendo a planície. Sua forma é exatamente a de um catafalco, com umas sessenta toesas de comprimento, no cume, por umas dez de largura, e bastante estendida para o norte e para o sul. A parte que dá para o oeste é irregularmente arborizada e cheia de verdes clareiras. A rocha (que me pareceu quartzosa) forma uma cornija que ocupa todo o comprimento, e está coberta, no cume, por um

16 A e B nº 10 das amostras depositadas no museu.

17 Nº 10 bis e 10 ter. id. Em geologia, a palavra *rocha* não se emprega unicamente para designar um conjunto pétreo muito duro, como se compreende comumente. Designa, também, um conjunto de substância mineral simples ou um *composto* de qualquer extensão. A casca mineral, ou a parte conhecida do globo terrestre, divide-se em *terrenos*, formados cada um por uma certa união de *camadas*. Essas camadas são compostas de massas minerais chamadas *rochas*, e essas rochas são compostas, por sua vez, de substâncias minerais simples. A *rocha* que contém substâncias úteis, como metais, por exemplo, é chamada *minério*. Os *terrenos* pertencem a diversas *formações* ou períodos, caracterizados pela natureza dos fósseis que neles se encontram.

tapete de relva sempre verde. A parte que dá para leste é uma floresta espessa. Do cabeça e do pé dessa bela montanha partem, divergindo, arroios e fontes sombreados por grandes árvores. A maior parte dos arroios dirige-se ao Jaguari, depois de ter serpenteado na planície. Este rio, que cerca de nordeste a sudeste todos esses prados, contribui muito para a beleza da paisagem. Um pouco mais longe, em direção sudeste, uma outra montanha isolada, da mesma altura, ou quase tão alta como o catafalco, apresenta o aspecto de um cone achatado, e está tão coberta de árvores até o cume que parece completamente negra. Na margem esquerda do Jaguari havia, então, uma estância com sua *venda*; na margem direita, a alguma distância do rio e sobre uma colina, via-se outra estância, coberta de telhas vermelhas de fabricação local.

Depois de partirmos do Boqueirão, tínhamos feito cinco léguas a nordeste, quatro e meia a sudeste, e depois quatro a leste. Ao todo, treze léguas e meia (aproximadamente) do Boqueirão de Santiago até o passo do Jaguari-guaçu.

Encontram-se nessa localidade muitos macacos do gênero *aluatete*, chamados pelos brasileiros *bugios*.¹⁸ Matamos um macho, velho e muito barbudo, e quase vermelho. A fêmea, que ferimos, era de um tom esbranquiçado. Quanto aos filhotes, de menos de dois anos, variavam em cor, desde o pardo ao marrom-ruço. Encontrávamos freqüentemente esses animais, em todos os matos grandes, até Porto Alegre, a 30° de latitude, e posso afirmar positivamente que eles existem ao sul de Caçapava, sob o 31° paralelo, o que é contrário à opinião de um célebre viajante, que pensa que o limite geográfico dos macacos é o 27° grau, na parte austral do novo continen-

18 É o *aluatete ursino* (*Stantor ursinus*) do Museu. Não vi esse uivador na Missão de São Borja, onde só se encontra o *caraya*, de Az. (*Stentor-caraya*). Como este, os *ursinos* trepam em bandos ao cimo das grandes árvores (os cedros principalmente) e soltam, ao nascer e ao pôr-do-sol, mesmo, durante o dia, sobretudo quando vai chover, uivos assustadores que aumentam progressivamente como um furacão e cessam repentinamente para dar lugar a um curto silêncio ou a um grunhido semelhante ao de um bando de porcos. Deram-me, em casa do sr. Bonpland, uma fêmea de *caraya*. Era de um cinzento esbranquiçado puxando a amarelo-palha, nas partes superiores das costas.

te. Vi, além disso, no Jacuí, entre Rio Pardo e Porto Alegre, uma espécie pequena, muito comum, apesar de o inverno ser muito frio naquela região. Um amigo meu (o sr. Zambeccari) levou um exemplar vivo para Buenos Aires, em pleno mês de junho. Os *coatis* são também muito numerosos nos mesmos lugares. Os negros de Porto Alegre vendem suas peles, assim como as de bugio, por uma ninharia.

As chácaras e estâncias multiplicam-se nessa localidade. O solo é composto de argila amarela e vermelha, contendo parcelas de mica. Observei nos barrancos que as gredas de formação recente, assim como as que ainda não adquiriram a dureza das pedras, encontram-se quase sempre sobre um banco de argila, que é, por sua vez, recoberto por um banco de areia, ou vice-versa. Concluí daí que é a infiltração das águas nessas substâncias que prepara o *cimento* necessário à sua união íntima, de modo a formar um corpo compacto, que endurece cada vez mais com o tempo. Notei muita greda arenácea, suficientemente porosa para fazer pedras de filtro; mas os habitantes desse lugar favorecido pela natureza não precisam se dar esse trabalho, já que cada mato, cada vale encerra um arroio ou uma fonte de água cristalina, que convida a beber por sua frescura e transparência.

A 21, o tempo eslava nublado; o vento, antes norte, passou a noroeste, depois a oeste, no meio do dia, e soprou com força. O calor tornou-se sufocante. Uma tempestade formou-se no sul e subiu rapidamente para o norte, sobre a serra, onde desabou às cinco horas da tarde. Choveu, então, abundantemente. Admiramos os efeitos magníficos das nuvens, fortemente condensadas passando como colunas de fumaça entre os picos das montanhas e as florestas de que estão cobertas.

Passamos pela aldeia de São Vicente. Uma capela, umas vinte famílias de índios guaranis, dirigidas por um tenente brasileiro, subordinado ao comandante de São Borja, constituíam a povoação. Não passa, afinal, de uma estância, conservada por milagre nas mãos dos guaranis, e dependente da Missão de São Miguel. As pastagens, ali, são melhores do que na serra. A partir do Jaguari, têm menos altura, são mais nutritivas e parecem ter mais sabor; provavelmente, também existem *barreiros*, pois os animais engordam sem precisar de sal. O terreno é muito arenoso e ondulado, e as árvores, menos vigorosas, são invadidas, da copa até o pé, por líquens, musgo liquenoso e plantas parasitas.

Entre São Vicente e o Toropi, comecei a encontrar, sobre as colinas, numerosos resíduos orgânicos pertencentes ao reino vegetal, em estado *fóssil*. Eram troncos de árvores silicosas, dicotiledônias, de três a quatro pés de comprimento. A estrada estava coberta deles, assim como de grés e de seixos de sílex negro. Senti não poder fazer algumas escavações, porque é provável que essas colinas sejam formadas, em grande parte, de resíduos dessa natureza e que nelas se encontrem ossadas de animais. Apanhei alguns belos fragmentos dessas madeiras, que podem ser vistas no Museu. São encontradas em uma extensão de mais de quarenta léguas. No fim do dia, chegamos à margem direita do Toropi, rio de quarta ordem (sempre comparativamente ao Uruguai). A chuva caía com força e a trovoada ribombava sobre a serra, que ficava à nossa esquerda, à distância de três ou quatro léguas. Temendo, com razão, que essas chuvas tempestuosas fizessem crescer rapidamente o rio, aconselhamos o tropeiro a tentar a passagem, o que ele decidiu a fazer, apesar da escuridão profunda de que estávamos ameaçados.

A passagem do Toropi é muito má em qualquer tempo, mas, particularmente, em seguida às chuvas. Do lado oeste, atravessa-se um mato sombrio, entrecortado de sangas profundas e barrentas, antes de se chegar a ele. O fundo do leito é de areia misturada, em certas partes, com cascalho. A margem esquerda, com uma elevação de doze a quinze pés, é formada por um banco de greda unida à areia e, por isso, muito escorregadia em tempo de chuva, o que constitui um verdadeiro perigo para as carretas. Foi com incríveis dificuldades que conseguimos passar. Tivemos de empregar até oito juntas de bois e, apesar da força que faziam, uma das carretas virou na subida; outra ficou atolada muito tempo e, só tarde da noite, consegui sair, pelo esforço dos bois e pelo trabalho de empurrar as rodas. Choveu, continuamente, a noite inteira. Nosso estado era lamentável e, para cúmulo da desgraça, foi impossível acender o fogo.

Não é trabalho fácil desatolar uma dessas carretas! É preciso, antes, retirar os couros, os fardos de crina e outras mercadorias de que vai carregada; amarrar cordas no alto do *toldo* (coberta leve, arqueada, mas muito alta), depois prender uma porção de bois para puxá-la, coisa que não se consegue nunca do primeiro arranco.

No dia seguinte, desci ao leito do Toropi e encontrei uma grande quantidade de fragmentos de madeira fósseis, redondos, e de espécies variadas; mais da metade dos seixos eram dessa natureza.

Tínhamos feito, mais ou menos, nove léguas, do Jaguari ao Toropi, primeiro no rumo nordeste, depois leste, depois leste-sudoeste, quando chegamos à passagem desse último rio.

A 22, às onze horas da manhã, pusemo-nos de novo em marcha para alcançar a passagem do Ibicuí, distante apenas duas léguas e meia. Tivemos de atravessar uma planície baixa, muito pantanosa, cheia de pássaros aquáticos. Nunca tinha visto tantas aves reunidas e de espécies tão diferentes. Havia, sobretudo, íbis, garças-reais, grou, a linda garça flautado-sol, de Az.¹⁹ (*Ardea cyanocephala*, de Lin.); galinhas-d'água, o francolim gigante, narcejas, quero-queros, patos, etc.

Caçamos ao longo do nosso trajeto, no meio de charcos, lagoas, juncos, e matamos um *cathartus aura* e três *mandurriás* cor de chumbo (de Az.)²⁰

Encontram-se muitos passos difíceis antes de chegar ao Ibicuí; um, entre outros, poderia passar por um rio, devido à sua profundidade.

Chegamos ao Ibicuí, rio de quarta ordem, que vem do nordeste, onde nasce no meio da serra. Depois de ter corrido, por espaço de doze ou quinze léguas, paralelamente à cadeia de montanhas, dirige seu curso a sudoeste para se reunir ao Uruguai, engrossando cada vez mais com o tributo de numerosos afluentes. Parece, se devo acreditar nas informações que colhi nesses lugares, que é um erro designar esse rio pelo nome de *mini* ou *miri*

19 Nome muito apropriado, pois tive tempo de observá-la nas Missões, onde é muito comum. Todas as manhãs nós a víamos, empoleirada numa árvore seca, o pescoço reto, estendido verticalmente olhando o sol e fazendo ouvir um assobio prolongado, doce e melancólico, semelhante a notas destacadas de uma flauta, e repetido muitas vezes no mesmo tom. Vive perto das casas.

20 O *mandurriá* ou *curucau*, propriamente dito (*Tantale albicollis*, de Lin.), é comum nas Missões e no interior dessa província. Ouve-se sua voz, de manhã e ao anoitecer, a uma grande distância. Quando caçava nas margens do Camaquã, partiam dos matos, pela manhã, iam muito longe nas planícies, e voltavam no fim do dia ao mesmo abrigo, fazendo quase sempre o mesmo trajeto.

(palavras guaranis que significam pequeno ou pequena), pois dizem que é o mesmo que vai diretamente desaguar no Uruguai, depois de receber as águas do Toropí, do Jaguari e de uma infinidade de outros rios de ordem inferior, tanto do norte como do sul. Não haveria nisso nada de surpreendente, uma vez que a cadeia de montanhas (a serra) está indicada em todos os mapas (mesmo nos de Azara) como se dirigindo para o sul, entre o Jacuí e o Ibicuí-mirim, ao passo que, contrariamente, sua direção é leste e oeste, até além do Jaguari. Há, portanto, uma retificação importante a fazer-se nos mapas.

A passagem do Ibicuí é muito fácil, quando as águas estão baixas, porque suas margens, todas de areia pura, sem mistura de seixos ou de quaisquer pedras, são perfeitamente acessíveis.

A chuva da véspera tinha-o feito crescer suficientemente para nos obrigar a descarregar nossas bagagens e colocá-las sob o toldo da nossa carreta. Felizmente, tivéramos a idéia de fechar nossas coleções em baús de lata, pois do contrário a água que invadiu a carreta as teria estragado. Os bois iam a nado. No dia seguinte, não teríamos podido passar, pois não havia ali nenhuma piroga para transportar as mercadorias, o que nos teria obrigado a esperar que as águas baixassem. Não teria sido nada agradável ficar parado, ali, como o prudente Gaspar.

Andamos duas léguas e meia no meio dos pantanais, em direção ao sul.

A 23, paramos para carnear, e fazer secar os couros molhados durante a passagem.

Havia uma estância não longe do passo, sobre uma colina que se prolongava de leste a sudeste. A qualidade das pastagens era cada vez melhor. Via-se que eram mais nutritivas, pois o gado engordava rapidamente, sem necessidade de sal. Pouca variedade na vegetação, mas belas gramíneas com numerosas sinantéreas flosculosas de cor azul, solâneas amarelas, verbenáceas azuis, espalhadas no meio da verdura dos prados.

No Ibicuí, o peixe é abundante, assim como em todos os rios e regatos que atravessamos.

Vêm-se, freqüentemente, tropas de bois e de vacas, que são conduzidas às charqueadas nos arredores de Rio Pardo. Passaram mais de duzentas vacas durante os dois dias que ali ficamos. Essas passagens são muito

interessantes: as roupas e objetos dos arreadores são colocados dentro de um couro, cujas pontas levantadas formam uma barquinha que flutua muito bem. Um índio, a nado, a conduz por meio de uma corda que segura na mão. Vimos o mesmo índio fazer oito viagens seguidas, sem parar e sem parecer cansado. O trajeto, entretanto, era de umas quinze toesas. Os outros peões passaram a cavalo, em pêlo, tendo o cuidado de escorregar ao longo das ancas do animal, cujas crinas seguravam com a mão direita, enquanto com a outra nadavam e dirigiam o cavalo batendo-lhe na cabeça. Quando a passagem é difícil, seja devido a uma enchente ou a uma corrente muito violenta, e o homem não sabe nadar bastante para se arriscar, mete-se no couro com parte das bagagens. Chama-se isso passar *em pelota*, porque, efetivamente, o couro levantado nos lados parece uma pelota. A corda é amarrada à cauda de um cavalo e vai passando, não sem correr perigo, pois se o cavalo é mau nadador, pouco dócil, ou se está cansado, a pelota de couro corre o risco de se encher de água ou de ser arrastada com o animal. Foi assim que pereceram, desgraçadamente, o doutor Frederico Sellow e dois companheiros de viagem, ao atravessarem um grande rio transbordado, na província de São Paulo.

As margens do Toropi e do Ibicuí não são tão agradáveis quanto as do Jaguari e do Jacuí. Não creio, também, que sejam muito saudáveis. Entretanto, as montanhas da serra, cobertas de florestas, que a gente distingue a noroeste do Toropi e a nordeste do Ibicuí, têm um aspecto imponente. Toda a região que se estende abaixo dessas montanhas, isto é, a leste, a sudeste e a sudoeste, apresenta grandes planícies baixas, pantanosas, terminadas em colinas pouco elevadas, cobertas de excelentes pastagens.

Os terrenos são de aluvião, compostos unicamente de areia, terra limosa, seixos quartzosos, madeiras fossilizadas e argila de diversas cores. Não existe calcário, ao menos na superfície.

A 24, matamos, no Ibicuí, um jacaré de sete pés de comprimento. São animais comuns em todos esses rios e mesmo nas lagoas. Alguns têm quinze pés de comprimento e matam vacas, cavalos, mulas, que arrastam para o fundo da água, prendendo-os pelo focinho e, quando os seus membros começam a se desunir pela putrefação, devoram-lhes a carne.

A 25, tivemos bom tempo, mas anunciando tempestade. O vento norte estava quentíssimo. O termômetro Réaumur marcava, à uma hora,

vinte e nove graus e meio, à sombra, e quarenta e seis graus e dois terços, ao sol. Pusemo-nos em marcha, às quatro horas da manhã, rumo nordeste. Seguimos a margem esquerda do Ibicuí por espaço de cinco léguas, na planície pantanosa. O caminho é terrível e, freqüentemente, cortado por charcos, fossos profundos e lodosos. Descarregamos muitas vezes as carretas para passar regatos transbordados, com cinco a seis pés de profundidade. Quando o Ibicuí transborda, toda essa planície fica inundada. Toma-se, então, um outro caminho que passa acima das colinas, para sudeste, mas que é muito mais longo. Levamos sete horas para fazer três léguas nesses pantanais.

Pelas cinco horas da tarde, uma tempestade, que se formara a leste, passou para o norte e rebentou. A chuva mais forte caiu na serra, onde o calor concentrado fê-la evaporar-se instantaneamente. Vimos nuvens espessas elevarem-se da terra e ficarem suspensas a algumas centenas de pés sobre as florestas. Às nove horas da noite, soprou um vento sul, muito violento, que varreu todas as nuvens e deixou a atmosfera pura e diáfana.

A 26, bom tempo. O vento nordeste, pela manhã, passou ao norte no meio do dia. Então, o calor tornou-se excessivo, a atmosfera carregou-se novamente de nuvens espessas e formou-se uma nova tempestade, que desabou às oito horas da noite. Felizmente, durou pouco, porque o vento sudeste soprou fortemente como na véspera.

Depois de seguir as margens pantanosas do Ibicuí, pelo espaço de cinco léguas a nordeste, a estrada dobra para leste e sobe colinas dispostas em anfiteatro, até uma estância onde os viajantes param ordinariamente.

Na maior parte das estâncias ou fazendas, há um rancho aberto, sem outros móveis a não ser um barril, uma talha de água, um chifre, uma banquetta ou duas e, às vezes, mas raramente, uma cama de cilha com correias de couro cru; é o que os brasileiros chamam *casa dos hóspedes*. O viajante, a cavalo ou a pé, aproxima-se da habitação principal, mas sempre fora da balaustrada de que elas são cercadas, e diz *Oh, de casa!*...ou também, mais comumente, *Cristo*.²¹ Aparece então o dono ou um capataz e diz: *Pode*

21 Os argentinos e os orientais dizem *Ave Maria, puríssima!* e responde-se, do interior: *Sin pecado concebida...Pase usted; adelante, caballero!*... (entre, senhor).

vossemecê apear, ou, bruscamente, *pode entrar*. Mas há grande distância entre a urbanidade dos brasileiros da província do Rio Grande e a dos orientais, sobretudo no caminho das Missões a Porto Alegre. Fazem passar o viajante à casa dos hóspedes e, ali, ele é servido por um negro escravo ou por um índio, sem se comunicar com a família do estancieiro ou fazendeiro.

Nesse lugar, recomeçam as florestas, as alturas, os belos sítios, as paisagens externas. Encontram-se, também, freqüentemente, algumas choupanas na passagem.

A caminho, pelas quatro horas. Nosso programa, cada dia, era: partir no nascer do sol, quando conseguíamos reunir os bois e cavalos espalhados no campo, e marchar até onze horas ou meio-dia. Então, escolhíamos um lugar próximo de uma fonte, de um arroio, de uma sanga ou de um mato, para acampar. As carretas da caravana eram colocadas de frente numa única linha. Soltávamos os bois no campo e cozinhávamos o almoço, que consistia de um pedaço de assado com farinha de mandioca, ou de um guisado feito numa panela com banha e pirão de farinha. Depois de comer, dormia-se à sombra da carreta até que o calor abrandasse um pouco. Aproveitava esse momento para caçar insetos e pássaros e para secar as plantas recolhidas no caminho. Às quatro horas, mais ou menos, juntávamos os bois e os cavalos, cada qual com seu nome próprio. Laçavam-se os que deviam trabalhar e marchava-se até oito ou nove horas da noite, para acampar de novo e preparar o jantar: comíamos geralmente feijões-pretos, cozidos com um pedaço de charque, e misturados na panela com farinha. Todos comiam no mesmo prato. Nunca bebíamos durante o jantar, mas, quando terminávamos, um negro trazia um chifre cheio d'água que ia correndo a roda.²² Aquele que se levantasse durante a comida para ir beber correria o risco de *passar por baixo da mesa*, pois nem as aves de rapina comem com mais voracidade do que os brasileiros do campo. Às vezes, presenteávamos o tropeiro com um pedaço de queijo ou um gole de cachaça. Então, ficávamos bons amigos e ele nos dava provas manifestas de sua amizade pelas numerosas flatulências que o seu estômago, em trabalho laborioso, deixava escapar com ruído, o que, aliás, já é um hábito aceito nessa *boa sociedade*,

22 V. nota K, pág. 301.

e um acompanhamento obrigatório do uso do palito ou da ponta do facão que o substitui.

A 27, atravessamos a aldeia da Porteirinha, assim chamada por causa de uma antiga porteira de estância, do tempo dos jesuítas, cujos vestígios ainda se podem ver. As miseráveis moradas dessa aldeia não estão agrupadas, mas espalhadas a grandes distâncias, como na maior parte das vilas e distritos dessas regiões. Do lugar, avista-se, longe, a capela de Santa Maria da Serra, situada no cabeço da vertente austral da serra, mais ou menos seis léguas de distância para leste.

O mesmo terreno argiloso, as mesmas madeiras fossilizadas e florestas que se multiplicam.

28. Tempo encoberto; vento nordeste, temperatura suave; chuva com intervalos.

Observamos os admiráveis efeitos da evaporação em cima da serra, que ficava à nossa esquerda a uma distância de três ou quatro léguas. Todas as montanhas da serra do Mar, ou serra Geral, são cobertas de florestas espessas, na parte que dá para sul e leste. Parece que, depois de muitos dias de calor excessivo, essas florestas se aquecem consideravelmente, pois notamos que as chuvas tempestuosas se evaporam imediatamente, elevando-se como uma cortina de gaze, sobre um cenário teatral. Esses vapores condensam-se logo em nuvens grossas acima das montanhas e formam belos arco-íris, quando a temperatura está fria; mas, se o calor continua a rarefazer o ar, e se o sol fere com seus raios ardentes essas nuvens vaporosas, elas se transformam de novo em chuva fina, caem sobre as mesmas montanhas, formam torrentes, regatos numerosos, e contribuem ao rápido crescimento dos rios. É então que, se as chuvas e o frio duram muitos dias, as enchentes se tornam consideráveis e se mantêm por muito tempo, porque quase todas as colinas e montanhas dessa região são compostas de argila, de grés quartzoso, arenáceo, e contêm vastos reservatórios onde as águas são recebidas por numerosos condutos em forma de funil (que se observam frequentemente na superfície do solo) e são filtradas em seguida, por todos os lados, para alimentar as fontes. Vi muitas dessas cisternas naturais, descobertas por desmoronamento do terreno, contendo uma água cristalina que convida a beber por sua frescura. Não há colina, coxilha ou montículo que não tenha ao menos uma fonte. É assim que, em sua maior parte, os vales,

pantanosos ou barrentos dão origem a esses *banhados* e *estivas*, desespero do viajante, mas consolo e fortuna dos estancieiros da província do Rio Grande e da Banda Oriental, porque garantem os pastos contra a seca, que assola tão freqüentemente os da parte sul do Prata.

Íamos nos aproximando cada vez mais da serra, que ficava à esquerda, paralelamente à nossa marcha, isto é, ora a leste, ora a nordeste. Maus caminhos. A chuva, que caíra dois dias seguidos, esburacando-os, deixara poças de água bastante profundas. Uma de nossas carretas atolou-se ao passar um mato, a uma légua de Santa Maria.

A 1ª de março, subimos uma encosta para atravessar a vila de Santa Maria da Serra. Estávamos, então, *bem ao pé* da serra, que forma uma espécie de grande muralha sombria, destinada a separar em duas partes, mais ou menos iguais, ao sul e ao norte, a interessante província do Rio Grande do Sul.

A situação dessa vila é bastante agradável. Os arredores são encantadores e passavelmente povoados. A arquitetura das casas é simples, mas vê-se com prazer um telhado cor-de-rosa, um pouco levantado e saliente, fazer destacar-se a brancura das paredes. As casas são de madeira rebocada de argila. Há várias ruas e uma capela muito simples. A população pode elevar-se a mil ou mil e duzentas almas. Quase todas as casas têm um jardim plantado de laranjeiras,²³ o que lhes dá sombra e contribui ao embelezamento da paisagem. Nota-se muita atividade nessa povoação central da província: Santa Maria é o mercado das aldeias circunvizinhas, compreendidas entre Cachoeira, Caçapava, Alegrete e São Borja. Tem ainda a vantagem de estar situada no caminho dos ervais e das Missões e ficar na proximidade de uma outra vila das montanhas, chamada São Martinho, situada em cima da serra, a mais ou menos três léguas, a noroeste.

A cinco léguas ao sul de Santa Maria, vê-se uma mina de ouro em exploração, que dizem ser muito produtiva. O ouro puro encontra-

23 Nas Missões, os jesuítas tinham multiplicado bastante as plantações de laranjeiras, que se aclimataram muito bem. Encontram-se em toda parte, até mesmo nos lugares desabitados, mas nem todas produzem bons frutos. Como notou Azara, as laranjeiras não toleram nenhum outro vegetal no meio delas. São os aristocratas do reino vegetal.

se em grãos disseminados em uma rocha de não sei que natureza (creio que quartzosa), que se quebra com auxílio de pilão para extraí-la. Não há muito tempo que essa mina foi descoberta: um estancieiro proprietário do terreno caminhava, e fazia seu gado pastar diariamente sobre o ouro, sem suspeitar de sua existência, quando um indivíduo (*um diabo!*) lhe revelou um dia a sua riqueza.

A umas vintes léguas mais ao sul, perto da pequena vila de Caçapava, encontraram-se outras minas de ouro em exploração, e que dão menos trabalho. É um rio chamado Camaquã, um dos afluentes da lagoa dos Patos, que se encarrega de desprendê-las e transportá-las como as areias e cascalhos do seu leito. Uma infinidade de regatos e de terrenos são *auríferos*, nesta província, mas os métodos de lavagem são muito maus e o *pó* que se obtém não traz grandes lucros ao proprietário dos negros empregados nesse trabalho. Perde-se, aliás, a maior parte do ouro, aquela que é imperceptível. Com máquinas adequadas, seriam evitados esses inconvenientes.²⁴

Atravessando Santa Maria da Serra, notei, bem no meio da estrada, pedaços de troncos de árvores fósseis com *seis pés* e até mais de circunferência e dois a três de comprimento. Havia oito, espalhados em vários lugares, que os habitantes tomavam por pedras ordinárias. Mais adiante, a mais ou menos uma milha, encontramos outras em fragmentos menores, das quais apanhei algumas amostras. O terreno em que elas jaziam era de argila ferruginosa, muito misturada com areia, mas sem nenhuma outra pedra, além desses resíduos do reino orgânico vegetal. Nesse mesmo lugar, a sudeste da vila, há vários montes isolados, bastante elevados, sobre um dos quais observei muitos blocos mais ou menos volumosos e sensivelmente arredondados pela fricção das águas. E, na opinião do sr. Cordier, *wacke* endurecida, pardacenta, contendo alguns vestígios de calcedônia e quartzo.

24 Nos arredores de Caçapava, encontra-se um banco de *alabastro gípsico, basalto, grés vermelho, ferro* e grande variedade de outros minerais. Geralmente, toda a parte sul da província do Rio Grande, assim como a parte norte da Banda Oriental, são ricas em minerais. Devo essa informação ao doutor Hillebrand, médico alemão na colônia de São Leopoldo, perto de Porto Alegre, o qual acompanhou, durante algum tempo, o doutor Frederico Sellow por ocasião das explorações desse naturalista na Banda Oriental.

Fizéramos perto de dezesseis léguas a nordeste e a leste, desde o Ibicuí até Santa Maria. Retomamos nosso caminho a leste-sudeste.

A 2, caminhamos entre florestas entrecortadas de pastagens nutritivas. Muito gado vacum, mas poucas habitações. Periquitos, papagaios e tucanos de barriga vermelha, em grande número. Alguns coelhos. Vegetação variada em fanerógamos (sem contar as árvores florestais), mas grande abundância de criptógamos.

Ao descer uma encosta inclinada, a pesada carreta que levava nossas bagagens virou e caiu dentro de um buraco.

Pouco faltou para que o meu caro companheiro Nouel fosse esmagado. Conseguimos tirá-lo, dificilmente, debaixo dos caixotes cheios de amostras de madeiras fósseis. A estrada faz aqui numerosas voltas, devido à disposição do terreno, cortado de vales profundos, ou coberto de florestas, no meio das quais abriram um caminho (*picada*). A serra, sempre à nossa esquerda, a distância variável de dez a cinco léguas. Terrenos argilo-arenosos; minerais raros. Acampamos perto do arroio do Sol.

A 5, paramos para almoçar a duas léguas do Jacuí, à beira de um grande bosque atravessado por um arroio. Notei, pela primeira vez, uns frutos amarelos, do tamanho e da forma de uma pequena pêra e com gosto de framboesa. O arbusto que os produz é conhecido na província pelo nome de *araçá*, e existe em grande abundância em todas as florestas pouco elevadas da província. Esse fruto, como o pêssego durázio de Buenos Aires, tem uma coisa de particular: nunca faz mal, mesmo comido em grande quantidade. Faz-se com ele um doce semelhante ao de goiaba.

No momento em que continuávamos a marcha, quebrou-se outro eixo, e só no dia seguinte, às cinco horas da manhã, conseguimos chegar à margem direita do Jacuí. Tínhamos percorrido treze a quatorze léguas, *em seis dias*, virado duas vezes, quebrado três eixos e atolado a caravana, para irmos de Santa Maria da Serra ao passo do Jacuí.

.....

Capítulo XVII

INTERIOR DE SÃO PEDRO

O JACUÍ – CACHOEIRA – O BOTUCARAÍ – CRUZ ALTA –
RIO PARDO – O JACUÍ ATÉ PORTO ALEGRE

O

JACUÍ estava baixo, quando chegamos. Apesar disso, tinha ainda mais de dez pés de profundidade no meio do seu leito; suas margens têm uma escarpadura de vinte pés. A descida da margem direita e a subida da esquerda são difíceis para as carretas. A paisagem que o cerca é muito bonita e nada fica a dever à do Jaguari. Coroado ao oeste, ao norte e ao nordeste por algumas colinas meio arborizadas, corre entre belos prados verdes, regados por numerosos arroios, à sombra de árvores floridas, em torno das quais voejam sem cessar muitas espécies de beija-flores que disputam a magníficos lepidópteros o néctar embalsamado que enche o cálice das flores.

O curso desse rio de segunda ordem dirige-se, nesse lugar, de oeste a leste. É sinuoso e rápido, mas os barcos de fundo chato podem subi-lo numa grande distância. Descendo do norte, através da serra, faz antes vários cotovelos a oeste e a leste, e toma definitivamente seu curso a sudeste, no meio de espessas florestas e de margens pantanosas, até Porto Alegre, passando pelas cidades de Cachoeira e de Rio Pardo, as vilas de Santo Ama-

ro, Freguesia Nova¹ e as charqueadas. Recebe, no seu curso, as águas do Botucarai, do rio Pardo e do Taquari-guaçu, do lado norte, e uma multidão de arroios do lado sul, até que contribui, ele mesmo, a formar o Rio Grande.² No lugar em que o atravessamos, tem, mais ou menos, a largura do Sena diante das Tulherias.³ O terreno é de argila amarela misturada com areia, e não se encontram nem seixos, nem restos orgânicos em estado fóssil. Seu leito só apresenta uma rocha de *hornfels* (petrossílex córneo) de um pardo escuro, muito carregado de anfíbolo, e que funde em vidro negro muito facilmente,⁴ com uma massa à flor d'água de petrossílex da mesma cor, que funde dificilmente em vidro branco. Esta última substância contém pontos límpidos de quartzo infusível e pontos de anfíbolo que *fundem em vidro negro*. A massa é estratiforme e as camadas são perpendiculares ao solo, consequência aparente das modificações sofridas pela rocha devido à força das correntes.

O passo do Jacuí é muito freqüentado. Há um movimento perpétuo de carretas, cavalos, mulas, bois, viajantes, mercadorias, que se cruzam dentro do rio. Haveria muito assunto para o lápis de um caricaturista ou para a pena de um escritor de talento, nesse lugar onde tantas cenas grotescas se oferecem ao observador atento. Os trajés pitorescos dos viajantes nacionais e estrangeiros; a mistura de figuras negras, brancas, oliváceas, baças; os nadadores mestiços ou índios que acompanham os rebanhos, uns levados pela correnteza, outros fazendo esforços terríveis para juntar os bois e impedir que as carretas virem; as longas e estreitas pirogas, feitas de um tronco de árvore, que passam com a rapidez do vento levando seus passageiros imobilizados pelo susto; as florestas de chifres que se entrechocam; as enormes *pelotas* cobertas de peles de boi meio mergulhadas na água, e suspensas de uma leve piroga ou de uma simples barrica presa a elas; os seis bois atrelados que o arreador dirige com um braço nervoso e uma voz de estentor... tudo isso não é mais do que o esboço de um quadro muito animado, digno de atrair a atenção do observador, que passará rapidamente da hilaridade que produz uma cena grotesca ao temor ou à dor de um acidente

1 Triunfo.

2 A estuário do Guaíba.

3 Sessenta toesas.

4 Determinado pelo sr. Cordier.

trágico. São muito freqüentes os desastres nessas passagens de rios correntosos: ou um homem é estropiado pelos animais que vai repontando a nado, ou é afogado dentro de uma carreta que soçobra ou arrastado numa pelota. Quanto aos animais, é raro que não haja alguns arrastados pela corrente ou afogados debaixo das carretas.

Fizemos a nossa passagem sem acidente, graças à longa experiência do tropeiro, e fomos acampar a um quarto de légua da margem esquerda para carnear, isto é, matar rês e preparar o charque.

É lamentável que essas belas planícies baixas do Jacuí e dos outros rios estejam expostas a inundações tão freqüentes. Isso constitui um obstáculo, até agora intransponível, para o seu cultivo, ao mesmo tempo em que obriga os habitantes ribeirinhos, que possuem animais, a disporem de uma maior extensão do terreno, a fim de poderem retirar os animais para os lugares mais altos durante as inundações. Esse inconveniente prejudica, ao mesmo tempo, o progresso da agricultura e o da população. Além disso, a ambição dos estancieiros de possuírem grandes rebanhos, como, por exemplo, cinco, mil, dez mil, trinta mil cabeças de gado, faz com que eles procurem apropriar-se da maior quantidade de terreno; daí que seja muito comum verem-se estâncias, sobretudo nas Missões e na parte vizinha da Banda Oriental, com dez, vinte ou trinta léguas de extensão. Os proprietários, quando não obtêm esses vastos terrenos, de parte do governo, a título de *concessões*, compram de seus vizinhos pobres as terras que os rodeiam, livrando-se assim de qualquer concorrência inoportuna. É fácil compreender que a posse de grande extensão de terra, por parte de um só indivíduo ou de uma única família, deve retardar consideravelmente o progresso de uma região. Haverá quem diga que essas grandes propriedades se dividirão necessariamente pela multiplicação das famílias; mas quantos séculos serão precisos para povoar, com o número de habitantes de uma província dos Estados Unidos, por exemplo, uma superfície de mais de quinze mil léguas quadradas, que pode ter a província do Rio Grande quando ela conta, apenas, com sessenta mil almas, mais de duzentos anos depois de sua fundação? ⁵

O governo brasileiro quis remediar, em parte, esse grave inconveniente (para não dizer *abuso*), baixando uma lei que defendia a concessão

5 A província tinha então cerca de 160.000 habitantes.

ao mesmo indivíduo, de mais de uma sesmaria de cada vez, e a extensão da sesmaria foi fixada em três léguas em todos os sentidos; mas parece que a lei não é rigorosamente observada. Aliás, não seria possível despojar de seus direitos, sem uma injustiça clamorosa, os grandes proprietários que adquiriram e ainda adquirem terras.

Por todas essas razões, uma grande quantidade de sítios magníficos, de terrenos fertilíssimos e próprios à cultura de cereais, algodão, açúcar, café e mandioca, ficarão ainda muito tempo habitados unicamente por bois, carneiros, mulas e cavalos.

O pouco cultivo que se faz nas chácaras, fazendas ou em torno das estâncias, consiste somente em plantar mandioca, semear milho, feijão, arroz e alguns legumes, que bastem às necessidades da família e não dêem muito trabalho. O jardim ou campo cultivado acha-se quase sempre situado no meio de um mato, para livrá-lo da invasão dos animais.⁶ É o que se chama uma roça ou um roçado. Para isso, é bastante fazer uma derrubada de grandes árvores no meio do mato, queimar os tocos para destruir as raízes e, em seguida, revolver um pouco a terra. A natureza, essa mãe boa e providente, se encarregará do resto. Todos os trabalhos de agricultura limitam-se mais ou menos a isso na província do Rio Grande, assim como nas outras províncias do rico e fértil Brasil.⁷ Entretanto, notei exceções: encontram-se alguns roçados mais cuidados que os outros e cultivados à maneira das nossas hortas. Devo, porém, confessar que são raros e sempre pertencentes a *européus*. Se o gado faz poucos estragos nesses cercados, há, por outro lado, o inconveniente das aves, sobretudo papagaios, dos macacos e de outros animais, o que é mais difícil de evitar. Isso, contudo, não preocupa muito os proprietários.⁸

A 12, divisamos Cachoeira e as alturas que a dominam, pelas quais passa a estrada das Missões. É uma bela cidadezinha, recentemente fundada, e situada sobre uma colina da margem esquerda do Jacuí, não longe da confluência do Botucaraí. As casas, caídas exteriormente, são

6 Por não ter tomado essas precauções, o excelente sr. Bonpland perdeu todas as plantações que tentara em São João Mirim. Aliás, ele teve também razões de queixa contra três franceses que trouxera de Buenos Aires e que foi obrigado a expulsar de casa.

7 V. a primeira e segunda partes da viagem do sr. Saint-Hilaire ao Brasil.

8 V. nota L, pág. 301.

construídas em pedra e em tijolo, e cobertas de telhas avermelhadas. A igreja, de uma extrema simplicidade, tem o aspecto de uma grande casa de família.

A situação de Cachoeira é muito aprazível e bastante favorável ao comércio, pois a proximidade do Jacuí permite sua comunicação por água com a capital da província. Além disso, há, apenas, oito léguas por terra entre ela e Rio Pardo. Barcos elegantes vão e vêm, continuamente, de Porto Alegre a Cachoeira, passando por Rio Pardo. Cogitava-se de estabelecer, muito proximamente, uma linha de embarcações a vapor entre a cidade de São Pedro (ou Rio Grande) e essa pequena cidade, com escalas nos pontos intermediários.

A pedra com a qual se constroem os edifícios e as casas de Cachoeira provêm de uma pedreira situada na parte mais elevada das colinas, onde passa a estrada das Missões. É um grés quartzoso argilífero, que contém fragmentos volumosos de argila bolar avermelhada. Parece que também existem, nos arredores, pedreiras de calcário comum, com o qual se faz a cal necessária às construções.

A maior parte das colinas que há nas vizinhanças de Cachoeira são cobertas de calhaus arredondados e de cascalho; são menos arborizadas do que as de Santa Maria, bastante elevadas ao norte, um pouco escabrosas mas baixas e onduladas na parte sul.

Chegamos ao passo do Botucaraí às onze horas da manhã. Como o rio tivesse crescido muito com as chuvas de 8 e de 9 e precisássemos descarregar as carretas, acampamos na margem direita até o dia seguinte. Tínhamos feito, desde o Jacuí, sete a oito léguas para leste.

O Botucaraí é um rio de quarta ordem, com muita profundidade e correnteza. Nasce ao norte, além da serra, e dirige-se ao sul, fazendo muitas voltas, para se reunir ao Jacuí, não longe de Cachoeira. A margem direita do passo é uma colina de argila arenosa, muito misturada com seixos de sílex, calcário e madeira fóssil. A margem esquerda é uma planície pantanosa de mais ou menos duas léguas de contorno, que forma uma bacia oval cercada de colinas. O fundo da bacia é limo misturado com areia, recobrimdo uma rocha muito extensa de argila plástica.

Vê-se, na margem esquerda, uma bela rocha de grés quartzoso argilífero, branda e listrada. Pode ter de quinze a dezoito pés de elevação sobre

a água quando o rio está baixo, mas parece estender-se muito para o fundo. É estratificada em camadas róseas e brancas que se alternam, e que são mais finas e numerosas na parte inferior da rocha. Estão, porém, tão bem marcadas, que se poderia contar o número de enchentes, às quais, suponho, essa rocha deve a sua formação, e calcular assim, aproximadamente, a sua antiguidade. A matéria que a compõe é areia fina unida a uma argila aluminosa extremamente fina, que a água torna pastosa, e que contém parcelas de mica pulverulenta que a fazem xistosa. Essa rocha, muito interessante, é *móvel* nas camadas superiores, *friável* nas intermediárias e *aumenta de solidez* à medida que mergulha na água. Apanhei fragmentos das camadas inferiores suficientemente duros para produzirem faíscas ao choque do fuzil, como os outros grés.

Notei, também, que ela contém porções muito calcárias, que tornam o grés efervescente nos ácidos nítrico e sulfúrico. Perto dali, atrás da casa do *passreiro*, havia um banco de argila avermelhada, um pouco micáceo e folheado, que se estendia em camadas horizontais. Um barranco vizinho estava coberto de seixos arredondados.

A passagem do Botucaraí é, ainda, mais freqüentada que a do Jacuí, porque todas as caravanas que partem de Rio Pardo para o interior da província são obrigadas a passar por esse rio. Durante a noite, as águas haviam baixado um pé e continuavam a baixar. Como a corrente é rápida, as enchentes não são de longa duração. As águas, às vezes, baixam tanto que permitem a travessia a pé.

Já vimos que a maneira pela qual se faz a passagem dos rios, nessa província, é muito lenta e perigosa. É extraordinário que, numa região em que as florestas são tão numerosas, não se tenha a idéia de construir jangadas ou pontes que permitam a passagem de carretas carregadas. Isso não custaria mais do que a mão-de-obra, já que seria suficiente colocar um molinete ou cabrestante na margem oposta para puxar a jangada. Uma contribuição um pouco maior pela passagem compensaria em pouco tempo o seu empreendedor e todo mundo lucraria com isso. Mas a preguiça e a indolência dos nativos são um obstáculo a toda espécie de inovação útil, e seria necessário que os *estrangeiros* dessem o exemplo... E, então?! Seriam acusados de *despojar os nativos de sua indústria*, porque é preciso saber que os brasileiros têm, como os argentinos, muita prevenção contra os estrangeiros. Falo, naturalmente, das pessoas pouco educadas, principalmente dos homens do campo, porque

quase toda a gente de certa cultura, na América do Sul, acolhe bem os estrangeiros e lhes oferece a mais generosa hospitalidade. Mas não acontece assim fora das cidades, onde a educação dos homens se limita a saber laçar ou bolear os animais com destreza, a domar um cavalo e a montá-lo com garbo. Esses homens, meio selvagens, vêem com desagrado os estrangeiros que os obrigam a sair do seu gênero de vida rústica, para que se coloquem no nível da civilização ou tentem ao menos atingi-lo. Além disso, se ressentem do espírito desconfiado e sombrio dos portugueses, que, durante tanto tempo, conservaram suas colônias fechadas às nações estrangeiras. Tive, a esse respeito, conversas muito interessantes com os estancieiros.

Encontramos, no passo do Botucaraí, um jovem brasileiro (o senhor Jardim) do Rio de Janeiro, que tinha excelente educação, boas maneiras, falava francês e espanhol e viajava para conhecer o seu país. Confessou-nos que se sentia tão estrangeiro como nós, nessas regiões ainda bárbaras. Seguiu uma caravana até São Borja, de onde passaria às outras missões da margem esquerda do Uruguai. Desejamos-lhe uma feliz viagem.

A nordeste do passo, numa distância de quatro a cinco léguas, está uma montanha arborizada, chamada serra do Botucaraí, que se estende um pouco em sua base, formando como um elo de montes elevados independentes da serra Grande, e colocado em direção paralela a esta última. Vista de longe (é visível do Jacuí), parece apenas um pico muito elevado, mas, chegando perto, vê-se que a altura central termina em uma plataforma bastante grande. Sou levado a crer que essa montanha é vulcânica, porque os moradores do lugar me garantiram ter ouvido detonações muito fortes no seu interior. Afirmam, ainda, que há um lago no cume, cujas águas, filtrando-se ou transbordando, produzem desmoronamentos que põem a nu a rocha que lhe serve de núcleo. Assim, a parte superior tornou-se inacessível devido à sua denudação. Depois das grandes chuvas tempestuosas, e durante as geadas a água que se acha nas fendas do rochedo desprende fragmentos que caem com estrondo. Sua grande altura, ou antes, seu isolamento, atrai o raio,⁹ o que faz com que seja freqüentemente atingida pelas descargas.

9 Sirvo-me da expressão vulgar; mas parece, segundo novas observações, que a corrente elétrica se dirige de baixo para cima, e não de cima para baixo.

A serra do Botucaraí contém muito ouro e pedras preciosas. Não faz muito tempo, era explorada com algum resultado e já havia algumas moradias nas imediações, mas os mineiros foram obrigados a abandoná-la, devido aos desmoronamentos de que muitos foram vítimas. A gente do campo acredita, firmemente, que ela é encantada (*enfeitada*), porque, segundo afirma, quando se começa a trabalhar ouve-se um barulho espantoso e as terras começam a desabar arrastando pedaços enormes da rocha mais alta. Desgraçado daquele que não se afastar rapidamente! Parece, também, que os bugres, índios antropófagos que vivem ainda nas florestas da serra Grande,¹⁰ não toleram que se trabalhe ali, e assustaram, com suas freqüentes incursões, os que eram a isso atraídos pela avidez do ouro.

Contaram-me que, antes de essa mina ser conhecida, um indivíduo, estrangeiro, retirou da lavagem das terras da montanha, em menos de um mês, mais de cem libras de ouro puro, e isso sem auxílio de ninguém. Em seguida, embarcou para a Europa. O fato é muito plausível, e existem outros exemplos de descobertas semelhantes na mesma província. Conhecem-se muitas estâncias, atravessadas por regatos auríferos; em outras o ouro é encontrado nas areias das lagoas pouco profundas ou debaixo das moitas; mas os estancieiros não permitem a extração do metal, mesmo por conta deles, com receio de serem despojados de seus imensos terrenos. Entretanto, cita-se um estancieiro riquíssimo que parece extrair secretamente o ouro, apesar de garantir que os rebanhos que possui bastam para sustentar suas despesas extraordinárias.

A 14, ao meio-dia e meia, partimos do passo do Botucaraí. O calor tornara-se excessivo. Seguimos o rumo nordeste, ainda que Rio Pardo ficasse a sudeste e que houvesse outra estrada nesta última direção. Parece, entretanto, que ela só é praticável aos cavalos.

10 Os bugres são uma tribo de nação brasileira. Pertencem, portanto, à grande família guarani, se a etnografia não erra. Contudo, seus costumes ferozes são bem diferentes dos que caracterizam os pacíficos e agrícolas guaranis... De resto, são os únicos selvagens que ainda existem nessa província, e há a esperança de vê-los formarem uma *redução* para os lados da fronteira de São Paulo.

Depois de fazermos uma meia-légua na planície baixa, voltamos aos matos e colinas. Vimos numerosos fetos, entre os quais uma espécie arborescente de quinze a vinte pés de altura, com as folhas estendidas à maneira das palmeiras. As plantas parasitas pendiam em grande quantidade das árvores vigorosas dessas florestas, que começam a perder sua *virgindade*. Notei, ao passar junto de um mato, numerosas folhas de campainhas dissecadas pelas formigas, que lhes haviam devorado o parênquima, deixando ver, perfeitamente, as nervuras e fibras do seu tecido. Admirei também enormes cipós, envolvendo em espiral árvores muito retas e ornadas de líquens incolores; e outras árvores, reunidas em feixo na época do crescimento, que formavam agora grossos troncos elevados com a aparência de colunas estriadas.

Próximo de Rio Pardo, as habitações começam a ser mais frequentes, e vêem-se chácaras mais bem cultivadas, sombreadas por laranjeiras e limoeiros.

A 15, passamos por Cruz Alta. É uma aldeia bastante povoada, a três léguas e meia de Rio Pardo. Ali, quebrou-se a roda de uma de nossas carretas.

Em Cruz Alta, encontra-se um caminho que conduz à serra do Botucaraí. Nas imediações do Jacuí, conheci um brasileiro que me recomendou ao juiz de paz do distrito do Botucaraí, caso parecesse conveniente deter-me naquele lugar. Disse-me, ao mesmo tempo, que eu encontraria ali reunidas todas as espécies de animais da província, sobretudo o *jaguaretê-negro*, que é uma *espécie distinta* do jaguar, e não uma *variedade*, como se pensa comumente.¹¹

A 16, acampamos a uma légua de Rio Pardo. À medida que nos aproximávamos da cidade, notamos com prazer plantações mais cuidadas e chácaras muito bem situadas.

Chega-se a Rio Pardo, do lado das Missões, por uma sucessão de colinas e vales, que só deixam ver a cidade quando já se está próximo. Des-

11 Visitei em Cruz Alta um barranco muito largo, com mais de cinqüenta pés de profundidade, e que não apresenta mais do que argila avermelhada unida à areia, que lhe dá solidez. Esse grande barranco tinha sido produzido pelo desabamento da parte superior de uma das cisternas naturais de que falei.

ce-se, então, uma encosta bem inclinada, e atravessa-se uma planície baixa de cerca de um quarto de légua, que termina numa ponte.

Rio Pardo está situada no alto e na inclinação de um grupo de montículos dependentes de uma cadeia de colinas que se estendem de norte a sul e vão, diminuindo de altura, terminar na margem esquerda do Jacuí, precisamente na confluência do rio que dá o nome à cidade. Assim, Rio Pardo fica encravada entre os cursos dos dois rios de modo a formar quase uma ilha, limitada a noroeste, oeste e sudoeste pelo rio Pardo, e ao sul, sudeste, leste e nordeste pelo Jacuí.

Casas de um andar (acima do térreo, bem entendido), caiadas exteriormente, de uma arquitetura graciosa, cobertas de telhas redondas e vermelhas; igrejas nos pontos mais elevados; jardins plantados de laranjeiras, bananeiras e coqueiros, e chácaras e fazendas bem cultivadas, é este o aspecto da cidade, vista das alturas do oeste.

À direita da cidade, olhando-a sempre das alturas do oeste, há três colinas separadas uma das outras por árvores e arbustos (*quassias* e *mimosas*) de lindas flores, cercando pastagens verdejantes. À direita, há outras colinas mais elevadas, mais arborizadas, onde se vêem algumas casas de campo (*quintas*).¹² Embaixo dessas colinas corre o rio Pardo, rio de quarta ordem (relativamente ao Uruguai) cujas margens são muito arborizadas. É atravessado por uma ponte de madeira sustentada por pilastras de pedra. Há, ainda, entre o rio e o espectador, uma planície verde em semicírculo, que forma uma bacia de mais ou menos meia légua de circuito cercada de colinas, mais ou menos elevadas, e abrindo-se a noroeste e a sudoeste para deixar correr o rio Pardo.

Todas essas colinas são arborizadas, principalmente dos lados norte e noroeste, onde se vêem florestas consideráveis, que se estendem até o pé da serra, a uma distância de oito a dez léguas. As partes oeste e sul estão cobertas de chácaras e fazendas.

Atravessei uma dessas fazendas, muito bem tratada, onde se cultivava, em grande escala, algodão, mandioca, arroz, tabaco e alguns legumes.

12 No Brasil, uma quinta é um pavilhão, uma casa de campo, uma chácara, uma pequena granja com jardim; uma fazenda é uma moradia com plantação de algodão ou de café, rebanhos, um engenho e uma refinaria de açúcar.

O solo de todas as colinas próximas a rio Pardo é argiloso.¹³

Atravessa-se o rio Pardo por uma ponte de madeira, que tem, apenas, a largura de um veículo. É suportada por pilastras de quatro pés de espessura, que formam seis arcos de cerca de trinta pés de altura. A ponte foi construída em 1825 ou 26, pelos prisioneiros argentinos e orientais; mas não durará muito tempo, porque as pedras empregadas na sua construção não são de natureza a resistir às grandes enchentes do rio, e as muralhas, que formam taludes nas duas margens, assim como os parapeitos, estão já fendidos pela força das correntes. As águas ultrapassaram a ponte, de dez pés, em 1833. Entretanto, os habitantes, que não estão acostumados a ver pontes, crêem possuir um monumento notável, capaz de durar muitos séculos! Acontece com a ponte de Rio Pardo, o mesmo que com a pirâmide de Buenos Aires.

Quando se chega à ponte, a cidade desapareceu: está escondida pela colina que se tem de escalar antes de penetrar nela. Então, apresenta-se bem e provoca, em seguida, uma opinião favorável sobre a sua situação e a atividade dos seus habitantes. Os comerciantes acham-se, precisamente, na entrada do oeste, chamada a cidade nova. Qualquer um pensaria, à primeira vista, que Rio Pardo é uma cidade que está nascendo, tal é o número de novas construções; mas, se avançarmos para o lado sudeste, ou lado do porto, veremos logo que ela é antiga, diante das velhas casas baixas e enfu-

13 Essas argilas são mais ou menos compactas e pétreis, variadamente coloridas e encerrando, nos lugares altos, bancos de *arkose* de grandes grãos fortemente cimentados. A cor dominante das argilas é de um rosa escuro semelhante à da rocha observada no passo do Botucaráí.

O terreno sobre o qual foi construída a cidade é inteiramente formado dessas argilas; é o que na minha opinião se pode chamar um grés *em formação*, porque há bastante consistência nas camadas mais inferiores para poder ser talhada em pedras de diferentes tamanhos, com as quais se fazem muros, e que se empregam com outras pedras mais duras na construção de casas.

Muitos barrancos dos vales de oeste encerram argila ócrea, amarela e vermelha que colorem bastante para fazer as vezes de pintura nas paredes. O vermelho é xistóide e contém palhetas de mica, quase imperceptíveis.

Ao norte de Rio Pardo, existe, segundo me disseram, numa estância, uma mina de cobre não explorada. Parece, entretanto, que ela seria bastante produtiva.

maçadas, ainda guarnecidas de rótulas com trepadeiras. Efetivamente, Rio Pardo conta mais de duzentos anos de existência.¹⁴ Creio que os jesuítas tinham ali um colégio. A princípio foi mal construída, num lugar incômodo, devido às irregularidades do terreno; mas, atualmente, procura-se reparar esse erro, estendendo-se as ruas para os lados norte e noroeste, pontos mais elevados e mais fáceis de nivelar.

As novas casas são de um andar, muito altas, quadradas, com grande número de janelas no primeiro pavimento e portas altas e estreitas no rés-do-chão, que é ocupado por lojas e boticas. As antigas casas tinham janelas corrediças guarnecidas de grandes rótulas; as novas têm elegantes janelas arqueadas, de dois batentes, e com grandes vidraças de cortes variados. Cogitava-se da pavimentação e do alinhamento das ruas. As novas têm calçadas cômodas.

Há três igrejas, cuja construção obedece ao mesmo plano de todas as que existem no Brasil, isto é, muita simplicidade. A principal, toda de tijolos, ainda não estava terminada exteriormente.

Calculam-se entre cinco e seis mil os habitantes de Rio Pardo, mas o número de casas pareceria comportar mais. O fato, porém, de morar uma só família em cada casa dá bastante extensão à cidade.

O comércio local prospera, porque esse ponto é o entreposto das cidades e vilas do norte e do oeste. Partem dali, continuamente, tropas de mulas e carretas para todas as povoações do interior. As comunicações com Porto Alegre são bem rápidas. O transporte das mercadorias pesadas é feito em embarcações de casco pontudo, com capacidade de vinte a cinquenta toneladas, e as mercadorias leves, de pequeno volume, e os passageiros são transportados em grandes pirogas armadas em *gôndolas*. Essas pirogas, muito elegantes, são feitas de um tronco de árvore cavado, e têm quarenta pés de comprimento por quatro de largura. A sua forma é graciosa e cômoda, e o viajante defende-se do sol e da chuva por meio de um teto chato que ocupa a metade posterior da *gôndola*. Esse teto, do qual pendem pequenas cortinas de pano, é suportado por barrinhas de ferro ou de cobre, e o conjunto é pintado de cores vivas e conservado com bastante cuidado. Algumas

14 A então vila de Rio Pardo contava, em 1833, oitenta e dois anos de existência.

têm ainda, além do teto posterior, uma tenda recortada que se prolonga até a proa. Esses barcos partem e chegam constantemente, e o viajante pode estar certo de ser transportado com rapidez, pois, quando o vento não é favorável, quatro ou seis negros *seminus* remam sem descanso dia e noite.

A 19 de março, embarcamos em uma dessas *gôndolas* e nos sentimos um pouco mais à vontade do que nas *chalanas* do Uruguai.

Do lado do Jacuí, como do lado do rio Pardo, não se enxerga a cidade devido às elevações. O que se chama porto ou praia, não é nada disso, pois, como a margem esquerda do Jacuí é nesse ponto muito escarpada, argilosa e, portanto, escorregadia em tempo de chuva, o embarque ou desembarque dos viajantes e das mercadorias é muito incômodo. Creio que seria o caso de construir-se um desembarcadouro. Quando há bastante água no rio Pardo, os navios carregados de mercadorias atracam junto da ponte.

Num percurso de duas a três léguas, o Jacuí dobra freqüentemente de sudoeste a nordeste. As margens são muito baixas e formadas de terrenos de aluviões recentes; as enchentes são comuns.

A cinco léguas de Rio Pardo, na margem esquerda do Jacuí, existe uma pequena pedreira de calcário grosseiro, escuro, com o qual se faz uma boa cal. Do outro lado do rio, extrai-se uma pedra para mó, cinzenta, com a qual se pavimentam as calçadas e pátios de Rio Pardo, mas seu cimento é tão pouco tenaz que se desprende em partículas quando chove.

Paramos, no fim do dia, na vila de Santo Amaro, a meio caminho de Porto Alegre a Rio Pardo. É um lugar onde já houve algum comércio, mas que agora vai empobrecendo cada vez mais. Está, entretanto, muito bem situado sobre colinas altas que orlam a margem esquerda do Jacuí. Vêem-se, ali, uma igreja muito bonita e algumas casas particulares bem construídas.

Depois de termos deixado à nossa esquerda Freguesia Nova, vila situada na confluência do Taquari-guaçu, rio de terceira ordem, passamos diante de Charqueadas. Numa distância de mais de uma légua de extensão (margem direita do Jacuí) formaram-se muitos estabelecimentos no gênero dos *saladeros* de Buenos Aires, porém, mais bem montados e com sua fundição de graxa. Refiro-me às graxas *propriamente ditas*, porque o sebo em rama é ainda socado em barris e couros, e remetido assim para os diversos portos do Brasil. Há em Charqueadas casas muito bonitas, solidamente

construídas e ornadas de jardins. Notei, entre outras, uma tão grande que tinha o aspecto de um edifício público. Vê-se que os estabelecimentos prosperam, pela maneira por que são cuidados e pela atividade que neles reina. Havia, então, cinco navios carregando, com capacidade desde cinquenta até oitenta toneladas.

Por ocasião da extraordinária enchente que ocorreu em toda a província, nos fins de 1833, Charqueadas ficou submergida, o que causou grandes prejuízos, mas havia muito tempo que isso não acontecia. O terreno, aliás, é um pouco mais elevado ali do que nos arredores.

O curso do Jacuí é sinuoso, desviando-se, às vezes, de leste para norte. É interrompido por longas ilhas de areia branca, tão baixas que parecem apenas à flor d'água. Árvores delgadas, de pouca altura, cobertas de plantas parasitas, de musgos liquenosos, de longas barbas, etc., cobrem as suas margens. A partir de Charqueadas para leste, as árvores são um pouco mais grossas e elevadas.

A 20, pelas onze horas, o vento soprou fortemente de oeste-noroeste. Chegamos a Porto Alegre ao meio-dia. Tínhamos percorrido trinta léguas portuguesas em vinte horas, mas só durante seis o vento nos tinha sido favorável.

Algumas léguas antes de chegar, distingue-se Porto Alegre. A cidade parece flanqueada por morros elevados. Estão, entretanto, a mais de uma légua de distância. O Jacuí divide-se em dois braços, um que corre para nordeste e o outro para sudeste; o gondoleiro tomou este último, por ser o mais curto. O intervalo dos dois braços está cheio de ilhas, cultivadas e habitadas como as duas margens.

.....

Capítulo XVIII

PORTO ALEGRE

DESCRIÇÃO FÍSICA E POLÍTICA

E IS-NOS transportados à pequena capital de uma grande província do Brasil, a duas mil léguas mais ou menos do centro ardente da civilização. As *luzes* só chegam a nós por reflexão. Satélites oficiais encarregam-se do cuidado de distribuí-las, tão equitativamente quanto a sua inteligência lhes permite. Vede que céu e que sítios! É o céu da Itália! São os sítios e a vegetação da Provença! Estamos em Porto Alegre! Humanizemo-nos, tratemos de descrever vulgarmente o pitoresco de uma cidade do Brasil, cujo nome, certamente feliz, está, entretanto, longe de dar uma idéia dela.

Na extremidade de uma colina que vem do leste, sob o 30º paralelo de latitude austral e o 54º grau de longitude ocidental do meridiano de Paris, eleva-se em anfiteatro, sobre uma inclinação de mais ou menos sessenta metros, a bela cidadezinha de Porto Alegre, cujos tetos cor-de-

rosa, um pouco elevados e salientes, destacam-se admiravelmente coroados casas brancas ou amarelas, de uma arquitetura simples e graciosa.

Cinco rios, (*) que trazem o tributo de suas águas fecundas e se reúnem ali para formar o *rio Grande do Sul*, apresentam, diante da cidade, uma vasta bacia semeada de numerosas ilhas, muito arborizadas e cheias de habitações campestres. Atrás da cidade, ou da colina, à distância de uma légua, uma pequena cadeia de montes de uns duzentos metros de altura, descreve um semicírculo e dirige-se ao sul, margeando o rio, de um modo desigual, por espaço de oito a nove léguas. Entre esses montes e a cidade, estende-se uma planície baixa, unida, de três a quatro léguas de circuito, fechada entre as montanhas do sul, as colinas do leste e do norte, e o rio Grande, a oeste, o qual, orgulhoso do volume de suas águas, dirige, majestosamente, seu curso para o sul, através de rochas de conglomerados, e vai formar a lagoa dos Patos de que falarei mais adiante.

Na verdade, Porto Alegre encontra-se no meio de duas grandes baías, separadas pela colina sobre a qual está situada: uma ao norte, que forma a *enseada* e o *porto*, e outra ao sul, abandonada em parte pelas águas, e formando já uma espécie de cidade baixa, enfeitada de jardins, de praias, de usinas, etc. Seria, como se vê, muito fácil fazer de Porto Alegre uma ilha, cortando-se a colina a leste e abrindo-se um canal de junção com o arroio que serpenteia na planície.

Quereis gozar um espetáculo que não é muito comum, mesmo na Grande Ópera? Subi ao ponto mais elevado da colina, onde está a praça principal e tereis, abaixo de vós, ao norte (que, como sabeis, é o *meio-dia* do hemisfério austral) a cidade que se estende em taludes; a enseada coberta de navios; as ilhas e o curso sinuoso dos cinco rios que se alonga exatamente como uma mão aberta, de dedos afastados; depois as casas de campo orlando em semicírculo a margem sombreada da baía; os vales arborizados que se prolongam paralelamente às colinas do nordeste; a *Vargem*, ou a planície que fica atrás da cidade, com seus jardins, seus laranjais, suas bananeiras, palmeiras, cactos, tudo cercado de moitas espessas, quase sempre cobertas

(*) *Nota do tradutor:* O autor, como se verá mais adiante, refere-se aos quatro rios que formam o Guaíba, isto é, o Gravataí, o Caí, o Jucuí e o dos Sinos, e ao Riacho, arroio tributário, que nasce no município de Viamão.

de mimosas amarelas, vermelhas, violetas ou brancas e, por fim, mais além da planície do sul, repousando agradavelmente a vista, lindas casas de campo (*quintas, chácaras* ou *fazendas*) bem construídas e situadas pitorescamente na inclinação dos morros.

Se escolherdes, para gozar esse quadro delicioso, um dos belos dias tão comuns a essa soberba zona, um tempo calmo, à hora em que Zéfiro faz a *sesta*, o momento em que o rio toma a aparência de um imenso espelho, tereis diante de vós um panorama dos mais pitorescos e animados. Tudo aquilo que vistes dobra-se em reflexos: as ilhas e os seus rebanhos, as casas e a sua vegetação de zona tórrida, os navios à vela e uma quantidade de elegantes gôndolas, enfeitadas de cores vivas e sulcando os cinco confluente. Enfim, dirigindo os olhos para o horizonte, na direção norte, vereis (se não fordes míope), à distância de quinze léguas, a cadeia de montanhas da serra Grande, velada em parte, femininamente, por uma atmosfera vaporosa, como para irritar nossa curiosidade.

Sabei que não se goza, apenas, uma vista agradável em Porto Alegre; goza-se, também, uma boa saúde, e não há clima que mais convenha aos europeus do que o seu. Não se sentem os calores sufocantes *da praia* do Rio de Janeiro, nem as *polvaredas* e as noites frias de Buenos Aires: é um ar temperado, embalsamado, puro e saudável. Basta dizer-se que os médicos não fazem fortuna ali, e que os próprios farmacêuticos se vêem obrigados a transformar-se em perfumistas.¹

Já disse que os edifícios, ainda que de uma arquitetura simples, não eram desprovidos de elegância. Isto se aplica às casas de construção nova. Feitas de tijolos e de pedra de cantaria, são geralmente de um só andar, mas muito elevadas, de uma forma quase sempre quadrada, com um grande número de janelas no sobrado e portas no rés-do-chão. Estas,

1 METEOROLOGIA – As estações começam a ser marcadas e a sentir sua influência nessa parte do Brasil. Entretanto, notei uma transição brusca entre o calor e o frio. Isso se pode atribuir à influência do vento minuano ou *pampero* (sudoeste), que, depois de ter passado sobre a cordilheira dos Andes, no Chile, e atravessado os pampas, vem esfriar subitamente a atmosfera. Esse fenômeno ocorre no fim de maio. Então, uma parte dos vegetais perde suas folhas: pode-se avaliar em *um quarto* o número das árvores florestais que se despem completamente durante a estação fria. A água gela, às vezes, nos meses de junho e julho.

cuja altura é de quinze a dezoito pés, são estreitas e multiplicadas; as janelas têm, também, bastante altura, são geralmente duplas, com dois batentes, arqueadas, e com grandes vidraças cortadas diferentemente em losango, quadrado, hexágono ou octógono. Um balcão de ferro recortado, às vezes dourado, ocupa toda a fachada, e alguns arcos leves estão nele colocados, de distância em distância, para sustentar, na época do calor, um toldo bor-

Dou, em seguida, o resultado de algumas observações meteorológicas, feitas durante a minha permanência em Porto Alegre. Os quatro meses correspondem ao outono e a uma parte do inverno.

Março – Vinte e dois dias de bom tempo, quatro dias nublados, cinco dias de tempestade e de chuva abundante. Máxima de calor, $25^{\circ} \frac{1}{3}$; mínima $12^{\circ} \frac{1}{3}$ Rr.; vento predominante, leste; variável de NE a SE.

Abril – Treze dias de bom tempo, dez brumosos até as dez da manhã; três dias de chuva fina, quatro dias tempestuosos. Máxima de calor 23° ; mínima $12^{\circ} \frac{1}{4}$; ventos predominantes sudeste e sul.

*Mai*o – Dezesesseis dias de bom tempo, sete brumosos pela manhã, seis de chuva ou vento, dois de chuva forte; máxima de calor $22^{\circ} \frac{1}{4}$; mínima 2° ; vento predominante SSE.

Junho – Vinte dias de bom tempo, cinco de neblina, quatro de chuva, um de tempestade. Máxima de calor 18° e mínima 0° Vento predominante, sul.

GEOLOGIA – O solo de Porto Alegre, semelhante ao de Montevidéu, me parece ser um solo primordial decomposto no próprio lugar e modificado pelos cataclismos dos períodos diluviano e aluvial. Essas decomposições teriam dado origem a *terrenos terciários* e, em consequência, a um solo de transporte de sedimento. Aliás, tratarei de deixar os geólogos formarem uma opinião mais precisa, indicando a natureza das rochas que compõem os diversos terrenos observados por mim nos arredores da cidade, e dos quais depositei amostras no Museu de Paris.

Os montes mais elevados do sul da planície são formados de massas volumosas e de fragmentos de *pegmatito róseo* decomposto, unidos a argila ferruginosa. Vêm-se com surpresa, no cimo dessas elevações, enormes blocos de conglomerados arredondados e endurecidos exteriormente pelo contato com as águas. É de crer que eles devem ter rolado nas correntes das alturas de Viamão, a três léguas a leste, ainda que muitos vales profundos interrompam atualmente a cadeia que devia ligar esse grupo de montanhas.

Toda a planície e os vales situados contra os montes e a cidade são compostos de argila limosa e de argila plástica, com as quais se fabricam telhas redondas, tijolos e, sobretudo, louça de uma excelente qualidade. Porto Alegre já é mesmo afamada por essa última indústria. A margem do rio e os barrancos estão cobertos de cascalho e de areias micáceas.

dado. O teto, coberto de telhas redondas, avança, erguendo-se, à maneira dos telhados chineses, numa cornija bem trabalhada. Esta parte saliente do teto está pintada de vermelho e ressalta, admiravelmente, sobre a moldura da cornija pintada de branco.

As casas de construção antiga são baixas, guarnecidas de janelas corrediças e portas com gelsias; mas, desde que dom Pedro I fez derrubar, num dia de mau humor, todas as rótulas do Rio de Janeiro, vão desaparecendo, também, pouco a pouco, nas outras cidades do Império.

Nada mais desagradável de ver do que essas rótulas, espécie de porta ou sacada com clarabóia, fazendo as vezes de gelosia. Imaginai uma longa rua guarnecida de rótulas, em cada lado, que servem de trincheira, de parapeito de galeria e de guarda-sol a umas caras bonitas (ou que a gente supõe bonitas), que se distraem a zombar de quem passa, escondendo-se para evitarem um olhar de admiração ou de desprezo!

A base da colina sobre a qual está situada a cidade é em parte uma rocha maciça de *pegmatito de grãos grossos*, com mica em grandes lâminas, que afunda sob o rio, na extremidade sudoeste dessa colina e, em parte, de *anéis* que contêm muito *quartzo*. Toda a colina é composta de resíduos de *quartzo* e de *mica*, que resultam da desagregação e da decomposição do pegmatito. Essa rocha mais ou menos friável, que tem mais de duzentos pés de altura e que repousa sobre pegmatito não alterado, é atravessada horizontalmente por filões de *caulim* avermelhado, quartzífero e micáceo que provém da decomposição do feldspato do pegmatito. Há, também, pequenos ajuntamentos de *argila bolar* estratiforme, que provém, provavelmente, de uma rocha pretrossilicosa decomposta. A mica lameliforme ou pulverulenta é tão abundante, tão brilhante na superfície do solo, que muita gente, enganada pela aparência, acreditou que essa bela colina contivesse uma mina do ouro ou prata.

A algumas léguas a leste de Porto Alegre, explora-se um banco de *pórfiro petrossilicoso* ordinário, de um pardo avermelhado claro, em massa subordinada ao meio da decomposição das outras rochas já citadas. É empregado na pavimentação das ruas com uma *pedra de pudim* composta e seixos aglutinados por um cimento bastante duro. A pedra de cantaria de que é calçada a frente dos edifícios é uma *metaxite avermelhada* (grés quartzoso com caulim) extraída a pouca distância da cidade. Finalmente, encontram-se também nos arredores massas subordinadas ao solo de transporte, de *diorito acinzentado*, de grãos finos, contendo muito pouco anfíbolo, e empregadas, como o pórfiro petrossilicoso, no calçamento das ruas e nos alicerces dos edifícios.

O forasteiro sente-se só nessa rua, porque não pode, de maneira alguma, apesar do seu alto grau de filantropia, sentir-se em sociedade no meio de negros embrutecidos, que circulam misturados com os bodes e cabras de que as ruas estão cheias. Ele se sente, portanto, só consigo mesmo, vendo em torno tantas barricadas. Mas, infelizmente, não é assim: no momento em que segue mais descuidado, uma imensa rótula se abre para deixar passar uma risada estúpida, e fecha-se de novo, rapidamente, como se sofresse de uma doença contagiosa. E não adianta zangar-se nem vociferar, porque o baço se manifesta facilmente nesse ditoso clima... O melhor é passar depressa e contentar-se em maldizer, secretamente, a barbárie dos portugueses, que, encerrando as suas mulheres nessa espécie de haréns, as tornam tão ignorantes, tão ridículas, que a simples vista de um estrangeiro é para elas uma fantasmagoria, uma sombrinha chinesa. Entretanto, era esse o aspecto do Rio de Janeiro, antes da chegada de dom Pedro, e é ainda o de uma infinidade de pequenas cidades do interior.

É preciso dizer que, em Porto Alegre, o viajante já está menos exposto a essas surpresas desagradáveis, apesar de os portugueses e brasileiros não serem, ali, menos ciumentos do que no Rio, na Bahia, em Pernambuco² ou em outros lugares. Apenas, seu ciúme não se manifesta de uma maneira tão chocante. A vizinhança dos *castelhanos* (é assim que designam os habitantes das províncias do Prata) contribui para modificar bastante seus costumes otomanos. Não está longe o tempo em que as mulheres dessa interessante parte do Brasil obterão as mesmas liberdades de que gozam as

Não existe calcário nos arredores, ou, ao menos, não foi ainda descoberto, apesar das cuidadosas pesquisas que foram feitas. A cal empregada na construção das casas vem de Santa Catarina, onde é obtida pela calcinação das conchas marinhas. (*)

A água surge em toda parte, ao pé da colina. Basta cavar algumas polegadas para obtê-la abundantemente, mas a gente prefere a água do rio.

Não encontrei nenhuma ossada fóssil nos arredores de Porto Alegre e não sei de outros que tenham sido mais felizes nas suas pesquisas.

(*) Entretanto, o doutor Frederico Sellow descobriu em 1830, na província de Santa Catarina, ao pé da serra do Mar, duas pedreiras de mármore da mais bela qualidade: uma, do mármore vermelho compacto, e outra do branco sacaróide (estuário); mas nenhum calcário comum.

2 *Nota do tradutor: Fernambourg*, no original.

montevideanas e as buenaienses. Mas essa época feliz não chegou ainda e, enquanto esperam, continuarão a suportar o jugo dos seus enfadonhos maridos, ou melhor, dos seus tiranos domésticos, espécies de Argos vigilantes que, não contentes de mantê-las na mais vergonhosa ignorância, ainda as encerram num aposento afastado, como escravas do himeneu... É muito difícil penetrar nesse santuário misterioso: a severidade dos maridos só diminui um pouco quando o estrangeiro, depois de ter vivido algum tempo na cidade, prova, por sua boa conduta, que pode ser apresentado sem perigo à família do brasileiro, ao qual veio recomendado, ou que conheceu acidentalmente. Então, o santuário lhe é aberto, mas não deve usar esse favor insigne, senão com a maior reserva e a maior circunspeção... Desgraça e catástrofe para o que trair a confiança de um Argos brasileiro... *Uma sova de pau* será o mínimo da pena imposta por esse abuso.

O caráter sombrio e excessivamente ciumento dos brasileiros contribui, assim, ao isolamento, no qual as suas mulheres parecem estar condenadas a viver *ainda algum tempo*. Conheci mulheres joviais, bonitas, amáveis... e até graciosas, que não exigiriam mais do que ir às vezes dar um passeio, freqüentar a sociedade, e enfeitar, animar com sua presença as reuniões masculinas, que eu achava tristes, insípidas, para não dizer intoleráveis. Ó, Voltaire, Ó, Légouvé, Ó, Madame de Staël, por que vossas eloqüentes respostas às sátiras, tão injustas quanto mordentes, dos Juvenal e dos Boileau não poderão ser lidas por todas as brasileiras? Adquiririam, ao menos, um justo sentimento de amor-próprio e de nobre dignidade, que lhes revelaria o que elas valem ou o que podem valer, e suas bocas não ficariam mudas, quando os pesados sofistas do gótico Portugal pretendessem inculcar-lhes princípios reprovados pelo mundo civilizado.³

Porto Alegre é uma cidade muito nova. Conta, apenas, uns sessenta anos, desde sua fundação. Pouco antes dessa época, seu sítio atual estava coberto de florestas sombrias, que serviam de asilo a jaguares, tamanduás, gatos-bravos e jacarés. Atualmente, é a capital da província do Rio Grande do Sul ou de São Pedro. Pode ter doze mil habitantes, e até quinze mil devido à população flutuante de estrangeiros que vêm de toda parte,

3 Voltaire disse: "A sociedade depende das mulheres. Todos os povos que têm a desgraça de segregá-las são insociáveis."

para ali comerciar temporariamente. Nestes dois últimos anos, sobretudo, ela começou a experimentar um crescimento rápido, que vai sempre aumentando. Não foi pequena a minha surpresa, quando me garantiram que, há dois anos, construía-se, ali, uma casa por dia!

A cidade é tão regular quanto pode permitir a desigualdade de uma colina um pouco íngreme, sobretudo na parte superior. Procura-se, aliás, diariamente, nivelar o terreno e alinhar as ruas, que são todas dotadas de calçadas e dirigidas para os quatro pontos cardeais. As que vão para o norte e para o sul são as menos agradáveis de freqüentar por serem traçadas no sentido da altura. As que são paralelas à direção da colina são mais bonitas: duas, entre outras, a Rua da Praia e a da Igreja, são notáveis pelo grande número de lindas casas que apresentam. A primeira, que fica na parte baixa, é a mais comercial; encontram-se, ali, as lojas e as principais casas de negócio. A outra, fica no alto da colina e, nela, estão a casa do governo da província, a tesouraria e a igreja principal, edifícios que só têm de notável sua extrema simplicidade. É, também, o ponto de encontro da sociedade nos dias de festas civis ou religiosas; a gente, ali, vai para gozar a frescura de uma bela noite e a vista encantadora de que tentei, antes, dar uma idéia.

Na parte mais baixa da cidade, à beira d'água, construíram-se e constroem-se ainda, diariamente, casas muito bonitas. São as do porto, expostas, às vezes, a inundações, como aconteceu nos fins de 1833. Havia, porém, um projeto para a construção de um cais, com o qual se espera recuar bastante as águas e aumentar, em igual extensão, a área da cidade.

À margem do rio fica situada a alfândega, edifício quadrado, solidamente construído e bem próximo à zona comercial. Da parte que dá para o rio, parte um trapiche de madeira, levantado sobre pilares de pedra, que se prolonga uns cem passos dentro da água. Na extremidade, há um vasto barracão, junto do qual colocaram-se alguns guindastes. Os navios podem atracar, ali, para carregar ou descarregar suas mercadorias. Os fardos, por pesados que sejam, são transportados por *negros* ao pátio da alfândega, para serem examinados; dali, outros *negros* (porque a raça africana tem no Brasil a função dos cavalos e das mulas) os transportam para seu destino. Terei ocasião, um pouco mais adiante, de dizer uma palavra sobre a

sorte dos escravos na província do Rio Grande. Viajantes, que tinham sido testemunhas da crueldade dos colonos franceses e ingleses, acharam o jugo dos escravos mais suportável no Brasil. Mas eu, que vi, na Argentina e na Banda Oriental, os negros *livres, industriosos, fazendo os brancos viverem* e colocados, enfim, na posição de homens, tenho o direito de achar deplorável a sorte deles no Brasil e de denunciar a infâmia dos europeus, que não têm vergonha de levar a sua imoralidade até o comércio clandestino da *carne humana!!!*... Ó, venerável abade de Pradt! Terias, também, sofrido, vendo as cenas dolorosas de que fui testemunha, mas a tua indignação, os teus lamentos, teriam reboado como o raio no meio desses homens que ousam chamar-se *civilizados*, enquanto os meus só terão eco na alma de alguns homens sensíveis, mas obscuros como eu.

Há em Porto Alegre cinco igrejas, um hospital, uma casa de beneficência, um arsenal, dois quartéis e uma prisão recentemente construída. Há outros edifícios públicos *em projeto*, e cogita-se de aproveitar a planície, chamada *Vargem*, edificando-se nela um museu e um jardim botânico. Porto Alegre, certamente, ainda será uma das mais belas cidades do Brasil e, ao mesmo tempo, umas das mais importantes sob o ponto de vista comercial.

A educação é muito descuidada na província do Rio Grande, e isto se reconhece imediatamente: os moços destinados à advocacia, à medicina e ao sacerdócio são enviados à universidade de São Paulo. Só havia escolas primárias elementares em Porto Alegre, quando por ali passei; entretanto, um português da Europa (sr. Gomes), juntamente com um jovem belga (sr. Giélis), acabavam de estabelecer uma escola primária superior. O talento e o zelo desses professores contribuirão, com certeza, a despertar o gosto pela ciência adormecido, geralmente, sob uma paixão desenfreada pelo jogo e pela depravação.⁴

Editam-se quatro ou cinco jornais periódicos, inteiramente consagrados à política. Os habitantes de Porto Alegre, como os das outras cidades do Império, estão divididos em dois partidos: o dos *caramurus*, que compreende os partidários e os defensores do governo monárquico, e o dos

4 O vício terrível que atraiu um dia a cólera celeste sobre a impudica Sodoma é confessado *publicamente* pelos brasileiros.

farroupilhas,⁵ partidários do governo republicano. Os últimos são os mais fortes, como em toda parte, mas desconhecem sua própria força. Aliás, os brasileiros em geral parecem ser pela República; mas, desgraçadamente, estão em dissidência, porque uns querem adotar a forma *unitária* e outros a forma *federativa*. O egoísmo, filho legítimo da ignorância e das pequenas paixões faz, ali, as vezes do patriotismo. A província do Rio Grande, que lhes é, ao contrário, muito útil, desejaria a Federação, isto é, o isolamento mais ou menos completo; mas as outras proles protestam. No fim das contas, ninguém se entende. Essa dificuldade de concordar sobre a *forma* retardará talvez o desfecho do *movimento*, e provocará, provavelmente, a anarquia entre os republicanos brasileiros. É de temer-se que, como na Confederação do Rio da Prata, o isolamento seja preferido e que tenhamos então *dezoito* repúblicas em vez de uma... Mas não é aí que está o mal, e sim na anarquia a que podem ser levados, por muito tempo, povos cuja educação política não é muito avançada. Não se deve procurar outras causa às dissidências, senão na ignorância *crassa*, em que a política estreita de Portugal, ou do *sistema colonial*, tem procurado envolver o germe dos sentimentos generosos que brota, às vezes, entre os brasileiros, apesar de sua falta de instrução.

Não existia ainda teatro em Porto Alegre, porque não se pode, sem fazer Talia corar, dar esse nome a um velho barracão, meio subterrâneo, em que se representam, de tempos em tempos, comédias burguesas. Havia um em construção, que será muito bonito, segundo me disseram. É pena que tenham escolhido o alto de uma rua (a *Rua do Ouvidor*) que se transforma em uma catarata nos dias de chuva.

Sinto ter de repetir, mas é uma verdade que não posso calar: as brasileiras dessa província não são nem belas nem graciosas. Em vão carregam-se e sobrecarregam-se de jóias, de fantasias, de flores, de bugigangas. Não conseguem animar seus rostos, dar expressão aos seus olhos ou ter esse ar de liberdade nos movimentos que tanto seduz nas *portenhas*.⁶ Procura-se,

5 Os portugueses da Europa, detestados no Brasil devido à sua oposição à marcha progressiva dos povos, são chamados *pés-de-chumbo*, e dão, por sua vez, aos brasileiros a alcunha de *pés-de-cabra*.

O nome *farroupilhas* foi dado a si mesmos pelos próprios patriotas.

6 As mulheres de Buenos Aires.

em vão, ler em sua fisionomia seu estado de alma: nada indica, nem mesmo a ingenuidade. São, em público, simples figuras de *autômatos*. E tudo por obra dos portugueses!... Diz-se que são ardentes na intimidade, apaixonadas até o excesso, mas apaixonadas por elas mesmas... São compensações que procuram, avidamente.

Seu traje de festa é um vestido de cetim branco, bordado e palhetado de ouro e de prata, sapatos e luvas de cetim e muitas jóias. Os cabelos são enfeitados de flores artificiais. O vestuário comum é diferente. Ainda que sigam com prazer as modas francesas, preferem as cores berrantes e os desenhos bizarros. Como são muito econômicas e sedentárias, cuidam muito de suas roupas, razão pela qual as modistas não fazem, em Porto Alegre, mais fortuna que os boticários. Um chapéu dura uma eternidade. São, sobretudo, as modas européias, de há seis anos, que fazem sucesso no Brasil. Vi esses enormes chapéus de palha e tafetá, sobrecarregados de laços de fita; abrigos escoceses, vestidos vermelhos e outras monstruosidades semelhantes.

Os homens seguem, também, as modas parisienses. São, falando de um modo geral, mais bem dotados em conjunto do que as mulheres, ainda que tenham um defeito comum, o nariz muito longo e pontudo. É uma leve modificação do nariz dos portugueses, que é mais grosso e carnudo. Os fisionomistas já sabem o que isso significa.

As igrejas são muito simples e pouco freqüentadas. Só as devotas (*beatas*) e as cortesãs conservam, ainda, o vestido negro e a mantilha de Portugal, traje de igreja, outrora de rigor... *outrora*, quer dizer, nos bons tempos da *Santa Inquisição*, quando eram necessários não somente intérpretes para rezar a Deus como também um traje. Como se aquele que criou Adão e Eva completamente nus fosse dar importância ao traje dos pobres seres humanos!

Se há pouco luxo dentro das igrejas, ainda se o conserva muito, por uma compensação naturalmente, nas procissões externas. As festas do *Espírito Santo* (Pentecostes) celebram-se com pompa, como no tempo do Concílio de Trento. As janelas são enfeitadas de ricas colchas de seda bordada, com franjas de ouro; as confrarias azuis sucedem às confrarias vermelhas, as vermelhas às brancas e as brancas às cinzentas, etc.; cada uma delas leva relicários de santos ricamente enfeitados e, durante três dias, vendem-se, publicamente, ao lado da igreja, *rosários*, *escapulários*, *galinhas assadas*, *doces*, *licores*, etc... Viva Roma !!!

A maneira como viajam as mulheres nesta província, como, aliás, em todo o Brasil, é bastante curiosa: não têm nenhum escrúpulo de ir *montadas* como os homens, e para isso levam bombachas debaixo do vestido; além disso, vestem uma longa sobrecasaca, espécie de amazona, às vezes de fazenda azul, mas, ordinariamente, de chita florida ou listrada. Põem na cabeça um imenso chapéu de tafetá, feltro ou castor, enfeitado de plumas de avestruz negras e longas, que formam um penacho. Ataviadas dessa maneira, parecem-se bastante às nossas altas e poderosas damas da nobreza campestre. E não penseis que essas brasileiras do campo não tenham a sua dignidade natural; ao contrário, ainda que nunca tenham saído de sua estância, chácara, ou fazenda; que jamais tenham abandonado as suas vacas, suas plantações de algodão ou de feijão, senão para ir à cidade mais próxima e, ainda que vivam na mais *crassa ignorância*, não deixam de ter, no mais alto grau, suas vaidades, sua suscetibilidade e seus ares de altivez.

Quando resolvem viajar, seja para ir à cidade ou para visitar alguma vizinha, coisa que acontece raramente, ostentam um grande luxo nos arreios do seu cavalo. A rédea, a testeira, o *recado*, as esporas, os estribos em forma de turíbulo, tudo é recoberto de prata maciça. É preciso que alguma mulher seja muito miserável para não ter ao menos a *testeira*, os estribos e as esporas de prata.

Os homens não são menos ostentadores: seus cavalos têm rabi-chos, barrigueiras e peiteiras, assim como o resto dos arreios cobertos de prata. Levam, também, na mão, como os argentinos, um pequeno chicote, cujo cabo muito curto é de prata maciça. O cabo e a bainha do seu facão são também de prata. A vestimenta dos homens da campanha é mais rica que a dos gaúchos argentinos e orientais. Consiste de sólidas botas, largas bombachas de veludo azul-celeste, uma jaqueta de pano azul, um amplo manto de pano e um chapéu de abas muito largas levantadas dos lados, preso sob o queixo por um barbicho que termina em duas bordas. Muitos usam, no verão, jaquetas de chita colorida, e os de mais posição uma sobrecasaca, também de chita, espécie de *robe de chambre*. Todos vão armados, em viagem, de uma longa espada como nos tempos da conquista, e de um par de pistolas que pendem do cinturão com uma pequena cartucheira.

Os cinco rios que se reúnem diante de Porto Alegre, para formar o rio Grande, são, o *Jacuí*,⁷ o *Catí*, o *rio dos Sinos*, o *Gravatá* e o *Riacho*. O primeiro, a oeste, é o rio principal, e forma o polegar da mão aberta; o último, a nordeste, forma o dedo mínimo, e não pode ser navegado por grandes barcos.

O comércio é ativo em Porto Alegre. Via sempre uns cinqüenta navios, tanto nacionais quanto estrangeiros, ocupando a enseada, sem contar com uma grande quantidade de pirogas de todos os tamanhos e de *chalanas*, destinadas ao transporte das mercadorias pelos cinco rios, e que facilitam tão admiravelmente as comunicações com o interior.

O Jacuí, principalmente, está sempre cheio de barcos de carga e de elegantes gôndolas. Ocupadas no transporte de inúmeros produtos da Europa, da América do Norte, ou das outras províncias do Brasil, para Rio Pardo e Cachoeira, pequenas cidades de muito futuro, sobretudo a primeira, que pode ser considerada o entreposto norte da província, incluindo a serra propriamente dita e as Missões do Uruguai.

Os navios europeus, com capacidade que não exceda duzentas toneladas e com calado inferior a dez pés de água, podem chegar até Porto Alegre.

Não existiam, por ocasião da minha viagem, mais de três casas francesas estabelecidas em Porto Alegre. Só uma delas fazia comércio direto com a França. Das duas outras, uma trazia os artigos franceses de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, onde são às vezes mais baratos do que no ponto de origem; e a segunda fazia um comércio extenso com os Estados Unidos, e era de propriedade do sr. Pradel, agente consular francês, homem muito estimável e geralmente estimado, o que é mais raro. É preciso dizer (e que isto possa servir de exemplo à grande maioria de nossos agentes consulares) que é difícil encontrar-se um homem mais desinteressado, mais prestimoso, mais disposto a prestar um serviço que o sr. Pradel. Nunca aceitou nenhum emolumento, prova rara de patriotismo, digna de ser divulgada, podendo, assim, conservar sempre uma nobre independência. Mas não está nisso

7 Já vimos que, na língua dos guaranis, a letra *Y* significa rio e que se junta frequentemente a um nome característico. Assim, Jacuí significa rio dos jacus, espécie de faisão; Jaguari, rio do jaguar ou do tigre, etc. *Guazu* quer dizer grande, e *miri*, pequeno.

seu mérito maior; sem ostentação de seus sentimentos patrióticos, leva seu desinteresse – diria mesmo sua liberalidade – ao ponto de não perceber nenhuma remuneração pelos diferentes atos e assinaturas que se reclamam dele. Está sempre pronto a defender nossos direitos junto às autoridades do país, e, apesar do seu título modesto de agente consular, todos lhe fazem justiça e respeitam o nosso pavilhão.

Eis o tipo de homem que devia prevalecer na escolha dos que vão defender nossos interesses comerciais em países estrangeiros. Se nem todos fossem capazes do seu desinteresse, todos poderiam ter sua experiência prática da legislação, dos costumes, do caráter da nação, junto da qual são mandados como representantes. Contribuiriam, assim, grandemente, para evitar divergências entre comerciantes e particulares, aconselhando melhor uns e outros, quando fossem consultados. Esta homenagem prestada às virtudes cívicas de um distinto patriota não deve parecer suspeita da minha parte; basta saber-se que não tenho a honra de conhecer o sr. Pradel.

A maior parte dos navios que vão a Porto Alegre são americanos-do-norte, brasileiros, italianos e alguns ingleses. Vê-se, de quando em quando, um navio francês procedente de Marselha ou de Bordéus. É raro, porém, que faça bons negócios, porque as mercadorias são de mau gosto, mal-escolhidas e inadequadas ao país. Do porto de Marselha, principalmente, saem carregamentos mais extravagantes e menos indicados... Seus vinhos e conservas são de uma qualidade detestável.

Não é somente em Porto Alegre que chegam carregamentos extravagantes. Acontece o mesmo em todos os portos do Brasil e do Prata. E há muita coisa, ainda, a dizer a esse respeito.

Sabe-se, de um modo geral, que, dos artigos franceses de grande consumo no Brasil, muitos convêm a Porto Alegre; entretanto, a vizinhança dos orientais e argentinos faz com que os gostos dos habitantes do Rio Grande sejam, de certo modo, *mistos*; é preciso, pois, ter residido certo tempo no lugar para conhecê-lo bem e não fazer encomendas no estrangeiro sem estar munido de amostras, de modelos e de medidas, porque as melhores anotações, as indicações mais minuciosas, não dariam senão uma idéia imperfeita dos gostos e necessidades dos habitantes.

No Rio Grande, como em todas as antigas possessões espanholas e portuguesas, os *negros* e *mulatos* são a gente *de officio*, isto é, os homens

laboriosos, os trabalhadores, aqueles, enfim, que têm mais necessidade de empregar sua *inteligência*. Infelizmente, porém, não passam de *escravos* e, sobretudo, de *negros*! São, fatalmente, uns *brutos*, uns vis usurpadores do nome de *homens*. E, entretanto, esses brutos asseguram a subsistência e todos os prazeres da vida aos seus indolentes senhores! Sabeis como esses senhores, *em sua superioridade*, tratam seus escravos? Como tratamos os nossos cães! Começam por chamá-los com um assovio e, se não atendem imediatamente, recebem dois ou três tabefes da mão delicada de sua encantadora ama, metamorfoseada em *harpia*, ou um soco ou um brutal pontapé do seu amo grosseiro. Se tentam explicar-se, são amarrados ao primeiro poste, e, então, o senhor e a senhora vêm, com grande alegria, ver flagelar, até que o sangue brote, aqueles que, as mais das vezes, só cometeram a falta bem inocente de não terem podido adivinhar os caprichos de seus senhores e donos!!! Feliz, ainda, o desgraçado negro, se seu *amo* ou sua *ama* não tomar uma corda, um chicote, um cacete ou uma barra de ferro, e golpear, no seu furor brutal, o corpo do pobre escravo, até que os pedaços arrancados de sua pele deixem o sangue escorrer sobre o corpo inanimado, porque o comum, nesses casos, é levantar o negro desfalecido para curar suas feridas! E sabeis com quê? Com *sal e pimenta*, como se trata a chaga de um animal que se quer preservar dos vermes! Pensam que esse tratamento não é menos cruel do que as chicotadas? Pois bem, vi essas coisas no ano da graça de mil oitocentos e trinta e quatro! E vi mais ainda. Há senhores, bastante bárbaros, principalmente na campanha, que mandam fazer incisões nas faces, nas costas, nas nádegas, nas coxas dos seus escravos, para meter *pimenta* dentro delas. Outros levam seu furor frenético ao ponto de assassinar um negro e lançá-lo como um cão ao fundo de um barranco. E se alguém, estranhando sua ausência, perguntar pela sorte do negro, terá esta resposta fria: morreu. (*O filho da p... morreu.*) E não se fala mais nisso. Há, entretanto, leis severas para essa espécie de crime. Mas como observa o sr. Balzac “*as leis nunca estorvam os empreendimentos ou dos grandes ou dos ricos, mas ferem os pequenos, que têm, ao contrário, necessidade de proteção*”.

Todos os dias, das sete às oito horas da manhã, podeis assistir um drama sangrento, em Porto Alegre. Se fordes até a praia, ao lado do arsenal, defronte de uma igreja, diante do instrumento de suplício de um divino legislador, vereis uma coluna levantada sobre um pedestal de pedra, e junto a

ela... uma massa informe, alguma coisa que pertence, certamente, ao reino animal, mas que não podeis classificar entre os *bímanes* e os *bípedes*.. É um negro!...Um negro condenado a duzentas, quinhentas, mil ou seis mil chicotadas! Passai adiante, retirai-vos dessa cena de desolação: o infortunado não é mais do que um conjunto do membros mutilados, que se reconhecem dificilmente sob os pedaços sangrentos de sua pele flagelada.

E há quem se admire de que os negros se revoltem contra os brancos! É curioso notar que os legisladores das colônias modernas empregam para defender o tráfico de negros os mesmos sofismas que combatem quando os *turcos* querem justificar o cativeiro dos brancos. Mas toda essa argumentação há de cair por absurda... E a aristocracia da pele passará como todas as outras aristocracias! Tempo ao tempo!

.....
Capítulo XIX

ARREDORES DE PORTO ALEGRE – A PROVÍNCIA EM GERAL

CAPELA DE VIAMÃO – A COLÔNIA ALEMÃ DE SÃO LEOPOLDO – A LAGOA DOS PATOS
– RIO GRANDE OU SÃO PEDRO – SÃO JOSÉ – SÃO FRANCISCO DE PAULA
– A PROVÍNCIA EM GERAL

I

AVILA de Viamão,¹ situada a três léguas a sudeste de Porto Alegre, era a capital da província, quando Porto Alegre não era nada ou muito pouca coisa. Primitivamente, a cidade do Rio Grande foi a sede da capitania, e gozou desse privilégio até 1763, quando o governo foi transferido para a Capela do Viamão, por ser um ponto mais central.² Há, somente, quarenta anos que Porto Alegre tornou-se definitivamente a capital da província.³

Naquela época, Viamão era uma pequena cidade bastante desenvolvida, mas, atualmente, é uma a simples vila que os habitantes aban-

1 Deu-se à *Capela* o cognome de *Viamão* porque de suas alturas vêem-se os cinco rios que reúnem suas águas diante de Porto Alegre e que formam uma mão aberta, da qual o *Jacuí* seria o polegar e o *Riacho* o mínimo. Daí veio o nome: *vi a mão...*

2 Nessa época, os limites da província eram além do Jacuí, em Santa Maria da Serra.

3 61 anos.

donam devido à dificuldade de comunicações. Não conta mesmo mais de quinhentos em todo o seu distrito. Está situada no meio de um grupo de montanhas que dominam uma grande extensão de terras. Chega-se, ali, por três caminhos diferentes, que passam por algumas colinas altas, mas pouco arborizadas. O terreno, composto de uma argila avermelhada, está coberto de blocos volumosos dessas espécies de mármore de que já falei, que formam massas de figuras bizarras, arredondadas, pelo contato com as correntes. Há, também, muitos fragmentos de quartzo, mica e gneiss. A indústria principal é a fabricação de louça, de tijolos e a cultura da mandioca. A capela é digna de ser visitada.

Alonguei minhas excursões até além de Boavista e de Barrocadas, aldeias situadas a mais ou menos dez léguas a leste de Porto Alegre. Boavista é uma estância pertencente ao conde de Rio Pardo, antigo camareiro, general e ministro de dom Pedro I. Retirou-se para ali, com sua esposa, depois da partida do imperador. Possui um curtume, contíguo à sua moradia e que é dirigido por um francês. Tive ocasião de ver o conde de Rio Pardo e constatei, com prazer, que não me haviam enganado a respeito de seu caráter amável e cordial. É um aristocrata *enrouillé*, como ele mesmo diz, em bom francês, mas aceita a situação filosoficamente. *Resignado a tudo*, esperou em silêncio o Messias... Mas, atualmente, se limita a dizer, com uma certa seita israelita:

“Malditos aqueles que calcularem os tempos do Messias!”

Notei nas colinas de Barrocadas blocos consideráveis de *hidrato de ferro* celular, no meio de uma argila amarela arenosa.

Toda a região que se estende para leste dos montes de Viamão e ao norte da Lagoa dos Patos é inteiramente plana, ao nível do mar, salvo algumas pequenas colinas sem direção determinada. Parece que não faz mais de um século que as águas se retiraram da planície pantanosa de Barrocadas.

II

Para ir à colônia alemã, subi o rio dos Sinos, rio de quarta ordem, bastante profundo, mas de tal modo sinuoso que a distância de Porto Alegre

a São Leopoldo, de apenas sete léguas por terra, torna-se de quase vinte léguas por água. Assim como o Jacuí e todos os outros afluentes do rio Grande, o rio dos Sinos corre sobre um leito de areia e de terra limosa. As margens são tão pouco elevadas que parecem submersas. Entretanto, são habitadas e cultivadas, mas a gente teve o cuidado de construir as casas sobre estacas, ou sobre uma armação de madeira, de cinco a seis pés de altura. O teto dessas habitações, construído em saliências, lhes dá a aparência de pavilhões chineses.

Depois de remar toda a noite, o barco alemão no qual havíamos viajado parou num lugar chamado Três Portos. São simplesmente três clareiras no meio do mato, na margem esquerda, mais elevada, ali, do que nas outras partes. Já nos encontrávamos na colônia alemã. Desse lugar a São Leopoldo são apenas duas horas a pé, ao passo que, seguindo o rio, para chegar ao verdadeiro porto, é preciso remar o dia inteiro. Preferimos ir a pé, caçando, a respirar por mais tempo as exalações fétidas de um barco coberto, provocadas por uma meia-dúzia de criadas e não sei quantas crianças, que comiam laranjas, bananas e outras coisas gostosas, de que a gente se satura rapidamente.

Percorremos uma região encantadora, montanhosa, coberta de matos, de praias, de granjas alemãs, de campos cultivados e banhada por uma infinidade de regatos. Subimos colinas elevadas, cobertas de espessas florestas através das quais foram abertas estradas que se cruzam em todos os sentidos, abrindo comunicações para todos os pontos da colônia.

Depois de termos subido e descido várias vezes, avistamos, enfim, na volta de um caminho coberto, a vila de São Leopoldo, situada no meio de uma planície baixa, que pode ter duas léguas de circunferência. Pensamos estar na Alemanha. Não pude deixar de experimentar, à vista dessa povoação européia, um sentimento de admiração, pois fui imediatamente surpreendido pelo contraste que me ofereciam esses lugares cultivados com cuidado, esses caminhos abertos penosamente através das colinas, dos montes e das florestas, essas pequenas propriedades cercadas de fossos profundos ou de sebes vivas, essa atividade dos agricultores e operários, rivalizando, de modo invejável, pela prosperidade de comum, com o abandono absoluto no qual os brasileiros deixam suas terras, o mau estado de seus caminhos, suas choupanas em ruínas, enfim, essa falta de indústria, esse espírito perdulário e destruidor que os caracteriza, assim como os argentinos.

Minha admiração não foi menor ao ver, quase sob o trópico, uma nação das regiões polares conservando seus hábitos, seus costumes, sua vida ativa, e dando origem a uma geração que deve um dia mudar a face do país.

A vila de São Leopoldo, também chamada a *Feitoria*, está situada, como acabo de dizer, em uma planície baixa, à margem esquerda do rio dos Sinos, a sete léguas ao norte de Porto Alegre. De todos os lados, ao sul, a leste e a oeste, a planície é dominada pelas colinas cobertas de florestas. A oito ou dez léguas para o norte passa a grande cadeia de montanhas, a serra do Mar, que se dirige para o oeste, e através da qual os alemães abriram estradas admiráveis, vencendo extraordinárias dificuldades. Independentemente da cadeia principal, existem ainda alguns montes isolados no sul e no centro da própria colônia.

Não se teve muito em vista a higiene pública, ao fundar a vila num lugar muito pantanoso, que, com as menores chuvas, se inunda e torna as ruas intransitáveis. Só se pensou, sem dúvida, na vantagem do comércio e na grande comodidade que oferece a vizinhança da água. Isto prova que os alemães não recuam de nenhum obstáculo e que a palavra *impossível* já não tem equivalente em sua língua como não tem na nossa. Tratavam, aliás, diariamente, de elevar o terreno, secar os pântanos e desviar as águas pelas quais estes são alimentados.

Havia, então, em São Leopoldo, cerca de cento e cinquenta casas de madeira e tijolo, onde vivia uma população de uns mil habitantes, a qual deve aumentar progressivamente, uma vez que a vila não contava mais do que cinco anos de fundação. É habitada, principalmente, por artífices alemães, tais como marceneiros, ferreiros, carpinteiros, cordoeiros, alfaiates, seleiros, latoeiros, etc.; e por proprietários de botequins, armazéns e lojas, tanto alemães como estrangeiros. Havia muitos negociantes franceses, que faziam excelentes negócios.

A colônia alemã, da qual essa vila já é o mercado principal, não ocupa atualmente mais do que um território de quinze léguas quadradas, mas pode estender-se muito, para o norte, além da serra, porque não tem desse lado outros limites senão os da própria província.

A maior parte dos colonos alemães são agricultores. É distribuída entre eles uma porção mais ou menos considerável de terreno, com a

obrigação de sua parte de abaterem os matos e de cultivarem o lugar que ocupavam. Se há pastagens em torno de suas propriedades, reservam uma parte para a criação de vacas e a fabricação de manteiga e queijo, que vendem facilmente em Porto Alegre.

Outros alemães, que possuem algum capital, formaram estabelecimentos mais ou menos importantes, como curtumes, destilarias, serrarias, olarias, e outras fabricações tais como a de farinha de mandioca e de açúcar, que já produzem um bom rendimento para a colônia, sem falar nos benefícios das relações comerciais que a sua atividade mantém com Porto Alegre. A terça-feira de cada semana é o dia marcado para levar à capital os comestíveis e os produtos da indústria dessa pequena república.

Muitos brasileiros, consultando mais seu interesse privado do que sua inclinação naturalmente invejosa da prosperidade dos estrangeiros, começavam a estabelecer-se na colônia, comprando muito caro os terrenos concedidos aos alemães, que estes lhes cediam de boa vontade na esperança de formar em outro lugar maiores estabelecimentos. O sentimento de emulação acabará nascendo entre os brasileiros, à vista de tantas dificuldades vencidas por homens industriais, ou, ao menos, o *orgulho nacional* se sentirá interessado no progresso da colônia, o que deve trazer excelentes resultados à região. Já se formou uma sociedade de acionistas para a construção de uma ponte sobre o rio dos Sinos e já se fala em levantar edifícios públicos, abrir novas estradas, construir um barco a vapor, empreender, enfim, trabalhos capazes de fomentar a indústria e favorecer o comércio, verdadeiras fontes da riqueza e da civilização dos povos.

Há, na vila, uma capela mantida por um padre católico e, a uma meia légua a sudeste, em uma aldeia chamada Feitoria (porque era, outrora, um mercado de negros), uma outra capela, mantida por um ministro da religião protestante.

As autoridades são brasileiras: um juiz de paz, que dá audiência uma vez por semana, e um comandante militar.

Fomos recebidos pelo doutor João Daniel Hillebrand, jovem muito instruído, que reúne à sua grande modéstia excelentes maneiras e muita amabilidade. Hamburguês de nascimento, dominando os idiomas francês e português e exercendo, há muitos anos, com sucesso, a medicina e a cirurgia, o doutor Hillebrand conquistou a confiança dos habitantes da

colônia, que têm por ele a maior consideração. E ele bem a merece certamente, pelos seus variados conhecimentos e por seus sentimentos tão humanos. O doutor Hillebrand, também, se ocupa muito de história natural, principalmente de ornitologia e entomologia. Adquiriu esse gosto quase apaixonado quando acompanhou, durante algum tempo, o doutor Sellow (ou Selo). Mostrou-nos suas coleções, já numerosas, de pássaros, insetos e madeiras úteis, e também muitos objetos curiosos, tais como armas de bugres, vasos, etc... Excelente desenhista, pintou uma coleção dos lepidópteros da colônia. Fiquei encantado com a exatidão do desenho e a frescura do colorido desses lindos insetos.

A colônia alemã deve ser visitada pelos naturalistas e pelos amantes da *bela natureza*. Encontram-se, ali, todos os produtos da Província, no reino orgânico: belos pássaros, insetos raros, mamíferos estranhos, plantas preciosas, tudo se reúne nessa localidade para excitar a admiração dos curiosos. Numerosos caminhos, abertos no meio das florestas, permitem ao caçador percorrer os arredores de São Leopoldo sem ser incomodado pelo calor, mas gozando, ao contrário, a fresca sombra de inúmeras árvores copadas das mais variadas espécies.

Quase todas as árvores dessas florestas, ainda pouco conhecidas dos botânicos, têm uma propriedade particular. São mesmo raríssimas as inúteis.⁴

O terreno da colônia, entrecortado de altas colinas, de morros escarpados, de vales e de planícies pantanosas, é argiloso nas alturas e arenoso nas partes baixas. As pedreiras em exploração só fornecem, por enquanto, grés brandos que se empregam na construção das casas. Parece existir calcário em algumas florestas, mas ainda não foi possível descobrir-se uma pedreira suscetível de exploração.

III

O rio conhecido pelo nome de rio Grande começa em Porto Alegre e é formado pela junção dos cinco rios, que estendem majestosamente

⁴ V. nota M, pág. 302.

as suas águas diante dessa bela cidade. Por um espaço de oito a dez léguas, corre sobre um leito variável em largura (de meia légua a três), cercado de montes de forma cônica e compostos de fragmentos mais ou menos grandes de rochas plásticas ou desses conglomerados de que falei, por ocasião de minha excursão à Capela de Viamão. Esses montes são, além disso, arborizados até o cume, principalmente do lado sul. Já fiz a mesma observação a respeito da serra.

Antes de entrar na lagoa, o leito do rio tem, apenas, meia légua de largura. Os pilotos redobram a atenção, porque é necessário passar tão perto das rochas que, muito freqüentemente, o navio tem de ser defendido com auxílio de fortes bambus. Abre-se, então, a grande bacia ou *lago*, muito impropriamente chamado *laguna* ou *lagoa* dos Patos. Esse lago, separado do oceano por uma praia ou dunas de pouca extensão, chamada *praia do estreito*, forma um pequeno mar mediterrâneo de quarenta e cinco léguas de comprimento por uma largura variável. Os montes terminam na entrada da lagoa, num lugar que tem o nome de *Ponta do Itapuã*. Estendem-se ainda um pouco para leste e oeste, mas sempre se abaixando, até formarem uma praia ou montículos de areia, que retêm, apenas, as águas, às vezes agitadas, dessa imensa lagoa. As margens, assim como o fundo, são de areia pura, e dunas dessa substância alongam-se muitas léguas dentro das terras. Vários rios bastante grandes, como o Camaquã, o São Gonçalo, etc., vêm aumentar a massa das águas. É provável que, em uma época não muito remota, essas águas se estendessem pelas grandes planícies baixas de Viamão, Boavista e Barrocadas.

A navegação é fácil na lagoa dos Patos para barcos bem carregados, cujo calado não exceda dez pés de água. Às vezes, aparecem navios de duzentas toneladas, mas são forçados a esperar as marés altas para navegar sem dificuldade.

Não se chegou ainda a um acordo sobre o motivo pelo qual foi dado a esse lago o nome de lagoa dos Patos. Algumas pessoas pretendem que foi devido à imensa quantidade desses palmípedes que ali viviam antes; outras, que foi em memória de uma tribo de índios chamados *patos*, que viviam nas margens ocidentais, e que foram mencionados por alguns geógrafos em seus mapas. Mas a opinião mais generalizada e a mais curiosa é a seguinte:

Os jesuítas, que tinham grandes estabelecimentos para os lados do Uruguai e em diversos pontos do interior, em uma época em que o governo português não havia ainda colonizado essa parte do Brasil, sentiram grande necessidade de ter um porto de mar, tanto para facilitar suas comunicações com a Europa como para conseguir um escoadouro aos ricos produtos de suas missões. Suplicaram, então, muito humildemente, ao poderoso rei de Portugal que lhes concedesse a propriedade perpétua dessa *pequenina lagoa*, para nela criarem patos. Obtiveram, facilmente, o que pediram; mas aconteceu que, alguns anos depois, o rei de Portugal, tendo mandado examinar o lugar, descobriu, não sem algum despeito, a mistificação dos reverendos padres. Entendendo que não devia continuar como vítima da astúcia dos jesuítas, o governo português retomou seus direitos à lagoa, que conservou, entretanto, para sempre o nome dado pela santa corporação.

IV

Estamos a seis léguas e meia da embocadura do rio Grande e a sessenta de Porto Alegre. Isto quer dizer que chegamos ao principal porto da província, conhecido pelo nome de Rio Grande. Há duas cidades reunidas sob esse nome (ao qual se liga, na Europa, a idéia de *couros leves*), divididas pelo rio, cuja largura é aqui de mais ou menos sete quartos de légua. Uma, que tem o nome de *São José*, ou simplesmente *do Norte*, é a da margem esquerda; a outra, com o nome de *São Pedro*, ou *do Sul*, é a da margem direita.

A situação das duas cidades, além de tristíssima, é insuportável sob todos os aspectos. Só a ambição do dinheiro, uma deportação ou um interesse muito poderoso poderão obrigar alguém a viver ali. Imaginai que só se toca e só se sente areia, areia, e mais areia!... E não pode ser de outra maneira, porque as duas cidades estão no meio de dunas, e o menor pampeiro levanta verdadeiras avalanches, que cobrem completamente as ruas e sepultam, às vezes, as casas baixas!

Entretanto, essas cidades são comerciais, principalmente a da margem direita, onde vão mais freqüentemente os navios que chegam da Europa, devido aos escoadouros que oferece a campanha vizinha da Banda

Oriental. Vê-se logo, pela opulência dos habitantes, que os negócios são bons nessa parte da província. Há, entre eles, alguns imensamente ricos, que fizeram construir casas e estabelecimentos espaçosos. É possível fazer-se uma idéia de quanto esses edifícios lhes custaram, quando se sabe que é preciso trazer todos os materiais de Porto Alegre ou de outros pontos mais distantes do interior. O que contribui mais para a prosperidade de São Pedro é o espírito de associação de seus negociantes, os quais empregam uma grande parte de suas fortunas em empreendimentos de utilidade pública, tendentes a atrair o comércio estrangeiro e a modificar, com trabalhos importantes, os graves inconvenientes de uma situação tão desagradável e tão pouco cômoda como a de sua cidade. Foi assim que uma sociedade de acionistas, dirigida pela casa Carrol Forbes & Cia., encarregou-se de fazer abrir, por meio de caríssimas máquinas a vapor, um canal que permite aos navios de duzentas toneladas e mais atracarem para carregar e descarregar. Antes da conclusão desses trabalhos, terminados em 1833, não sem grandes prejuízos por parte da sociedade, os navios paravam todos em São José, e os armadores e consignatários tinham de suportar fretes maiores de transbordo e de transporte.

Uma alfândega espaçosa foi construída; alguns cais foram feitos; um teatro acaba de ser terminado e uma câmara municipal está em construção. Tudo isso *à custa dos negociantes da cidade*.

Uma outra causa da prosperidade de Rio Grande é a proximidade de São Francisco de Paula, cidade muito nova, a nove léguas, mais ou menos, a noroeste, com a qual as comunicações são rápidas e fáceis, por meio de um navio a vapor que vai e vem, diariamente, de um ponto ao outro, transportando mercadorias e passageiros. Há, além disso, muitas lanchas, balandras, etc., que fazem constantemente esse trajeto, assim como o de Porto Alegre.

A casa Carrol Forbes & Cia. solicitou, o ano passado (1834), do governo brasileiro, um privilégio de dez anos para o estabelecimento de três navios a vapor destinados um à navegação a vapor do Rio Grande a Porto Alegre, outro à do Jacuí até Cachoeira, e o terceiro a rebocar os navios que se apresentam na barra.

As duas cidades reunidas não contam mais de seis mil habitantes fixos: a da margem direita quatro mil e quinhentos, e a da esquerda mil e

quinhentos. Nesta última, há quatro ruas principais guarnecidas de calçadas, que se dirigem para o sul e para norte, e que vão terminar de um lado no rio, e do outro em montículos de areia, no meio dos quais encontram-se fontes de água límpida e potável.

Na cidade *do Sul* há três ruas principais, muito longas, não pavimentadas, mas guarnecidas de calçadas, cuja direção é de leste a oeste, a fim de garanti-las, tanto quanto possível, da invasão das areias. Vêm-se com tristeza, fora da cidade, essas grandes dunas que ameaçam sepultá-la como uma nova Herculánium. Havia o projeto de fazerem-se trabalhos desse lado para conter a ameaça das dunas, mas creio que o melhor remédio seria plantar algumas árvores, como *espinillos*, *ñandubais* e *carandaís*, e outras próprias de terrenos arenosos.

Os edifícios públicos e particulares estão construídos no gosto e na forma dos de Porto Alegre; há soberbas casas de três andares, com balcões de ferro e fachadas de cantaria.

A alfândega principal está em São Pedro, mas há uma administração subalterna em São José onde os navios podem deter-se, se isso lhes convém. Os que se dirigem a Porto Alegre, ou voltam de lá, param em São José para receber o piloto. Existem regulamentos novos, publicados em português, inglês e francês, relativos às ordens de estadia que se devem obedecer nos dois portos, e três navios de guerra estão encarregados de fazê-las executar.

A embocadura do rio Grande está obstruída por uma *barra* ou banco móvel de areia, que torna a entrada muito difícil para navios de calado superior a dez ou onze pés. Durante a noite, um fogo colocado na margem *direita*, e que se percebe a *quatro léguas* de distância, indica a entrada do rio. Durante o dia, bandeiras de diversas cores, içadas no alto do farol, indicam a quantidade de água no canal e a direção a seguir. Em julho do ano passado, essa direção era de *nordeste* a *sudoeste* para entrar. Um novo canal acaba de ser aberto ao sul, mas só pode ser atravessado por navios de oito ou menos pés de calado. De resto, há sempre pilotos experimentados na embocadura do rio Grande para conduzirem os navios a uma das duas cidades; se esses navios se destinam a Porto Alegre, outros pilotos os guiam através da lagoa dos Patos.

Não devo deixar de dizer que existem em São Pedro duas tipografias, dois jornais políticos e uma pequena biblioteca, composta em grande

parte de livros franceses. Em matéria de línguas estrangeiras, aprende-se de preferência o *francês*, como acontece em todo o Brasil e nas províncias do Prata.

V

São Francisco de Paula é uma encantadora cidadezinha que não conta mais de uns dez anos de existência, e que, entretanto, já rivaliza com Porto Alegre pela atividade de seus habitantes, a importância de suas transações comerciais e o grande número de edifícios que se constroem diariamente.

Está situada na margem esquerda do rio São Gonçalo, a uma légua e meia da embocadura desse rio, da lagoa dos Patos, entre os arroios *Pelotas e Pelado*.

A posição de São Francisco de Paula é muito agradável, porque a campanha que a cerca é muito fértil, bem cultivada e banhada por arroios arborizados. Está, além disso, colocada sobre uma colina que domina toda a paisagem. As ruas são retas, com calçadas largas, e vê-se facilmente que reina ali o mesmo espírito de emulação que em Rio Grande pelo progresso da cidade nascente, a construção de edifícios notáveis e, em geral, por tudo aquilo que pode contribuir para embelezá-la, favorecer o comércio e atrair os estrangeiros. Há um teatro muito bonito, realmente elegante e cômodo. Existia apenas uma tipografia, no ano passado, mas circulam vários jornais políticos. A população já se elevava de sete a oito mil habitantes.

É fácil prever que, dentro de poucos anos, ela será a segunda cidade da província, e talvez a mais comercial, porque toda a parte sul, desde São Gabriel (ao centro) até o Prata, e mesmo a fronteira nordeste da Banda Oriental, são abastecidas por São Francisco de Paula, ao passo que Porto Alegre abastece o norte, a partir do Jacuí, incluindo a serra e as Missões do Uruguai. Esta parte, porém, ainda que mais populosa do que a outra, não é tão rica pelo fato de as estâncias não se terem ali multiplicado, devido à má qualidade das pastagens, ao grande número de florestas e à irregularidade do solo.

Acrescente-se a esses elementos de prosperidade para São Francisco de Paula a vantagem inapreciável de estar situada sobre o rio São

Gonçalo, que comunica a lagoa Mirim com a dos Patos, e permite, assim, o *transporte por água* dos produtos da campanha vizinha, dos *terrenos neutros* da parte sudeste da Banda Oriental. Além disso, as margens do São Gonçalo estão cobertas de *charqueadas* ou *saladeros*, que enriquecem os seus proprietários a ponto de eles já terem projetado abrir, *a sua custa*, um canal mais profundo do que o rio (cuja entrada é obstruída por bancos de areia), de modo a permitir que os navios de alto-mar vão diretamente a São Francisco de Paula.

Um barco a vapor, construído no próprio lugar, que percorre nove milhas por hora e conduz mercadorias e passageiros, vai e vem, diariamente, de São Francisco de Paula a Rio Grande, passando pela cidade *do Norte*, ou São José. Cogita-se, seriamente, de construir um segundo para fazer a navegação até Porto Alegre.

São Francisco de Paula está a cinqüenta e duas léguas de Porto Alegre, nove do Rio Grande do Sul e doze da embocadura do rio.

Agora, lancemos um olhar rápido sobre a província em geral.

VI

A província do Rio Grande foi cognominada *do Sul* para distingui-la de uma outra província do Brasil, chamada Rio Grande do Norte, situada entre Paraíba, Ceará e o oceano. No Brasil, dá-se à província do Rio Grande do Sul o nome mais breve de São Pedro. Seus limites são, ao norte, a província de São Paulo, outrora São Vicente, da qual é separada pelo rio Curitiba ou Iguaçu; a oeste, pelo Paraná que a separa do estado do Paraguai, e pelo Uruguai, que serve de limite com Corrientes, uma das províncias da confederação argentina; ao sul, pela Banda Oriental, cujos limites são o Jaguarão e o Quaraí, e pelos terrenos neutros que se estendem ao sul e ao oeste da lagoa Mirim; enfim, a leste, pelo Oceano Atlântico e pela pequena província de Santa Catarina, que se estende muito além da serra do Mar.

O território de São Pedro, cuja superfície pode ser avaliada em quinze mil léguas quadradas, se divide em cinco comarcas, que têm como sede Porto Alegre (capital): Rio Pardo, Rio Grande, Piratini e São Borja. Essas cinco comarcas se subdividem em onze distritos, os quais compreendem

as vilas de Rio Pardo, Patrulha, Vila Nova da Cachoeira, São Luís da Leal Bragança, São Francisco de Paula, Piratini, São José do Norte, Senhor Bom Jesus do Triunfo, Caçapava, Alegrete e Jaguarão. Há, além dessas vilas, uma grande quantidade de povos e de freguesias, dos quais os principais são Viamão, São Leopoldo, Barrocadas, Freguesia Nova, Santo Amaro, São Gabriel, Bagé, Santa Maria da Serra, São Martinho, Itaqui, e os povos das Missões, cuja vila principal é São Borja. São, todos eles, outros tantos termos ou justiças.

Em cada uma das comarcas há uma *câmara* (municipalidade) e um *ouvidor*, que é um juiz de segunda instância, do qual se apela para as cortes soberanas da Bahia e do Rio de Janeiro, chamadas *Relações*. Os juizes de paz estão mais especialmente encarregados da polícia dos *termos*.

Em 1834, calculava-se a população total da província em 160.000 habitantes, sendo que os alemães representavam um décimo desse total. Só a nova colônia de São Leopoldo contava oito mil. É verdade que se compreendiam sob a designação de alemães emigrados de todas as nações, mas, por mais fraca que seja a população alemã em relação ao número de brasileiros, ela tem, entretanto, uma grande importância moral, pois seu exemplo não pode deixar de estimular, mais cedo ou mais tarde, o caráter apático dos brasileiros. Até agora, ela tem feito tudo o que dela se podia esperar, e já são tantos os melhoramentos introduzidos nas artes e na cultura, que o aspecto da província se transformou, a ponto de torná-la irreconhecível aos olhos daqueles que a tinham percorrido antes da guerra do Brasil com a República Argentina. É agora uma província *indispensável* ao Brasil, pois é a única que lhe pode fornecer carne, sebo, couros, cavalos, mulas, milho e até trigo, ao passo que poderia, se houvesse necessidade, prescindir das outras, pois suas culturas de mandioca, algodão, arroz, açúcar, etc. produzem o suficiente ao seu consumo.

Poucas regiões no mundo são banhadas e vivificadas com mais profusão do que a província de São Pedro. Só a Banda Oriental pode ser comparada a ela. O clima é saudável, temperado e nenhum outro lugar é mais adequado às colonizações européias. Os frutos das regiões equatoriais crescem ali, juntamente com os da zona temperada; colhem-se na colônia alemã os frutos do coqueiro e da bananeira, marmelos, maçãs, pêras, laranjas e os suculentos pêssegos do Velho Continente. As plantações de uvas

têm tido o mais feliz resultado na colônia alemã, e não duvido que um dia essa feliz província possa exportar excelente vinho para os outros portos do Brasil. Admiro-me até de que ainda não se tenha tirado proveito das colinas de Porto Alegre para a cultura da vinha. O *chá* compensaria também amplamente as tentativas que se fizessem para cultivá-lo nesse paralelo, uma vez que o solo é, ali, menos elevado do que em São Paulo.⁵ O chá da América do Sul (a erva-mate do Paraguai) é objeto de um grande comércio nas Altas Missões, sobretudo depois que foram proibidas as relações com aquele governo ditatorial.

Notei que os numerosos cactos, que crescem naturalmente nas planícies arenosas de Viamão, Boavista e Barrocadas, estavam cobertos de cochonilha silvestre, que poderia ser aproveitada; mas seria preciso para isso, como para tantas outras coisas, que os estrangeiros dessem o exemplo.

Na parte norte da província, e até os arredores de Porto Alegre, encontram-se, abundantemente, plantas medicinais, de qualidades comprovadas, tais como a *douradinha*, a *charrua*, o *matapasto*, a *macela*, a *copita*, a *ruivinha*, a *ipecacuanha*, etc. O sr. Bonpland descobriu nas Missões uma espécie de ruibarbo, uma salsaparrilha, um alcaçuz, e outras plantas que empregou com o maior sucesso. A exemplo dos guaranis, os brasileiros conhecem as propriedades da maior parte das plantas e delas se servem ordinariamente, sem consultar o médico, já que este último recurso não seria fácil devido ao afastamento das cidades.

Os produtos de grande exportação são mais ou menos os mesmos que em Montevidéu e Buenos Aires, mas existem outros nessa província, como, por exemplo, o ouro em pó dos arredores de Caçapava, a farinha, a cachaça, os feijões, os couros curtidos e as madeiras para ebanistas, tintureiros, marceneiros, carpinteiros, armadores navais, etc. Todos esses artigos só esperam braços e capitais para serem explorados com utilidade. Uma porção de indústrias lucrativas ainda poderá ser criada em benefício do comércio

5 A cultura do chá da China faz muitos progressos no Brasil. Independentemente da colheita que se faz no Jardim Botânico do Rio, ele é colhido também nas províncias de Minas, São Paulo e Santa Catarina. Mas é, sobretudo, na de São Paulo que essa cultura foi mais intensificada: colheram-se, em 1833, mais de cem arrobas (1.472 quilos).

interno, do consumo local e da exportação.⁶ Os artífices laboriosos podem estar certos de ser ali bem acolhidos. Com poucos fundos e alguma inteligência podem contar com um brilhante futuro. Desgraçadamente, acontece com bastante freqüência que eles partem da Europa com idéias de ordem, de trabalho e de economia, e, uma vez na América, desanimam facilmente, diante das dificuldades resultantes do idioma, dos costumes, das prevenções nacionais, da ignorância do valor das coisas, do ridículo decorrente de sua condição de *estrangeiros recém-chegados*, e, enfim, da legislação, das medidas policiais, etc. Preferem desistir logo da empresa a procurar vencer esses obstáculos muito naturais, o que é simples questão de tempo, porque bastam dois ou três anos, a um homem inteligente, para estar ao corrente da língua, dos hábitos e costumes de um país, e só então pode esperar ser compensado do tempo perdido e dos seus primeiros sacrifícios.

A província de São Pedro é digna de fixar a atenção dos capitalistas e de todos os homens, que uma fortuna adversa obriga a se expatriarem. Seu destino é, certamente, brilhante, e, se os planos de navegação a vapor nos seus rios principais vierem a realizar-se, não tenho a menor dúvida de que a sua população crescerá rapidamente. Aliás, o governo brasileiro parece firmemente disposto a proteger toda espécie de associação estrangeira ou nacional que tenha por fim empreendimentos comerciais, colonizações e explorações industriais.⁷

Quanto ao caráter, os rio-grandenses ressentem-se, naturalmente, do gênero de trabalho a que estão habituados: são cavalheirescos, como os orientais e os paulistas, e suas longas disputas com os argentinos os tornaram guerreiros, além de já terem dado, mais de uma vez, provas de cora-

6 V. nota N, relativa aos pesos e medidas, moedas, direitos alfandegários, etc., pág. 306.

7 Em 1834, formaram-se sociedades de acionistas para a navegação interna dos rios *Marañon* ou Amazonas, o São Francisco e o rio Doce. Estabeleceram-se linhas entre o Rio de Janeiro, os diversos pontos da costa do Brasil e mesmo o Prata. Uma circunstância vem ainda favorecer esses empreendimentos: em 1833, foi descoberta, por um inglês, na província de Santa Catarina, uma *mina de hulha* (carvão-de-pedra) da melhor qualidade e de fácil exploração. Está situada a dez ou doze léguas a oeste da pequena cidade de Laguna. Creio que foi nas imediações dessa mina que o doutor Frederico Sellow descobriu mármore *vermelho compacto e sacaróide*. Seria isso uma indicação de terrenos primitivos?

gem, quando tiveram a sorte de ser comandados por generais experimentados. São, sem dúvida, com os paulistas, os melhores cavaleiros do Brasil. São, igualmente, amigos das instituições livres e entusiastas da causa dos povos. A hospitalidade é ainda, entre a maioria deles, uma virtude generosamente praticada.

.....

Capítulo XX

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DO COMÉRCIO FRANCÊS NO EXTERIOR E, PRINCIPALMENTE, NO BRASIL E NO RIO DA PRATA

ESTADO DO NOSSO COMÉRCIO EXTERIOR – CAUSAS CONTRÁRIAS A SEU PROGRESSO – MEIOS APROPRIADOS A DAREM-LHE NOVO IMPULSO

V

I

VISITEI Buenos Aires, a cidade mais comercial da América do Sul depois do Rio de Janeiro. Visitei Montevideú, Rio Grande, Porto Alegre; tive relações com Valparaíso, Rio de Janeiro, Vera Cruz e Havana; acompanhei a marcha de nossos negócios no exterior e adquiri, corando de pudor nacional, a humilhante certeza de que o nosso comércio é *infinitamente inferior* ao das outras nações marítimas, não somente nos lugares que visitei, como também (e não receio um desmentido) *em todos os pontos do continente americano!*

.....

Já não se contesta, não se *ousa mais* contestar a utilidade do comércio em geral. Já é um ponto de partida, um começo de progresso em *economia política*. É, assim, que a agricultura e a indústria manufatureira já começam a sentir os felizes efeitos da proteção que o governo e os capitalistas dispensaram, nestes últimos anos, a esses ramos comerciais que deverão apressar o bem-estar e a prosperidade nacional: o comércio *interior* e o de *importação*. Mas há outros dois ramos não menos interessantes, essencialmente ligados ao

progresso das manufaturas e *vice-versa*: o comércio *exterior* e o de *exportação*.

Os economistas e os melhores publicistas do nosso século reconheceram que o *comércio exterior* é o grande fator da riqueza pública, quando a civilização já está bastante avançada. Sem ele, a produção se cingiria às necessidades do consumo local. É ele que incita a produzir o *superfluo* que, pela exportação, torna-se o *necessário* das nações estrangeiras. É assim que ele obriga todos os países a uma produção *superabundante* e que, por essas trocas contínuas que nem o tempo nem o espaço podem deter, atrai, a todos os lugares, imensos capitais pelos quais o comércio interior se sustém, se vivifica e se torna maior.¹

Compete aos armadores estender e ramificar o comércio exterior de importação e exportação. Às vezes, o sucesso das operações e a atividade ou a paralisação que se notam nas cidades manufatureiras dependem da maneira por que são armadas as embarcações. Não basta, portanto, ter dinheiro para ser um bom armador; é preciso, também, que se tenha sagacidade, instrução e capacidade de julgamento.

Freqüentemente, ao ver os imensos preparativos que se fazem na França no momento de despachar um navio para a América, a gente acreditaria que se trata da expedição dos argonautas, e que algum novo toso de ouro deve ser o resultado infalível, o preço pago à audácia, à coragem e ao gênio do moderno Jasão. Poder-se-ia pensar, ao menos, que o armamento e a operação são feitos de acordo com dados positivos e com profundos conhecimentos do país que se quer explorar. De modo nenhum. Um *intrigante*, desses que formigam na América, chega com notícias frescas; diz que o carregamento está quase vendido, adiantadamente, com um lucro de cinqüenta, sessenta, cem por cento, sobre o valor faturado; que é um negócio magnífico, mas que depende de segredo e, sobretudo, de pressa.

Um honesto armador, demasiadamente crédulo, ao qual o intrigante resolver confiar a preferência de *suas notas*, cai na armadilha. Não está bem certo se o ponto indicado fica na América do Norte ou na do Sul, mas pouco importa, isto compete ao capitão e ao sobrecarga.

1 Consultem-se os economistas Say, Gannilh, de Montvéran, Moreau de Jonnés, etc. e a *Enciclopédia Moderna*, art. Comércio, Indústria, Colônias, Navegação.

O armador, cheio de esperanças, vai enviar, portanto, o seu navio a um país que ele apenas conhece por tê-lo visto em um mapa que lhe mostrou o *viajante*; vai fazer uma experiência da qual não se aproveitará, uma vez que, se a operação dá mau resultado, como se pode esperar, ele terá o cuidado de não mandar mais o seu navio ao ponto onde teve prejuízos. Se a embarcação volta de Buenos Aires ou do Rio, com cinquenta por cento de perdas, a mandará, talvez, à Califórnia; se volta de Valparaíso, ou dos portos do Peru, a mandará ao Brasil, ou ao México, ou, talvez, quem sabe, à pesca de baleias!... Novas escolas. Dizei-me francamente se não é isso o que se tem praticado, o que se pratica ainda, de um modo geral, na França? Por que não insistir em um país?... Por que não aproveitar a experiência adquirida?... Por pior que *pareça* um mercado, depois de tê-lo conhecido bem, por si mesmo ou pelo capitão (que é sempre bom interessar nos lucros), seja pelo administrador ou sobrecarga, ou mesmo pelos correspondentes, é impossível que esse navio não faça negócios passáveis. Os navios, cujos armadores demonstraram constância, terminaram enriquecendo seus proprietários, ao mesmo tempo que fomentaram relações com os diversos pontos que exploraram. Vede o *Claudine*, no Rio de Janeiro; o *Phaéton*, de Saint-Malo, em Montevideu, e o *Hermine* e o *Paraguai*, em Buenos Aires. Seus capitães conseguiram uma reputação bem merecida nessas regiões. E o que resultou disso? Suas cargas foram vendidas de chegada, a preços muito bons, porque eram quase sempre encomendas feitas na época da partida. Os passageiros esperavam impacientemente sua volta, a fim de dar-lhes sua preferência.

Mas, de resto, convencei-vos de que, interno ou externo, de importação ou de exportação, o *comércio especial* é o mais útil e proveitoso. As mercadorias são *melhores, mais sortidas, menos caras*, quando cada comerciante se dedica a *um só ramo de comércio* e a *um só país*. Esta especialização é tão útil ao comerciante quanto ao consumidor. Familiarizado mais facilmente com um único ramo da indústria, conhece melhor as possibilidades de lucro e de perda, os preços, as qualidades, os lugares onde deve abastecer-se e os lugares que pode procurar. Como ele compra e vende mais e com mais freqüência, pode comprar e vender mais barato, e com o mesmo lucro; e, como vende mais depressa, não tem a reccar as perdas produzidas pela avaria das mercadorias, mudanças de estação, variações do gosto e da moda. “O comércio especial aumenta as possibilidades de lucro e diminui, se não as

elimina, as possibilidades de perda.”

As expedições menos aventureiras que já se fizeram foram as de Bordéus para o México, o Peru e o Chile, por terem sido dirigidas por antigos habitantes desses países. Foram, assim, coroadas de algum sucesso. Mas do Havre e de Marselha só se vêem chegar, ordinariamente, ao Brasil e a Buenos Aires, pobres portadores de pacotilhas, os quais se arruinam em parte porque, de um lado, compram caríssimo e a prazo, e, de outro, são obrigados a vender o mais depressa possível para poderem cumprir seus compromissos e conservar o seu crédito. Acontece que, mais cedo ou mais tarde, esses infelizes o perdem, e ficam reduzidos a vegetar na América, até que a sorte, apiedada de sua triste existência, põe afinal um termo a ela.²

Não é menos verdade que é a essa espécie de homens que se pode chamar *infelizes*, já que passam metade de sua vida nas inauditas privações de longas e penosas viagens; é a essa classe, infortunada mas ativa, que a França deve o pouco comércio que fez, até agora, na América do Sul... Foram os vendedores de pacotilhas que, pela primeira vez, transportaram para lá as nossas mercadorias manufaturadas; são eles, também, que sustentam e alimentam essas vastas regiões... Ah! Quantos agradecimentos não devemos a esses pobres franceses, exportadores de nossos artigos de luxo, de nossas coisas supérfluas, de nossas drogas, nas províncias mais remotas do Brasil, da Banda Oriental e do Rio da Prata!... Passa-se o mesmo com os que percorrem os diversos pontos da costa: uns e outros estão expostos a mil perigos, mil privações, que, certamente, não são compensados pelos modestos lucros que conseguem tirar.

É do porto de Marselha que partem as expedições mais mal-orientadas; nada iguala à extravagância das armações da Provença. Existe, ali, a facilidade de se fazer, instantaneamente, um fundo de carregamento com os vinhos; e abusam disso de um modo imprudente. Mas tudo o que os provençais exportam para o Brasil é de uma qualidade detestável: seus vinhos não são tragáveis; suas salgaduras (pepinos em conserva, anchovas, azeitonas,

2 Os franceses, diz J. J. Rousseau, têm quase sempre um lado interesseiro em suas viagens; mas os ingleses não vão procurar fortuna nas outras nações, a não ser pelo *comércio de mãos cheias*. Quando viajam, é para inverter seu dinheiro, não para viver de indústria. São demasiadamente orgulhosos para humilharem-se fora de sua pátria.

etc.) são malpreparadas, estragam-se rapidamente, porque até o vinagre é economizado em sua preparação; as garrafas ou *pot-bans*, contendo frutos conservados em aguardente, mal podem ficar de pé, e é freqüente que, ao desarrolhá-las, o gargalo quebre, de tal modo o vidro é frágil e fino. Em uma palavra, tudo nesse país cheira a parcimônia. Assim, de cinqüenta portadores de pacotilhas que vão ao Novo Mundo, restam ao menos quarenta e oito que não têm mais meios de regressar à pátria. Por pouco que se tenha vivido na América do Sul, deve-se reconhecer a exatidão destas afirmações. Bordéus, se não tomar cuidado, merecerá em breve idêntica censura, pois diariamente vão diminuindo as garrafas dos seus vinhos encaixotados.

Sou obrigado a revelar um fato *positivo*, por mais humilhante que seja, para poder chegar a uma conclusão peremptória: é que quase não existem casas *respeitáveis*³ entre o comércio francês em toda a América do Sul, ao passo que há em grande número firmas de outras nacionalidades. Isto vem, provavelmente, do fato de os capitalistas franceses gostarem muito de guardar o seu dinheiro em casa e só se separarem dele por um juro exorbitante. No nosso país, há ainda muita gente que imagina, estupidamente, que tudo aquilo que é embarcado por mar está perdido. É preciso, pois, renunciar aos negócios; porque sem capitais não há *crédito*, e sem *crédito* não há *negócios possíveis*. Talvez se pudesse encontrar a origem desse preconceito nas grandes perdas que os armadores experimentam em operações maldirigidas, nas que tiveram de suportar quando os seus navios foram apreendidos sem declaração de guerra, e, também, na pouca confiança que, em geral, o comércio tem na nossa Marinha de Guerra, a qual, de resto (diga-se de passagem), nem sempre se julga obrigada em relação aos negociantes!... Salvo se for para *serviço do rei!!!* Em uma palavra, todos os detentores de fundos, assim como os negociantes ricos, recuam diante das grandes operações marítimas; quando nelas se metem, é sempre com a certeza de que, aconteça o que acontecer, nada perderão. Fazem, então, seus preparativos, mas os fazem mal, pois freqüentemente falham suas previsões, como uma consequência natural de suas vistas estreitas.

3 Estas palavras não se referem ao caráter particular dos negociantes, e sim ao crédito de suas casas, tanto na França como no estrangeiro.

A preocupação dominante na França é querer gozar a hora presente. Como princípio filosófico, está certo; mas, em matéria de comércio, é completamente errôneo. O proprietário de um navio recentemente lançado ao mar pretende recuperar o seu dinheiro na primeira ou segunda viagem. Lucros de dez a quinze por cento são olhados com desprezo em um negócio de cabotagem, e, se se tratar de viagem de longo curso, então eles deverão ser consideráveis! Quando os armadores se decidem a carregar um navio ricamente, não é com o seu dinheiro que a carga é comprada. Exploram quase sempre a credulidade pública e fazem a coisa por ações. Fica entendido que se reservam a faculdade de comprar a carga na França e de vender a que trazem de volta, sempre mediante comissão. Note-se, além disso, que fixam o frete do navio na taxa mais alta! Dir-se-ia que essa gente nunca deveria perder. É certo que tudo passa por suas mãos, e alguns se arranjam de tal sorte que sempre lhes resta o *frete* de seu navio, *líquido*, apesar de todas as perdas possíveis. Essa maneira de operar só pode fazer com que percam nos negócios, e, contudo, constitui os grandes meios dos nossos principais armadores franceses, *salvo algumas exceções...* Quando veremos nosso comércio exterior tomar uma direção mais digna de uma nação tão *instruída*, cientificamente falando, e tão *grande*, como a nossa?

Resulta desse gênero de negócios que a gente perde o gosto, que o comércio exterior diminui e que os artigos de grande consumo sobre os quais *ainda* levamos vantagem, como os tecidos de seda, terminarão por ser desbancados, se os lioneses não tomarem cuidado pelas fábricas estabelecidas na Suíça e na Alemanha, que trabalham em maior escala e mais metodicamente do que as nossas. A Suíça e a Alemanha já vendem muito esse artigo nos Estados Unidos, no México, no Brasil e em Buenos Aires, e não há dúvida de que os seus negócios aumentarão na mesma proporção em outros lugares.

.....

É incontestável que os produtos da indústria francesa variam quase ao infinito e reúnem a *qualidade* da matéria e a elegância das formas; mas muitos desses produtos não podem rivalizar em preço com os ingleses, alemães, sardos e americanos-do-norte, tais como a *faiança* comum, a *cerâmica*, a *tapeçaria*, as *fitas*, os *chapéus de palha*, os *panos*, os *estofos de lã*, os *algodões em fio*, os *tecidos de algodão puro e misturado*, as *telas*, a *relojoaria*, a *marcenaria*, a *cordoaria*, os *objetos de madeira*, os *cestos*, os *ferros e ferragens*, a *cutelaria*, a

quinquilharia, a fabricação de armas brancas e de armas de fogo, exceto as armas de luxo, os vidros, os cristais, as telas pintadas, os instrumentos de música, os sabões brancos de Marselha, os papéis de carta e os objetos de tornearia.

Notem que são estes, precisamente, os artigos de *abarroamento*, e, por consequência, os mais favoráveis à navegação, e, além disso, os que são *mais procurados, os mais úteis*, na América do Sul, onde a procura das coisas suntuárias, que só podem nascer de uma grande civilização, ainda não se faz sentir suficientemente para proporcionar melhor saída aos seguintes artigos, únicos capazes de suportar ainda a concorrência estrangeira: a *porcelana* de Sèvres e de Paris, alguns artigos de *chapelaria*, as *sedas*, alguns *tecidos leves* de lã, os *xales* de Paris, Lyon, Nîmes, Saint-Quentin, os *bonés*, os *tecidos finos*, as *batistas*, as *cambraias*, as *gazas*, os *tules*, os *bordados*, os artigos de moda de Paris, as *rendas*, as *luvas*, a *afinação*, *tiragem e batedura de ouro e prata*, os *objetos de bronze*, a *ourivesaria* (chapeado), a *bijuteria* fina e falsa, os instrumentos de física e de matemática de Paris, a *joalheria* em pedras finas ou *strass*, os *alfinetes* de Rugles e de Laigle, quando são bem-feitos, as *agulhas* de Paris, a *tipografia*, a *gravura*, a *litografia*, os *produtos químicos*, as *tanarias* e *curtumes* (*novilhos encerados e carneiros marroquinados*) de Paris e de Nantes, a *perfumaria*, a *livraria* e, finalmente, os *vinhos e aguardentes*.

Há, sem dúvida, nessa variedade de produtos da indústria francesa, com que alimentar um comércio de trocas bastante rico e produtivo, mas tudo isso faz pouco *abarroamento* (salvo os *vinhos e aguardentes*), e sem *abarroamento não há navegação mercante...* Indicarei mais adiante os recursos do Havre, de Bordéus e de Marselha, para proporcionar instantaneamente a seus navios um fundo de *abarroamento*. Passemos, antes de tudo, ao exame das causas que puderam e ainda podem retardar o impulso do nosso comercio exterior.

II

É nas artes e nas ciências, sobretudo, que a França julgou encontrar seus mais sólidos títulos de glória. É por eles, com efeito, que ela se tornou uma *grande nação*, que reparou suas perdas, cicatrizou suas feridas e se consolou de suas desgraças. Não lhe será possível, entretanto, aspirar

a outros sucessos?... Acaso sua *imensa população*, que cresce rapidamente numa progressão surpreendente, irá alimentar-se de *glória*?... Até agora só se tem visto escritos que cantam exageradamente louvores aos franceses, seja no terreno das armas, seja no das ciências e das artes. Quero crer que, nesse terreno, somos iguais, se não superiores, às outras nações; mas é preciso que o incenso não nos embriague a ponto de fazer com que nos julgemos superiores *em tudo*. No terreno comercial, ao menos, seria uma torpeza tentar colocar-nos no nível das outras potências marítimas: os alemães e os próprios sardos estão muito acima de nós!...

De resto, a gente pouco se admira da lentidão com que o nosso comércio se decide a tomar um impulso digno da França, quando pensa que uma parte dos preconceitos dos séculos XVII e XVIII (que ainda existem entre a chamada *nobreza*) devem necessariamente ter exercido sua influência *mefítica* nos governos que se sucederam desde Luís XIII até a data presente, *a ponto de negar ao comércio toda espécie de proteção*. Lêem-se, sem grande surpresa, nas memórias atribuídas a uma mulher inteligente, que freqüentava os *boudoirs* e os salões das cortes de Luís XIV, Luís XV e Luís XVI, estas frases desdenhosas para o comércio e a indústria, que devem ser consideradas uma tradução ingênua das idéias da corte francesa:

“...Os *normandos* estão para os outros franceses como os ingleses para os demais europeus... Por mais que me falem sobre os benefícios do negócio e de *gênio do comércio*, isso é tudo o que conheço de *mais vil* e de *mais baixo*...”

“Dizia sempre, ao bom sr. Turgot, que *José vendido por seus irmãos* fora o primeiro exemplo e o *modelo de todas as transações comerciais*.”⁴

Sem procurar vingar os normandos de uma aproximação que, na minha opinião, só poderia honrá-los, se fosse exata, eu responderia à nobre marquesa, para fazer um contraste com as idéias antiquadas que ousa ainda reproduzir no século XIX:

4 *Memórias da Marquesa de Crécý*, tomo 1º, pág. 44, edição de 1834. Relevo essas frases insolentes e ridículas porque nunca é demais assinalar o desprezo dos homens sensatos às máximas retrógradas que, apresentadas com espírito, têm uma influência funesta na vida privada e estendem-se depois à vida política.

Que a glória das armas não fornece à análise do filósofo senão *sangue inocente, sangue de pobre*, derramado em grande quantidade para saciar a *sede de glória* dos reis, dos conquistadores e dos grandes;

Que a glória literária só produz incenso, fumaça que se evapora;

Mas que a da *indústria* e do *comércio* deixa no cadinho a verdadeira pedra filosofal, com *germes fecundos de civilização!*

É preciso tomar cuidado! O orgulho é um mal contagioso entre as nações civilizadas. Somente sob esse aspecto se poderia dizer: “Não há mais Pirineus!” A Espanha e Portugal, esses dois países tão nulos atualmente, tiveram como nós, e muito antes de nós, sua orgia de glória: reconquistaram-se a si mesmos expulsando os mouros, invadiram seus vizinhos e uma parte da Alemanha; Carlos V, o Napoleão da Espanha, encheu o mundo com sua glória e seu poder!...⁵ Mas os espanhóis e os portugueses fizeram mais que subjugar povos, descobriram mundos! Os nomes de Manuel, Fernando e Isabel serão ouvidos eternamente, das margens férteis do Ganges até a fronte sobranceira dos Andes. Como nós, os espanhóis se embriagaram com seus sucessos; quiseram gozar deles como um poderoso senhor goza de sua fortuna... Gastaram tudo em luxo e nada recuperaram pela indústria. E o que resultou disso? A *miséria*, a *abjeção*, o *aviltamento* e, sobretudo, um orgulho desmedido, tanto mais ridículo por ser inspirado nos êxitos de seus antepassados. A geração atual estabelece, ela própria um contraste que faz ressaltar sua nulidade.

Já não foi reconhecido, como princípio filosófico e político, que os filhos herdaram não só as virtudes como os crimes dos pais?... Pois bem! Esse mesmo princípio é aplicável às nações: uma nação não é mais que uma grande família. Ora, as gerações atuais não podem reivindicar a glória de seus ancestrais, se elas mesmas nada fizeram para justificá-la... Essa glória pertence à história geral dos povos, o grande juiz dos heróis, dos príncipes e das nações. A nova geração, que pretende a honra de figurar em letras brilhantes no livro dos imortais, deve ela mesma talhar a pena que registrará seus títulos à admiração das raças futuras. Admitido este princípio, todos hão de confessar comigo, com a mão na consciência, que a nossa geração não tem motivo de fazer ostentação de sua glória...

5 V. a *História de Carlos V*, de Robertson.

O progresso da razão, da filosofia, as idéias filantrópicas dos povos, permite esperar que eles tratarão, enfim, de procurar, para o futuro, seus títulos de glória em outras coisas que não sejam a *exterminação de seus irmãos*: uma palma imortal, um hino de louvores, entoado por todos os povos do globo, deve ser a sublime recompensa da nação que mais tiver contribuído para a civilização da África e das duas Índias. Para chegar a essa nobre finalidade, o *comércio* é um poderoso, um irresistível auxiliar. Acaso os norte-americanos e os ingleses não têm feito milagres com esse agente civilizador? Deveremos olhá-los com a estupidez da Espanha e de Portugal? E marchar sempre a reboque deles?

.....

É em vão que se perde tempo em gritar contra os ministros... em vão se objetará eternamente que o governo atrapalha ou não estimula o comércio e a indústria e que não os sustenta fora do país. Isto não seria novidade. Pode-se responder que “não apareceu no Brasil, no México ou em Buenos Aires nenhuma fragata de guerra procedente de Hamburgo, que nunca houve, para ali, nenhum cruzeiro sueco, piemontês ou holandês, e que, entretanto, essas nações fazem mais negócios do que nós, ao passo que nós temos com certeza mais facilidade para estender e ramificar nosso comércio”. Que ninguém se engane quanto à minha intenção! Não pretendo desculpar o governo dos desacertos que se lhe podem atribuir; só quero estabelecer um *fato incontestável*, mas quero estabelecer também um outro fato não menos *positivo*: é que nossa nação não conhece ainda o valor das palavras *indústria, comércio, navegação*, e que, por conseguinte, é preciso trabalhar ativamente para que ela compreenda o que essas palavras representam para o seu destino, em vez de perder tempo com advertências que serão desprezadas. É preciso persuadir esta nação espiritual, mas excessivamente fértil, de que a indústria será, daqui em diante, a metrópole real das colônias, e o comércio, o único rei dos mares; “*que a melhor confecção e o melhor mercado criarão um monopólio comercial, contra o qual virão quebrar-se irresistivelmente todos os monopólios políticos do universo.*”

A experiência provou que os *governos paternos*, que se sucederam desde o império, nunca compreenderam tão pouco nossos interesses comerciais: um dispensou uma proteção toda especial à agricultura; um outro tentou, indecisamente, impulsionar a indústria, mas nenhum pa-

receu compreender que o comércio exterior e de exportação era o único que podia assegurar o êxito de suas tentativas. Assim, em vez de mendigar junto ao governo uma proteção que este sempre lhe recusou, creio que o comércio deve agir com mais dignidade. É tempo que o mundo industrial da França saia dos cueiros em que o conservaram de boa vontade até a idade senil. A marcha mais natural a seguir para obter poder, leis, ou medidas próprias a dar-lhe impulso, seria encarregar as câmaras de comércio de chamarem, incessantemente e tão energicamente quanto possível no estado atual da nossa organização política, a atenção das câmaras legislativas sobre esse grande agente de prosperidade pública. Se os nossos legisladores compreendem bem toda a extensão de seu mandato, saberão fazer sentir ao Poder Executivo sua vontade firme e constante de proteger nosso comércio exterior, por todos os meios empregados (com tanto sucesso) pelas outras grandes nações marítimas, e o Poder Executivo se sentirá obrigado a fazer tratados de comércio e navegação com os povos que, por tanto tempo, desprezou, em detrimento de nossos mais caros interesses.

O vulgo não deixa de ter razão quando repete que a Inglaterra é o *país das invenções*. Sua opinião está fundamentada pelo resultado brilhante que tão justamente o impressiona... Que lhe importa, efetivamente, que tal químico, tal mecânico, tal engenheiro francês tenha feito uma descoberta capaz de causar uma revolução na indústria, no comércio ou na navegação, se, por falta de aplicação, pela incúria de um governo que não soube compreender toda a sua importância, essa descoberta deva ficar sepultada no mais completo esquecimento?... Que lhe importa se um outro governo ou uma outra nação, o que dá no mesmo (já que as nações tornam-se solidárias com os fatos e gestos de seus governos), ao recolher com entusiasmo e reconhecimento essa descoberta útil, adquirir títulos à admiração e à gratidão de todos os povos da Terra?... Não terá ela, por acaso, merecido a glória da invenção?... Pertencerá o inventor ao país que o renegou?... Este é o bom espírito do governo da Grã-Bretanha, que favorece *toda invenção útil à indústria*... E, como o gênio inglês, é o dos norte-americanos, que deixam raramente, sem aplicação, sem estímulo, as felizes descobertas que fazem, acidentalmente, os outros povos, tanto nas artes como nas ciências... Estas reflexões poderiam levar-nos longe, porque provocam meditações profundas... Mas voltemos à nossa especialidade.

Nos portos do norte da França faltam objetos de abarrotamento. Para facilitar o rápido carregamento de nossos navios, o governo e, sobretudo, o comércio, deveriam encorajar as fábricas de faiança, de chapéus, de cerveja, de ferragens, de vidros, etc., mesmo que essas fábricas tivessem que ser colocadas mais próximo dos portos de embarque; porque, como poderemos lutar com os ingleses por todos esses artigos que se fabricam longe dos portos, quando nossos meios de transporte são tão custosos, ao passo que os artigos de nossos vizinhos têm tão grandes facilidades, devido aos seus canais, seus caminhos de ferro, suas máquinas a vapor?... Eis um dos pontos principais que devemos encarar com atenção. Já tive ocasião de dizer: sem artigos de abarrotamento não há navegação mercante. Vede os norte-americanos: aparecem em todos os pontos do globo porque suas farinhas, seus algodões, seus móveis, suas genebras são artigos preciosos para formar num instante um fundo de carregamento. A rapidez com que se opera uma expedição evita-lhes grandes despesas de equipação que permite-lhes renovar com mais freqüência suas operações.⁶

É necessário convencer-nos de que os artigos de abarrotamento só devem pagar um frete, neste século em que tanta gente navega. Que outra região deveria ter um comércio de navegação mais extenso e ativo que o sul da França, com seus vinhos, aguardentes, azeite, sabão, frutos secos e, ao seu alcance, todos os produtos da Itália, da Grécia, da Turquia e mesmo da Rússia?... (A grande exportação de nossos vinhos de Sète e de Marselha é feita por navios estrangeiros, especialmente ingleses e sardos. Por que motivo os nossos armadores não exploram esse gênero de comércio? Ser-lhes-ia mais difícil fazê-lo do que aos ingleses? É ainda uma consequência da nossa avidez que faz com que nenhum deles queira contentar-se com um simples frete, enquanto os estrangeiros se contentam. Será que os ingleses têm víveres mais baratos do que os nossos? Não. Pagam menos seus marinheiros? Pelo contrário. Mas sabem contentar-se com um frete. Assim sendo, que acontece? Vemos que fazem uma grande parte da navegação e das expe-

6 Bordéus e Marselha têm vinhos e aguardentes para facilitar um carregamento. O Havre tem ladrilhos, vinagres, tábuas de pinho-do-norte, de que se tira um bom partido no Rio da Prata. Mas Dieppe, Dunquerque, Nantes, Saint-Malo, etc., têm poucos recursos.

dições do Mediterrâneo, no que diz respeito a líquidos e frutos secos, ao passo que nós, que estamos no local, nada fazemos... O *dolce far niente!* Não culpemos senão a nossa extrema incúria e, sobretudo, a *falta de espírito de associação*. É a isso, principalmente, que se deve atribuir a pouca atividade do nosso comércio marítimo.

Vejamos quais podem ser os meios de aumentar nossos negócios no exterior.

III

Não direi que para obter um resultado vantajoso e aumentar a exportação de nossas mercadorias manufaturadas torne-se urgente montar nossas fábricas em maior escala, o que, entretanto, daria excelentes resultados; mas a imperfeição de nossas máquinas, a rotina de nossos artesãos, a falta de uma educação especial para a classe industrial, em geral, seriam outros tantos obstáculos a um progresso *imediato*. Isto virá, é de esperar, com o resto. O que há de melhor a fazer no estado atual da nossa fabricação é aplicar-se mais em fabricar *ao gosto do país para o qual exportamos*, e não teimar, segundo nosso costume, em tentar submeter as nações ao nosso gosto.

No que diz respeito à fabricação, os ingleses são grandes mestres. Ver-se-á que o gênio comercial não exclui entre eles a astúcia mercantil... Um tecido, um desenho, uma forma, inventados por fabricantes franceses, alemães ou italianos, fazem fortuna na América? Os ingleses os imitam imediatamente. Uma nação obtém um êxito merecido em um gênero de fabricação? Os ingleses empregam todos os seus recursos para suplantá-lo. Vão mais longe, ainda: levam a exatidão e a previsão ao ponto de imprimir em suas peças de musselina o nome dos nossos melhores fabricantes franceses, tais como *Kolchlin Frères, Schlumberger-Grosjean, Ch. Mieg & Ce*. Os ingleses têm, em verdade, um tato surpreendente em matéria de negócios.⁷

Não os censuro por isto. Antes perguntarei: Por que não os imitarmos; por que seremos mais escrupulosos em relação aos seus fabricantes mais conhecidos?... É certo que, em comércio, sobretudo em matéria de fabrica-

7 No Brasil e em Buenos Aires chamam a isso “compreender a Bíblia”.

ção, deve-se pôr de lado o orgulho nacional e não teimar em abarrotar um país, como acontece freqüentemente conosco, de artigos que não são do seu agrado. Nem sempre é o bom que triunfa; os povos têm gostos estranhos, originais, *caprichos*, se preferem, que é preciso saber satisfazer. Assim, os ingleses têm a esperteza de imprimir belíssimos desenhos em tecidos excessivamente vulgares, porque sabem muito bem que o desenho fará vender o tecido.

Já salientei que os novos estados da América do Sul, o Brasil e as províncias *desunidas* do Rio da Prata, principalmente, não penetraram ainda suficientemente na civilização européia para oferecer grande saída aos nossos artigos de luxo e de indústria parisiense. Os ingleses compreenderam isto perfeitamente. E sabem o que fizeram? Apoderaram-se da indústria dos índios pampas e araucanos, da dos habitantes de Tucumán e de Corrientes, fabricando e aperfeiçoando os *ponchos* e as *gergas*,⁸ com os quais se faz um grande comércio na América do Sul! E o conseguiram tão bem que já ninguém quer usar senão ponchos ingleses.

Buenos Aires e o Brasil são grandes consumidores de sabão. A gente tinha o direito de esperar que Marselha abastecesse esses países, principalmente depois que a invenção da soda artificial permite fabricá-lo com maior proveito. Pois bem, não é assim: nossos sabões de Marselha não conseguem rivalizar em preço com os da Espanha! E os ingleses e norte-americanos encontram ainda a forma de introduzir quantidades imensas de sabões amarelos, de sebo e de resina.

Há na França certas pessoas cegas pela prevenção, gente *estacionária* que ainda se extasia diante de nossos panos de *Elbeuf*, de *Sedan* e de *Louviers*; pois bem, que saibam disto: no exterior ninguém mais quer saber desses artigos. Por quê? Já foram comparados com os panos ingleses quase do mesmo preço, e sempre ficou comprovado que os nossos não tinham a maciez e a suavidade dos outros, além de apresentarem uma grande diferença no pêlo. O pano inglês é perfeitamente tosado, ao passo que o nosso tem o pêlo demasiadamente longo.

Mas, admitindo que os nossos panos sejam superiores, que vantagem há nisso para a França, uma vez que toda a produção é destinada ao

8 Veja-se no capítulo XIV da minha *Viagem* a explicação destas palavras.

consumo interno? Tratemos, antes de tudo, de rivalizar em preços com os estrangeiros.

Ainda que se torne evidente que os panos ingleses possuem a vantagem da maciez, da leveza, da suavidade e da aparência, poderíamos, talvez, concorrer com certas qualidades produzidas na Picardia; mas é preciso diminuir os nossos preços: são necessárias *cores adequadas ao país a que são exportados*. Para isso, como para todos os artigos em geral, só munidos de mostruários poderemos apresentar-nos como fabricantes. *Vamos aos fatos*.

O meio que me pareceria mais certo de lutar vantajosamente contra o estrangeiro seria, se não me engano, estabelecer, a exemplo dos ingleses e demais nações comerciantes, *sucursais* das casas da França nos diversos portos da América, as quais se ocupariam de enviar, continuamente, amostras e modelos de mercadorias adequadas *ao gosto e às necessidades do momento*. Por sua vez, as casas da França deveriam adiantar ao fabricante a metade ou os dois terços do capital a um juro moderado (3 ou 4% por exemplo), com a condição expressa de que as mercadorias fossem apropriadas a esse ou àquele lugar da América. Resultaria, dessa facilidade concedida ao fabricante, que este teria aumentado o seu trabalho, que a nossa exportação aumentaria também e que trataríamos, então, de fazer os artigos ao gosto do estrangeiro. Os fabricantes, além disso, se veriam livres dessa multidão de *tiranos comissionistas*, que lhe exigem bonificações enormes quando conseguem vender alguma mercadoria, descontos de 8 e 10% sobre as sedas e um sem-número de pequenos furtos, aos quais sempre será difícil escapar, enquanto os negócios continuem a ser tratados na França, como têm sido até agora. Creio que, se os capitalistas, banqueiros ou armadores franceses não tomarem este caminho, não será possível esperar melhoras importantes no nosso comércio exterior.

Os portadores de pacotilhas, ainda que prestem serviços a algumas fábricas, são na realidade, e em conseqüência de seus poucos recursos, o *flagelo* do nosso comércio. Mesmo que se tenham feito credores de todo o nosso reconhecimento pelos esforços realizados e pelos serviços que prestaram, não se pode deixar de reconhecer que são, no atual estado de coisas, um obstáculo ao progresso e ao impulso que se espera do comércio francês. Como pretenderíamos, com efeito, concorrer com os países rivais que fabricam os nossos mesmos artigos, se estes são enviados diretamente

àqueles países pelo próprio fabricante? Admite-se que este último possa conformar-se com seu lucro *como fabricante*, ao passo que os nossos portadores de pacotilhas estão obrigados a obter, simultaneamente, o lucro de fabricante, o de comissionista e o seu próprio lucro. Resulta, naturalmente, dessa maneira de operar que o portador da pacotilha deve vender, pelo menos, 20% mais caro do que o fabricante para obter um pequeno benefício, e que uma nação estrangeira, que fabricasse 10% mais caro do que nós, poderia, entretanto, vender ao mesmo preço, pela ação direta do fabricante.

Uma das grandes chagas⁹ do nosso comércio está, pois, na exportação de nossas mercadorias por intermédio dos vendedores de pacotilhas. E o remédio que parece mais indicado seria o adiantamento de fundos que se faria aos fabricantes com a condição de que a mercadoria estivesse de acordo com os modelos ou amostras americanas. Por meio desse adiantamento, o fabricante, tendo garantida uma rápida saída, se conformará com um lucro menor, e a facilidade que, naturalmente, lhe proporcionarão estes capitais estrangeiros fará com que, muito provavelmente, tome um interesse especial em operações, cujo êxito seria, dessa maneira, pouco duvidoso.

Como poderemos, aliás, esperar que aumentem nossos negócios na América, se as nossas remessas não são contínuas? No Brasil, em Montevideu, em Buenos Aires, passam-se, às vezes, três, quatro e mesmo seis meses sem que chegue um navio francês,¹⁰ de modo que, no intervalo das chegadas, se existem alguns artigos fabricados por outros países, são vendidos necessariamente, ainda que sejam de qualidade inferior, e os negociantes e os consumidores acostumam-se com o seu uso. Isto faz com que os nossos artigos não sejam tão procurados quando chegam novamente e, afinal, percamos a venda por falta de remessas sucessivas. O remédio para este outro

9 Digo uma das piores chagas do nosso comércio porque a principal, a mais considerável de todas, é, sem dúvida alguma, o nosso deficiente sistema aduaneiro, que, multiplicando ao infinito as restrições e proibições, entrava necessariamente o progresso das manufaturas.

10 Ou, então, chegam de repente quatro ou seis barcos no mesmo porto, fazendo-se concorrência e abarrotando as *tiendas* com artigos que oferecem rebaixados, pela necessidade de regressar logo.

mal estaria em depósitos contínuos bem-abastecidos e bem-sortidos, por meio de adiantamentos ao fabricante.

Isto no que se refere às obrigações dos armadores. Examinemos, agora, brevemente, quais podem ser as do governo e que interesse poderoso o leva a proteger nosso comércio com a América do Sul.

É sabido que a América apresenta sobre a Índia a vantagem de ter proporcionado à Europa um comércio ativo. Ela contribuiu, mais que qualquer outra parte do mundo, para aumentar sua população, fazer crescer sua riqueza e desenvolver seu poderio, recebendo em troca os fecundos germes da civilização européia, as luzes benfeitoras de sua religião e os prodígios de sua indústria.¹¹ Mas tudo isto é pouco. A emancipação das antigas colônias espanholas e portuguesas, sua constituição de fato e de direito em *estados republicanos*, devem exercer uma influência sobre os estados monárquicos da Europa! A decrepitude desta já não lhe permite impor leis aos países jovens que, achando-se apenas na puberdade, já pretendem mostrar-se viris... Já não fundamentam mais os seus direitos ao respeito das nações do Velho Mundo e de seu poder político no imponente aparelhamento da força, muito frequentemente empregado a título de *boas razões* por nossas velhas monarquias; invocam seu direito e, se este é ignorado, protestam altivamente à face do Céu e da Terra contra a violência de que são objeto... A história registra fielmente seus enérgicos protestos e o tempo se encarrega de sua vingança.

A partir de 1821, o governo de Buenos Aires declarou, formalmente, “*que não receberia nenhuma comunicação diplomática ou comercial de parte de negociante que se apresentasse a mão armada ou sem as formalidades requeridas pelo direito das gentes*”. A Inglaterra e os Estados Unidos têm respeitado esta declaração. Apressaram-se a reconhecer a validade dos princípios que a ditaram, sendo os primeiros a celebrar um tratado de amizade, comércio e navegação com a República Argentina. Têm tratado essa *nação de ontem* com a mesma dignidade e as mesmas considerações que teriam empregado para com o país mais blasonado e mais aristocratizado pelos séculos. Sua política admirável não se limitou a esta única aliança, mas agiu do mesmo modo, também, com outros estados republicanos.

11 V. a *Nova Geografia*, de Adrien Balbi, sobre o comércio na América.

A conseqüência mais imediata desta sábia política foi a de adquirir um direito incontestável à proteção de sua Marinha Mercante pela Marinha de Guerra, tendo os estrangeiros um direito plausível a apresentarem-se à mão armada diante dos portos da América do Sul – o de vigiar a execução dos tratados; essas cidades amigas, cuja fraqueza material as torna desconfiadas, já não se sentem ofendidas pela presença de navios de guerra.

Entretanto, que aconteceu com a obstinação do governo francês em não querer reconhecer a independência dos novos estados, ou em fazê-lo tardiamente? Perdeu pouco a pouco o afeto, o espírito de simpatia desses povos; seus governos praticaram vexames contra os comerciantes franceses; medidas arbitrárias foram adotadas para com os nossos compatriotas e nossos cônsules, nossos agentes comerciais nada puderam dizer, nada puderam fazer para opor-se a elas: não tinham, como os ingleses, um tratado de comércio a que apelar... Então, nossos oficiais da Marinha de Guerra, obrigados a intervir, fizeram-no brutal¹² ou desastrosamente, salvo algumas exceções, como o caso da *Herminie*, em que nossos agentes diplomáticos se mostraram dignos.

Todas essas medidas violentas, a espécie de desprezo que parecíamos demonstrar em relação a povos já amargados por suas lutas internas, arrefeceram singularmente o vivo desejo que pudessem abrigar de concertar um tratado de aliança conosco. O sr. Mandeville tentou em vão dispor os espíritos à celebração de um ato tão importante para o progresso do nosso comércio com Buenos Aires. Não pôde consegui-lo. Talvez o sr. Vins de Pessac tenha mais êxito.

Quando uma perspectiva de prosperidade contínua se abre para Marselha, pelas novas culturas, a civilização, os progressos mercantis do Egito e da Argélia; quando, pelo contrário, a do Havre se vê ameaçada de restringir-se pelos gigantescos progressos da indústria norte-americana, que trata de livrar-se do que chama, com ou sem razão, um tributo ao estrangeiro, em que nossas colônias não alimentarão mais a nossa navegação com o transporte abarrotador de açúcar; quando Bordéus tem toda a esperança de ver aumentarem suas ricas transações com as índias orientais e com o

12 Em 1829, Cornette de Vanancourt, por instigação de Mandeville, incendiou uma noite todos os barcos de guerra argentinos.

México, não será urgente, para o Havre, estabelecer relações amistosas com os povos da América do Sul?... A nenhuma importância de sua indústria manufatureira, os progressos, pelo contrário, de sua indústria agrícola e pastoril, que podemos estimular, nos assegurariam por muito tempo saídas vantajosas se, a exemplo de outros países, tivéssemos o bom senso de satisfazer suas exigências, criar suas necessidades, ajudá-los com nossos capitais e merecer sua preferência por meio de tratados de amizade. Simpatizam-nos já por nossos costumes, nossas modas, nossos usos e nossas idéias; porque não pôr em ação esses poderosos veículos, para estabelecer relações proveitosas a uns e outros? Considerando seriamente este ponto de vista, poderíamos contribuir, poderosamente, para o estabelecimento de instituições próprias a desenvolver os princípios fundamentais da economia política, esta bela ciência nascida da civilização e ignorada ainda pelos antigos colonos espanhóis.

“Há, em comércio como em política, revoluções a estudar e prever – disse, há pouco tempo, um escritor –¹³ progressos a realizar, como consequência ou como previsão dessas revoluções. Do contrário, a gente se deixa encurralar e, quando chega o momento de colocar-se no mesmo nível das nações mais adiantadas, encontra todos os lugares ocupados. Os principais povos comerciantes marcham rapidamente e, se nos deixarmos levar ainda pelas velhas invejas e pelos ódios de outras épocas, seria o caso de crer que as idéias de liberdade comercial e fraternidade de interesses não são usadas senão para entreter os menos clarividentes, enquanto os demais caminham.

Estas judiciosas reflexões aplicam-se perfeitamente ao meu tema e espero que não me quererão mal por tê-las reproduzido.

Enfim, termino estas considerações deixando a uma pena mais experimentada, mais instruída do que a minha, o cuidado de retificar o que elas possam conter de errôneo ou suprir o que tenham de incompleto. Para terminar, convido os negociantes a não esquecerem que o *comércio* repousa sobre três grandes bases, no estado da rivalidade em que o colocou a civilização: *a melhor confecção, o melhor preço e saídas mais numerosas.*

13 Veja-se o *Journal du Havre*, de 25 de junho de 1835, ou o *Moniteur du Commerce*, da véspera.

.....

Notas

A, página 4

A

PROPÓSITO dessa espécie de *horóscopo*, tirado de acordo com as indicações precisas daquilo que se chama vulgarmente *cranioscopia*, penso ser oportuna esta nota sobre a *filosofia do doutor Gall*.

Ela difere – diz o autor do *compêndio analítico* do sistema daquele sábio fisiologista – da dos outros filósofos como Kant, Condillac, Locke, Malbranche, etc, por ser *perfeitamente empírica*, basear-se imediatamente em fatos fornecidos pela observação e pela experiência, e por não ser, de maneira alguma, o produto da imaginação nem o resultado de hipóteses gratuitas. Ele demonstra com fatos incontestáveis e admite como princípios as seguintes proposições:

1º) – Que as inclinações e as faculdades dos homens e dos animais são *inatas*.

2º) – Que o seu exercício, qualquer que seja o princípio com o qual se relacionem, está sujeito à influência das condições *materiais* e *orgânicas*.

3º) – Que cada uma das nossas inclinações, dos nossos sentimentos, dos nossos talentos e faculdades tem, no cérebro, uma sede particular e determinada e que o desenvolvimento dessas diversas partes, que formam como outros tantos pequenos cérebros e órgãos particulares, se manifesta na superfície da cabeça, por protuberâncias visíveis e palpáveis, de sorte que, pelo exame dessas protuberâncias, é possível reconhecerem-se as disposições próprias a cada indivíduo.

4º) – Finalmente, que as diversas combinações e os diferentes graus de energia que admitem esses órgãos dão lugar à imensa variedade de aptidões que observamos nos seres sensíveis, e que a liberdade moral no homem é tanto mais forte quanto mais ativas e *aperfeiçoadas por nossas instituições* forem as qualidades superiores.

Assim, o homem não nasce *sem nada*, como haviam pensado muitos filósofos, mas com faculdades determinadas, susceptíveis de receberem *pela educação* desenvolvimentos consideráveis. Essas faculdades são postas em contato com o mundo exterior pelos sentidos, que não passam de um meio de comunicação. Só elas podem apreciar, julgar e conhecer os objetos, dar-nos idéia deles e submetê-los ao império da razão. A maior parte dessas faculdades são comuns aos animais e ao homem. Algumas pertencem mais especialmente a este último e o elevam, eminentemente, acima dos primeiros. Em uns e no outro, essas faculdades estão sempre em relação com a energia do cérebro, e é importante não desprezar essa circunstância quando se quer apreciar os seus efeitos. Por essas faculdades, o homem, como os animais, está sujeito ao império imutável das leis da criação; mas nele a razão, que é a consequência necessária de algumas que lhe são próprias, comunica à maior parte de suas ações uma moralidade que as torna mais ou menos puníveis ou meritórias, segundo as circunstâncias que as acompanham e *os meios empregados pelo legislador para aperfeiçoá-las*.

B, página 24

Há, talvez, menos práticas ridículas na religião anglicana do que na nossa, mas o povo inglês não é menos supersticioso do que os outros povos. Quem mantém essa superstição?... Suas eleições são mais populares do que na França; o voto está mais difundido; mas, como a

aristocracia dos *nobres* (digo aristocracia dos nobres porque existe uma de *plebeus*, não menos perigosa) é poderosa em riquezas e em direitos e tem grandes prerrogativas, exerce bastante influência para que o *povo*, propriamente dito, não domine na Câmara Baixa. A imprensa é livre, é verdade, e é esta a maior liberdade dos ingleses, mas, ainda hoje, o poder dos *tories* compra, às vezes, os jornalistas, verdadeiros guias da opinião. Enfim, existe ainda o direito abominável, imoral, de primogenitura. O clero anglicano é ainda todo-poderoso e arrecada impostos e dízimos.

.....
Quem gostaria de gozar, atualmente, na França, essa liberdade tão gabada dos ingleses?... O que devemos invejar da Inglaterra não é mais sua liberdade, é o tridente de Netuno: seu assombroso *gênio do comércio*.

C, página 36

Começa-se a reconhecer as águas do Prata a vinte léguas ao largo (as do Amazonas vão a quarenta).

“Ao atingir o paralelo 34º, se não se estiver bem certo de sua latitude, é prudente reconhecer o cabo *Santa Maria*, o que se pode fazer sem perigo. Percebe-se, então, uma costa menos baixa que a do *Rio Grande de São Pedro* e distinguem-se, na distância, terras bastante elevadas. Percorrendo essa costa, toma-se conhecimento das *Castillos*, ilhotas muito recortadas e áridas, ao sul das quais, a pequena distância, encontra-se a ilhota de *Pulmarones*, coberta de cactos. Pode-se ancorar com ventos de sudeste na angra das *Castillos*, mas é preciso fazer-se à vela quando os ventos passarem a leste e sudoeste.

Entre as *Castillos* e o cabo *Santa Maria* (entrada do rio da Prata) existe uma grande praia terminada por duas outras ilhotas e por um grande número de rochedos; estas ilhotas formam, com o cabo, um ancoradouro para pequenos navios. Encontra-se o respectivo plano no mapa da costa meridional do Brasil, levantado pelo sr. Barral, comandante da gabarra *Emulation*.

A ilhota da *Paloma* (uma delas) não tem vegetação, e a de *Tuna*, a mais próxima do cabo, é coberta de cactos, como a de *Palmarones*. Esta semelhança faz com que se tome, às vezes, a *baía falsa* (a grande praia) pela entrada do rio da Prata, o que já causou alguns naufrágios.

O cabo de *Santa Maria* é reconhecível pelas ilhotas *Paloma* e *Tuna* e por uma duna de areia situada a pouca distância do sudoeste. Vê-se, ao norte, a quatro milhas, aproximadamente, sobre uma elevação, uma estância (grande estabelecimento onde se criam bois e cavalos) cercada de muitos parques, formados por estacas elevadas (*corrales*).

Por menos que os ventos soprem do lado sudoeste, o mar é muito agitado em toda essa parte. Isso é causado não só pela direção da costa, como também pela desigualdade das profundidades do mar, sobretudo nos paralelos 33° e 33°30'.

Para evitar os perigos que apresenta a costa situada ao sul do Rio Grande, convém manter-se a uma dezena de léguas e certificar-se, pela sonda, se se está na profundidade assinalada no mapa. Pode notar-se, à medida que o navio se aproxima da terra, porque a sonda acusa a presença de conchas, areia e pouco lodo.¹

Conhecendo-se bem a sua latitude, pode-se entrar sem receio e tentar reconhecer a ilha dos Lobos, situada quase em frente de Maldonado. Depois de reconhecer essa ilha, assim chamada devido à quantidade de lobos-marinhos que ali se encontram, o navio pode dirigir-se à de Flores, situada a 34°57' sul e 58°16'34" oeste. Fica a onze milhas noroeste $\frac{1}{4}$ oeste da ponta saliente do banco Inglês, escolho perigosíssimo, *que necessitaria um farol flutuante à noite e uma bandeira de dia*. Há na ilha de Flores um farol cuja luz, girante e intermitente, está acesa desde 1° de janeiro de 1823. A parte mais elevada da ilha, sobre a qual está colocado esse farol, mede 63 palmos (47 pés e um quarto) acima do nível do mar. A altura da lanterna, junto com a da torre, forma um conjunto de 75 palmos (56 pés $\frac{1}{4}$) e, se se acrescentar a altura do ponto mais elevado da ilha, ter-se-á a altura total do edifício, que é de 138 palmos² ou 103 pés e meio.

O farol de Flores é avistado a doze milhas de distância, quando o tempo está claro. Esses diversos reconhecimentos são necessários para evitar o banco Inglês, sobre o qual se pode ser arrastado pelas correntes ou pela derivação do navio, se estiverem soprando ventos do oeste e do noroeste.

1 *Annales maritimes*, 1833.

2 O palmo tem nove polegadas. Vide o *Guide des Marins pendant la navigation nocturne*.

Neste caso, como também quando os ventos forem do norte e do nordeste, é mais prudente passar entre as duas ilhas e a costa. Se, ao contrário, o vento for do sudoeste, do sul, do sudeste ou de leste, pode-se passar entre as ilhas e o banco Inglês.

Como o vento de sudoeste, conhecido pelo nome de *pampero*, é excessivamente violento, é prudente não entrar no rio. Deve-se mesmo sair dele, se não foi possível alcançar-se o ancoradouro de Montevideú ou o de Maldonado.³

De resto, os capitães europeus, práticos desse rio, o temem muito menos que a Mancha, porque, desde sua embocadura até Montevideú, a única coisa a recear é o banco Inglês, que se pode evitar reconhecendo as ilhas de *Lobos* e de *Flores*.⁴

Às vezes, encontram-se pilotos na ilha de Lobos ou na de Flores para conduzirem as embarcações a Montevideú. Mas são tão preguiçosos que preferem ganhar uma meia pilotagem, a que têm direito, a receber uma inteira, correndo perigo.

Depois de passar por *Flores*, avista-se o *Cerro* de Montevideú. É um monte de forma cônica, situado diante da cidade, do outro lado da baía, sobre o qual colocaram um farol, que mede 450 pés acima do nível do mar. Esse farol, provido de lâmpadas com refletores, estava mal cuidado e não era visível de longe como o de Flores, mas parece que o governo encomendou um aparelho para substituí-lo. Para ir a Buenos Aires é preciso maior precaução. Mas o navio não correrá perigo se se tiver o cuidado de tomar um piloto em Montevideú.

Quase em frente de Montevideú, na costa de Buenos Aires, começa um banco que vai até a pequena enseada desta última cidade. Tem o nome de banco Índio. Um outro banco ocupa o meio do rio, deixando um canal profundo entre ele e o Índio, depois outro canal entre sua parte norte e a costa da Banda Oriental: é o banco Ortiz. Segue-se um ou outro canal, conforme o vento. Existe ainda outro pequeno banco no meio do canal formado pelo Índio e o Ortiz, é o banco Chico.

3 Esta última enseada é segura, mesmo para navios maiores.

4 É preciso, entretanto, muito cuidado por parte dos oficiais, porque as correntes seguem a direção do banco.

O mapa de *Aizpurua*, como o de *Barral*, indica perfeitamente tudo isso, com o rumo a seguir, segundo o vento e as braças de água em maré alta e baixa. Mas o mais seguro é tomar, sempre, um piloto no ponto *leste* do banco Índio (se já não se tomou em Montevideú), onde está constantemente ancorado um pequeno barco pertencente à sociedade dos pilotos de Buenos Aires, o qual serve também de farol flutuante.

D, página 36

Paraná-Guazu. A palavra *paraná*, na língua guarani, significa *grande rio*, e não é, sem dúvida, senão um diminutivo de *pará*, mar. Essa palavra também se encontra, sob a forma um pouco corrompida de *parava*, nas línguas *maypure* e *tamanaque*, que, como provam muitas outras analogias, não são mais do que dialetos do guarani. (A. d'Orb. *Voyage dans l'Amérique Meridionale*.)

E, página 57

“*José Artigas*, cuja vida inteira foi uma sucessão de horrores, foi a causa principal das desgraças que afligiram durante dez anos as províncias do Rio da Prata. Oriundo de uma boa família de Montevideú, passou a sua mocidade entre contrabandistas e malfeitores. O governo espanhol, a fim de destruir esses bandos de criminosos, resolveu nomeá-lo tenente de caçadores, e foi nessa quantidade que ele perseguiu seus antigos camaradas. Por ocasião da revolução, tomou o partido dos patriotas e se destacou na guerra contra os espanhóis e no sítio de Montevideú. Eleito chefe da Banda Oriental, acendeu o fogo devorador da guerra civil. Atacou Buenos Aires, invadiu Entre-Rios, sublevou Santa Fé, armou os índios selvagens do Grande Chaco e assolou o Paraguai com atos inauditos de crueldade. Suas bandeiras eram o refúgio da escória da espécie humana. Salteadores, assassinos, piratas, ladrões e desertores eram, igualmente, bem-vindos nos seus redutos; daí que a marcha das suas tropas era marcada pela carnagem e pela devastação. Provocou os brasileiros, que só esperavam uma oportunidade para entrar em guerra. Enfim, o resultado dos seus nove anos de governo foi a ruína completa da Banda Oriental, país outrora tão florescente, a devastação das outras províncias e a desmoralização de todo um povo, sem contar as conseqüências mais remotas desse regime desastrado, entre

as quais se pode citar a guerra de Buenos Aires com o Brasil. Deve dizer-se, entretanto, a bem da verdade, que, abandonado a si mesmo, Artigas não teria levado tão longe a sua ferocidade; mas estava cercado de celerados, dos quais dependia em parte. O mais infame de todos era um monge, chamado *Monterosa*, que exercia junto dele as funções de secretário e conselheiro privado e era um homem incapaz de qualquer sentimento de humanidade... E que dizer daqueles que, como espectadores tranqüilos, fomentaram de longe essas desordens, com o único fim de satisfazerem suas ambições? Foi assim que negociantes de Buenos Aires, ingleses, franceses e americanos-do-norte, cooperaram eficazmente para todos esses desastres, provendo Artigas de armas e munições e *baseando sua fortuna na destruição de mais de vinte mil famílias!*⁵

Pelos meados do ano de 1820, um dos tenentes de Artigas (não menos famoso por seus crimes), chamado *Ramírez*, que se encontrava na província de Entre-Rios, marchou contra seu chefe à frente de oitocentos homens de cavalaria, dos mais intrépidos. Derrotou-o em vários encontros e obrigou-o a retirar-se com os restos do seu exército para as *Missões* destruídas, apoderando-se do governo.

Artigas, acompanhado de uns mil homens, apresentou-se, em setembro de 1820, na margem esquerda do Paraná, diante da Missão de *Ytapiua*, ocupada por uma guarnição de paraguaios, e solicitou ao ditador um refúgio para si e toda a sua tropa. Este enviou, imediatamente, um esquadrão de cavalaria, com ordem de fazer os fugitivos atravessarem o rio, mas recomendando, entretanto, que só deixassem passar um certo número de cada vez. Artigas foi o primeiro a atravessar com uma parte dos seus; a outra, composta de índios, antigos habitantes das Missões destruídas, preferiu retirar-se para as ruínas e ali estabelecer-se novamente. O general foi conduzido, sob escolta, à capital, enquanto seus companheiros de armas eram dispersados na campanha. Muitos deles, tendo perdido o hábito do trabalho, quiseram continuar seu gênero de vida, isto é, o banditismo, mas não tardaram a ser presos e fuzilados. Artigas, depois de ter passado alguns

5 Esses detalhes sobre a vida política de Artigas são extraídos da interessante obra dos srs. Rengger e Lonchamps, intitulada: *Essai historique sur la révolution du Paraguay*, etc.

dias numa cela do convento da Mercê, onde o ditador o fizera alojar, foi enviado, sem poder obter uma única audiência, à vila de Curuguati, a oitenta e cinco léguas ao nordeste de Assunção, de onde só poderia escapar através de um deserto para o lado dos portugueses, fuga que não era possível receber, depois das crueldades que cometera para com aquela nação. O ditador concedeu-lhe uma casa, terras e 32 pesos mensais (168 francos), seu antigo soldo de tenente de caçadores, e deu ordem ao comandante regional de lhe fornecer tudo o que lhe fosse necessário, ou apenas agradável, e de tratá-lo com a maior consideração. Parece que, desde então, Artigas quis expiar, ao menos em parte, os crimes de que se havia manchado. Com a idade de sessenta anos, cultivava pessoalmente os seus campos, e tornou-se o pai dos pobres de Curuguati. Distribuía com eles a maior parte de suas colheitas, gastava seu soldo para auxiliá-los e proporcionava aos doentes todos os socorros de que podia dispor. O ditador, por sua vez, admitindo no Paraguai um de seus maiores inimigos e assegurando-lhe uma existência decente, queria, como teve ocasião de dizer, respeitar os direitos da hospitalidade, tão conhecida dos habitantes do Paraguai. Assim terminou a carreira política de Artigas.⁶

F, página 78

A organização científica da Universidade de Buenos Aires é a seguinte:

1ª) – Os estudos são divididos em *Estudos preparatórios de letras e ciências* e em *Estudos de altas faculdades*.

2ª) – Os estudos preparatórios, denominados de letras e ciências, compreendem, apenas, atualmente, as seguintes matérias: latim, francês e inglês; filosofia; ciências físico-matemáticas e elementos de física experimental. Cogita-se do estabelecimento de uma cadeira de química, de história, de literatura e de retórica.

3ª) – Os estudos denominados altas faculdades são os das ciências sagradas, de jurisprudência, de medicina, de cirurgia e das ciências exatas.

⁶ Vide a obra já citada.

A faculdade de ciências sagradas compreende as seguintes matérias: teologia puramente dogmática; direito canônico público e privado, conciliado com o direito civil; escritura sagrada; história eclesiástica.

A faculdade de jurisprudência compreende: o direito civil; o direito público e das gentes; o direito público e privado eclesiástico conciliado, com o civil, e elementos de economia política.

As faculdades de medicina e cirurgia abrangem as seguintes matérias; repetição de física experimental; preparação para a anatomia e a fisiologia; higiene; patologia geral; terapêutica e matéria médica; medicina e partos; enfermidades de crianças e de mulheres; princípios de medicina legal.

A faculdade das ciências exatas compreende as matemáticas, a física experimental e a química.

As obras adotadas no ensino das diferentes ciências são as seguintes:

– Estudos preparatórios – latim, nas três classes: conferências de *Valdivieso*, Gramática de *Homero*, *Cornélio Nepos*, *Quinto Cúrcio* e a Seleta de *Cícero*.

Francês: gramática de *Chantreaus*; *Fénélon*.

Inglês: a nova gramática de *William Casay-Philometh*, e o Novo Testamento, em inglês.

Filosofia: o curso de *Alcorta* ou o de *Pena*.

Físico-matemáticas: *Avelino Díaz*.

Física experimental:⁷ *Despretz* e o tratado de eletricidade dinâmica de *Denon-Ferrand*.

Ciências sacras

Teologia dogmática: *Gmeiner*. Escritura sagrada: *Wouters*. Direito público e privado eclesiástico: *Gmeiner*. História eclesiástica: *Gmeiner*. Eloquência sacra: *cardeal Maury*. Moral prática: *Echarri*.

⁷ O estimado sr. Mossotti, astrônomo e professor de física em Buenos Aires, se viu forçado, como os outros, a abandonar este desgraçado país. Atualmente está em Bolonha.

Jurisprudência

Direito civil: *Álvarez*: “Instruções do direito real da Espanha”
– Direito público e das gentes: *Reyneval* – Direito público e privado eclesiástico: *Gmeiner* – Economia política: *Mill*.

Medicina

Anatomia, *Maigrier* – Fisiologia, *Magendie* – Matéria médica, *Albert* – Higiene, *Rostand* – Patologia geral, *Caillot* – Nosografia cirúrgica, *Richerand* – Nosografia médica, *Pinel* – Partos, doenças de crianças e de senhoras, *Chaporrón* – Medicina legal, *Foderet*.

Ciências exatas

Geometria descritiva e suas aplicações. *Valet* – Princípios de arquitetura, topografia e suas aplicações, *Hachette* – Cálculo infinitesimal, *Lacroix* – Mecânica, *Poisson* – Composição de máquinas, *Hachette* – Física experimental, *Despretz*, e o Tratado de eletricidade, de *Denon-Ferrand*. – Química. *Thénard*.

Um artigo especial do regulamento da Universidade determina que os professores *obrigarão* os jovens a comprar essas obras, e que, somente no caso em que não puderem obtê-las, lhes será permitido recorrer a cópias manuscritas, porque as aulas serão dadas por meio de obras *impressas*.

A comissão que foi encarregada, em 1833, de propor o novo plano de organização da Universidade era composta do doutor Zavaleta, de Valentin Gómez e de Vicente López, três cidadãos de excelente reputação entre as pessoas que seguiram as fases da evolução de Buenos Aires.

G, página 84

Direitos de importação em Buenos Aires

Todas as mercadorias não designadas abaixo pagam 17 por cento do seu valor no mercado:

Mercúrio – Máquinas – Instrumentos de agricultura, de ciências e de artes – Livros – Gravuras – Pinturas – Estátuas – Tipografias – Lãs e peles para fábricas – Tecidos de seda – Bordados de ouro e prata com ou sem pedrarias – Relógios – Joalheria de toda espécie – Carvão de pedra – Gesso – Cal – Pedra de construção – Tijolos – Tábuas e madeiras – Junco e caniço – Pagam 5 por cento.

Armas – Pedras para fuzil – Pólvora – Alcatrão – Breu – Cordame – Seda bruta e manufaturada – Arroz – Pagam 10 por cento.

Açúcar – Erva-mate – Chá – Cacao – Café – E comestíveis em geral – Pagam 24 por cento.

Móveis – Espelhos — Veículos – Cabriolés e sua guarnição – Selas e arreios – Vestuário confeccionado – Licores – Aguardente – Vinhos – Vinagres – Cerveja – Cidra e fumo – Pagam 35 por cento.

Quando o valor do trigo não excede 6 pesos por fanga, os direitos são de quatro pesos por fanga; não excedendo 7 pesos, são de 3 pesos; e quando é superior a 7 pesos, 2 pesos.

A farinha paga 9 pesos de direitos, quando o seu valor não excede 45 pesos por quintal; 7 pesos, quando não excede 60 pesos, e 5, quando o seu valor é superior a 60.

O sal paga um peso por fanga; os chapéus de lã, seda ou pêlo, 13 pesos cada um. Além dos direitos acima mencionados, cada fardo de qualquer espécie paga 4 reais de armazenagem à alfândega, e as mercadorias muito pesadas, 4 reais por arroba.

N.B. – Sobre os carregamentos de líquidos provenientes do outro lado da linha, a alfândega faz um abatimento de dez por cento, por vazamento, e de 6 pesos pelos que provêm deste lado do Equador. Todo carregamento em consignação paga, por contribuição direta, 4 pesos por milha sobre o valor local, cujo total é aumentado por letras que emite a aduana para reembolso dos direitos. O pagamento se faz, parte em três meses, parte em 6 meses de prazo.

Direitos de trânsito

Os artigos de importação pagam, em seu desembarque, a quinta parte dos direitos que teriam de satisfazer para sua introdução na província.

Os artigos reembarcados pagam dois por cento sobre o valor local. Concedem-se vinte e cinco dias para o desembarque e seis meses para a reexportação, que se contam, um e outro, desde o dia da chegada do navio.

Direitos de exportação

Todos os produtos da província de Buenos Aires e das do interior que não figuram abaixo pagam 4 por cento sobre o valor local:

Couros de cavalos – Mulas – Vacas – Bois e vitelas, nascidos mortos – Um peso cada um.

Carnes salgadas que se exportam em navios nacionais – Grãos – Víveres e biscoitos – Farinha – Lã e peles de carneiro – Toda pele curtida – Manufaturas do país – Não pagam nenhum direito.

Ouro e prata, um por cento.

Os direitos acima, que são pagos ao valor, são calculados segundo o preço das mercadorias, avaliadas por pessoas para isso designadas, assistidas por dois negociantes imparciais. Existe uma tarifa em que os artigos são mais detalhados.

A mercadoria é estimada e os direitos cobrados em moeda corrente de Buenos Aires, a qual é, atualmente, dividida em pesos-papel e em reais de cobre. 8 reais de cobre valem um peso papel; 7 pesos e 3 reais 1/2 papel valiam, em julho de 1834, um peso forte da Espanha; e 120 pesos-papel equivaliam a uma onça de ouro ou quádruplo da Espanha, o que dava ao peso-papel um valor de 69 centavos e 16 centésimos de centavo (a onça avaliada em 83 francos).

A moeda efetiva é de 17 pesos o quádruplo de ouro e de 8 reais de prata o peso.

As contas são em bilhetes do banco nacional, que constituem a moeda corrente.

Relação de pesos e medidas

O peso dos couros salgados é de sessenta libras, e o dos couros secos, trinta e cinco libras – O quintal é de cem libras, ou quatro arrobas

de vinte e cinco libras espanholas – Cem libras são iguais a cento e quatro libras inglesas e noventa e duas francesas – Cem varas são iguais a noventa e duas jardas inglesas e setenta e duas varas francesas – Uma vara contém trinta e seis polegadas espanholas e trinta e duas francesas – Existe uma diferença de 3 por cento entre a vara espanhola e a de Buenos Aires. – O pé inglês é de 9 por cento mais que o de Burgos, e o pé francês é de 15 por cento.

H, página 136

Fretes portuários em Buenos Aires

Na entrada			
Navios estrangeiros		Navios nacionais e ingleses	
	Ps.rs.		Ps.rs.
Por tonelada.....	1	Por tonelada.....	6
Visita de saúde.....	12	Visita de saúde.....	12
Regulamento do porto.....	1	Regulamento do porto.....	1
Na saída			
Navios estrangeiros		Navios nacionais e ingleses	
	Ps.rs.		Ps.rs.
Por tonelada.....	1	Por tonelada.....	6
Visita de saúde.....	12	Visita de saúde.....	6
		Direitos de rol	12

N.B. – Os navios que não carregam nem descarregam pagam somente a metade dos direitos, acrescida da visita sanitária, à entrada, e do certificado, à saída.

Adição desde 1º de agosto de 1833 – Os navios que entrarem e saírem da enseada interior pagarão noventa pesos de pilotagem, os de três mastros, e 50 os de dois, mesmo que não peçam os serviços do piloto.

Tarifa de pilotagem

Para o Rio da Prata

				Depois do cabo de Santa Maria até Montevideú	Depois do cabo de Santa Maria e do cabo Santo Antônio até Buenos Aires	Depois de Montevideú até Enseñada ou Buenos Aires
				P. F.	P. F.	P. F.
Calando	20p.	de	Burgos	720	900	1140
“	19	“	“	600	780	1050
“	18	“	“	540	660	960
“	17	“	“	480	570	840
“	16	“	“	420	480	750
“	15	“	“	360	420	660
“	14	“	“	300	360	570
“	13	“	“	240	270	480
“	12	“	“	210	240	420
“	11	“	“	180	210	360
“	10	“	“	150	180	300

N.B. – Todo navio calando mais de dez pés será obrigado a receber um piloto à saída. No caso de não querer admiti-lo, pagará a metade da tarifa de pilotagem acima designada. Pagará, também, metade dessa tarifa, à entrada, quando se recuse receber a bordo o piloto indicado de acordo com a tabela supra.

Preço dos fretes em 1834

França – 80 f. e 10% por 900 quilogramas.

Inglaterra – Libra esterlina 4 1/2 e 5% por 2.240 libras

Rio de Janeiro – 3 reais e 5% por quintal

Havana – 7 reais e 5% por quintal

Mediterrâneo – ps.f. 17 e 10% por 2.000 libras

Estados Unidos – 3/4 cents. e 5% por libra

Pacífico – ps.f. 15 e 5% por 2.000 libras

Norte da Europa – libra esterlina, 5 e 5% por 2.240.

Mercadorias de grande exportação
em Buenos Aires

Couros de boi salgados	Crina longa
“ secos de 30 libras	“ misturada
“ “ de 28 libras	Chifres de boi
“ “ de 22 a 25	“ de vaca
“ de cavalo	Mulas
“ de terneiro	Carne salgada
“ de carneiro, com lã	Penas de avestruz
“ de vitela	“ negras longas
Peles de lontra	“ brancas
Penas curtas	Sal da Patagônia
Pele de chinchila	Sebo bruto
Lã de carneiro	“ derretido
Peles de vicunha	

I, página 160

Os soldados em campanha, tanto nas províncias do Prata como na do Rio Grande, são ao mesmo tempo infantes e cavaleiros. Isso quer dizer que a infantaria pode transformar-se em cavalaria e vice-versa. Mas é preciso acrescentar que a *cavalaria*, obrigada a tornar-se *infantaria*, não é mais de temer, pois aqueles homens, que manejam o cavalo com tanta destreza, que são capazes de *tudo ousar* a cavalo, não se podem habituar à marcha e transformam-se, a pé, nos soldados mais vis do mundo.

Os soldados de cavalaria não têm, como na Europa, um cavalo a cujo trote se habituam e que se amansa facilmente com os movimentos que tem de repetir. Nessas imensas planícies onde os cavalos são muito numerosos, o animal não merece cuidados especiais, e a habilidade dos

cavaleiros (*ginetes*) consegue fazê-lo dócil *por mais indomável* que seja. Um corpo de cavalaria tem sempre duas tropilhas de cavalos à sua disposição; a que se monta e a que se destina à muda. Esta última é duas ou três vezes mais numerosa do que a do corpo de cavalaria; marcha sempre na frente.

Quando os soldados têm de trocar de montaria, ajuntam-se os cavalos espalhados, forma-se um círculo em torno deles, alguns soldados avançam de laço na mão, os oficiais indicam os cavalos que devem laçar e, à medida que a operação se realiza, cada soldado vem, com a rédea e o freio na mão, prender o animal que lhe foi destinado. Acontece às vezes, quando o general está de bom humor, que os deixam escolher no meio do *rodeio*, freqüentemente, um cavalo indomado, que dá saltos e coices, corcoveia e põe a tropa em desordem; mas o soldado, sem se impressionar, salta sobre ele, faz com que galope até se fatigar, depois dá volta, obriga-o a trotar junto com os outros, e só o deixa descansar quando já o pode guiar sem impaciência.

O que há ainda de curioso é que cada um desses cavalos, por mais numerosos que sejam, tem o seu nome característico; e que, por mais que se pareçam, têm diferenças de pêlo, uma mancha, uma atitude, um olhar particular, que bastam ao gaúcho para reconhecê-lo e chamá-lo, no meio de uma tropa de vinte mil. Há mais: o homem do campo identifica um animal, à distância de uma légua, e dirá, vendo um grupo de cavaleiros apontar no horizonte: aquele é um *estrangeiro*, aquele outro é um *paisano* (compatriota).

J, página 188

Os brasileiros arrebataram à Banda Oriental, por ocasião da ocupação injusta do território dessa República por suas tropas, mais de 4.000.000 de cabeças de gado, que introduziram na província do Rio Grande, como constata os registros da fronteira. Vejamos a esse respeito dois fatos curiosos: antes de 1817, a capitania geral do Rio Grande, pertencente ao Brasil, só tinha treze estabelecimentos de salgadura (charqueadas), ao passo que, atualmente, tem mais de 200! Antes da ocupação dos

portugueses, a Banda Oriental possuía mais rebanhos do que qualquer outra província da América; atualmente, os brasileiros que ali habitam são obrigados a trazer o gado de seu próprio território para formar estâncias.

(Esboços históricos e estatísticos.)

K, página 214

Os brasileiros, habitantes do campo, nunca bebem durante a comida. Depois de terminar, um dos convivas, à falta de escravo, vai buscar água, com um chifre, a um barril ou a uma fonte próxima; bebe primeiro e, tornando a encher o chifre, oferece-o a outro conviva, que, por sua vez, fará o mesmo com um terceiro. Se há escravos ou criados, são eles que enchem o chifre, no qual bebem também. Esse costume de beber somente depois da comida era geral entre as tribos índias de todo o Brasil, Paraguai e Buenos Aires.

L, página 222

A indústria dos animais parece crescer na razão da preguiça e da negligência dos seres humanos. É assim que, nessas grandes regiões da América do Sul, onde os homens jazem numa intolerável apatia, miríades de abelhas, de formigas, de insetos de toda espécie, formam habitações surpreendentes pela graça de sua estrutura, por sua grandeza e solidez, tendo em vista a extrema pequenez dos seres que as constroem. As pirâmides do Egito, as torres de Babilônia, as muralhas da China, os monumentos da América Central, não são nada em comparação com os edifícios das formigas! A primeira vez que vi imensas planícies cobertas de montículos de argila, de três, cinco e mesmo dez pés de altura, pensei que estivesse no meio de um acampamento de índios. Era, nada mais nada menos, uma república de formigas!

Quantas vezes me detive, cheio de admiração, considerando a ordem, a regularidade, a indústria com que trabalham esses átomos da criação para atingir seu fim e assegurar uma subsistência que, *também*, parecem

condenados a ganhar com o *suor de sua fronte!*... Quem poderia ver com indiferença, sem interrogar sua razão, um formigueiro inteiro ocupado em transportar, às vezes a distâncias consideráveis, os comestíveis que devem constituir as provisões de inverno dessa numerosa família? Quanta harmonia e poesia nessa longa procissão de moléculas organizadas, transportando – por um caminho que elas mesmas abriram no meio das pedras, urzes e mil obstáculos – fragmentos de pétalas de rosas, pedaços de parênquimas de folhas de campainha, duas vezes maiores do que elas, e depositando-as, com uma ordem admirável, nos seus subterrâneos, para recomeçarem de novo!...

M, página 254

Vi, em casa do doutor Hillebrand, mais de trinta espécies de madeiras úteis, todas da colônia alemã. Não me foi possível reunir mais de dezoito amostras, que o sr. Benjamim Delessert não julgou indignas de figurarem na tua coleção botânica. Indicarei seus nomes brasileiros e suas propriedades conhecidas. O sr. Auguste Saint-Hilaire poderá, talvez, reconhecê-las e classificá-las cientificamente.

O *ipê* preto, o *ipê* branco e o *ipê* propriamente dito são madeiras muito duráveis e de uma utilidade geral. O *tajuba* parece-se com o limoeiro; tingem de amarelo e é empregado em marcenaria devido à sua leveza e aos belos reflexos do seu verniz.

A *canela burra*, a *canela do brejo*, a *canelinha* são madeiras leves que se empregam em marcenaria e carpintaria.

A *goiabeira* é uma linda madeira rósea, lisa e compacta, um pouco leve, muito própria para marcenaria.

O *cedro vermelho* e o *cedro branco* são cedros da América, cujas qualidades já se conhecem.

O *ubá* é uma madeira de tecido denso, duro, pesado e muito durável, próprio à construção de carros e navios.

O *sobreji* é uma madeira muito bonita, de um branco meio amarelado e de utilidade geral.

O *angico* é pardo, muito leve e procurado principalmente para a carpintaria.

A *canjerana* é vermelha, leve, de um tecido poroso, mas conveniente à carpintaria devido à sua cor. Recebe muito bem o verniz.

A *cabriúva*, impropriamente chamada *amarela*, pois é de uma cor acinzentada, é muito útil para carpintaria e marcenaria.

A *aroeira* é amarela, com veias negras, e recebe muito bem o verniz. É mais empregada em construção de carros e em vigamentos do que na marcenaria, devido ao seu peso.

A *santa-rita* é, também, uma bela madeira, própria à carpintaria. Sua casca é muito empregada nos curtumes.

O *araçá*, uma das melhores madeiras para carpintaria, também recomendado por sua casca que serve para curtir e pelo seu fruto saboroso.

A *taúba*, árvore de tamanho mediano cuja casca é um drástico muito forte, experimentado pelo doutor Hillebrand.

O *pinheiro*, cujo fruto é chamado *pinhão*, foi descrito por Azara. Trouxe comigo alguns grãos que desenvolveram muito bem seu germe singular. Tenho esperança de vê-lo crescer em muitos jardins dos arredores do Havre.

Desejaria dar uma relação das plantas fanerógamas mais comuns, que compõem a flora da província do Rio Grande do Sul. Contava, para isso, com a boa vontade do sr. Guillemin, conservador das coleções botânicas do sr. Delessert, mas esse trabalho laborioso não ficou pronto a tempo. Contentar-me-ei, portanto, em enumerar os gêneros e espécies de criptógamos relacionados por mim e classificados pelo sábio sr. Bory de Saint-Vincent:

FETOS (*Pteris* Juss. *Filices* Smith).

Anemia phyllitidis, Sw.

Anemia Hirsuta, Sw.

Anemia fulva, Spr.

Pteris pedata, Lin.

Pteris collina, Raddi.

Blechnum Brasiliense, Spr.

Polypodium crassisolium, Lin. *Blechnum Occidentale*, Spr.
Polypodium olites, Lin. *Cheilantes elingata*, Sw.
Pleopeltis angustifolia, Humb. *Cheilantes micropteris*, Sw.
Aspidium coriaceum, Spr. *Adiantum capillus veneris*, L.
Aspidium molle, Sw. *Adiantum affine*, Spr.
Diplarium plantagineum, Bory.

MUSGOS (*Politrichum*, Juss. *Musci*, div. aut.)

Brium truncorum, Brid. *Nckeera mideclata*, Brid.
Lasia trichomytrien, Brid. *Jungermania loevigata*, Schreib.
Isothecium pentastichum, Br. *Jungermania coadunata*, Hook.

LÍQUENS (*Usnea*, Juss. *Licheneoe*, Hoff.)

Hypochnus rubrocinctus, Per. *Borrera kamtchatica*, Spr.
Isidium (espécie irreconhecível). *Borrera thurulla*, Ach.
Cenomyce cinerea, Ach. *Usnea strigosa*, Pers.
Parmelia perlata, Ach. *Usnea seminuda*, Bory.
Parmelia caperata, Ach. *Usnea barbata*, Ach.

Os líquens e os musgos são dos arredores de Porto Alegre e de São Leopoldo; os fetos são de toda a província, desde o Uruguai até a capital.

Os animais do Rio Grande do Sul são os mesmos do Paraguai, do interior do Brasil e de Caiena. É, portanto, inútil enumerar os que observei. Darei, somente, a nomenclatura dos lepidópteros, que poderá interessar alguns entomologistas. Devo tal relação ao estimável doutor Bois-Duval.

Ordem dos lepidópteros

Família dos Diurnos

Papilio	Lycophron	Heliconia	Phlycto
–	Pirithous	Danais	Gillipus
–	Cleotas	Argynnis	Vanillae
–	Pandrosus	Cethosia	Julia
–	Protodamas	Cybdelis	Maja
–	Polydamas	–	Phaesila
–	Agavus	Nymphalis	Isidora
–	Perrhebus	–	Seraphina
–	Evander	–	Blunfieldii
Pieris	Limnoria	–	Traija
Callidryos	Cypris	–	Amphimoche
–	Evadne	Pavonia	Batea
–	Eubule	–	Cassiae
–	Argante	Morpho	Laertes
Erycina	Morissei	–	Menelaus
–	Paridion	Biblis	Thadana
Eubagis	Artemon	Cethosia	Pherusa
Thecla	Arrogeus	Melitaea	Janthe
–	Simaethis	–	Flavia
Peridromia	Feronia	Llbithea	Carinenta
–	Ferentina	Hespéria	Xantippe
Helicônia	Phylis	–	Phidios
–	Lysimnia	–	Amiclus
–	Eucrate	–	Polygius
–	Olesto	–	Orion
–	Callo	–	Tarchon
Hespéria	Corbulo	–	Lafrenayi
–	Thrasibulus	Cethosia	Dido
–	Proteus	Vanessa	Lethe
–	Rhizophaga	–	Huntera
Hepéria	Mercador	Vanessa	Larinina
–	Mys	–	Amalthea

-	Exadeus	Heterechroa	Isabellina
-	Phyleus	-	Cytherea
-	Paipalis	Catogramma	Pyramus
-	Zephodes	-	Candrena
-	Xanthaphes	-	Irma
-	Bonfilsii	-	Hydraspus

Família dos Crepusculares

Sphinx	Vitis	Macroglossa	Tantalus
-	Labruscoe	Glaucopis	Stictica
-	Ello	-	Incendiária

Família dos Noturnos

Crossus	Tigrinus	Lithosia	Ornatrix
Bombix	-	-	Judas
Jo	Humeralis	Erebus	Hypnois
Homoptera	Ditrita	-	Odora
Ophnisa	-	Geometra	Pardalaria
Callimorpha	Dichroa	Boarmia	Brasiliaria
-	Cruenta	Tinea	-

N, página 263

O *quintal* brasileiro é composto de 4 *arrobas* de 32 libras, isto é, 128 libras, equivalentes a 117 meios-quilos franceses ou 129 1/2 libras inglesas. A relação das libras francesas com as libras brasileiras é de 8 a 9%.

1 *arroba* de 32 libras equivale a 14 1/2 kg, ou 30 1/3 libras de Hamburgo.

1 *alqueire* de trigo pesa de 65 a 75 libras brasileiras.

1 *pipa* de Lisboa contém 123 galões ingleses.

Os tecidos se vendem à *jarda* inglesa, à *vara* portuguesa ou ao *côvado*.

100 varas equivalem a 92 alnas francesas.

100 côvados equivalem a 58 $\frac{1}{7}$ alnas francesas.

Todos os panos de lã e sedas se vendem ao côvado. Os artigos ingleses e algodões se vendem à *jarda* ou à *vara*, segundo convenção.

N.B. – Vendem-se 170 côvados e pagam-se direitos aduaneiros sobre 172.

Atualmente, a moeda corrente é em cobre:

1 *patacão* de cobre, de 960 réis, compõe-se de 3 *patacas*, a pataca de 4 *reais*, o real de 4 *vinténs* e o vintém de 20 *réis*.

Conta-se, ainda, em *cruzados* e *tostões*. O cruzado vale 400 réis. O tostão, 100 réis. Uma *dobra* vale 12.800 réis.

Circulam moedas de um, dois e quatro vinténs.

Uma lei acabava de abolir o cobre, para substituí-lo por bilhetes de banco; mas a maneira de contar será sempre a mesma, e circularão por muito tempo 2 e 4 vinténs de cobre para facilitar o troco de moedas.

O ouro e a prata amoedados são de livre saída.

O ouro em pó, calculado de 22 a 23 quilates, valia de 3.000 a 3.200 réis o oitavo ($\frac{1}{8}$ de onça)

Os direitos de alfândega na Província do Rio Grande são os mesmos que nas outras províncias do Brasil, isto é, 15 % sobre a avaliação fixada pela Pauta, com um por cento de acessórios. É fácil, aliás, encontrar-se uma tarifa em Paris.

Em Porto Alegre, os couros se vendem às libras. Os mais leves pesam 78 libras; os mais pesados, de 29 a 30; o peso comum é de 23; mas, no Rio Grande, são mais pesados. É possível encontrarem-se couros tão bonitos como em Buenos Aires, encomendando-se com antecedência. O preço era, em junho de 1834, de 53 a 55 cent. de libra portuguesa.

As vendas são feitas, geralmente, à vista, mas as entradas integrais são calculadas no curso de dois meses.

O uso de ladrilhos começa a introduzir-se nessa província. Foram trazidos a Rio Grande pelo *Elise*, de Saint-Malo, e ali vendidos rapi-

damente. Seria de grande benefício para o Havre que fossem ali tão bem aceitos como são em Buenos Aires.

Para a navegação de Rio Grande ou de Porto Alegre, como para a de Buenos Aires, são necessários navios cujo calado não exceda de dez a onze pés, *bem carregados*. É preciso, também, se se quer, aproveitar bem o espaço para carga, que o porão tenha de 22 ½ a 23 pés de largura, a fim de nele poder colocar os couros atravessados.

Em aditamento às minhas considerações sobre o estado de nosso comércio na América, vou dar um último conselho:

Critica-se muito, e com razão, a maneira por que são feitas nossas embalagens. Nisso, com efeito, estamos *consideravelmente atrasados*. Vendo-se chegar um fardo de Paris, não se duvidaria jamais que saiu de dentro de uma grande nação, que acaba de realizar sua segunda revolução gloriosa. Os que transmitem ordens nas fábricas não fizeram ainda compreender aos fabricantes ou aos encarregados da embalagem que tais fardos não estarão em seus destinos por terem desembarcado no Rio, em Buenos Aires, Vera Cruz ou Valparaíso. Muitas vezes, têm de percorrer trechos de cinqüenta, cem, duzentas, quinhentas localidades, por terra, através de montanhas, lodaçais ou rios transbordados, por terra, simultaneamente, de um carro para uma canoa estreita, ou de um simples *couro* para o dorso de mulas, ou para a cabeça de homens, ou carroças... Faz-se, portanto, mister que, além da solidez, os caixotes ou fardos tenham, ainda, o mérito de ser portáteis e de fácil arrumação, qualquer que seja o transporte utilizado. Há um século que os ingleses compreenderam isso.

É preciso que as fazendas sejam dobradas *ao comprido*, para facilitar as embalagens e os transportes, assim como que as peças sejam *todas iguais*, de uma só medida, não em *varas*, nem muito menos em *frações de vara*, como fazem nossos fabricantes rotineiros, mas em *jardas* (jardas inglesas), que é a medida adotada em toda a América.⁸ Isso em relação às fazendas de *lã* e de *algodão*, porque as *sedas* devem ser medidas em varas, sempre em porções iguais, *sem frações*. Dessa maneira, estando todas as peças com uma só medida, dobradas *ao comprido*, e contendo todos os caixotes o mesmo número de peças, com a relação de amostras por cima, é claro que já se terá conseguido a grande vantagem de despachá-los prontamente na alfândega e aí poder

8 100 jardas equivalem a 78 1/4 de varas. 100 varas equivalem a 128 jardas.

vendê-los, se convier. Por outro lado, satisfaz-se ao comprador que, com um simples golpe de vista e sem ser obrigado a fazer cálculos minuciosos, sabe qual é a importância de uma fatura. Enfim, fazendo-se expedição em caixotes sólidos, de pequenas dimensões, mais *compridos* do que largos, presta-se um serviço inestimável aos negociantes do interior, proporcionando-lhes meios de transportar, com muito maior facilidade e economia, mercadorias que eles, muita vez, hesitam de comprar pela dificuldade de transportá-las.

Além disso, dá-se uma idéia mais elevada da sagacidade de nossos fabricantes ou dos que, entre nós, cuidam dos serviços de embalagem.

.....
Índice Onomástico
.....

A

ACMUTY, Samuel – 56
ACUÑA, Rodrigo de – 37
ALBERT – 294
ÁLVARES – 294
ALVEAR, Carlos – 57, 58, 140
ALZAGA, Félix – 84
ANACARSIS – 82
ANDRADE, Bartolomeu Pais de –
XVII
ANDRÉIA, Francisco José de Sousa Soares
de – XVII, XXVIII
ANDREWS – 14
ARENALES, José – 19
ARISTÓTELES – 17
ARSÈNE ISABELLE – XII, XIII, XV,
XVII, XX, XXIV, XXVI, XXVII
ARTIGAS, José – 101, 104, 290
AYOLAS, Juan de – 138
AZAMBUJA, Graciano A. de – XVII
AZARA, Félix de – 14, 15, 303

B

BALBI, Adrien – XXVII, 51
BALCARCE, Ramón – 104, 105, 106,
107, 109, 143
BALCARCE, Antonio – 140
BALZAC – 17
BARRETO, Abeillard – XIII
BELGRANO – 140
BERESFORD (general) – 79, 139
BOIELDIEU – 24
BOIS-DUVAL – 304
BONPLAND, Aimé – 19, 200, 262,

XVII

BORGES FORTES – Ver FORTES, João
Borges
BRITO PEIXOTO – XVI
BROWN (almirante) – 57, 58, 66
BUFFON – 17

C

CABOT, Sebastião – 37, 38, 54, 148
CABRAL, Pedro Álvares – 36
CAILLOT – 294
CANNING – 24
CARLOS IV – 139
CARLOS V – 273
CARLOS X – 24
CARVALHO, Alfredo de – XXI
CASAY-PHILOMETH, William – 293
CAUCHARD, Casimir – 19
CHAPORRON – 294
CHARLEVOIX – 14, 195
CHATEAUBRIAND – 16
CÍCERO – 293
COLOMBO, Cristóvão – 30, 36
CONDILLAC – 282
CORDIER – 217
CORNEILLE – 24
CORTÉS, Fernando – 36
COURRIER, Paul-Louis – XVII, 74
CREIG, Tomas – 167

D

D. PEDRO I – 142, 193, 250, 237, 238
D. RAMONA H – 126, 127
DELAVIGNE – 24

DELESSERT, Benjamin – 302, 303
DENON-FERRAND – 294
DESPRETZ – 294
DORREGO – 101, 102, 103
DOUVILLE, J. B – XXV
DREYS, Nicolau – XI, XII, XXV
DU-HARME – 79
DUPORTAIL – 92
DUPUIS – 74
DUQUESNE – 24

E

ECHARRI – 293
ELIO – 56
EMILE – 4
EYRÉS – XXVII

F

FARIA, Francisco de Sousa – XVI
FÉNELON – 293
FERNANDO VII – 139, 273
FERRARIS, Cadmio – 19
FODERET – 294
FONTENELLE – 24
FORTES, João Borges – XVI, XX
FRANCO, Modesto – 20
FRANCONI – 112
FUNES – 14, 195

G

G. KUHN – XXI
GABLIN, Eugênio – 147
GALL – 4, 285
GAMA, Vasco da Gama – 30
GAMBLIN, Eugène – 8, 125, 183
GARAY, Juan de – 138
GIÉLIS – 241
GMEINER – 293, 294
GOMES – 241

GÓMEZ, Valentin – 294
GUILLEMIN – 303
GUIDO, Tomás – 92

H

HACHETTE – 294
HEAD – 14
HIDALGO, Baltazar – 73
HILLBRAND, João Daniel – 20, 253,
254, 302, 303,
HOMERO – 293
HORMEYER, Joseph – XXI
HUMBOLDT, barão de – 113, 16

I

INGRES, Joseph – 19, 201
ISABEL – 273

J

J. B. DOUVILLE – XV
J. P. – 9
J. MORLENT – XIV
JARDIM, Sr. – 225
JOHNSON – 5
JOSÉ – 272
JOSEFINA (imperatriz) – 200

K

KANT – 285
KOSERITZ – XX, XXI

L

LA CONDAMINE – 15
LA PEYROUSE – 15
LABORDE (conde de) – 5, 23
LACROIX – 294
LAMADRID – 143
LAVALLE – 103, 142
LAVALLEJA, Juan Antonio – 57, 58, 59,
60, 83

LECOR, Carlos Frederico – 56
LÉGOUVÉ – 239
LEZICA, Faustino – 19, 125
LINIERS (general) – 56, 139, 79, 80
LOCKE – 285
LÓPEZ, Vicente – 101, 105, 108, 294
LUCQUES – 141
LUÍS – XV
LUÍS XIII – 272
LUÍS XIV – 272
LUÍS XVI – 272

M

MADALENA – 93
MAGALHÃES, João de – XVII, 37
MAGENDIE – 294
MAIGRIER – 294
MALBRANCHE – 285
MANDEVILLE – 88, 99, 115, 116, 282
MANUEL – 273
MARIQUITA – 121, 123
MAURY (cardeal) – 293
MAWE – 14
MEDRANO (bispo) – 107
MENVIELLE, Rafael – 79
MILL – 294
MONTESQUIEU – 20
MORALES, Ernest – XIV
MOSSOTI, Fabrício – 19

N

NANCY – 127
NAPOLEÃO – 139
NEPOS, Cornélio – 293
NETUNO – 31
NOLLET (doutor) – 126
NOUEL, Eduard – 147, 191

O

ORBIGNY, Alcides d' – XXVII, 14, 15,

16, 18, 82, 148

ORIBE, Manuel – 58

P

PASCOAL – 4
PAZ (general) – 104, 143
PELLANDA, Ernesto – XX
PITÁGORAS – 82
PLATÃO – 82
PLÍNIO – 17
POPHAM (comodoro) – 56
PORTO, Aurélio – XX
PRADEL – 245, 246
PRUDENTE, Gaspar – 211

Q

QUINTO CÚRCIO – 293
QUIROGA – 62, 63, 101, 105, 106,
107, 108, 110, 116, 125, 143

R

RAMÍREZ – 57, 101, 104, 291
RAYNAL – 14, 113, 74
RENGGER – 199
REYNEVAL – 294
RIVADÁVIA, Bernardino – 45, 82, 142
RIVERA, Frutuoso (general) – 58, 59, 153
RODRÍGUEZ, Domingo – 133
RONDEAU, José – 59.
ROSAS – 101, 108, 113, 142
ROSCIO (brigadeiro) – XIX
ROUSSEAU, Jean Jacques – 5, 23
ROSTAND – 294

S

SAINT-HILAIRE, Auguste – XI, XII,
XXIV, 14, 18, 302
SAINT-PIERRE, Bernardin de – 5, 18,
24

SAINT-VINCENT, Bory – 303
SAN MARTÍN – 141
SERNI – 201
SILLOW, Frederico – 15, 212
SILVA, José – 19
SOARES DE ANDRÉIA – Ver AN-
DRÉIA, Francisco José de Sousa
Soares de
SOLIS, Juan Diaz de – 54
SÓLON – 82
SORET (capitão) – 24, 61
SOUSA, Nelson C. de Melo e – XIII
SOUTHEY – 14
STAËL (madame de) – 97, 123, 239

T

THEDY, Antoine – 19, 175, 176
THÉRNARD – 294
TOSTES, Teodemiro – XIV
TRUDA, Leonardo – XX
TURGOT – 272

U

ULISSES – 82

V

VALDIVIESO – 293
VALET – 294
VÁSQUEZ – 45
VALVERDE, Zélio – XIV
VENANCOURT, Cornette de – 115
VITOR – 175
VOINEY – 74
VOLTAIRE – 13, 74, 239

W

WILLEMS, Emílio6. – XX
WITELOCK – 139
WOUTERS – 293

Z

ZABALA, Bruno de – 55
ZAMBECCARI (conde de) – 20, 208
ZAVALETA – 102, 294

Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul, de Arsène Isabelle, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em outubro de 2006, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.

